



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA –  
MESTRADO.**

**Quando ser *gay* era uma novidade: aspectos da  
homossexualidade masculina na cidade do Recife na década  
de 1970.**

**Sandro José da Silva**

**Recife, 2011**

**SANDRO JOSÉ DA SILVA**

**Quando ser *gay* era uma novidade: aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História do Programa de Pós-Graduação em História da UFRPE, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fabiana de Fátima Bruce da Silva.

**Programa de Pós-Graduação em História da UFRPE**

**Recife**

**2011**

Ficha catalográfica

S586q Silva, Sandro José da  
Quando ser gay era uma novidade: aspectos da  
homossexualidade masculina na cidade do Recife na década  
de 1970 / Sandro José da Silva. -- Recife, 2011.  
211 f. : il.

Orientadora: Fabiana de Fátima Bruce da Silva.  
Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura  
Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
Departamento de Letras e Ciências Humanas, Recife, 2011.  
Referências.

1.Homossexualidade - Recife 2. Gay 3. Anos 1970 I. Silva,  
Fabiana de Fátima Bruce da, orientadora II. Título

CDD 981.34

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA  
REGIONAL**

**QUANDO SER *GAY* ERA UMA NOVIDADE:  
aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970.**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ELABORADA POR**

Sandro José da Silva

APROVADA EM 15 / 07 / 2011

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.ª Dr.ª Fabiana de Fátima Bruce da Silva  
Orientadora – Programa Pós-Graduação em História - UFRPE

---

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior  
Programa Pós-Graduação em História – UFRN

---

Prof.ª Dr.ª Lúcia Falcão Barbosa  
Programa Pós-Graduação em História– UFRPE

*Aos meus pais e minhas irmãs com amor e carinho pelo apoio incondicional durante todos os momentos e escolhas da minha vida.*

*A todos os homens de hoje e de tempos idos, marcados e condenados por desejarem outros homens.*

## **Agradecimentos**

Escrever uma Dissertação de Mestrado não é uma tarefa das mais simples. Porém, pode ser prazerosa quando se tem pessoas queridas ao nosso lado que nos incentivam e dão apoio nos impertinentes momentos de “branco” que tanto atormentam a nossa criatividade. Naquelas horas em que não conseguimos escrever uma linha ou ler uma página, sequer. Sem estas pessoas queridas, realizar o presente trabalho teria sido uma atividade difícil, angustiante e solitária.

Esta caminhada seria impossível sem a ajuda de pessoas especiais. É sempre melindroso citarmos nomes nos agradecimentos, pois corremos o risco de esquecermos alguns. De qualquer forma não poderei, aqui, citar os nomes de todos que tiveram a sua parcela de contribuição no presente trabalho. Até porque esta seção ficaria extensa demais. Por isso perdoem a omissão daqueles nomes que por ventura eu não citar.

Em primeiro lugar agradeço à minha família que sempre está ao meu lado.

Agradeço à minha orientadora, Fabiana Bruce, por me acompanhar desde a minha graduação e me acolher mesmo com um tema tão novo e polêmico (para a historiografia), como este.

Nesta caminhada sou imensamente grato aos meus amigos de longa data. Sandro (Mau) e Grasiela Moraes, que nas horas boas ou mais difíceis sabem sempre me ouvir. É justamente nos momentos de carência, tristeza e desânimo que conhecemos os verdadeiros amigos.

Destaco também a força e a contribuição dos professores do Programa de Pós Graduação em História da UFRPE por apoiarem os novos temas e abordagens no campo da História. Agradeço especialmente à professora e amiga Giselda Brito, cuja ajuda foi de imenso valor na hora em que eu mais precisei. Ela é um exemplo que inteligência, beleza e força de vontade podem conviver num mesmo indivíduo.

Também fica aqui o meu reconhecimento pela dedicação com que os Secretários Alessandra e Paulo sempre tiveram pelo Programa de Pós-Graduação.

O meu muito obrigado ao professor Durval Muniz, que aceitou de imediato participar da minha Banca de Qualificação, e cujas críticas e elogios foram

fundamentais para a redação do texto final. Sempre com um olhar aguçado e ousado, a sua forma de pensar apontou caminhos que eu sequer tinha imaginado.

Agradeço também a todos os meus alunos. Só posso dizer que sem eles nada disso, mas nada mesmo, faria sentido e a minha vida seria menos colorida. Nunca me esquecerei, por exemplo, da torcida (lá nos idos de 2008) que alunos como o Celso Pimentel fizeram para eu entrar no Mestrado, vibrando a cada etapa do processo de seleção. É com prazer que hoje eu percebo que não tenho somente alunos e ex-alunos, mas sim, amigos.

De certa forma, outras pessoas também contribuíram para a presente escrita, me dando força e apoio moral. Entre elas estão a minha turma de Mestrado. Aqui destaco as “figurinhas” que troquei com Diogo Barreto (por trabalhar o mesmo recorte histórico e espacial que eu).

Um muito, mas muito obrigado mesmo, à minha amiga e grande antropóloga Cecília Patrício. Em sua Cadeira de Antropologia Cultural, no início da minha graduação, Cecília fez o meu “olhar” despertar e sensibilizar para a diversidade humana.

Também, fico feliz por ter perto de mim ou por ter passado pelo meu caminho, seres do calibre de Andrea Bandeira, Bruno Falcão, Heider Víctor, Bruno Kawai, Suzany Santana, Marília Alcântara, Diana Rêgo Barros, Marcelo Miranda, Karlinha, Amanda Lacerda, André Clemente, Verônica, Márcio Adriano, entre outros. Só posso dizer que as conversas e encontros, pessoalmente ou pelo Orkut e MSN, foram fundamentais para eu desopilar e manter a minha criatividade. Agradeço, principalmente pelo reconhecimento que sempre tiveram pelo meu trabalho e pelas críticas que me impulsionaram.

Não poderia esquecer os depoentes que se disponibilizaram a recordar as lembranças de um passado que poderia ser alegre e prazeroso; como também cruel e infame. Nem sempre é um ato fácil recordar. Mas os meus entrevistados generosamente se dispuseram a esta atividade, a abrir os seus “baús” de memórias. Fica registrado aqui, o meu muito obrigado a eles.

Enfim, agradeço a todos os seres visíveis e invisíveis que guiam os meus passos com firmeza e serenidade para que eu me torne a cada dia uma pessoa melhor.

## Resumo

A nossa investigação e reflexão histórica é sobre a homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970. Para nós, o *gay* foi uma personagem inventada e naturalizada, colocada no campo do “desde sempre”. Ao longo da história as relações entre indivíduos do mesmo sexo variaram no modo como eram pensadas, faladas e vividas. E mesmo no período aqui tratado, nem todo homossexual se encaixava no “padrão” *gay*. Veremos que, o *gay* era de fato, uma novidade na capital pernambucana. É tanto, que por vezes os jornais empregavam o termo entre aspas ou em português: guei. Nesse período, a palavra *gay* tinha um peso político muito forte, pois a sua tradução ao pé da letra quer dizer “alegre”, “feliz” e “festivo” construindo uma nova subjetividade. Sendo assim, possuía uma oposição direta a adjetivos desqualificadores como “bicha”, “viado”, “maricas”, “boneca”, etc. Podemos também averiguar a associação entre a emergência do *gay* e o ideal de modernidade e consumo onde a abertura de boates, por exemplo, figurava como sendo um dos lugares ideais para a nova representação. Nesse processo em que discursos e práticas teciam a nova identidade homossexual, o trabalho dos movimentos sociais, do mercado de consumo e da imprensa foi fundamental.

Palavras-chave: Homossexualidade; Gay; Cidade do Recife; Década de 1970.



## **Abstract.**

Our research and historical reflection is about male homosexuality in the city of Recife in the 1970s. For us, the gay character was a naturalized invented and placed into the "forever". Throughout history the relationship between same-sex varied in how they were conceived, spoken and lived. And even in the period treated here, not every homosexual fit the "standard" gay. We will see that the gay was indeed a novelty in Recife. It is so much that sometimes the newspapers used the term in quotes or in Portuguese: gay. During this period, the word gay had a very strong political weight, because the translation literally means "cheerful", "happy" and "festive" building a new subjectivity. Thus, had a direct opposition to disqualifiers adjectives like "fag" "queer," "sissy," "doll", etc. We also examined the association between the emergence of the gay and the ideal of modernity and consumption where the opening of clubs, for example, appeared as one of the ideal places for new representation. In the process in which discourses and practices wove the new homosexual identity, the work of social movements in the consumer market and the press was critical.

Keywords: Homosexuality; Gay; City of Recife; 1970's.

## Lista de Ilustrações, mapas e tabelas

Fig. 01. Harvey Milk.....	27
Fig. 02. Grupo Secos & Molhados.....	37
Fig. 03. Grupo Diz Croquetes.....	38
Fig. 04. Desenhos de Tom of Finland. Dois homens num momento de paixão e romantismo.....	57
Fig.05. Desenhos de Tom of Finland. Motoqueiro excitado observa maliciosamente o volume da cueca do outro que troca de roupa.....	58
Fig. 06. Desenhos de Tom of Finland. Dois policiais fazendo sexo com um terceiro homem, num parque.....	59
Fig.07. Desenhos de Tom of Finland.Vê-se pelos volumes sob as calças, visivelmente excitados, um marinheiro e um motoqueiro trocando olhares indecente num bar.....	59
Fig. 08. Desenhos de Tom of Finland. Jovens ligeiramente excitados relaxando em uma sauna.....	60
Tabela 01- Homens e Bichas.....	62
Tabela 02- Homens e Entendidos.....	62
Fig. 09. Jornal Lampião da Esquina.....	66
Fig. 10. Capa do jornal Diário da Noite.....	79
Fig. 11. Símbolo da seção <i>Mundo Guei</i> .....	70
Fig. 12. Símbolo da coluna <i>Vida Sexual</i> .....	71
Fig. 13. Ilustração do conto <i>Os homens que nunca beijam</i> .....	77
Fig. 14. Pernalonga e Henrique Celibi na peça <i>Nós Mulheres</i> (1981).....	90
Fig. 15. Pernalonga no auge do <i>Vivencial Diversiones</i> posa para a jornalista e fotógrafa Ana Farache.....	91
Fig. 16. Em pose provocante e usando meia arrastão, Pernalonga se exhibe para a câmera da fotógrafa e jornalista Ana Farache.....	93
Fig. 17. A prefeita de Olinda, na época, Jacilda Urquiza abraçando Seu Bartolomeu França, pai do ator, durante o velório.....	94
Fig. 18. Uma das últimas fotos de Pernalonga.....	94
Fig. 19. Lolita em uma das ruas do Recife.....	95
Fig. 20. Lolita na capa do suplemento <i>Jornal do Sábado</i> do Diário da Noite.....	97
Fig. 21. Lolita na sessão <i>Mundo Guei</i> do Diário da Noite.....	98

Fig. 22. Homem em um fusca sendo abordado por três bonecas numa das ruas do Recife.....	111
Fig. 23. Foto de Paquinha, a boneca que era dona da pensão em que Maria Homem morava.....	114
Fig. 24. Travesti Lili na delegacia após discussão com um paquera.....	117
Fig. 25. Delegado de Costumes Mário Tomás de Alencar.....	125
Fig. 26. As bonecas do bloco Brasas em Folia.....	129
Fig. 27. Delegado de Costumes Djair Lopes Diniz atendendo a telefonemas de pessoas pedindo autorização para o 1º Baile das Bonecas no Recife.....	132
Fig. 28. “Virgem” envolta numa fantasia adornada por um indiscreto boá.....	136
Mapa 01. Vista aérea da Área Central da Cidade do Recife.....	151
Fi. 29. Vista aérea de trecho da Avenida Dantas Barreto em meados da década de 1980.....	155
Fig. 30. Trecho da Rua Siqueira Campos.....	161
Fig. 31. Vista lateral do sanitário público da Rua da Aurora, na margem do Rio Capibaribe.....	163
Fig. 32. Fachada e entrada do antigo cinema <i>Trianon</i> .....	171
Fig. 33. Anúncio do filme <i>Café na Cama</i> , em cartaz no cinema Veneza.....	172
Fig. 34. Anúncio do filme <i>A Religiosa</i> , em cartaz no cinema Astor.....	173
Fig. 35. Anúncio do desenho animado <i>Tom &amp; Jerry</i> , em cartaz no cinema São Luís.....	173
Fig. 36. Fachada do cinema Moderno, exibindo o filme <i>Campeonato de sexo</i> .....	177
Fig.37. Cena da novela <i>Dancin’ Days</i> .....	195

## Sumário

<b>Resumo</b> .....	05
<b>Abstract</b> .....	06
<b>Lista de Ilustrações, mapas e tabelas</b> .....	07
<b>Introdução</b> .....	11

### **Primeiro Capítulo:**

<b>A invenção do <i>gay</i>: discursos e práticas referentes ao “novo” homossexual</b> .....	20
1.1 -No Recife os homossexuais também se tornaram “gueis”: discursos e práticas da militância.....	21
1.2- A legitimação da nova identidade homossexual: <i>gay</i> , guei ou entendido.....	45
1.3- Militância na imprensa oficial: O caso da seção <i>Mundo Guei</i> no jornal Diário da Noite.....	63

### **Segundo Capítulo:**

<b>Para além dos <i>gays</i>. A separação está instalada: entre bichas, travestis, tias, “virgens” e a crise da masculinidade</b> .....	81
2.1.1-Nem todo homossexual era <i>gay</i> : A hora e a vez das bichas e das tias.....	82
2.1.2-Entra em cena a irreverência: o caso do ator Roberto de França (Pernalonga).....	89
2.1.3-Da Zona da Mata à zona do baixo meretrício: “Quem não conhece Lolita, não conhece o Recife”.....	95
2.2.1-Pela manutenção da ordem, da moral e dos bons costumes da sociedade, as bonecas ou travestis não têm vez.....	101

2.2.2-Permitir ou proibir? A questão dos bailes de bonecas no Carnaval do Recife.....	119
2.3-Quando os homens se tornavam femininos: as “Virgens de Carnaval”.....	134

### **Terceiro Capítulo:**

#### **Pontos de “encontro” e “desencontro”: sociabilidade e cotidiano de homossexuais em ruas, cinemas, bares e boates .....142**

3.1-Cidades heterotópicas, ou: Os espaços do homoerotismo na cidade do Recife na década de 1970.....	143
--	-----

3.2.1- Na rua reinava a “pegação” e o perigo: os circuitos dos espaços públicos.....	154
--	-----

3.2.2-Para além dos filmes exibidos: Os cinemas como espaços para a interação homossexual.....	167
--	-----

3.2.3- Entre copos de cerveja, aperitivos, e entendidos: os bares como lugares de sociabilidade recomendados pelos <i>gays</i> .....	182
--	-----

3.2.4- No ritmo <i>disco</i> : as modernas boates ou discotecas como territórios da legitimação <i>gay</i> ou entendida.....	189
--	-----

<b>Considerações Finais.....</b>	<b>200</b>
----------------------------------	------------

<b>Referências Bibliográficas e Fontes.....</b>	<b>204</b>
---	------------

## Introdução

A história deste trabalho inicia ainda em meados da minha graduação, por volta do ano de 2006, quando a temática da homossexualidade começou a ativar a minha curiosidade. Inquietava-me a carência de obras na área da História que tratassem deste objeto, pois a maioria dos livros que eu lia era nas áreas da Antropologia, da Sociologia e da Psicologia. E mesmo os trabalhos que analisavam a homossexualidade no Brasil sob o viés histórico, em geral, se resumiam ou ao período colonial ou quando tratavam sobre a década de 1970, eram apenas sobre São Paulo ou Rio de Janeiro. Parecia que em outros lugares do país o *gay* nem tinha existido nos anos 70. Somente uma ou outra referência explorava o nordeste e mais especificamente o Recife como um artigo escrito a quatro mãos pelos historiadores Durval Muniz e Rodrigo Ceballos a respeito da homossexualidade masculina no Nordeste da década de 1970.<sup>1</sup>

Inquietava-me esta carência da História e até mesmo um certo preconceito de alguns dos nossos “pares” na Academia em relação a este objeto. Por vezes visto como algo de menor importância e “coisa de bicha” como já ouvimos comentários. Motivações, descobertas e assunções de ordem pessoal também se fizeram presentes durante minha graduação para que eu me predispuesses a pesquisar o tema do *gay*. Inclusive, no início da pesquisa eu fiquei temeroso de que por se tratar de um tema tão próximo a mim, a escrita ficasse muito confessional, que eu não pudesse me “distanciar” o suficiente. Mas sabendo que a imparcialidade total não existe e com a ajuda do olhar antropológico que procura relativizar, mantive a distância necessária com o objeto. Mesmo assim, acho até que a proximidade com a homossexualidade ajudou a dar mais vida à escrita.

Iniciei a pesquisa, sendo finalmente ensaiada como objeto da minha monografia de conclusão de curso.<sup>2</sup> Enquanto transcrevia e fotografava dos jornais as notícias e as imagens, muitas questões começaram a passar pela minha cabeça: Como as pessoas teriam vivido esse momento de tantas transformações nos padrões de identidade sexual e homossexual? Os homossexuais eram alvo da Ditadura Militar? Quais os sentimentos

---

<sup>1</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de, CEBALLOS, Rodrigo: Trilhas urbanas, armadilhas humanas – a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no nordeste brasileiro dos anos 1970 a 1980. In SCHUPUN, Mônica Raisa (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

<sup>2</sup> SILVA, Sandro José da. **Entre plumas, interdições e reivindicações**: discursos e imagens sobre a homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970. Recife, (UFRPE) 2008. Monografia de conclusão de curso em História.

que tanto os homossexuais como as outras pessoas experimentaram diante de tantas transformações no campo das sensibilidades? Todos os homossexuais teriam seguido o padrão do *gay* “típico”? E como seria a representação desse *gay* “típico”? Para tentar responder, refletir e apontar caminhos para estas e outras questões, resolvi que faria do *gay* o tema da minha dissertação de mestrado.

As discussões em torno dos problemas sociais relacionados à homossexualidade são constantes na atualidade. Preconceito, homofobia, conjugalidade e adoção de crianças por casais do mesmo sexo são algumas das questões discutidas pela imprensa e por setores ligados à sociedade civil e ao poder público. A emergência desses assuntos em nossa sociedade, sem dúvida está relacionada ao fenômeno de “invenção” do *gay* e sua proposta de desconstruir determinados estigmas que eram impostos aos homens que possuíam uma identidade sexual destoante da normatização heterossexual. A proposta do presente trabalho é contribuir com as reflexões sobre uma problemática que começou a ganhar visibilidade exatamente na década de 1970.

O ofício do historiador concretiza-se a partir da articulação entre as fontes e o embasamento teórico e metodológico escolhido para o desenvolvimento de sua pesquisa. Em nosso caso, utilizamos fontes escritas, sobretudo jornais e depoimentos obtidos através de entrevistas. No caso das fontes escritas, adotamos a análise de três principais periódicos de circulação local: o Diário de Pernambuco, o Jornal do Commercio e o Diário da Noite, cujo acervo se encontra no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), localizado na Rua do Imperador, no centro do Recife. Sendo que, destes jornais, destaca-se o vespertino Diário da Noite, no período compreendido entre o mês de setembro de 1979 a março de 1980, por publicar aos sábados uma seção intitulada *Mundo Gay*, com diversas informações sobre a homossexualidade no Recife, no Brasil e em outros países. Havia também espaço para os leitores mandarem poemas, histórias de vida, contos, fotos, sugestões de bares, cinemas, boates e espaços públicos da cidade frequentados por homossexuais. Além de notícias sobre os movimentos ecológico, negro, estudantil e dos anistiados.

Em relação às entrevistas, a escolha dos depoentes foi feita com base na orientação sexual e/ou nas atividades que os mesmos desempenharam no período aqui abordado. Foi o caso da jornalista Ana Farache, que mesmo sendo heterossexual participou ativamente no cenário artístico e como escritora de uma coluna militante no jornal Diário da Noite. Ao trabalhar com as entrevistas buscamos através das análises

das memórias, um complemento e um suporte para as fontes escritas. Por fim, este trabalho estaria incompleto se não fossem as fontes iconográficas, que entremeadas aos textos, têm a intenção de enriquecer a nossa narrativa. Esta foi confeccionada tomando por base, a interpretação dos nossos documentos. Sendo que nas lacunas das informações deixadas pelos registros do passado, procuramos preenchê-las com “inferências” e “especulações”, como propõe o teórico Hayden White.<sup>3</sup>

Os trabalhos historiográficos sobre sexualidade, no Brasil, estão em geral, baseados nas linhas teóricas européias, sobretudo com raízes na Escola dos Anais que busca uma interdisciplinaridade com os saberes de outras ciências sociais como a Antropologia e a Sociologia. Pensamos que a historiografia que discute o tema da homossexualidade e também de gênero tem contribuído não só para compreendermos melhor esses objetos, como também construir novas perspectivas teóricas e metodológicas fundamentais à prática da história cultural. Esta tem inovado com temas e reflexões bastante criativos para o nosso ofício.

Teríamos, agora, uma história pensada e escrita ao “avesso”, que questiona o óbvio e põe em relevo aquilo que parecia irrelevante. Hoje, mesmo os detratores dessa historiografia admitem a sua consolidação no meio acadêmico, tanto em termos quantitativos em congressos nacionais e internacionais, como na efetivação de linhas de pesquisa nas pós-graduações brasileiras. Inclusive uma observação mais acurada dos anais dos eventos evidencia a presença e a fecundidade de temas suscitados por essa nova historiografia. Atualmente é possível versar sobre temas como: carnaval, dança, afoxé, maracatu, mulheres, homossexuais, crianças, alimentação, vestuário, literatura, amor, sexo, solidão, riso, violência, medo, morte, desejo, corpo, doença, saúde, razão, loucura, família, leitura, escrita, cyber-espço, consumo, meio ambiente, rádio, televisão, descrença, oração, cartas, imagens, identidade, alteridade, fotografia, cinema e arte.<sup>4</sup>

O desdobramento desses diversos temas, para alguns pesquisadores tem gerado uma fragmentação e diluição no campo do historiador, acarretando a completa ficcionalidade das análises dos fatos passados. Contra a acusação dada a essa “fragmentação”, é possível narrar um história que selecione em meio ao emaranhado

---

<sup>3</sup> WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 65.

<sup>4</sup> Esses e outros temas foram observados nos Anais do **I Encontro Regional em História Social e Cultural** realizado no ano de 2007, na Universidade Federal Rural de Pernambuco.



factual, aqueles que dão mais compreensão e sentido ao tempo presente.<sup>5</sup> E mesmo assim, se esta nova historiografia ousa nos temas, por que não ousar também no estilo da narrativa, dotando-a de uma certa dose de leveza como fazem as narrativas literárias para dar mais prazer ao leitor e conquistar mais “público”? Pensamos que a Nova História Cultural pode ser pensada como o lugar de reflexão e escrita em que a multiplicidade e complexidade humanas viram objetos de reflexão. Neste sentido, até mesmo a abstração a que chamamos de Homem, é posicionada como um produto cultural, portanto diverso em seus modos de fazer e saber/fazer. Ora, este fato por si só admite a relevância de estudar a diversidade humana para além dos fatores políticos e econômicos como preconizaria uma historiografia mais “ortodoxa”.

O ser humano não é somente racionalidade. A sensibilidade, o lúdico, o desejo, a imaginação e o onírico fazem-se presentes no dia-a-dia e são molas propulsoras das relações sociais. Por isso, esta “nova” historiografia permite visualizar o humano em suas múltiplas dimensões ao utilizar ferramentas teóricas caras a Antropologia, a Linguística, a Psicologia e a Sociologia, por exemplo. Aí, a interdisciplinaridade torna-se o mote para ampliar o campo de visão a respeito das vivências cotidianas. A tentativa de aproximação com o cotidiano, da percepção da história enquanto espaço de experiência do vivido, induz o historiador a confeccionar o seu trabalho com vistas a dar alguma contribuição para a sociedade na qual está inserido. Busca-se por uma história que não caia no vazio, uma história que não cheire a poeira, mofo e teia de aranha. Seria, nesse caso, uma escrita feita a partir das demandas exigidas pelo presente.<sup>6</sup>

Mesmo o capitalismo, tema privilegiado do marxismo possui suas próprias singularidades sociais e culturais, não sendo mais o mesmo sistema da época em que foi teorizado nos meados do século XIX. Embora desde o século XIX, alguns historiadores franceses e de outros lugares do mundo tenham esboçado preocupação com a cultura, uma espécie de ato fundador em prol da história cultural foi o advento da Escola do Annales, fundada na França por Marc Bloch e Lucien Febvre nos idos dos anos 1920.

---

<sup>5</sup> DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p.174.

<sup>6</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A Condição de Ser Duplicado: uma análise do lugar epistêmico da Nova História Cultural. In NASCIMENTO, Alcileide Cabral do, GRILLO, Maria Ângela de Faria (Orgs). **Cultura, gênero e infância: nos labirintos da História**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008, p.21.

Embora na época fosse denominada de história das mentalidades, propunha-se combater diretamente os tradicionais tratados de política, diplomacia e militarismo.

Estava aí o que seria o gérmen da História Cultural.<sup>7</sup> Mas a reviravolta parece ter sido em fins da década de 1960 quando a direção da revista dos *Annales* foi assumida por Jacques Le Goff, Jacques Revel e André Burguière, quando congregaram mais especialistas de outras áreas das Humanidades. Além disso, as experiências da década de 1960 foram fundamentais para se pensar numa história que desse conta das mudanças ocorridas na Europa e no restante do mundo.<sup>8</sup>

Se a realidade trazia novos questionamentos, era natural que a historiografia elaborasse novos problemas e procurasse dar respostas aos mesmos. Embora com certas reservas no começo, outros autores passaram a ser aceitos nos *Annales* como o antropólogo Claude Lévi-Strauss e o filósofo Michel Foucault.<sup>9</sup> Este último, embora rejeitasse qualquer tipo de rotulação, talvez até de forma póstuma passou a ser utilizado por seus admiradores como um autor cujas teorias são de grande relevância para os estudos culturais. Uma das propostas de Foucault é de historicizar o que chamamos de cultura, ao mesmo tempo em que denuncia o caráter inventivo e sedimentador da mesma. Ele estimulou temas a respeito da sexualidade, das prisões, das doenças, entre outros. Enfocando a força dos discursos para a elaboração daquilo a que chamamos de verdade e realidade, os historiadores deveriam atentar para a linguística e suas regras de formação discursiva:

Uma das contribuições reconhecidas de Foucault, adotada por vários dos novos historiadores culturais, encontra-se na importância que ele atribuiu à linguagem/discurso enquanto meio de apreender as transformações. A linguagem/discurso teve o seu maior impacto no estudo das instituições, em especial o asilo e a prisão, mas ainda conserva o potencial para aplicações mais gerais.<sup>10</sup>

A respeito dessas aplicações mais gerais atribuídas aos discursos, podemos pensar, por exemplo, no percurso histórico que a palavra *gay* sofreu desde sua popularização em fins dos anos 1960. Se tomarmos esta palavra para os dias atuais,

---

<sup>7</sup> VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História Cultural. In CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p.130.

<sup>8</sup> Idem, p.136.

<sup>9</sup> Idem, ibidem, p. 136.

<sup>10</sup> O'BRIEN, Patrícia. A história da cultura de Michel Foucault. In HUNT, Lynn (Org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.59.

esvaziado o seu conteúdo político, talvez não consigamos mensurar o poder que possui há algumas décadas. Ora, este termo, em inglês significa alegre, feliz e festivo, possuía, portanto, um forte apelo social e político no sentido de redimensionar as relações afetivas e sexuais entre homens. Os próprios movimentos militantes utilizavam a denominação *Gay Power* para designar suas pautas e suas ações contra o chamado heterossexismo ou hegemonia dos heterossexuais.

Se ainda, sob a perspectiva de Foucault e sua teoria dos micropoderes, analisarmos os discursos dos militantes, veremos que estes também criaram dados modelos e padrões de conduta responsáveis por tentar “impor” determinadas subjetividades. Estas novas subjetividades, de certa maneira, coadunavam com uma das propostas da modernidade, que é forjar cada vez mais a identidade sexual como sendo um estilo de vida, uma espécie de escolha.<sup>11</sup> Embora possa parecer contraditório, algumas linhas de atuação dentro do movimento de liberação homossexual, ao tentarem desconstruir antigos modelos, acabaram por inventar e consolidar outros. Isto se deve ao poder de modelação representado e divulgado pelos ativistas. O poder teorizado assim, deixar de ser somente algo repressor, para ganhar um potencial criador. Com base nos documentos, veremos que o *gay* nada mais é do que uma personagem, que longe de ser essencialista, uma abstração sem história, possui um lugar próprio de invenção, notadamente o meio elitista, urbano e “intelectualizado”, para depois se espriar para outros segmentos sociais.

A dinâmica cultural mostra que as relações afetivas e sexuais entre homens ganham cores diversas conforme o tempo e a cultura. Neste ponto, pensamos que para entender as singularidades da representação do *gay*, faz-se preciso um breve percurso histórico a respeito do tema da homossexualidade. Para isso, baseados nos trabalhos de autores como Michel Foucault, Philippe Àries, Ronaldo Vainfas, Paul Veyne, Peter Gay, entre outros, percebemos que as relações afetivo-sexuais entre homens são absolutamente historicizáveis, não estão no campo do “desde sempre”, e sim nas possibilidades da produção histórica. Ou seja, possuem matizes diversos, variando no tempo e no espaço em cada sociedade. É assim que temos os amores masculinos nas culturas greco-romanas; a sodomia no medievo; o “homossexualismo” no século XIX e

---

<sup>11</sup> GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, p. 217.

o *gay* em fins da década de 1960. Sem contar as variações em sociedades indígenas e aborígenes antigas e atuais.

Neste campo, os estudos do gênero masculino ainda são pouco explorados. Em partes, isto se deve pelo fato do modelo masculino, e mais precisamente o heterossexual, ocupar um lugar histórico de hegemonia. A Nova História Cultural vai justamente de encontro a isso. Ela busca encontrar as vozes sem rosto, seres do mangue, do mato, do morro, das ruas, dos becos e dos bordéis, seres da noite e da madrugada, seres que negociam seus serviços sexuais e cujas vidas para quem está de fora é chamada de “fácil”. Isso faz com que o historiador esteja atento para a dimensão ética de seu ofício, pois tanto como educador/ professor, ou como pesquisador ao lidar com a questão cultural faz-se necessário o exercício constante de relativização, da sensibilidade e da alteridade, sob pena da re-atualização de preconceitos.

Em certa medida, este novo lugar de produção histórica pode ser subversivo ou revolucionário. Talvez não nos moldes como queiram os marxistas mais ortodoxos, mais utópicos; mas sob o ângulo de uma micropolítica dos desejos, ações que mesmo aparentemente individualizadas e pulverizadas têm a possibilidade de interferir na sociedade, haja vista que a luta de classes não possui (será que já possuiu?) mais um *front* delimitado apenas entre burgueses e proletários. A sociedade é bem mais complexa do que esses dois blocos.<sup>12</sup> Há diversas tensões e lutas.

Também é possível utilizar a escrita como uma ferramenta política. Isso é possível pela visibilidade de dados assuntos ainda considerados tabus em nossa cultura, a exemplo da homossexualidade. Ora, as próprias pesquisas indicam que o preconceito também é uma construção cultural, portanto histórica. Entretanto no momento em que é permitido a um educador ou um pesquisador, sob o viés cultural, abordar tais assuntos, não se pode negar as possibilidades de mudança concreta passíveis de repercutir na vida de alguns homens e na Academia. Talvez por isso mesmo esta historiografia incomode, sendo vista de soslaio pelos que desejam a manutenção de preconceitos e hierarquias. A Nova História Cultural parece assim, se situar onde se cruzam as repercussões do passado no presente, as denominadas permanências, indicativas da existência da história enquanto experiência de vida. A título de exemplificação, mencionemos as atividades

---

<sup>12</sup> GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular:** Pulsações políticas do desejo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 15.

das organizações em prol dos direitos homossexuais. Ora, uma análise mais acurada sobre os documentos a esse respeito aponta que aquilo que aparentemente mostrava ser um grupo coeso, é minado por contradições dentro do próprio movimento *gay*. Na gênese da mobilização, os ativistas frisavam os pré-requisitos básicos daqueles denominados *gays*. Ficavam de fora, por exemplo, as travestis, as bichas (homossexuais ostensivamente efeminados) os homossexuais de baixa renda e os de meia idade, também chamados de “tias”. Uma história que aponta essas exclusões, de fato, pode ser desinteressante e inútil, dependendo do lugar daquele que lê. Da mesma forma, pode ser “perigosa” e “subversiva” dependendo de quem ela atingir ou denunciar.

A Nova História cultural pode ser uma história nos moldes de que nos fala o historiador Reinhart Koselleck. Uma história que analisa no presente os resultados do horizonte de expectativas elaborado em tempos idos, e ao mesmo tempo atenta no presente para o horizonte de expectativas planejado para nosso futuro.<sup>13</sup> Uma história que observa, admite e relativiza a diversidade humana em seu sentido étnico-cultural, uma história em que tudo o que o ser humano sente, toca e vê pode se tornar seu objeto de estudo. Uma história dos “excluídos”, e que por vezes também é excluída. Uma história que narra aquilo que parece aparentemente banal, supérfluo. Entretanto, se olharmos direitinho ela trata sobre o que compõe a maior parte do nosso cotidiano.

O presente trabalho de dissertação foi estruturado da seguinte forma:

O primeiro capítulo procura trabalhar os contextos que possibilitaram que a identidade *gay* surgisse no Recife, no Brasil e no Mundo. Refletimos também. A respeito das palavras e das expressões enquanto conceitos construtores de uma dada identidade. Por isso, pensamos a identidade *gay* como um produto resultante de discursos e práticas políticas e cotidianas que nesse caso procuravam desconstruir os antigos estigmas desqualificadores como bicha e *viado*. Num outro momento analisamos o papel da imprensa pernambucana (notadamente o Jornal Diário da Noite e uma seção intitulada *Mundo Guei*) na construção da nova identidade homossexual.

No segundo capítulo pretendemos refletir sobre os discursos e imagens que procuravam imprimir uma determinada padronização para o entendido ou *gay*

---

<sup>13</sup> KOSELLEK, Reinhart. **Futuro Passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-RIO, 2006, p. 268.

recomendado como o ideal homossexual. Em compensação, outras representações homossexuais eram constantemente desqualificadas por discursos elaborados e difundidos tendo como base a nova identidade. Ficavam excluídas desse projeto antigas identidades homossexuais que pudessem destoar do novo arquétipo proposto. Era o caso, por exemplo, das bichas, das bonecas (travestis), das tias (homossexuais de meia idade), dos homossexuais de baixa renda e ainda daqueles que estavam ligados aos espaços do baixo meretrício e da prostituição. Veremos também como até mesmo no Carnaval, comemoração tida como democrática, alguns sujeitos eram alvos de vigilância e censura.

Por fim, no terceiro capítulo abordaremos questões referentes à interação homossexual nos espaços das ruas, cinemas, bares e boates da capital pernambucana que passaram a ser tomados por novos caminhantes e frequentadores. Eram territórios em que a sociabilidade homossexual, como a “pegação”,<sup>14</sup> era irrestrita. Todavia, mesmo aí, havia uma clara distinção entre os espaços tidos como “baixos” e perigosos a exemplo das ruas e banheiros públicos em contraposição com determinados bares e discotecas, descritos como espaços moralmente mais aceitáveis com um público mais selecionado.

---

<sup>14</sup> Na linguagem homossexual “pegação” se refere tanto ao ato de flertar; como também à prática do sexo impessoal e gratuito com anônimos.

## Primeiro Capítulo

### A invenção do *gay*: discursos e práticas referentes ao “novo” homossexual

Os gueis começam a usar a palavra “gay” como capricho, esfregando na cara do resto da população; e conseguiram melhora, hoje o termo é usado de forma amena com uma conotação parecida com “entendido” para o nosso linguajar. Sempre utilizamos “guei” como forma aportuguesada de “gay”, pois estamos no Brasil, note-se.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> João José da Silva, *Lugar do homossexual na sociedade atual*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 10/11/1979, p.06.

## 1.1 - No Recife os homossexuais também se tornaram “gueis”: discursos e práticas da militância.

Idos dos anos 70, época em que as relações afetivas e sexuais entre homens ganharam novos contornos. Talvez a imprensa até então nunca tivesse tocado tanto no tema da homossexualidade masculina. Se antes da década de 1970 nós tínhamos o pederasta, o baitola, o chibungo, o frango, o goiaba, o perobo, o fresco, o *viado*, a bicha, a boneca, o maricas, o macho e fêmea, o sodomita, entre outras denominações para os homossexuais, agora surgia mais uma: o *gay*. Esta nova categoria é totalmente distinta das outras, é baseada num imperativo político e divulgada com orgulho. Era o denominado “Orgulho *Gay*” ou “*Gay Pride*” que fazia parte do *Gay Liberation Front* norte-americano. Mas quais seriam as implicações dessa nova denominação? Mudou somente a palavra, ou as representações e os sentimentos dos homens homossexuais foram redirecionados com o novo termo? Uma das primeiras mudanças foi a quebra do estigma<sup>16</sup>, da marca negativa sobre os homossexuais, a partir de uma nova terminologia que não remetesse mais a doença, perversão, “safadeza” ou maus hábitos. Cabe aqui, destacar que não estamos afirmando que antes da invenção do *gay*, todos os homossexuais viviam infelizes, ou não se “assumiam”. Mas só que eram iniciativas isoladas, sem um projeto de engajamento coletivo como passou a acontecer em fins da década de 1960.

O *gay* aparece como uma nova categoria entre os próprios homossexuais. *Gay* é uma palavra inglesa cuja tradução para a nossa língua equivale à “alegre”, “feliz” e “festivo”. Neste ponto, a atenção dada à linguagem é fundamental para se pensar nos processos históricos pelos quais passam as relações humanas. Por isso concordamos com o teórico Reinhart Koselleck, para quem é possível aos historiadores avaliar as experiências e expectativas passadas através da análise da economia lingüística de uma dada sociedade.<sup>17</sup> Pois as palavras não são meros vocábulos, elas são carregadas de conceitos,

---

<sup>16</sup> Pensamos o estigma sob o ponto de vista de Erving Goffman, para quem o estigma seria uma espécie de marca negativa. De acordo com este teórico, há três tipos principais de estigma, a saber: O primeiro diz respeito às deformações do corpo ou deformidades físicas, o segundo tipo se refere às culpas de caráter individual, como vontade, livre iniciativa, vício, etc. Alguns exemplos deste segundo tipo seriam o alcoolismo, o desemprego e a homossexualidade; já o terceiro e último tipo, seriam estigmas tribais, de raça, nação e religião. A homossexualidade, sendo o segundo tipo se insere no campo das vontades individuais, portanto pensado como vício ou mau costume, depositando toda a “culpa” sobre os próprios indivíduos homossexuais. Ver: GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A. 1988, p.14.

<sup>17</sup> KOSELLEK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro. Contraponto: Ed. PUC-RIO, 2006, p. 268.



de significados historicamente construídos. Com uma nova denominação, tentava-se criar outro estado de coisas onde a liberação pudesse ser validada. Quando o *gay* surge nos Estados Unidos e na Europa, ele emerge como uma proposta de tentar dismantelar os preconceitos sobre as relações homossexuais. Paralelamente outros países, incluindo o Brasil, importaram a nova personagem.

O termo *gay* surgiu como uma palavra “selvagem”, constituída na força da invenção e depois apropriada pela sociedade na acepção de que nos fala o teórico Roland Barthes.<sup>18</sup> Nesse sentido, a palavra *gay* foi imputada como sinônimo para homossexual. Ela atingiu a opinião pública e tornou-se uma espécie de inscrição que passou a representar uma dada classe. Sendo estigmatizados pela linguagem, os homossexuais se serviram da mesma para reverter o “jogo”, desconstruir o estigma. O objetivo era dizer que estes homens até então taxados de desviados, anormais, desconformes ou doentes, nesse momento tinham orgulho de sentir-se atraídos por *personas* do mesmo sexo. Não é a toa que o mote era não esconder os desejos, era preciso assumi-los para toda a sociedade, pois ao descortinar a hipocrisia, os heterossexuais teriam que aceitar a existência de outras sexualidades, dissidentes, periféricas. Haja vista a heterossexualidade ser historicamente referendada por instituições como a família nuclear e a Igreja.

Não pensemos a figura do *gay* de forma essencialista, imemorial e sem história; mas de modo temporal e localizado, fruto de astúcias e estratégias discursivas e não discursivas direcionadas mesmo para revisar as antigas subjetividades e representações das relações entre homens. Ora, sem entrar em maiores detalhes sobre outros períodos históricos e outras sociedades não ocidentais, pois este não é o foco do presente trabalho, sabemos que o sexo e o afeto entre o gênero masculino variou sobremaneira conforme o período histórico e a cultura. É assim que temos os amores masculinos nas culturas greco-romanas; a sodomia no medievo; o “homossexualismo” no século XIX e o *gay* em fins da década de 1960. Isso sem falar das distintas variações entre as culturas orientais e indígenas.

Vemos que as relações entre homens nas sociedades greco-romanas, por exemplo, apesar de certas restrições éticas e hierárquicas, como é o caso da reprovação

---

<sup>18</sup> BARTHES, Roland. A escrita do acontecimento. In **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 194.

de um senhor ser “penetrado” pelo seu escravo,<sup>19</sup> no geral, chegavam a ser objeto de glorificação cantada em verso e prosa. Já o advento da pastoral cristã deu um valor diferente às práticas e desejos sexuais, desqualificando aqueles considerados indevidos por serem enquadrados como pecados contra a carne. Seria o caso dos *masculorum concubitores* (os homens que dormem juntos), presentes nos escritos de São Paulo aos Coríntios.<sup>20</sup> Os pensamentos do apóstolo Paulo, baseados no judaísmo, evidenciam um embate constante entre carne e espírito que orientava as condutas cristãs para a superação do paganismo. Além disso, o episódio contido no Antigo Testamento sobre as cidades de Sodoma e Gomorra que teriam sido destruídas por Deus por causa dos pecados sexuais entre homens passa a ser objeto de exemplo “pedagógico” para aqueles que cometiam “atos impuros”. É Tanto que ainda hoje, as relações sexuais entre homens são denominadas de sodomia, recebendo o adjetivo de sodomita aquele que pratica os atos.

Dando um salto no tempo, no século XIX, a homossexualidade adquiriu outro estatuto. Pois se o sodomita era considerado um reincidente ou um sujeito incorrigível, uma criatura que mesmo sabendo o peso do seu pecado continuava a fazê-lo, o saber científico classificará o homossexual como um doente ou um viciado. Alguém anormal, atípico, desviado, sendo merecedor de observação, tratamento e cura. De acordo com Michel Foucault<sup>21</sup>, da mesma forma que a Pastoral Cristã, através da Confissão, a Medicina também pôs o sexo em discurso por meio da minuciosa classificação dos desejos e atos sexuais. Passou-se então aos estudos dos discursos e das práticas para encontrar neles a expressão desta ou daquela patologia repertoriada. Focavam-se, sobretudo, as denominadas “sexualidades periféricas” como, por exemplo, a masturbação, a zoofilia, a pedofilia e o “homossexualismo”, que seriam aquelas sexualidades destoantes da normatividade heterossexual “normal” e conjugal com fins de reprodução.

---

<sup>19</sup> VEYNE, Paul. A homossexualidade em Roma. In ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André (Orgs.). **Sexualidades Ocidentais**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 40.

<sup>20</sup> ARIÈS, Philippe. São Paulo e a carne. In ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André (Orgs.). **Sexualidades Ocidentais**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 50-53.

<sup>21</sup> FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 25-27.

Para nós, este breve passeio histórico foi necessário para percebermos que as relações afetivo-sexuais entre homens são absolutamente historicizáveis, não estão no campo do “desde sempre”, e sim nas possibilidades da produção histórica. Ou seja, a homossexualidade é uma prática dinâmica. Para esse tipo de análise, o pensamento do historiador e filósofo Michel Foucault nos parece fundamental, uma vez que de acordo com este teórico a trama histórica é confeccionada por discontinuidades. Estas permitem traçar os limites do objeto de estudo e descrevê-lo a partir de seus limiares. Com Foucault, pois, as relações homossexuais ganham singularidades dependendo da sociedade, dos contextos e do tempo em que se dão. Além disso, Foucault irá atentar para as margens, quinas, superfícies, avessos, esqueletos e desvios da constituição do tecido social ao evidenciar a existência de singularidades, histórias marginais, destoantes e em certa medida irônicas, ante um aparente poder hierarquizado e institucionalizado numa única via.

Nesse processo de fuçar o passado o historiador deve ter em mente a sua impossibilidade de conseguir um “resgate” total dos fatos a maneira de um conjunto de peças que poderiam ser trazidas de um tempo ido para o atual, sem deformações, como um quadro estático. Dessa impossibilidade de reconstituir fielmente um dado passado e de se chegar a uma verdade única, o ofício do historiador se daria basicamente pela análise de discursos, sendo estes ferramentas de poder e legitimação para um determinado segmento:

Foucault não revela um discurso misterioso, diferente daquele que todos nós temos ouvido: unicamente, ele nos convida a observar, com exatidão, o que assim é dito. Ora, essa observação prova que a zona do que é dito apresenta preconceitos, reticências, saliências e reentrâncias inesperadas de que os locutores não estão, de maneira nenhuma, conscientes. Se se prefere, há, sob o discurso consciente, uma gramática, determinada pelas práticas e gramáticas vizinhas, que a observação atenta do discurso revela, se consentimos em retirar os amplos drapeados que se chamam ciência, filosofia, etc.<sup>22</sup>

Isso não significa que os indivíduos sempre elaboram conscientemente identidades e representações para si mesmos num sentido político/ideológico. Pensar assim poderia fazer crer que *todos* os indivíduos homossexuais da década de 1970 eram sujeitos engajados politicamente, militantes de grupos sociais que se autodenominavam

---

<sup>22</sup> VEYNE, Paul. **Como se escreve a história:** Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 252.

*gays*. Tem-se que ter cuidado para não examinar as fontes sempre buscando uma intencionalidade ou um desejo político que é muito daquele que escreve a história. Até porque a nova representação homossexual encontrou guarida num terreno subjetivo onde para além da atuação dos movimentos militantes, havia a forte atuação da indústria de consumo e entretenimentos já que há uma indústria cultural que em grande medida tende a orientar subjetividades e colocar no campo prático as elaborações discursivas. É tanto que foi na década de 1970, que uma série de espaços “legalizados” foram abertos para o novo público a exemplo de boates e saunas.

Nesse período falava-se em *gay power* ou poder dos *gays* para explicar e dar sentido a proliferação de locais de divertimento, livros, filmes, músicas, revistas, jornais alternativos, movimentos militantes e grupos que de alguma maneira tratassem da homossexualidade. O Diário de Pernambuco, por exemplo, no dia 02 de setembro de 1977, publicou uma pequena nota sobre a atenção que estaria sendo dada pelos norte-americanos ao “*gay power*”. A nota intitula-se *Mercado do “gay”*, onde se lê: “o *gay power* começa a ter muita importância editorial nos Estados Unidos. Nada menos de 30 livros estão no prelo para atingir o mercado homossexual”.<sup>23</sup> Vê-se que a homossexualidade estava passando por um momento de elaboração. É tanto que uma das principais consequências ocasionada por pressões dos ativistas foi a decisão da Associação Psiquiátrica Americana de excluir, em 1973, todas as manifestações de comportamento homossexual da relação de doenças mentais.<sup>24</sup> Esta ação nos Estados Unidos sem dúvida fortaleceu e incentivou o desejo por mudanças em outras partes do mundo.

Tinha-se consciência da novidade, apesar de muitos homossexuais perceberem e assimilarem com cautela o padrão “alienígena” que vinha sendo proposto para as suas vidas aqui no Brasil. A nova identidade parece se situar no campo do devir, seria um devir *gay*, uma subjetividade percebida, modelada e vivida com prudência por alguns:

Não sei se já estás a par, meu irmão homossexual brasileiro, do que significa mesmo esta palavra com a qual já debes estar familiarizado de tanto ouvi-la. “Gay” significa alegre, descontraído, etc.[...] Não aprecio a palavra guei aplicada às pessoas homossexuais simplesmente porque não podemos defini-las como alegres por natureza e

---

<sup>23</sup> *Mercado do “gay”*. **Diário de Pernambuco**, Recife, sexta-feira, 02/09/1977, p. A-06.

<sup>24</sup> LIMA, Décio Monteiro de. **Os homoeróticos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 54.

essência. Não raro os homossexuais têm motivos de sobra, numa sociedade homófoba como a nossa, para estarem tristes, mas como muitos adotam habitualmente um comportamento artificial em consequência de discriminações mais ou menos veladas a que estão sujeitos, a palavrinha grudou mesmo.<sup>25</sup>

O uso e auto – aceitação da palavra *gay* tinha a ver com uma revolução que passava pelo crivo da assunção da homossexualidade. O denominado *coming out of the closet* era uma expressão que traduzida para a língua portuguesa significa a “saída do armário”, era o ato de assumir a homossexualidade para si mesmo e para os outros. Agora, havia um imperativo que impunha revelar a orientação sexual para a família, os amigos, colegas de trabalho e até para estranhos. É tanto que aqueles que não agiam assim, motivados por diversos pretextos, eram taxados de enrustidos, medrosos e acusados de colaborar para autenticar e manter o preconceito. Isso nos faz refletir que enquanto a homossexualidade em si, não é necessariamente uma escolha, a identidade *gay* se situava no campo da opção deliberada.<sup>26</sup> Até porque, uma coisa era praticar atos homossexuais, se encontrar clandestinamente com outros homens, fazer sexo anônimo e impessoal, etc.; outra coisa era adotar uma postura de auto-aceitação e orgulho sem o menor resquício de receio a respeito do que as outras pessoas iriam pensar.

A revolução *gay* se deu principalmente através das palavras. Termos e expressões que integravam o vocabulário bélico, por exemplo, passaram a fazer parte da militância *gay*. Na época falava-se em “lutar”, “enfrentar”, “reagir”, “combater”, “militar” contra o preconceito e a discriminação. Além disso, eram noticiados casos exemplares de homossexuais que por seus discursos e feitos eram elevados a ícones, mártires da “causa”, servindo de exemplos positivos para outros sujeitos. Foi o caso do político e ativista *gay* norte-americano Harvey Milk. Ele foi o primeiro homossexual assumido a ser eleito para um cargo público na Califórnia, sendo supervisor da cidade de São Francisco, considerada um verdadeiro paraíso para os *gays* já na década de 1970.

---

<sup>25</sup> Paulo Bonorino, *Apelo ao jovem guei. Lâmpião da Esquina*, ano 01, nº 00, Rio de Janeiro, abril de 1978, p. 15.

<sup>26</sup> NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003, p.126.



Fig. 01. Harvey Milk. Fonte: [http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://blog.ciadoser.org/up/c/ci/blog.ciadoser.org/img/harvey\\_milk\\_1.jpg&imgref url](http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://blog.ciadoser.org/up/c/ci/blog.ciadoser.org/img/harvey_milk_1.jpg&imgref url). Acesso em 26/02/2011.

Milk foi assassinado no dia 27 de novembro de 1978 por Dan White, que também era supervisor da cidade, mas tinha renunciado ao cargo fazia pouco tempo. Contrariado e querendo o seu posto de volta Dan White invadiu a prefeitura e assassinou tanto o prefeito George Moscone como o ativista Milk. Na noite do crime, cerca de trinta mil pessoas caminharam em procissão pelas ruas de São Francisco, carregando velas e batendo tambores solenemente.<sup>27</sup> Para homossexuais militantes ou não, o assassinato de Harvey Milk guardava algo de homofóbico, por ele ser homossexual, lutar pelo movimento e se tornar um político de destaque no cenário mundial.

Em seus discursos, Milk seguia os procedimentos típicos e adequados para um militante. Ele possuía um discurso incisivo, retórico e o seu jargão era: “Eu sou Harvey Milk, estou aqui para recrutar vocês!”.<sup>28</sup> Recrutar parecia ser a palavra de ordem, cada homossexual deveria ser responsável pelas mudanças necessárias, não somente atuando na sua comunidade local, mas para todo o mundo. Ao apontar e delegar cada indivíduo como um recruta, Milk e outros militantes reforçavam de forma molecular, mas intensa e eficaz o movimento *gay*. É tanto que o seu homicídio mereceu uma reportagem de destaque no jornal ativista brasileiro, *Lampião da Esquina*:

---

<sup>27</sup> João Silvério Trevisan, *Morte em San Francisco*. **Lampião da Esquina**, ano 02, nº 08, Rio de Janeiro, janeiro de 1979, p. 02.

<sup>28</sup> *Milk: a voz da igualdade*. Direção de Gus Van Sant. Estados Unidos: Universal Pictures/ Focus Features, 2008. (126 min.).

[...] convém não esquecer que a morte de Milk não pode interromper a luta dos homossexuais nos Estados Unidos, pelo simples fato de que o sistema de representatividade político-eleitoral é extremamente discutível em qualquer parte do mundo. O processo de luta, iniciado já há tanto tempo, certamente continuará por esse e outros caminhos. No próximo ano deverá se concretizar um dos sonhos de Harvey Milk: uma Marcha Guei sobre Washington no dia 4 de julho, aniversário da Independência. Isso poderá significar um marco de maturidade política entre os homossexuais. E menos silêncio, menos medo, menos invisibilidade.<sup>29</sup>

Menos medo, menos silêncio e mais visibilidade tornaram-se palavras de ordem dentro e fora do movimento. A discrição, o direito de privacidade e a reserva passaram a ser vistos como inimigos do processo de liberação *gay*. Talvez por isso mesmo, o número de jornais e grupos militantes tenha emergido com tanta intensidade neste período, pois buscava-se novas visibilidades e dizibilidades levando as reivindicações dos homossexuais para o maior número de pessoas possível. Buscava-se sensibilizar a sociedade, positivamente, para um fenômeno que dizia respeito aos desejos e práticas de inúmeros homens. E não era somente no exterior ou nas cidades localizadas no sudeste do Brasil que o exercício da militância se dava.

No Recife, apesar de ainda não haverem grupos organizados (ONGs - Organizações Não Governamentais), muitos homens homossexuais sintonizados com as últimas notícias dos eventos que ocorriam por todo o mundo, utilizavam os jornais da capital pernambucana como veículo de comunicação para informar o que estava acontecendo. Coisas que hoje são banais, ordinárias e cotidianas causavam grande alvoroço numa capital que ainda parecia ter ares de província, não estava preparada para novas formas de comportamento, ainda mais aqueles que abalavam a fama do “cabra macho nordestino”. Foi o caso do surgimento de uma revista pornográfica teoricamente dirigida ao público homossexual. Ao saberem da novidade os consumidores homossexuais desse tipo de “leitura” ficaram empolgadíssimos. Mas ao chegarem às bancas de revista vinha a decepção, pois:

O Mundo “gay” recifense e também as mulheres (as mais viajadas, é claro) ficaram excitadíssimas quando viram nas bancas de revistas alguns exemplares de “Playgirl.” A

---

<sup>29</sup> João Silvério Trevisan, *Morte em San Francisco. Lâmpião da Esquina*, ano 02, n° 08, Rio de Janeiro, janeiro de 1979, p. 02.

excitação durou apenas o tempo de comprar o exemplar e folheá-lo, porque a edição brasileira de “Playgirl” não tem nada a ver com a original.

A “Playgirl” é a bíblia do nu masculino, cuja tiragem nos Estados Unidos é imensa. A nossa Playgirl traz nus, mas femininos.<sup>30</sup>

Fazia parte da invenção do *gay*, uma série de signos de consumo, comportamento e estética. Mas talvez o ato da auto-aceitação e da militância fossem os principais atributos que identificavam e diferenciavam os novos homossexuais dos antigos perfis a exemplo da bicha e da travesti. Cabe destacar aqui que apesar de as décadas de 1960 e 1970 terem presenciado o *boom* dos movimentos homossexuais organizados, já nos anos 1940 e 1950, mesmo tímidas, existiram diversas ações em benefício dos homossexuais nos Estados Unidos e na Europa. Mesmo antes de a palavra *gay* ser adotada, a proposição de outros termos menos pejorativos procurava quebrar a ênfase no fator sexual da palavra “homos(*sexual*)” para em seu lugar utilizar os termos homófilo e homoerótico.<sup>31</sup> Enquanto a partícula “filia” remetia à *philia* (amizade, afinidade), erótico remetia a sensualidade. Mesmo assim, esse tipo de iniciativa pode ser considerado acanhado se comparado aos que surgiram na década de 1970.

O *gay* parece emergir como uma invenção, uma construção que visa desconstruir os antigos discursos e imagens calcadas sob os signos do pecado, da patologia e da sem-vergonhice. Antigas representações já “sedimentadas” e “naturalizadas” em nossa cultura. A consolidação da emancipação homossexual baseava-se num duplo processo de auto-aceitação e vivência, sociabilidade. Por isso que o ato de sair às ruas, caminhar com outros pares, repensar e criar vivências, construir redes de sociabilidade e orientar sensibilidades era a regra para a confecção do novo homossexual. O arquétipo *gay* propunha uma fabricação e cuidado de si que passava pela recomendação e até imposição de dados modos de se relacionar e se posicionar no mundo. Não obstante, alguns homossexuais criticavam a imposição por que passavam os novos valores. Da maneira como as coisas estavam acontecendo, a “assunção” de muitos homossexuais à categoria de

---

<sup>30</sup> *Playgirl*. **Diário de Pernambuco**, Recife, terça-feira, 25/11/1980, p. B-03.

<sup>31</sup> FRY, Peter, MACRAE, Edward. (Orgs.) **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p. 94.



assumidos parecia modismo, o ato de assumir-se *gay* estava se tornando algo banal, esvaziado do seu conteúdo político e “revolucionário”:

Tenho conhecido pessoas que são capazes de usar uma faixa com um letreiro “sou bicha” ou subir em praça pública e gritar para todos sua sexualidade, isto como um capricho e desabafo. Mas, quando caem em si próprios sentem-se frustrados, desesperados e aquela ação diante da sociedade não passou de uma negação de si próprio. Pois, na realidade interior ele não se aceita. Conhece outros que são capazes de abrir a boca para revelar o que são porém amam sua homossexualidade. Existe um número muito restrito que amam a sua condição e são capazes de responder por ela diante da sociedade.<sup>32</sup>

Sendo assim, de acordo com as fontes, para uma parcela dos homossexuais, o processo de “saída do armário” que parecia tão urgente neste período deveria ser exercido com prudência sob pena de perder o cunho político que estava na gênese do movimento. Também não adiantaria muita coisa declarar a sexualidade para Deus e o mundo sem estar bem consigo mesmo, sem estar satisfeito e ajustado com os próprios sentimentos. Urgia primeiro uma aceitação de si, cuidar de si para em seguida expor para as outras pessoas suas preferências sexuais. Além disso, neste tipo de discurso, não era necessário escancarar, devassar uma coisa tão íntima como os desejos sexuais a qualquer hora, para qualquer pessoa e em qualquer lugar. “Assumir” exigia responsabilidade, principalmente diante de uma sociedade tão hostil, heterossexista e machista como a nordestina. Ao mesmo tempo haveria uma pressão dos agentes militantes, num tipo de relação de poder em que mesmo os homossexuais que não faziam parte de nenhuma organização ativista, por meio da difusão de ideias pelos meios de comunicação sentiam necessidade de se revelarem.

Em grande medida os militantes exerciam aquilo que Michel Foucault chamou de produção de discursos verdadeiros sobre o sexo. Seriam discursos de poder cujas atribuições são questionar, fiscalizar, espreitar, espiar, investigar, apalpar e fazer revelar as “verdades” de si.<sup>33</sup> Para alguns homossexuais, atentar para estas questões era o ponto nevrálgico para construir o caminho de um futuro com menos preconceito. Por isso não parecia ser prudente “copiar” os outros, “assumir” a homossexualidade só por causa de pressões externas originadas pelo imperativo da liberação sexual. “Assumir” sem pensar

---

<sup>32</sup> Álamo Ramon, *Assumir e aceitar*. **Diário da Noite**, Recife, sábado, 27/10/1979, p.06.

<sup>33</sup> FOUCAULT, Michel, *op. cit.*, p. 52.

e denunciar os enrustidos poderia acarretar graves prejuízos para o processo de liberação:

Nos meus estudos verifiquei muita gente que se encarrega de divulgar para o mundo inteiro quem é, mesmo sem nem conhecer a “figura”. O atraso é tamanho que se chega a dizer: “Mas fulano também não é”. “E o famoso fulano de tal não foi”. E alastram-se ao mundo inteiro a fama dos outros. Acho que isto reflete a incapacidade de reconhecer a si próprio ficando o tempo todo apoiando-se na fama dos outros. O que importa não são os outros, mas você desorientando.

Só vale a pena assumir se você se aceita primeiro, para que não caia naquela de assumir porque não tem outra saída e o mundo já lhe rejeita e você se impõe expondo-se ao ridículo, servindo para diversão dos idiotas que nos cercam.<sup>34</sup>

Era preciso combater a heteronormatividade ou hegemonia do modelo heterossexual. Da mesma forma que as feministas radicais, que viam nos homens uma reserva de dominação e opressão, que as transformavam em meras marionetes; alguns homossexuais concordavam com este ponto de vista, acusando os heterossexuais de serem os principais agentes mantenedores do preconceito. Nesse sentido, o mais adequado parecia ser “punir” os homens heterossexuais, processá-los e se possível condená-los para que isso servisse de lição aqueles que porventura pensassem em discriminar a emergente categoria dos *gays*. A respeito disso, o jornal Diário da Noite no ano de 1972 publicou uma curiosa nota em que os homossexuais italianos pretendiam processar os homens.

O que também nos chama a atenção é que os homossexuais nesse discurso parecem ser elevados a uma espécie de terceira categoria, nem feminino e nem masculino. É como se os homossexuais não fossem homens também, pois o título da reportagem por si é bastante indicativo: “*Homossexuais querem processar os homens.*” Vejamos então a intenção dos ativistas:

Roma – Em Milão um numeroso grupo de homossexuais anunciou a intenção de processar os homens em uma conferência que realizarão em Milão para debater a liberação dos homossexuais. Num comunicado, a “Frente Unitária Homossexual Revolucionária Italiana” diz que o processo terá lugar no dia 15 de outubro em um local de Milão.

---

<sup>34</sup> Álamo Ramon, *Assumir e aceitar*. **Diário da Noite**, Recife, sábado, 27/10/1979, p.06.

A frente enviou mensagens de convite a outras organizações similares estrangeiras e aos movimentos feministas.<sup>35</sup>

Provavelmente este tipo de informação veiculado nos jornais do Recife tendia a orientar as subjetividades dos homossexuais que não participavam de nenhum movimento militante, mas se sentiam de alguma forma identificados com a mesma causa, afinal de contas mesmo a distância geográfica de Milão até o Recife ser bastante significativa, as aspirações e desejos dos homossexuais da capital pernambucana poderiam ser similares aos da cidade italiana. Principalmente no que se refere ao combate ao preconceito e à aderência a um movimento *gay* que se pretendia mundialmente unido, coeso e forte. Era o sentimento de que aquele era o momento de construir novos paradigmas para as pessoas expressarem e viverem as suas sexualidades. É tanto que a denominada sexologia ganhou força entre as décadas de 1960 e 1970, elevando-se ao patamar de guia para qualquer um ter uma vida sexual feliz e saudável. Não é à toa que o jornal *Diário da Noite* no ano de 1980 publicava uma seção denominada *Correio Sexológico*, criada para os leitores enviarem cartas com suas dúvidas sobre qualquer assunto relacionado à sexualidade.

Estas dúvidas seriam enviadas previamente pelos leitores para a redação do jornal e posteriormente seriam esclarecidas por especialistas nesta seção que era publicada uma vez por semana. Ao tema da homossexualidade foi dada uma atenção especial, merecendo uma entrevista com o sexólogo José Hermógenes. O leitor do jornal que enviou a carta queria saber qual era a opinião “científica” sobre a homossexualidade naquele momento. Analisaremos a seguir alguns trechos da exposição do especialista encarregado de esclarecer como a sociedade estava tratando as práticas homossexuais. Para ele (o especialista), era um assunto atual embora existisse “no mundo desde as mais antigas civilizações”.<sup>36</sup> Ele argumentou, ainda, que não considerava o homossexual um ser abjeto ou abominável, haja vista que da mesma forma que entre os heterossexuais havia os maus e os bons, entre os homossexuais ocorreria o mesmo. Todavia, segundo o sexólogo, as relações afetivas e sexuais entre homens não deveriam ser consideradas uma conduta anormal porque destoava das regras biológicas visando a reprodução da espécie humana.

---

<sup>35</sup> *Homossexuais querem processar os homens*. **Diário da Noite**, Recife, sexta-feira, 29/ 09/ 1972, 1º Caderno, p. 02.

<sup>36</sup> Dr. Newton Banks, *Correio sexológico*, **Diário da Noite**, Recife, terça-feira, 02/09/1980, p. 05.

Além disso, um relacionamento amoroso entre pessoas do mesmo sexo jamais poderia ser legítimo, porque no fim sempre pairaria a sombra da carência, da aflição e da insegurança por ser um tipo de relacionamento desconforme com as regras naturais e sociais. Ao contrário da conjugalidade heterossexual, que era aprovada e referendada pela sociedade, mas principalmente pela Biologia que elegia o casal heterossexual e sua capacidade de reprodução como o exemplo nítido do ajuste dos seres humanos a uma vida afetiva e sexual plenamente realizada. Em síntese, na opinião do sexólogo, o normal era ser heterossexual enquanto para o “homossexualismo” só restava a marca do desvio:

Não consideramos natural o homossexualismo, simplesmente porque, em todas as espécies animais, o indivíduo, quando impelido pelo desejo sexual, instintivamente procura outro do sexo oposto por um determinismo biológico, com a finalidade exclusiva de preservar a espécie o que evidentemente, não pode acontecer no homossexualismo.

Conseqüentemente, cremos que o amor entre duas pessoas do mesmo sexo não tem o conteúdo emocional que existe no amor entre homem e mulher. Daí, a insegurança, o vazio, a carência de afeto que, no íntimo, afligem o homossexual.<sup>37</sup>

É preciso levar em consideração que o sexólogo talvez não estivesse querendo ser preconceituoso no sentido da intenção; de uma sensibilidade fundada. Mas na repetição de um “único modelo” de sociedade cristã/católica, burguesa e patriarcal. Ele (o sexólogo) apenas expunha teorias legitimadas em sua época. Como diz Michel Foucault a respeito das produções científicas, elas devem ser contextualizadas e não desdenhadas porque fizeram sentido no momento o qual foram produzidas e “tinham o sentido da atualidade”.<sup>38</sup> Por isso esse sexólogo foi convidado pelo jornal, tendo em vista ser uma autoridade científica especializada nos estudos sobre comportamentos sexuais. Além do mais, ele era legitimado pelo lugar social que ocupava na sociedade contemporânea que busca através da pedagogia sexual contornar os “problemas” de disfunção e “desvio” sexuais.<sup>39</sup> Não obstante, apesar de sua visão pessimista em relação às conquistas políticas adquiridas a partir da visibilidade dos homens homossexuais, o sexólogo diagnosticou a possibilidade de lucros que a indústria de consumo estava

---

<sup>37</sup>Idem, *ibidem*.

<sup>38</sup>FOUCAULT, Michel, *op. cit.*, p. 73.

<sup>39</sup>BÉJIN, André. O poder dos sexólogos e a democracia sexual. In ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André (Orgs.) **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 241 -242.

auferindo por intermédio da produção de filmes, livros e revistas pornográficas para o público *gay*. Era como se este não passasse de um brinquedo nas mãos do capitalismo:

A sociedade de consumo utiliza, promove, explora o homossexual como, também, explora a pornografia, indústria cujos lucros se contam em milhares de dólares. Cada roteirista, autor, diretor... funciona como mago negro a inundar a psicosfera de sêmen e sangue.<sup>40</sup>

Sensibilizar parecia ser uma das principais estratégias para despertar nos homossexuais o desejo e a ação de “saírem do armário”. Por isso além dos textos em prosa, que contavam histórias de vida, dava lições de moral, propalavam as últimas conquistas do movimento *gay* no Brasil e restante do mundo, poemas eram escritos como forma de desabafar e sensibilizar aqueles homossexuais que por ventura não teriam assumido ou aceitado a sua sexualidade, ainda. Essa talvez fosse uma maneira de despertar estes sujeitos através de todas as formas discursivas possíveis por meio de metáforas e mostrar o quanto eles estavam vivendo um novo tempo de “verão” e luz, em contraposição ao inverno escuro e soturno de outros tempos. Os *gays* encarnariam a própria felicidade concretizada “no revelar”, no ato de tornar pública a sua orientação sexual. Logo abaixo temos um poema escrito numa seção destinada ao público *gay* do Recife:<sup>41</sup>

#### VERÃO

Essa coisa grande

que somos depois

que nos despimos

e abrimos

a porta.

.....

essa vontade

irreversível

intacta esfinge

---

<sup>40</sup> Dr. Newton Banks, *Correio sexológico*, **Diário da Noite**, Recife, quarta-feira, 24/09/1980, p. 06.

<sup>41</sup> Ver item 1.3 deste capítulo quando trataremos sobre a seção *Mundo Guei*.

de encarnar  
a felicidade  
.....  
veio a mim  
quando nos vimos  
a injetarmos  
a essência  
do verão  
dos homens  
em nossas veias  
.....  
Tanto, que sinto  
no revelar  
a grande face oculta brotar  
o menino adormecido.<sup>42</sup>

Os termos “despir” e “revelar” podem ser interpretados como metáforas para o processo de “saída do armário”. Este parecia ser o momento de se revelar para si mesmo e para os outros, momento de fazer “a face oculta brotar”, uma face que talvez em anos anteriores sob a pressão do preconceito jamais fosse revelada, sendo vivida na clandestinidade. Deste ponto de vista, hoje, com o distanciamento proporcionado pela passagem do tempo é possível perceber que tanto nos anos 70 como no início dos 80, a exposição de determinados comportamentos e desejos não tinha nada de comum ou corriqueiro como indicam certos trechos do poema citado anteriormente: “a grande face oculta brotar”. Pelo contrário, muitos discursos enfatizavam a percepção da quebra do cotidiano, pondo em relevo o estranhamento causado pelo aparecimento de sujeitos que antes pareciam inexistir, ou no máximo eram seres cujos espaços na imprensa eram quase sempre as páginas policiais. Agora era diferente, havia em alguns meios de

---

<sup>42</sup> Pier Paranoise, *Verão*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 05/01/1980, p. 07.

comunicação uma verdadeira prolixidade em torno do tema homossexualidade. E isso não só nos denominados jornais militantes, com tiragens e áreas de circulação limitadas; como também na própria imprensa “oficial” nos grandes jornais, parecia que a homossexualidade não existia antes da emergência *gay*.

No caso específico do Brasil, sobretudo na segunda metade da década de 1970, foi a época da reabertura política, da anistia e da lenta atenuação da censura nos meios de comunicação. O Brasil parecia enfim respirar outros ares menos pesados que nos “anos de chumbo”, no início do regime militar. “Desbundar” era o mote e a metáfora daqueles que estivessem dispostos a criticar, desconstruir e recriar certos valores e práticas moralizantes, já “cristalizadas” em nossa cultura. Os principais veículos para o desbunde eram as artes e os comportamentos principalmente entre os jovens.

Todavia, para muitas pessoas, o desbunde representava um risco iminente para a boa formação dos jovens, simbolizava o perigo de que a “moral e os bons costumes” fossem subvertidos, virados de cabeça para baixo. Nesse ponto, os *hippies* eram considerados um dos principais agentes responsáveis por propalar novos costumes (desbundar) no Recife e no interior de Pernambuco. Contra isso, em 1971 os integrantes do Serviço Educacional Lar e Saúde, no Recife, fizeram uma campanha de ordem nacional. Esta empreitada era sobre o combate ao comércio e uso de entorpecentes. Os responsáveis pelo projeto eram os professores José P. de Oliveira, Osmar Reis e Raimundo P. da Silva, que faziam palestras em escolas e faculdades contra aqueles que seriam os principais responsáveis, entre as novas gerações, pela onda da maconha e outras drogas: os *hippies*. Estes eram acusados de corromper os jovens, por viverem em “eterna malandragem”, sujos, cabeludos, fazendo parecer que a melhor vida era a que levavam. Mas o que mais preocupava os agentes do Serviço Educacional Lar e Saúde era a defesa pela prática do amor “livre” que os *hippies* apregoavam. Entenda-se como amor “livre”, entre outras coisas o questionamento da santidade do matrimônio, a violação da castidade antes do casamento e as execradas práticas homossexuais.<sup>43</sup>

O desbunde também era encarnado no próprio corpo, no uso e apresentação que se fazia do mesmo, confundindo e borrando as fronteiras de gênero quando certos homens reboavam, cantavam canções com letras dúbias, usavam os palcos para demonstrarem e ensinarem uma nova forma de mostrar e sentir os seus corpos. Os limites entre o masculino e o feminino eram misturados em nome de uma androginia. O

---

<sup>43</sup> Influência *hippie*. **Diário da Noite**, Recife, sábado, 14/08/1971, 1º Caderno, p. 04.

andrógino é um indivíduo que não precisa limitar seus comportamentos ao que seria mais apropriado para o seu sexo; pelo contrário, ele é isento para engajar-se em qualquer conduta livre dos estereótipos culturalmente impostos.<sup>44</sup> Esta androginia poria em xeque a masculinidade hegemônica ao mesmo tempo em que abriria uma janela para a homossexualidade ser posta em evidência.

Em relação a isso, os exemplos clássicos a nível nacional são os tropicalistas, o grupo Dzi Croquetes e o Secos & Molhados. Caetano Veloso, por exemplo, trocava beijos na boca com seus músicos em pleno palco no meio dos seus *shows*, já o grupo Dzi Croquetes era composto por homens que brincavam com as ambiguidades. Os seus integrantes conservavam barbas, bigodes e peitos peludos ao mesmo tempo em que se apresentavam usando vestimentas femininas, sapatos de salto alto, sutiãs, tangas ínfimas e meias de futebol. Já o grupo Secos & Molhados se destacou pelo seu vocalista, Ney Matogrosso, que mais tarde enveredou pela carreira solo. Ney era uma figura dúbia que despertava o desejo de homossexuais e mulheres. Sua presença sensual nos palcos e nos programas de televisão, usando saias, maquiagem, braceletes, penas de pavão e crinas de cavalo e sua voz de contralto ao mesmo tempo exibindo um corpo todo peludo parecia uma afronta diante dos códigos de gênero que definiam o masculino como alguém que falava grosso, teria um corpo rijo e não rebolava do jeito que Ney fazia. Logo abaixo temos duas fotos. A primeira se refere ao Secos & Molhados, enquanto a segunda é do grupo Dzi Croquetes:



Fig. 02. Grupo Secos & Molhados. Ao centro o cantor Ney Matogrosso. Fonte: <http://naftalinaa.blogspot.com>. Acesso em 12/ 02/ 2011.

<sup>44</sup> OLIVEIRA, Lázaro Sanches de. **Masculinidade, feminilidade, androginia**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983, p. 29.





Fig. 03. Grupo Diz Croquetes. Fonte: <http://cenadiaria.blogspot.com>. Acesso em 12/ 02/2011.

No Recife um dos representantes do desbunde foi o grupo Ave Sangria. Apesar de não ser composto por homens que se apresentavam no estilo dos Dzi Croquetes e do Secos & Molhados, os tons e as letras psicodélicas das canções do Ave Sangria eram suficientes para abalar o denominado “sistema” e entrar em sintonia com os anseios de mudança por que passavam grande parcela dos jovens e da população, em geral. Uma canção desse grupo que provocou polêmica é intitulada *Seu Waldir*, que supostamente conta a história de um adolescente apaixonado por um homem mais velho. Apesar de ter sido uma das músicas mais tocadas nas rádios nos idos de 1974, essa canção gerou polêmica sendo atacada pelo jornalista e colunista social João Alberto<sup>45</sup>, que a acusava de ofender a moral e os bons costumes do povo do Recife. O fato é que a polêmica incitou a Justiça Federal a mandar recolher das lojas os LPs do Ave Sangria de todo o território nacional.<sup>46</sup> Mesmo lançando um único disco, Ave Sangria marcou a cena cultural do Recife e pôs em discussão, mesmo que indiretamente, entre outras coisas, o tema da homossexualidade. Abaixo temos a letra do famigerado samba “*Seu Waldir*”:

---

<sup>45</sup> Até hoje João Alberto é uma figura ligada a denominada “sociedade pernambucana”, sendo que em seu programa de TV e em suas colunas nos jornais destaca sempre as camadas mais abastadas.

<sup>46</sup> NASCIMENTO, Luís Manuel Domingues do. **Inventário dos feitos modernizantes na cidade do Recife (1969 - 1975)**: sobre as mediações históricas e literárias entre a história recente do Recife, e o Romance: A Rainha dos Cárceres da Grécia, de Osman Lins. Recife (UFPE), 2004. Tese de Doutorado em História, p. 412-413.

*Seu Waldir*

(Composição: Marco Polo)

Seu Waldir, o senhor  
Magoou meu coração  
Fazer isso comigo, Seu Waldir  
Isso não se faz, não

Eu trago dentro do peito  
Um coração apaixonado  
Batendo pelo senhor  
O senhor tem que dar um jeito  
Se não eu vou cometer um suicídio  
Nos dentes de um ofídio vou morrer

Estou falando isso  
Pois sei que o senhor  
Está gamadão em mim  
Eu quero ser o seu brinquedo favorito  
Seu apito, sua camisa de cetim

Mas o senhor precisa ser mais decidido  
E demonstrar que corresponde ao meu amor  
Pode crer  
Se não eu vou chorar muito, Seu Waldir  
Pensando que vou lhe perder  
Seu Waldir, meu amor...<sup>47</sup>

A identidade tradicional do macho nordestino parecia estar ameaçada. E as artes eram um campo de visibilidade e de reivindicação para que a crise se instalasse e trouxesse novos paradigmas. Estas “outras” masculinidades estavam ligadas, principalmente a modernidade, às grandes cidades, ao meio urbano. Embora no interior de Pernambuco a homossexualidade também parecesse querer ganhar cada vez mais espaço. Não é à toa que um dos maiores compositores e intérpretes da música nordestina, utilizava as mesmas armas da arte para levantar bandeiras. Só que ao contrário dos tropicalistas, por exemplo, ele levantava bandeiras contra os novos modelos de subjetividades masculinas. Estamos falando de Luiz Gonzaga. Na virada da

---

<sup>47</sup> Fonte: <http://letras.terra.com.br/ave-sangria/876519/>. Acesso em 16/02/2011.

década de 1960 para 1970 ele compôs juntamente com José Clementino o *Xote dos cabeludos*. Nesta canção além de fazer menção aos *hippies*, ele se posiciona claramente contra determinados homens frouxos, moles, femininos e estranhos que estariam se espalhando até mesmo pelos rincões do sertão:

*Xote dos cabeludos*

(Composição: Luiz Gonzaga e José Clementino)

Cabra do cabelo grande  
Cinturinha de pilão  
Calça justa bem cintada  
Custeleta bem fechada  
Salto alto, fivelão  
Cabra que usa pulseira  
No pescoço medalhão  
Cabra com esse jeitinho  
No sertão de meu padrinho  
Cabra assim não tem vez não.

No sertão de cabra macho  
quem brigou com Lampião  
brigou contra Silvino  
quem enfrenta batalhão  
amansa burro bravo  
pega cobra com a mão  
trabalha sol a sol  
de noite vai pro sermão  
rezar pra Padre Ciço  
falar com Frei Damião  
No sertão de gente assim  
No sertão de gente assim  
Cabeludo tem vez não.<sup>48</sup>

Era um sertão e, por extensão, um Nordeste pensado sob o crivo da macheza. Uma macheza em que determinados signos não deveriam existir como “cabelo grande”, “calça justa e cintada”, “salto alto e fivelão”. Ora, a imagem de um ser que “amansa

---

<sup>48</sup> Fonte: <http://letras.terra.com.br/luiz-gonzaga/295405/>. Acesso em 26/02/2011.

burro brabo”, “briga com Lampião”, “pega cobra com a mão” e é religioso, devoto a Deus, rezando sempre pra *Padim Ciço* e Frei Damião é incompatível com a nova imagem do homem mais delicado, menos rústico e que não era, necessariamente, homossexual.

Na memória dos nossos depoentes, a cidade do Recife durante a década de 1970 era um lugar de efervescência cultural. Lugar em que o desbunde era vivido por grande parte dos jovens independentemente da orientação sexual, da classe social e da posição partidária. *Shows*, livrarias, bares, *dancings*, teatros, reuniões em casa de amigos, botecos, eram os principais pólos fomentadores de uma nova época que estaria por vir. Inclusive, as vivências na cidade eram exercidas com mais liberdade porque a violência parecia ser menor. Ao mesmo tempo, a cidade respirava ares de província em que através das redes de amizade quase todos se conheciam e onde se podia andar a pé sem o temor de ser assaltado ou coisa pior. Nesses relatos de memória cruzam-se experiências individuais e coletivas que ao serem narradas constroem um dado passado.<sup>49</sup> Neste, os caminhantes “viviam” mais a cidade, sem a pressa e o “corre-corre” dos dias atuais. Para os jovens, era a época de dismantelar os tabus, era a época de desbundar:

Era uma festa por que... realmente nos anos 70 vai ser quando eu entro na universidade. Saí de colégio de freira, e naquele tempo realmente quando a gente era de colégio era tudo muito diferente de hoje. E a gente tinha a vantagem que não tinha esse grau de violência. Não seria isso que a gente sairia de casa. A gente não tinha o problema dessa violência urbana que tem. Eu me lembro que mesmo em tempo de colégio, já mais mocinha, a gente ia pra festa. Eu morava ali na [Avenida] Rosa e Silva e a gente ia pra festa no [Clube] Português com um grupo de amigos, voltava tudo a pé, andando. Gente de 15, 16... com irmão mais velho e tal e não tinha realmente esse problema de segurança que tem hoje. A gente tinha essa liberdade, né? E apesar de toda ditadura, da gente ter um certo... Algum amigo ia preso, voltava. Mas era uma efervescência muito grande, cultural. Vinham grandes peças já na época que eu me lembro de muitos *shows* bons. Como os Novos Baianos, Gal Costa, todos esses *shows* era lá no Nosso Teatro, no Santa Isabel. Então a gente tinha uma... o pessoal já perto dos anos 80, tinha muita coisa. Tanto que vinha de fora, como aqui mesmo. O pessoal que fazia música, Alceu Valença, Zé Ramalho, Geraldinho, o pessoal do Ave Sangria, que era o Tamarineira Village que depois ficou Ave Sangria, que também era com Marco Polo, que é

---

<sup>49</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, p. 69.

jornalista, Israel Semente que já morreu. A gente tinha o teatro da Católica, que era o TUCAPE, que eu fazia parte, tinha o teatro também o CECOSME, o pessoal do Mamulengo Sorriso de Fernando Augusto. Então realmente era... tinha a Livro Sete, ali na [Rua] Sete de Setembro, de Tarcísio. E tava sempre acontecendo *shows*. Flaviola... quer dizer tinha muita gente fazendo música, muita gente escrevendo, muita gente fazendo teatro. E foi um tempo pra mim, assim, um tempo de universitário que você conhece o mundo, conhece tudo, vai aproveitar a cidade, e realmente era uma festa. Tinha todo esse problema de ditadura, tinha esses amigos mais paranóicos. Eu estudei na época de Paulo Bruscky também. Esse pessoal todo e que de repente... esse pessoal ficava: “Quem é dedo-duro, quem vai falar”? Mas a gente conseguia curtir muito. Eu mesmo curti demais esse período dos anos 70, na cidade. Foi uma época muito legal. Eu não sei se é por que foi da minha juventude e a gente sempre se lembra assim. Mas a gente era realmente diferenciado porque foi uma época que a gente quebrou muitos tabus. As meninas, principalmente, com essa história de não poder... até pouco tempo era uma hipocrisia...você não podia... Se transasse era escondido, se ficasse grávida era um horror. Então a gente começa a namorar à vontade, a se liberar desses preconceitos, e eu de certa maneira, eu acho que a gente era menos preconceituoso do que hoje. Eu me lembro de muitos amigos meus... Ah! De noite quando a gente saía, eu me lembro de uma vez, um chegou de *baby doll*. Era uma festa. Os meninos mesmo saíam... Não eram travestis, mas botavam brinco. E eu não sei se era porque no local que a gente frequentava, e a gente realmente tinha um local pra frequentar. As pessoas aceitavam tudo muito bem. Nessa época também de universitário a gente frequentava muito o [Bar] *Mustang*, depois teve o Beco do Barato que era na [Avenida] Conde da Boa Vista. Que era como um bar *dancing*. Tinha uns showzinhos. Era muito legal também lá. E eu tenho boas recordações. E isso aqui no Recife. Quando foi ficando mais pra segunda metade dos anos 70, a gente foi muito pra Olinda. Foi uma patota pra Olinda. Então a vida começou a ser muito curtida lá. Mas mesmo assim, o Recife tinha muito movimento. Então de tardezinha saía do estágio, o pessoal saía do jornal, o pessoal saía da escola, o pessoal que tinha gente que já não fazia nada, mesmo. Tinha um ponto de encontro ali na Livro Sete. Tinha barzinho, tinha livrarias, outras livrarias como a Síntese que era da irmã de Tarcísio, que aí era uma livraria assim muito voltada mais pro esoterismo. Porque tinha todo o pessoal do esoterismo, da astrologia. Eu acho que era um período muito legal. Muitas pessoas, muitas dessas pessoas, desses meus amigos foram embora. Foram pro sul. Principalmente o pessoal de música. Muita gente foi realmente pra fora porque o mercado aqui não tinha abertura que tem. Até hoje, né? O pessoal ainda vai. Tinham grupos de teatros, eu acho que era um período muito legal.<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> Entrevista realizada com Ana Farache em 17/11/2010.

Mas, apesar de algumas situações de ausência de preconceito como recordou a nossa depoente, em plena década de 1970, mesmo no clima do *boom gay*, a homossexualidade ainda era discutida como sendo ora um caso de polícia, ora de médicos. Tanto é que, para algumas autoridades policiais esses homens eram sujeitos doentes e seria uma injustiça puni-los com a detenção da liberdade numa cadeia ou num presídio. O mais adequado seria tratar estas criaturas a fim de reintegrá-las à sociedade como pessoas recuperadas e “normais”. O criminalista Eurico Reis, por exemplo, em um pequeno artigo escrito para o Diário da Noite e publicado no dia 14 de janeiro de 1976, definia a homossexualidade como uma espécie de inversão sexual. Neste caso, haveria homens invertidos, anormais, atípicos e, com base em estudos da época na área de Medicina Legal, afirmava-se que os “invertidos” possuíam um cérebro feminino, com glândulas sexuais masculinas. Para reforçar os seus argumentos, ele reproduziu um trecho (sem citar a fonte) <sup>51</sup> da obra *Homossexualismo e Endocrinologia*, publicada na década de 1930, pelo criminalista e idealizador do Laboratório de Antropologia Criminal no Rio de Janeiro, Leonídio Ribeiro, seguidor das teorias criminalistas do italiano Cesare Lombroso (1836 – 1909).

Vale destacar que Cesare Lombroso era defensor da teoria da delinquência nata, onde determinadas características hormonais e antropométricas, como os formatos do crânio, das mãos e do nariz eram indicativos dos denominados desvios de comportamento. <sup>52</sup> Vejamos um trecho da obra de Leonídio Ribeiro e, em seguida, um extrato do artigo de Eurico Reis, para percebermos que este último reproduziu discursos do criminalista dos anos 30. Publicou Leonídio Ribeiro no Rio de Janeiro, na década de 1930:

No século passado foi que o problema do homossexualismo começou a ser estudado por médicos e psiquiatras, interessados em descobrir suas causas, a fim de que juristas e sociólogos pudessem modificar as legislações existentes, todas baseadas em noções empíricas e antigos preconceitos, e fosse possível seu tratamento em moldes científicos.

As práticas de inversão sexual não podiam continuar a ser consideradas ao acaso, como pecado, vício ou crime, desde que se demonstrou tratar-se, em grande número, de casos

---

<sup>51</sup> O criminalista Eurico Reis retirou um trecho da obra *Homossexualismo e Endocrinologia* de Leonídio Ribeiro, parafrazeou-o, introduziu-o em seu discurso, mas em nenhum trecho do artigo ele cita este fato. Só descobrimos que ele se apropriou do discurso de Leonídio Ribeiro por conhecermos a obra deste.

<sup>52</sup> GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 199-208.

de indivíduos doentes ou anormais, que não deviam ser castigados, porque careciam antes de tudo de tratamento e assistência.

A medicina havia libertado os loucos das prisões. Uma vez ainda, seria ela que salvaria da humilhação esses pobres indivíduos, muitos deles vítimas de suas taras e anomalias, pelas quais não podiam ser responsáveis.<sup>53</sup>

Eurico Reis no Recife, em 1976, escreveu para o *Diário da Noite*:

No século passado os problemas da inversão sexual começaram a ser estudados por médicos interessados em descobrir suas causas. Isto se deveu como objetivo principal para que os juristas pudessem modificar as legislações penais baseadas em errados preconceitos.

As práticas homossexuais não poderiam continuar a ser consideradas como pecado, vício ou crime, desde que se demonstrou tratar-se de indivíduos doentes. A medicina havia libertado os loucos das prisões, indivíduos vítimas de taras e anomalias pelas quais não poderiam ser punidos. Médicos e psiquiatras demonstraram que as manifestações homossexuais apareciam no decurso de psicopatias.<sup>54</sup>

Vê-se em plena década de 1970 a aplicação de teorias surgidas entre o século XIX e o começo do XX, a despeito de todo o esforço dos movimentos de libertação *gay* para retirar a homossexualidade do rol das anomalias. Isso indicia as denominadas permanências históricas em contraposição às mudanças. Ou seja, apesar da invenção do *gay* como uma nova categoria que tentava desconstruir os antigos estigmas, permaneciam ainda determinadas proposições que concebiam a figura desses sujeitos sob os moldes da patologia e muitas vezes da delinquência. Em 1977 um ciclo de palestras foi promovido pelo Centro de Estudos do Hospital de Psiquiatria Penitenciária Nelson Hungria, no Rio de Janeiro, onde entre outras questões sobre sexualidade, os participantes poderiam conhecer melhor os temas do “homossexualismo” masculino e feminino, a sexualidade e os meios de comunicação e ainda os crimes sexuais contra menores de idade.<sup>55</sup> Vale destacar que na década de 1970, a preocupação com temas relacionados à homossexualidade era constante nos jornais.

---

<sup>53</sup> RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e Endocrinologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938, p. 27. Apud FRY, Peter. **Para Inglês ver:** *Identidade e Política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.100.

<sup>54</sup> Eurico Reis, *Homossexualismo (I)*, *Diário da Noite*, Recife, quarta-feira, 14/01/1976, 1º Caderno, p. 06.

<sup>55</sup> *Sexo e direito*. *Diário de Pernambuco*, Recife, quarta-feira 07/12/1977, p. A 06.

A revolução *gay* que aconteceu no período em tela modificou sobremaneira o jeito de pensar, ver, dizer e viver a homossexualidade. Se ser *gay* era ser um sujeito, alegre e festivo era uma modificação radical sobre as antigas identidades quando aos homossexuais eram imputadas as imagens de criaturas equívocas, promíscuas, infelizes e insatisfeitas com os seus desejos por *personas* do mesmo sexo. Tanto aqueles que participavam de movimentos ativistas, quanto os que não faziam parte desse tipo de organização desejavam desconstruir as marcas negativa que há tempos caíam sobre eles. Isso não quer dizer que todos os homossexuais estavam em consonância com a revolução *gay*, entretanto é inegável o impacto que os novos discursos e práticas tiveram nas vidas de inúmeros homens homossexuais: a imagem *gay* como a parte positiva, em detrimento do homossexual infeliz.

## **1.2 - A legitimação da nova identidade homossexual: *gay*, guei ou entendido.**

O *gay* reivindicava uma identidade própria, mais próxima dos modelos de masculinidade e “discrição”. Qualquer tentativa contrária a isso era tida, pelos defensores desta identidade como sendo equivocada, destoante ou ainda uma espécie de arremedo do feminino. Isso evidencia a dimensão social e cultural da identidade; sem ser um dado pronto, cristalizado e acabado, está em constante processo de reelaboração a partir de agenciamentos de constantes discursivas e não discursivas. No entanto, um dos pressupostos básicos de uma formação identitária parece ser o de apagar os rastros que possam denunciar a sua elaboração, sua “artificialidade”, apagar os indícios de tudo aquilo que possa pôr em xeque a sua naturalização, como aponta o historiador Durval Muniz.<sup>56</sup> Para os *gays*, os modos de expressão e estilo de vida foram construídos com base em subjetividades específicas, passando por um aprendizado desde a descoberta como “diferente” dos outros homens (por vezes, já na infância), até o momento de sua auto-aceitação e livre expressão sexual.<sup>57</sup>

A identidade *gay* era no mais, uma escolha deliberada, principalmente nos círculos militantes, onde havia quase uma imposição de dados estilos e modos de vida. Mas a palavra “escolha”, aqui, não é utilizada no sentido de uma opção livre de “imposições”,

---

<sup>56</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira**: história, espaços e identidade regional. Recife: Edições Bagaço, 2008, p.12.

<sup>57</sup> POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? In ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André (Orgs.). **Sexualidades Ocidentais**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p.58.



mas de apropriações de modelos de identidade disponíveis e “sugeridas” num determinado momento. Até porque a sexualidade é algo complexo que além de ser culturalmente construída, também depende de distintas variáveis individuais:

A sexualidade não tem o mesmo grau de importância para todos os sujeitos. Mais do que um recurso explicativo baseado em diferenças psicológicas, esta variação é efeito de processos sociais que se originam no valor que a sexualidade ocupa em determinados nichos sociais e nos roteiros específicos de socialização com que as pessoas se deparam. A cultura (em sentido lato) é a responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, por intermédio de redes de significados que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros. Valores e práticas sociais modelam, orientam e esculpem desejos e modos de viver a sexualidade, dando origem a carreiras sexuais/ amorosas.<sup>58</sup>

Uma história da homossexualidade faz-se mais compreensível quando a mesma passa pelo crivo de uma história crítica dos conceitos, uma análise que atrela a linguagem ao contexto no qual ela foi elaborada. Sem perder de vista que os significados linguísticos não permanecem sempre os mesmos, devendo coincidir determinados horizontes de expectativas conforme o momento de elaboração ou de reapropriação dos conceitos em épocas posteriores. Isso nos faz pensar que ser *gay* nos anos 70 não encontra equivalência quando a AIDS aparece nos anos 80<sup>59</sup> ou ainda nos dias atuais, quando o conteúdo político original deste termo parece ter sido esvaziado. É por isso que no ofício do historiador, atentar para os conceitos é fundamental para se perceber as mudanças e as permanências históricas:

A história dos conceitos trabalha, portanto, sob a premissa teórica da obrigatoriedade de confrontar e medir permanência e alteração, tendo esta como referência daquela. Enquanto seus procedimentos tiverem como médium a linguagem (a das fontes e a científica) esse pressuposto estará refletindo premissas teóricas que devem ser

---

<sup>58</sup> HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In HEILBORN, Maria Luiza. (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 40.

<sup>59</sup> Quando a AIDS surge no começo da década de 1980, os homossexuais eram um dos principais grupos de risco. Inclusive era depositada neles a culpa pelo surgimento da síndrome. Peste *gay*, câncer *gay*, doença *gay* e praga *gay* eram alguns dos termos utilizados como sinônimo para a AIDS. Ou seja, a palavra *gay* na década de 1980 perde a força política da expressão para adquirir um estigma, uma marca negativa pela emergência de uma doença que na época era quase uma sentença de morte para o seu portador.

consideradas também por uma história social relacionada ao “conteúdo material da história”.<sup>60</sup>

Por isso que é essencial atentar para a carga simbólica do termo “*gay*” em sua gênese. Percebemos nas nossas fontes, por exemplo, a constância do uso aportuguesado dessa palavra (guei). Isso pode indiciar a tentativa de estabelecer um movimento genuinamente brasileiro apesar de toda a influência dos grupos europeus e norte-americanos. Por isso concordamos com as ideias do teórico francês Félix Guattari quando diz que não devemos desconsiderar o grau de “modelização” que os militantes imprimem na elaboração de seus projetos de visibilidade.<sup>61</sup> Uma “modelização” que no caso do *gay*, poderia ser excludente para os sujeitos que não se adequassem a nova gestão dos desejos e das representações. Até porque o novo conceito não abarcava todas as expressões homossexuais, ficando de fora, por exemplo, as travestis, os homossexuais mais efeminados (bichas), os de meia idade (tias) e aqueles que não podiam ou simplesmente não queriam frequentar os espaços de consumo e da moda *disco*.<sup>62</sup> Ou seja, no processo de revolução homossexual da década de 1970 foi construída uma territorialidade existencial e subjetiva, mantenedora de novas aspirações e desejos:

Quando se reúne um grupo de homossexuais não se fala em mais nada que não seja: novidades do mundo guei, relatório das mais recentes aventuras, entregar novos adeptos ou denunciar enrustidos, fofocas de casos. Coisa típica de subdesenvolvido que não tem outro assunto. Isso porque aproveita a primeira oportunidade para dizer o que pensa sem medo da repressão, ou melhor quando se juntam se soltam. Parece bom este tipo de interação social, porém arriscado. Se o homossexual só conversa com outros na mesma condição, fim de semana só vai a lugares gueis, passeios, festas, cachaça, teatro, cinema só com amigos gueis ou com o “caso”, este indivíduo não vai ter condições de viver bem com quem não tem nada a ver.<sup>63</sup>

---

<sup>60</sup> KOSELLEK, Reinhart, *op. cit.*, 115.

<sup>61</sup> GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986, p.130.

<sup>62</sup> No próximo capítulo abordamos com mais detalhes os conflitos do *gay* com outras manifestações e identidades homossexuais.

<sup>63</sup> João José da Silva, *Lugar do homossexual na sociedade atual*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 10/11/1979, p.6.

Pensamos que a assimilação de identidades, em geral, é precedida por movimentos que desterritorializam. No caso dos homossexuais, nos anos 70 ao serem criadas novas representações e propostas de gestão dos seus desejos, muitos se sentiram desterritorializados, sem chão, sem saberem como conduzir as suas vidas. Por terem à disposição a opção de se adequarem a uma nova identidade, com outra apresentação pessoal, jeito de se comportar e lugares para frequentar, grande parcela dos homossexuais teve que se ajustar a um novo padrão para expressarem a sua sexualidade.

Você não via aquela rotulação de: viadinho, fresquinho, franguinho, entendeu? Já existiam *gays* muito bem situados a nível de, digamos assim... profissionalmente, entendeu? Desde empresários... já existia *gays*, assim, de renome na Medicina, de renome no Direito, entendeu? Pessoas bem sucedidas e que assumidamente eram *gays*. Ou seja, os *gays* não eram apenas cabeleireiros, maquiadores e, digamos assim, pessoas sem nenhuma importância perante a hipocrisia da sociedade na época que era bem mais do que hoje.<sup>64</sup>

Além disso, havia um imperativo político que exigia do *gay* uma posição política, militante, ativista e consciente em defesa de sua “classe”. A identidade *gay* estava relacionada, sobretudo aos jovens, a uma geração mais “atenada” e decidida a dissolver determinados tabus. É tanto que no ano de 1980 os calouros que passaram nos vestibulares das principais universidades do Estado de Pernambuco foram convocados para comemorar no Bar *Mustang*, localizado na Avenida Conde da Boa Vista, no centro do Recife, o ingresso nas instituições. Mas havia um detalhe: a celebração era só para os “feras” que fossem entendidos, ou seja *gays*:

Fernando Gabeira está fazendo escola. É, no momento, o maior líder das esquerdas estudantis em Pernambuco. Tanto isso é verdadeiro, que os diretórios centrais das Universidades locais vão promover uma comemoração *gay* para comemorar o vestibular. Para isso estão sendo convocados os “feras” entendidos. A festança vai ser no Mustangay, na Avenida Conde da Boa Vista, a partir das 21 horas.<sup>65</sup>

Políticos ligados às esquerdas, a exemplo do Fernando Gabeira, citado acima, e movimentos estudantis eram acusados de fomentarem idéias e incentivarem novas

---

<sup>64</sup> Entrevista feita com Jorge (Nome fictício a pedido do depoente) em 10/11/2009.

<sup>65</sup> *Mural gay*. **Jornal do Commercio**, Recife, quarta-feira, 09/01/1980, p.04.

formas de pensar e viver. A propagação da identidade *gay* foi um processo a nível molecular, a fim de provocar efeitos num nível maior. Não estamos fazendo, aqui, nenhuma generalização. Até porque, obviamente nem todos aderiram ao novo modelo e um mesmo indivíduo dependendo da ocasião poderia se comportar ora como uma “bicha louca”, ora de maneira mais discreta. Ainda assim, havia um tipo de discurso em que os homossexuais figuravam como “sentinelas” sempre atentas e prontas a denunciar e combater o heterossexismo e o machismo. Parecia ser papel de cada um contribuir para o fim de uma sociedade discriminadora e preconceituosa.

A identidade *gay* na sua gênese surgiu, assim, sob o signo da imposição, ou pelo menos da prescrição de como os homossexuais deveriam agir diante de uma sociedade hostil em relação às demonstrações de afeto e desejo homoerótico. Abaixo transcrevemos um trecho de uma longa carta publicada no jornal *Diário da Noite*, no Recife, em que o missivista dá a sua opinião e ao mesmo tempo faz um diagnóstico bastante emblemático daquilo que deveria ser o posicionamento ideal dos homossexuais para aquele período. Inclusive, o emprego da palavra *gay* em português, “guei”, pode indiciar o a vontade e a tentativa de criar um movimento e uma identidade adaptados ao Brasil:

O movimento guei precisa existir e forte. Sozinho ninguém conquista nada, muito menos a liberdade. Os homossexuais precisam valorizar as realizações dos companheiros, tais como jornais da classe, os serviços por ela prestados etc. Cada guei é responsável e é um agente do movimento, é um sentinela a esclarecer dúvida do povo tapado. Todo guei tem um compromisso pela conscientização das pessoas, de que homossexualismo é comportamento alternativo, como ser canhoto ou destro, gordo ou magro. Cada um deve ser um guerreiro, entenda-se bem, na família, no trabalho, e na comunidade. A luta do movimento guei não é uma vez ou um instante, mais uma coisa do dia à noite, de todo o momento que for oportuno fazer o mundo enxergar que se pode ser feliz sendo homossexual, e que devem coexistir homossexuais e heterossexuais, onde os membros de uma sociedade bem estruturada se aceitam mutuamente.<sup>66</sup>

E prossegue:

E quando a sociedade aceitará o homossexual? Essa pergunta é de fácil resposta. O tempo de aceitação depende de vários fatores, entre eles, a divulgação de tal comportamento com um número maior de assumidos, e outro fator é o homossexual se impor como gente que pensa e merece respeito.

---

<sup>66</sup> João José da Silva, *Lugar do homossexual na sociedade atual*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 10/11/1979, p.6.

O tema que abordei é muito complexo e abrangente. Sou consciente da ausência de muita coisa relevante, mas temos o problema de pouco espaço disponível.<sup>67</sup>

Se cada homossexual era uma espécie de vigia a zelar pela manutenção e pelo avanço das conquistas políticas e sociais, era preciso se politizar, não ficar alheio ao que estava ocorrendo no mundo. Como dizia a música dos ícones tropicalistas, era “preciso estar atento e forte”.<sup>68</sup> Para além da subcultura homossexual,urgia sensibilizar aquelas pessoas que não faziam parte do meio *gay*, sensibilizar os indivíduos que tinham preconceito pela falta de informação sobre o que era ser homossexual. O preconceito aparece, assim, como um sintoma da falta de conhecimento, da falta de esclarecimento e de ignorância a respeito de um determinado modo de vida. Segundo o missivista citado acima, num primeiro momento os homossexuais deveriam assumir a sua orientação, para em seguida despertarem as outras pessoas para o direito de cidadania a que os homossexuais também tinham direito. Nesse contexto, o sentimento de grupo parece ter sido fundamental para aglutinar esses sujeitos em torno de uma causa comum.<sup>69</sup> O comportamento alternativo que o missivista aponta, não é necessariamente o desejo por outros homens, mais o modelo de vida *gay*. Esta é baseada principalmente na politização, na tomada de posição diante desse momento que parecia ser de renovação.

É interessante perceber como a orientação sexual tende a ser naturalizada e não pensada em termos culturais apesar de haver menção a uma espécie de aprendizado e uma fase, notadamente na década de 1970, em que os homossexuais teriam vivido os “anos dourados”. Quando inquiridos sobre o que acham de sua orientação sexual, como se percebem enquanto homossexuais, os nossos depoentes tendem a naturalizar e pensar os seus desejos em termos de essência. É dessa forma que:

Eu acho que a homossexualidade... sempre encarei como um fato normal. Tem pessoas que falam sobre opção; outros falam sobre desvio de... Pra mim a homossexualidade é normal, é simplesmente uma pessoa que nasce homossexual ou se torna homossexual durante a sua adolescência e vive uma vida normal como qualquer outra pessoa heterossexual. Ninguém opina sobre ser heterossexual porque é o modelo que a

---

<sup>67</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>68</sup> Referência à música *Divino Maravilhoso*. Fonte: <http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/46200/>. Acesso em 16/06/2011.

<sup>69</sup> No capítulo 02 veremos que apesar de parecer coeso e totalmente unido o movimento *gay* e o cotidiano de muitos homossexuais foi/é marcado por disputas, conflitos e clivagens.

sociedade acha que é normal. Para nós, achamos que a homossexualidade também é normal. Eu me descobri como homossexual aos 14 anos, nos finais dos anos 60, e a partir de então sempre tive relacionamentos homossexuais. Passei também uma fase que experimentei um relacionamento heterossexual mais vi que não tinha nada a ver comigo. Quando os anos 70 chegaram, o que mudou: a maneira de vida com relação à homossexualidade. Os anos 70 foram os anos do amor livre e do sexo livre, do *american dream*. Do sonho americano, o sonho que não havia pecado embaixo do Equador. E, por aí a vida naquela época era bem mais tranquila que hoje. Não havia a violência que existe hoje e em contrapartida, foram os anos onde se iniciou o entretenimento e o divertimento. Na época chamava *gay*, mesmo. Não tinha GLS.<sup>70</sup>

Convocavam-se os homossexuais a tomarem uma posição diante dos acontecimentos que ocorriam naquele momento no país e no mundo. Para muitos, os próprios homossexuais contribuíam para a desarticulação de um possível movimento *gay* unificado ao reivindicarem para si uma separação radical do restante da sociedade, como se fossem auto-suficientes, como se fossem melhores, superiores aos heterossexuais. O efeito disso, é que estes homossexuais viveriam alienados dos processos políticos, sociais, econômicos e culturais do cotidiano, mergulhados numa vida fútil e sem projetos coletivos. Só pensando em si mesmos, e isolando-se do restante da sociedade, contribuiriam para criar abismos e reforçar os estigmas entre a hetero e a homossexualidade. Estes discursos indiciam não somente o que ocorria no restante do mundo, mas principalmente na capital pernambucana. Ou seja, os *gays* do Recife estavam a par dos processos de liberação sexual que ocorriam para além de sua cidade:

O momento exige uma tomada de posição. É inclusive ante-histórico [sic] ficar alheio a todas as modificações que estão acontecendo no país e no mundo. Aí eu me pergunto: e o *gay* onde fica nisso tudo? Será que vale a pena continuar se alienando a uma luta restrigente? O conceito de “*gay*” no Brasil e especialmente, no Nordeste é algo prosaico, inclusive para a própria população “*gay*” que se coloca à margem dos acontecimentos que não interferiram [sic] diretamente na vida. Note-se bem o indiretamente, pois na realidade qualquer acontecimento sócio-político-cultural seja este, liberador ou repressor atingirá também a camada homossexual.<sup>71</sup>

A prática da militância extrapolava o ato de assumir-se, “sair do armário” para a sociedade, exigia-se uma iniciativa crítica e incisiva de todos os homens homossexuais, agora responsáveis pela condução de suas próprias histórias de vida. Não bastava

---

<sup>70</sup> Entrevista feita com Jorge (Nome fictício a pedido do depoente), em 10/11/2009.

<sup>71</sup> Humberto Lelahel, *Cartas na mesa*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 06/10/1979, p. 04.

simplesmente assumir uma orientação sexual, frequentar boates, bares e saunas especializadas. Muito mais que isso,urgia uma tomada de posição política, assumir também responsabilidades coletivas, trilhar outros rumos principalmente por conta do momento político pelo qual passava o Brasil nessa época. Vivia-se um quadro ainda meio instável de abertura política, da volta dos exilados, e de uma vontade de liberdade de fala na imprensa. A sombra da censura ainda se fazia presente, criando ao mesmo tempo um forte desejo de liberação e um temor da repressão.

Na opinião de vários *gays*, poder usufruir determinados espaços a exemplo de saunas e das modernas discotecas era importante, mas não implicaria nenhuma utilidade prática para a sociedade. Sendo assim, o ideal parecia ser mesmo o acesso à educação e ao conhecimento. Em suma, fazia-se necessário um refinamento de si:

É comum [os *gays*] adotarem uma posição de privilegiados quando, no concreto, não se faz nada para sê-lo. Perde-se quase todo o tempo em bares, em boates, em papos fúteis, sem a preocupação de ocupar um lugar na história, sem a preocupação de ser útil à sociedade.

É penoso ver perderem-se pessoas hábeis e inteligentes, que com um pouco de esforço poderiam tornar-se artistas, médicos, professores, intelectuais e tantas coisas necessárias ao desenvolvimento sócio – cultural de uma comunidade.<sup>72</sup>

E prossegue:

Acabar com a discriminação só será plausível quando a própria população gay esquecer a lenda da auto-suficiência e começar a assumir um papel digno de qualquer pessoa.

É necessário que se deixe um pouco de lado o estrelismo e a pretensão infundada para começar a viver como gente comum. O papel de “senhorita” não cabe mais nem às próprias mulheres, que hoje tomam uma posição muito mais ativa do que os próprios “gays”.

Enfim, para ser “gay” livremente é preciso saber ser, antes de tudo, muito homem na vida.<sup>73</sup>

Havia uma crítica bastante contundente sobre aqueles que eram acusados de viverem o processo de liberação sexual apartados de uma postura política e crítica. Com um vocabulário marxista, falava-se até de alienação perante um “sistema” que a tudo e a

---

<sup>72</sup> Idem, ibidem.

<sup>73</sup> Idem, ibidem.

todos engoliria, correndo-se o risco de uma sociedade capitalista solapar as conquistas dos ativistas ao seduzir os *gays* para o universo da territorialização no consumo.<sup>74</sup> Estas conquistas, para alguns homossexuais, corriam o risco de serem ofuscadas pelas luzes inebriantes das discotecas, perdendo-se o sentido original da emergência *gay*. Mas nem todos estavam envolvidos diretamente no processo de reivindicação por uma sociedade menos homofóbica. No início, engajamento político era uma prática que se dava num meio mais elitizado e mais intelectualizado. Entretanto, os sujeitos de classe sociais menos abastadas poderiam até assimilar e reproduzir o modelo hegemônico do *gay*.

Para muitos *gays*, a futilidade e superficialidade deveriam ser coisas a serem superadas no comportamento homossexual para que se conseguisse construir e manter um grupo forte e coeso. Aqueles que só estavam interessados em fazer pegação, praticar sexo impessoal, não se envolvendo em nenhuma causa política em favor da “classe” eram denunciados pelos porta-vozes do movimento. Podemos dizer que aqueles que assumiam o modelo “clássico” e estereotipado de comportamento homossexual a exemplo da “bicha louca” continuaram a sofrer rechaço social, só que agora entre os próprios homossexuais:

A louca tradicional, simpática ou má, o amador de garotões, o especialista dos mictórios, todos esses tipos coloridos herdados do século XIX, apagam-se diante da modernidade tranqüilizadora do (jovem) homossexual (de 25 a 40 anos), de bigodes e com sua pastinha de executivo debaixo do braço, sem complexos nem afetações, frio e bem educado, publicitário ou balconista de lojas elegantes, inimigo dos excessos, respeitoso em relação ao poder, amante da cultura e de um liberalismo esclarecido.<sup>75</sup>

As lembranças de um dos nossos depoentes parecem confirmar a legitimação desta identidade “entendida”, discreta e moralmente aceita:

Ninguém era afeminado [...] e você... tinha muito essa coisa de rapazinhos. Eram todos rapazinhos com roupas sociais, sapatos sociais, cabelos cortados. Eram os chamados entendidos. Mas hoje não. Hoje tá muito mais liberado. Hoje você vê meninos de onze, doze, treze [anos] se travestir de peitinho e a família aceitando.<sup>76</sup>

---

<sup>74</sup> TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. São Paulo: Max Limonad, 1986, p. 233.

<sup>75</sup> HOCQUENGHEM, Guy. **A contestação homossexual**. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 123.

<sup>76</sup> Entrevista realizada com Odilex em 14/ 10/ 2009.



Ser *gay* era antes de tudo ser “assumido”, era uma identidade que deveria obrigatoriamente ser exposta para a sociedade. É como se a principal “verdade” desses indivíduos estivesse no seu sexo.<sup>77</sup> Todavia nestes discursos imperativos não se levava em conta as consequências que a exposição pública de uma sexualidade estigmatizada poderia acarretar. Sabe-se que dependendo do lugar social, da família, do meio profissional, entre outras variáveis, assumir uma identidade homossexual pode trazer pesados efeitos para aquele que “assume”. O ato de “tornar-se *gay*” não percorre sempre o mesmo caminho para todos aqueles que se sentem atraídos por outros homens, já que a “saída do armário” deve levar em consideração as distintas histórias de vida dos sujeitos. Pensamos que a permanência dentro do “armário” pode ser também um lugar de liberdade para muitos homossexuais, que por pressões externas mantêm uma vida dupla, encobrendo o seu segredo, mas conseguem maneiras de viver sua sexualidade sem maiores problemas, apesar de possíveis sobressaltos, do medo de alguém descobrir.

Mesmo sendo instado a dizer o seu segredo a partir dos exemplos de outros homossexuais, a receptividade do seu meio é que muitas vezes define a possibilidade e a maneira de confessar ou não a sua “verdade” sexual. Pois se por um lado o *coming out of the closet* ou “saída do armário” é um processo relativamente fácil para uns, para outros:

Por outro lado, o *coming out*, vivido, com frequência, como um salto no vazio pelos *gays* que decidem dar o passo, sempre foi precedido de hesitações, tergiversações, tentativas... São cartas escritas, mas não enviadas, recuos no último momento, embora se estivesse bem decidido a dizê-lo a um amigo, à mãe, ao irmão ou irmã... Pode durar meses, anos... Mas sempre há um dia, um instante, em que a enunciação acontece, por mais parcial, mais localizada que seja: a primeira vez que isso é dito a alguém, ou que isso cessa de lhe ser escondido. Essa enunciação pode tomar formas diferentes. Existem aqueles que dizem explicitamente: “Tenho que lhe dizer...”. Existem aqueles que se arrumam para deixar fora de lugar um livro ou um diário. Existem aqueles que apresentam o namorado.<sup>78</sup>

O *gay* deveria estar atento aos ditames da moda, ficar sempre por dentro do que acontecia nas pistas de *dancing* e nas lojas de roupa e sapato do Recife sob pena de se tornar alguém desterritorializado, por fora, alheio ao seu meio. A vaidade, o cuidado de

---

<sup>77</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 229.

<sup>78</sup> ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008, p. 135.

si, o asseio pessoal e a escolha dos ambientes para frequentar eram uma das principais características que diferenciava os *gays* mais bem “sucedidos”, de outros cujo poder aquisitivo não permitiria ter acesso a determinados bens. Essas clivagens econômicas e sociais eram determinantes no negócio da paquera e da pegação nos ambientes mais refinados, mais elitizados e, portanto, mais bem frequentados. Por isso a preocupação com a aparência pessoal era importantíssima para aqueles indivíduos interessados em impressionar os outros na hora do flerte:

Se é um adjetivo que eu posso dizer que *gay* é, é vaidoso. Isso sem sombra de dúvida. Todo sábado o *gay* que se prezasse teria que ter uma roupa nova. Ao menos uma camisa ou uma calça. Porque nós iríamos para um ambiente... e principalmente os que eram solteiros, que iriam à procura de paquera teriam que impressionar à primeira vista.<sup>79</sup>

Para além dos discursos para a confecção e legitimação da identidade *gay* os militantes impuseram uma dada imagem “virilizada” para o novo homossexual. Agora, para os homens que gostavam de homens a imagem feminilizada, desmunhecada, caricata e “risível” passou a ser substituída por uma mais máscula, e moralmente aceita. O depoimento abaixo é de um homossexual que ao perceber que o seu jeito efeminado o deixava à margem, mesmo entre os seus “pares”, passou a corrigir o seu comportamento, passou a ser mais discreto, calibrar a voz, ficar mais sério, e cortar relações com outros homossexuais. Em resumo, o que ele fez foi se livrar de todos os sinais que pudessem denunciar a sua identidade sexual:

Eu era realmente muito efeminado mesmo, notava que as pessoas me reparavam na rua, quando eu abria a boca era um desastre. Não tinha amigos e comecei a ver que eu só era motivo de chacota para os outros. Lá pelos meus 15 anos, eu comecei a ficar diferente, queria a qualquer custo me comportar como homem e foi isso que eu comecei a fazer. Foi uma etapa terrível da minha vida, parei de falar com as pessoas, não ria pra mais nada, ficava com o rosto sério o tempo todo, parei de ir aos almoços de família que tinha todo domingo na casa da minha avó. A única coisa que eu queria era ficar sozinho, eu tinha vergonha de mim mesmo. Já estava todo mundo ficando preocupado comigo, mas pelo menos uma coisa eu estava conseguindo: respeito... Ninguém mais zombava de mim porque eu era sempre sério. O tempo foi passando e eu notava que já tinha melhorado muito, mas a minha voz ainda sempre me denunciava. Acho que o fato de eu ter ficado sério me ajudou muito, pois nesse estado, eu ficava com os trejeitos muito

---

<sup>79</sup> Entrevista realizada com Roberto (Nome fictício a pedido do depoente), em 13/11/2010.

limitados. Daí pra frente, sempre que eu falava com as pessoas, tentava ao máximo calibrar a minha voz pra que ela ficasse grave – principalmente porque no meu trabalho eu tinha que atender muito o telefone e as pessoas sempre tinham dúvida se estavam falando com homem ou com mulher – e com o tempo, tudo isso passou a ficar mais fácil pra mim. Me policiava o tempo inteiro e já percebia claramente que eu tinha voz de homem e me comportava como homem.<sup>80</sup>

Este depoimento é um indicativo do desejo e da necessidade de muitos homossexuais terem que se adequar a um arquétipo mais discreto sob pena de sofrerem rechaço social. Inclusive, esta imagem é bem próxima dos estereótipos do “verdadeiro” macho. Vale salientar que a retórica empreendida nesse momento para a invenção do *gay* não se restringe somente às formações discursivas, as construções imagéticas também adquirem igual importância estratégica para a concepção do novo homossexual. Embora tenha sido difundido nos anos 70, o arquétipo do homossexual machão não era uma invenção tão recente. É por isso que a força sugestiva das representações deve ser levada em consideração ao se analisar a homossexualidade nesse período:

A força da imagem deve-se a esse fenômeno de atração e repulsão que ela desperta de modo quase instantâneo, mecânico. Um jogo sobre identidade e diferença, portanto uma manipulação daquilo que somos, queremos e podemos ser. É o segredo de seu poder retórico: ela influencia por sua força de sugestão, cria ou anula valores que são os nossos, ou aos quais nos opomos. Mas também consegue nos fazer agir, induzindo a conclusões, como comprar aquilo que nos querem vender, acreditar naquilo que querem nos induzir a pensar, e assim por diante.<sup>81</sup>

Além das produções discursivas dos militantes, as criações imagéticas do artista europeu Tom of Finland (1920-1991) ajudaram a reforçar e difundir o protótipo do novo homossexual na Europa e no restante do mundo. Esse artista finlandês começou a despontar na década de 1950, bem no estilo juventude transviada: Marlon Brando, James Dean, etc. Mas só na década de 1970 no ritmo do “*boom gay*”, as suas ilustrações encontraram um campo favorável de aceitação e reconhecimento, pois antes os seus desenhos, notadamente homoeróticos, eram vistos como uma arte “suja”.<sup>82</sup> Podemos

---

<sup>80</sup> MODESTO, Edith. **Vidas em arco-íris: Depoimentos sobre a homossexualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 92-93.

<sup>81</sup> MEYER, Michel. **A Retórica**. São Paulo: Ática, 2007, p.120.

<sup>82</sup> Fonte: <http://mariposos.wordpress.com/2008/06/22/tom-of-finland-2/> Acesso em 28/02/2011.

dizer que as suas figuras foram apropriadas pelos ativistas, difundidas pelos meios de comunicação e assimiladas pela sociedade mais ampla. Ou seja, assimiladas pelos homossexuais militantes ou não e pelos heterossexuais. Construindo, assim, determinadas subjetividades.

Os tipos que Tom of Finland desenhou e popularizou foram os mais diversos: marinheiros, *cowboys*, soldados, policiais, lenhadores, estivadores, pedreiros, operários, motoqueiros, etc. Ora exibicionistas, ora *voyeurs* quase todos são personagens corpulentos, espadaúdos, com feições másculas, lábios carnudos, sorrisos e olhos sedutores. O artista também primava pelo fetiche do couro. Além disso, no campo do erotismo, Tom of Finland gostava de salientar aquilo que parece ser um dos principais atrativos que um homossexual observa em outros homens: o tamanho do pênis. Talvez por isso as suas figuras quase sempre evidenciam homens com órgãos genitais extremamente avantajados à mostra ou insinuantes volumes por baixo da calça ou da cueca. Na perspectiva desse artista o sexo entre homens parece se desenrolar livre, sem culpa, numa época em que a camisinha já existia, mas não era quase usada, pois a AIDS ainda não tinha surgido e outras DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) não pareciam ser tão temidas. Vejamos algumas ilustrações de Tom of Finland:



Fig. 04. Dois homens num momento de paixão e romantismo. Fonte: [http://www.erotcartcollection.com/Tom\\_of\\_Finland/Tom\\_of\\_Finland\\_14.html](http://www.erotcartcollection.com/Tom_of_Finland/Tom_of_Finland_14.html) Acesso em 28/02/2011.

Seus desenhos em nada lembram o protótipo da “bicha louca”. Ou seja, do homossexual ostensivamente feminino, espalhafatoso e desmunhecado. Dentro do imaginário homossexual a produção de uma imagem hiper-viril tem também a função de atrair o interesse sexual de outros homossexuais, que a valorizam como ideal tanto erótico como social. Seria uma das maneiras de aumentar o capital erótico ao maximizar os atributos de masculinidade.



Fig.05. Motoqueiro excitado observa maliciosamente o volume da cueca do outro que se despe.  
Fonte:<<http://mypreview.files.wordpress.com/2008/01/y1paubobhosgk7bhtwej-jf7bgki6red8rdt4jafz1fs2o4mg97yl8rh55ambfqutnx.jpg>> Acesso em: 20/ 04/ 2010.

Mesmo sem a pretensão ou a intencionalidade de servir como arma política, os desenhos feitos por Tom of Finland foram apropriados pelos *gays* e assimilados a sua subcultura. Além disso, de certa forma estas imagens masculinas já faziam parte do imaginário dos homossexuais, pois os tipos másculos, fortes, viris, sensuais e tesos não eram objetos de desejo tão recentes assim. Haja vista já povoarem a imaginação de muitos homossexuais há tempos. Principalmente quando a questão eram homens fardados.



Fig. 06. Dois policiais fazendo sexo com um terceiro homem, num parque.  
Fonte: <[HTTP://bp.blogspot.com/ Wi2s\\_ypmvQI/R32BM\\_k8YBI/AAAAAAAAAEM/SxP2Ng1K5IE/s320/tomcop07.jpg](http://bp.blogspot.com/Wi2s_ypmvQI/R32BM_k8YBI/AAAAAAAAAEM/SxP2Ng1K5IE/s320/tomcop07.jpg)> Acesso em 20/ 04/ 2010.



Fig.07. Vê-se pelos volumes sob as calças, visivelmente excitados, um marinheiro e um motoqueiro trocando olhares indecentes num bar. Fonte: <<http://stalinsmoustache.files.wordpress.com/2010/01/tf01.jp>> Acesso em 20/ 04/ 2010.

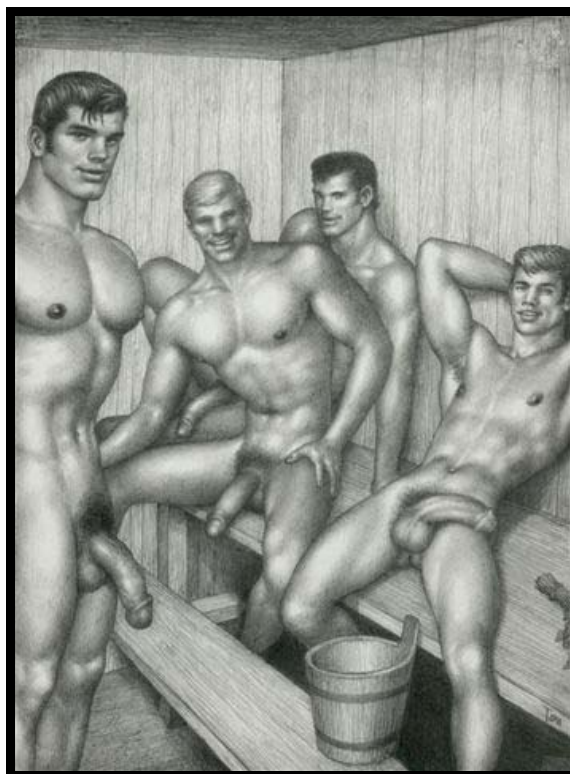


Fig. 08. Jovens excitados relaxando em uma sauna. Fonte: [http://1.bp.blogspot.com/\\_VpXvhoa-sts/SgdRPeCSsfI/AAAAAAAAA5o/uy3EhtFgtwg/s1600-h/xl\\_tom\\_of\\_finland\\_06.jpg](http://1.bp.blogspot.com/_VpXvhoa-sts/SgdRPeCSsfI/AAAAAAAAA5o/uy3EhtFgtwg/s1600-h/xl_tom_of_finland_06.jpg) Acesso em 28/02/2011.

Bastante exploradas por Tom of Finland, as fardas e toda a indumentária de marinheiros, policiais, bombeiros, seguranças e congêneres parece guardar algo relacionado às relações de poder à dominação do homem pelo próprio homem, num tipo de fetiche e jogo erótico que cria as situações mais inusitadas. Em sua biografia, o ex-marinheiro Flavio Alves, que serviu à Marinha Brasileira na década de 1980 confessa que lá, além de descobrir que sentia atração por outros homens descobriu também, na prática, o poder sexual que a sua farda possuía, ao ponto de atrair olhares lascivos onde quer que ele estivesse.

Em certo episódio, Flavio estava num botequim no bairro da Cinelândia no Rio de Janeiro, quando foi seguido até o banheiro por um homem que tinha conhecido há poucos minutos. Ao esbarrarem no mictório, o homem foi direto ao assunto propondo que os dois se encontrassem no fim daquela mesma tarde, naquele mesmo local e com uma condição: Flavio deveria ir fardado. O marinheiro não conhecia quase nada daquele desconhecido do botequim, pelas poucas palavras que trocaram só sabia que ele era casado, pai de dois filhos e tinha quarenta e cinco anos de idade. No fim da tarde, conforme combinado se encontraram e foram direto a um velho edifício comercial no mesmo bairro. O que se segue a isso nos dá noção do poder que determinadas fardas

exercem como capital erótico, haja vista que Flavio não deveria nem se despir, sob pena de perder o poder de sedução. Sobre a reação do homem, este se entregou ao encantamento da farda. E mais, com lubricidade:

O homem parou, de repente, entre o quinto e sexto andar. Colocou sua pasta de couro em um dos degraus, visivelmente para não sujar a calça do terno, e ajoelhou-se quase que de uma maneira humilhante. Ele parecia derrotado por uma força maior do que qualquer razão, mais autoritária que qualquer moral. Suas mãos percorriam o corpo de Flavio, sentindo cada centímetro de uniforme branco. O tecido era a pele que àquele toque, o fazia arfar e gemer como que possuído. Imóvel, Flavio apenas temia que alguém aparecesse e os surpreendesse em meio àquela bizarra cena. O homem esfregava seu rosto de encontro ao corpo de Flavio, beijando e lambendo a calça de marinheiro quando, num grunhido, atingiu o orgasmo. Com bastante zelo, limpou-se e, em seguida, transformou-se novamente em um chefe de família.<sup>83</sup>

Em nosso país, o padrão mais discreto e másculo de homossexual era chamado de entendido. Era a versão brasileira do *gay* norte-americano e o contraponto da *bicha*. Foi por isso que esta passou a ser desqualificada no seio do próprio movimento militante. A palavra entendido ou entendida poderia se referir tanto aos homossexuais, como também as pessoas que conviviam com eles. Ou ainda aos lugares frequentados pelos mesmos. Foi uma revolução radical nos códigos tradicionais de masculinidade.

Na classificação “tradicional” brasileira, homossexualidade era sinônimo de passividade que neste caso queria dizer penetração anal no coito sexual. Um dos pontos nevrálgicos da identidade homossexual residia justamente aí, pois quem “penetrava” ou “comia” tinha a sua macheza assegurada, continuava sendo homem de “verdade”, pois era o “ativo” da situação. Inclusive, nesse pensamento, muito mais do que no ato de um homem se relacionar com outro, o problema residiria no fato de um homem “dar a bunda” para outro.<sup>84</sup>

De acordo com o antropólogo Peter Fry, por volta da década de 1960 nas classes médias de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, esta classificação começou a se dismantelar. Pois surgiram identidades que contestavam a rigidez desses códigos. Estes

---

<sup>83</sup>ALVES, Flavio. **Toque de Silêncio**: uma história da homossexualidade na Marinha. São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 91-92.

<sup>84</sup>MATTA, Roberto da. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In CALDAS, Dario. (Org.) **Homens**. São Paulo: Editora SENAC, 1997, p. 42.



referenciais criticados faziam parte de um sistema que dividia o gênero masculino em homens de “verdade” e “bichas”.

Abaixo, temos reproduzidas duas tabelas. A tabela 01 se refere ao modelo “tradicional” ou hierárquico, enquanto a 02 se reporta ao modelo igualitário baseado na proposta do *gay* ou entendido brasileiro:<sup>85</sup>

TABELA 01- HOMENS E BICHAS

<i>Identidade</i>	<i>Homem</i>	<i>Bicha</i>
1. (sexo fisiológico)	macho	macho
2. (papel de gênero)	masculino	feminino
3. (comportamento sexual)	ativo	passivo
4. (orientação sexual)	heterossexual homossexual	e homossexual

TABELA 02- HOMENS E ENTENDIDOS

<i>Identidade</i>	<i>Homem</i>	<i>Entendido</i>
1. (sexo fisiológico)	macho	macho
2. (papel de gênero)	masculino	masculino/feminino
3. (comportamento sexual)	“ativo”	“ativo” / “passivo”
4. (orientação sexual)	heterossexual	homossexual

Tendo como base a tabela 02, os chamados homens de “verdade”, mesmo ao desempenharem no coito o papel de “ativos”, passaram a ser considerados entendidos também. Assim, independentemente da modalidade sexual praticada na relação sexual, qualquer homem que se excitasse por outro, mesmo sendo *gay*, não perderia a sua reserva de masculinidade. Assim, a partir dos anos 60, consolidando-se nos anos 70, houve a passagem de um modelo “hierárquico” para um simétrico ou igualitário. Fazer sexo e gostar de outros homens na classificação moderna deixou de ser sinônimo de feminilidade ou passividade. Muitos indivíduos mesmo se relacionando com outros homens, não se sentiam menos homens ou inferiorizados.

<sup>85</sup> Tabela adaptada de FRY, Peter, *op. cit.*, p. 91-93.

Deixar de ter uma imagem relacionada à passividade era uma estratégia necessária como um dos elementos para a invenção do *gay*. Até porque determinados adjetivos que estariam correlacionados à passividade sexual do homossexual eram altamente desqualificadores, como: fresco, *viado*, medroso, mole e submisso.<sup>86</sup> Isso não significa que o preconceito em relação à homossexualidade tenha diminuído para a sociedade mais ampla. O que aconteceu com a construção do modelo igualitário foi a ampliação das categorias de homens identificados como homossexuais, por que agora o “ativo” não teria mais a sua heterossexualidade assegurada.

A identidade *gay* foi o resultado de uma série de acontecimentos, inclusive, anteriores a década de 1970. Sendo os homossexuais indivíduos historicamente estigmatizados, buscaram-se alternativas para a diminuição do preconceito e da discriminação. Daí o sucesso, a aceitação e a assimilação do termo *gay* ou guei (no caso do Brasil). Na cidade do Recife, como vimos pela análise dos jornais e das entrevistas, o padrão do novo homossexual, aos poucos foi difundido e aceito. Entretanto, como veremos mais adiante aqueles sujeitos que não se adequavam a este modelo foram, por vezes, repelidos por não estarem em consonância com a proposta moderna do comportamento homossexual.

### **1.3 - Militância na imprensa oficial: O caso da seção *Mundo Guei* no jornal *Diário da Noite***

Numa época em que a *internet* nem existia, os aparelhos de televisão eram muito caros e as notícias transmitidas pelo rádio eram constantemente cerceadas, os jornais mesmo sob o cerco da censura eram um dos principais veículos de comunicação. Em relação à imprensa, o período que abarca as décadas de 1960 e 1970 destacou-se pela emergência dos jornais e tablóides ativistas escritos e destinados às denominadas “minorias”. Foi dessa maneira que homossexuais, mulheres, negros, operários, ecologistas e estudantes, por exemplo, quando não tinham espaço na imprensa “oficial”, nos jornais de grande circulação, se uniam para editar os seus próprios periódicos. Nesse campo, o segmento homossexual foi um dos mais engajados.

---

<sup>86</sup> MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981, p. 41.

Apesar da efervescência deste tipo de imprensa se concentrar no sudeste, não foi somente no eixo Rio – São Paulo que foram editadas publicações militantes direcionadas ao público *gay*. Na cidade do Recife houve durante um curto, mas significativo período, a publicação de uma seção direcionada especificamente para o emergente público *gay*. Era uma seção intitulada *Mundo Guei*. Inclusive, grande parte das fontes utilizadas no presente trabalho de dissertação foi retirada desta seção. Esta circulou no jornal Diário da Noite.

De acordo com nossas pesquisas, esse jornal pertencia ao mesmo grupo empresarial que geria o Jornal do Commercio, sendo que este circulava pela manhã enquanto o Diário da Noite era vespertino, saía no final da tarde. Vale salientar que este jornal durante a década de 1970 publicava notícias referentes à homossexualidade, tanto antes como depois da seção *Mundo Guei* existir. Podemos até nos perguntar de que maneira a circulação desta seção influenciou a sociedade pernambucana e mais especificamente os homossexuais? Ora, como explica Michel de Certeau, o leitor não é uma entidade passiva, que somente absorve aquilo que lê, o leitor faz “percursos através da página, metamorfoses e anamorfozes do texto pelo olho que viaja, vãos imaginários ou meditativos a partir de algumas palavras, transposições de espaços sobre as superfícies militarmente dispostas do escrito [...]”.<sup>87</sup> Dessa forma, pensamos que as notícias sobre a homossexualidade, de alguma maneira afetavam os leitores, interferiam em suas subjetividades, fabricavam sensibilidades e no caso dos homossexuais, haveria uma identificação direta com o que era escrito na *Mundo Guei*.

Ele não era um periódico igual aos outros. Determinadas características singularizavam o Diário da Noite em relação aos outros jornais comerciais do Recife: ele era mais barato, publicava matérias e fotos sensacionalistas sobre assassinatos e outros crimes, sua linguagem era bem simplificada, além da publicação de fotografias de mulheres nuas e seminuas. Entretanto, o que nos interessa aqui, é o período que compreende os meses de setembro de 1979 a março de 1980, quando a *Mundo Guei* circulava. Nela, também eram noticiadas as mais distintas notícias, que não tinham a ver diretamente com a homossexualidade, mas diziam respeito às reivindicações da denominadas “minorias”. Como por exemplo, o movimento feminista, estudantil, negro, ecológico e dos anistiados.

---

<sup>87</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: 1** - Artes de fazer. Petrópolis: Vozes 1994, p. 242.

Podemos dizer que esta seção foi porta-voz do emergente movimento *gay* na cidade do Recife num período de efervescência da denominada imprensa alternativa ou imprensa “nanica”, caracterizada, geralmente, pelo seu formato tablóide e pela oposição ao regime ditatorial.<sup>88</sup> De certa maneira, a *Mundo Guei* se inseria num contexto de revolução dos movimentos de liberação homossexual. Provavelmente se tivesse sido publicada em período anterior, sua circulação fosse censurada por acusação de ofender a “moral e os bons costumes” do povo pernambucano. Agora, nesse momento de abertura lenta e gradual rumo à redemocratização, solicitava-se aos indivíduos falarem de si, a confessar sem pejos as suas práticas e desejos sexuais. Parecia ser preciso visibilizar uma intimidade que não aguentava mais ser vivida na clandestinidade. Fazia parte de um projeto de futuro, o desejo de que determinadas práticas sexuais consideradas dissidentes não precisassem mais ser confessadas e discutidas à meia voz. Nessa empreitada, um jornal de circulação estadual como o Diário da Noite era o veículo ideal para propalar as novas “intenções” da homossexualidade para o maior número possível de pessoas.

Foi justamente a partir da segunda metade da década de 1970 que surgiram, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro dezenas de jornais ditos “alternativos”, quase sempre com pequenas tiragens e curta duração quanto ao período de circulação. Foi o caso do tablóide *Gente Gay* lançado no Rio de Janeiro em 1976, que embora ainda fosse datilografado, de certa forma artesanal, inovava, com ousadas imagens em fotocópia de homens, em nu frontal. Um ano depois, em 1977, foram lançados em São Paulo dois outros periódicos dirigidos ao público homossexual: o *Entender* e o *Mundo Gay: O Jornal dos Entendidos*. Ambos, já nos seus títulos, faziam referência à recente figura do *gay* ou entendido. Esses dois jornais apresentavam basicamente roteiros de bares e outros pontos de concentração e sociabilidade entre homossexuais.<sup>89</sup>

Porém, estas publicações, em geral, não duravam muito, pois já após os primeiros números, elas saíam de circulação. O brasileiro James Green aponta vários fatores que fizeram com que a maioria desses periódicos expirasse antes de completar um ano de circulação. Segundo ele, faltavam habilidades jornalísticas e administrativas por

---

<sup>88</sup> Sobre esse tipo de imprensa ver SANTOS, Ana Maria Barros dos. A Imprensa Alternativa e a Nova Imagem do Feminismo no Brasil. In *Gênero & História: cadernos de História*. Ano 2, n°2, set. 2004. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. CFCH/ Departamento de História. Grupo de Estudo Gênero & História: Ed. Universitária da UFPE, 2004, p. 140.

<sup>89</sup> GREEN, James Naylor, *op. cit.*, p. 421-423.

parte dos editores para manterem a circulação dos jornais até a entrada dos lucros e, sendo essas publicações focadas num grupo específico e relativamente pequeno, não conseguiam vender muitos exemplares, ficando restritos, por vezes, a pequenos círculos de amigos.<sup>90</sup>

Mas, em abril de 1978, teve início a circulação do *Lampião da Esquina*, provavelmente o periódico alternativo dirigido ao público *gay* que ganhou maior visibilidade no meio homossexual do período e, até hoje, é referência deste tipo de publicação no Brasil. Ele era conduzido por nomes de destaque como o escritor Aguinaldo Silva, o antropólogo Peter Fry, o cineasta Jean-Claude Bernardet, o pintor Darcy Penteado e os ativistas João Silvério Trevisan e João Antônio Mascarenhas. O tablóide começou a circular com uma tiragem considerável de dez mil exemplares onde se publicavam notícias e fatos referentes à homossexualidade no Brasil e no exterior, e era vendido em bancas de revistas de todo o Brasil.<sup>91</sup>



Fig. 09. *Lampião da Esquina*, ano 02, nº 14, Rio de Janeiro, julho de 1979. Fonte: arquivo pessoal.

Além dos editores já citados, o *Lampião da Esquina* contou com a colaboração de aproximadamente doze mil homossexuais de todo o Brasil até o lançamento de seu último número (37) em junho de 1981.<sup>92</sup> Os homossexuais do Recife também tinham

<sup>90</sup> Idem, *ibidem*, p. 423-424.

<sup>91</sup> Idem, p. 430-431.

<sup>92</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de, CEBALLOS, Rodrigo, *op. cit.*, p. 130.

contato com este jornal, pois ele era vendido em alguns pontos da cidade como a livraria Livro Sete localizada na Rua Sete de Setembro e numa banca de revistas da Avenida Guararapes.<sup>93</sup>

A edição do *Lampião da Esquina* e de outros periódicos do mesmo gênero foi possível graças à organização e reivindicação de grupos contra a ditadura militar e a favor dos direitos de *gays*, lésbicas, mulheres, negros, estudantes, etc. Havia nesse período, uma vontade de mudança responsável por arregimentar determinados segmentos sociais em torno de questões específicas como mostra a diversidade de assuntos e periódicos alternativos a exemplo do *Brasil Mulher* e *Nós Mulheres* do movimento feminista e o *Tiçã* do movimento negro.<sup>94</sup> Não era fácil se desvencilhar do cerco ditatorial, as informações que circulavam eram policiadas o tempo todo pelos censores. O *Lampião da Esquina*, mesmo, já a partir do seu número zero teve os seus editores ameaçados e perseguidos pela ditadura, acusados de atentarem contra o pudor, desobedecendo, assim, a denominada Lei de Imprensa.<sup>95</sup>

Voltando ao nosso caso, foi nesse contexto que o Diário da Noite publicou quase ininterruptamente todos os sábados, a seção *Mundo Guei*, entre os meses de setembro de 1979 e março de 1980. O conteúdo era diversificado, publicavam-se informações sobre conquistas jurídicas de homossexuais do exterior, endereços de grupos militantes de vários estados do Brasil. Havia ainda espaço para os leitores mandarem poemas, histórias de vida, contos, sugestões de bares, cinemas, boates e lugares públicos do Recife frequentados por homossexuais.

Como estratégia para enganar a censura e não correr o risco de terem as suas matérias censuradas ou até o jornal proibido de circular, os jornalistas do Diário da Noite utilizavam o deboche e a ironia como uma ferramenta discursiva. Dessa forma eles poderiam sensibilizar o público sem correrem o risco de ser alvo da ditadura. E quanto à seção *Mundo Guei*, o regime político da época não parecia vê-la como uma ameaça, era só coisa de homossexual querendo ter voz, nada que abalasse tanto a

---

<sup>93</sup> Informação obtida em entrevista realizada com Jorge (Nome fictício a pedido do depoente) em 10/11/2009.

<sup>94</sup> HABERT, Nadine. **A década de 70: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Editora Ática, 1996, p. 38-39.

<sup>95</sup> TREVISAN, João Silvério. O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino. In CALDAS, Dario. (Org.) **Homens**. São Paulo: Editora SENAC, 1997, p, 77.

situação dos ditadores. Sem contar que os jornalistas já sabiam mais ou menos o que poderiam ou não escrever. Por isso, ao ser questionada se houve algum tipo de repressão quanto ao que era escrito, uma das colaboradoras desta seção nos disse:

Não. Que eu me lembre, não. Mesmo porque a gente trabalhava muito mais nessa área de comportamento e sempre que se queria fazer alguma crítica, alguma coisa, a linguagem que a gente usava não era muito explícita. Era uma coisa mais... Porque claro, se você... Se a gente for analisar... as peças, mesmo, que o Vivencial apresentou sempre tinha um cunho... eram debochadas, tal... mas sempre por detrás tinha algum protesto, alguma coisa. Mas era... Parecia ser uma coisa tão maluca... Tão de *gays*, não era aquela coisa séria, então muita coisa passava. Era mais fácil você passar pelo deboche do que fazer alguma coisa mais séria, entendeu? E eu não me lembro, lá, se a gente... Eu acho que a gente conseguia... Tinha coisa que não se podia falar, não se podia. Teve época que a gente não podia falar em Dom Hélder, mas não sei exatamente o período... não me lembro de ter coisas que foi feito e foi censurado. Não. A gente já sabia mais ou menos como devia pra botar e o que podia botar.<sup>96</sup>

A seção *Mundo Guei* era o complemento de um encarte chamado *Jornal do sábado*, onde, além das notícias sobre o “mundo *gay*”, lemos manchetes sobre assassinatos, futebol, fofocas sobre artistas, economia, política e amenidades do cotidiano. Pelo seu preço ser abaixo em relação aos outros jornais e pela sua linguagem e abordagem sensacionalista, provavelmente o Diário da Noite tinha um público considerável. Sobre isso, em depoimento, a jornalista Ana Farache que trabalhou no Diário da Noite nesta época, comentou:

Olhe, o Diário da Noite era um jornal muito popular. Ele vendia... Tinha uma boa entrada, assim... um público bem diverso. Como na época que a gente foi pra lá, realmente era um grupo de jornalistas, tinham nomes, pessoas que já eram bem conceituadas enquanto intelectuais e jornalistas. Ele tanto circulava no povão, porque ele era bem popular, mesmo, na linguagem; como também circulava na área das pessoas mais intelectualizadas, o pessoal que fazia a cultura da cidade. Ele era um motivo de discussão, de debate. A gente não tinha dificuldade de chamar as pessoas para dar entrevistas e tal, porque ele ficou um jornal meio alternativo. Era pro povão, mas tratava de assuntos que interessavam assim, pra uma fatia mais intelectualizada, mais o pessoal que fazia arte, os escritores, as cabeças pensantes da época.<sup>97</sup>

---

<sup>96</sup> Entrevista realizada com Ana Farache, em 17/11/2010.

<sup>97</sup> Idem.

**TEM LISTÃO DA COHAB**  
 Na página 12. E a tabela com o local de entrega dos novos carnês dos mutuários está na pág. 2 - ECONOMIA POPULAR

**COMERCIÁRIO MORTO.**  
**7 TIROS NO CORPO!**

Foi atacado por dois inimigos. Tiros na cabeça, abdômen, braço e nas pernas. Morreu quando era operado. Página 8. BARRA PESADA.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL

**Cr\$ 5,00**

**Diário da Noite**  
 ANO 34 - Nº 337 - RECIFE - SÁBADO, 12/1/1980

**Compesa massacra Jardim Paulista**  
 BOCA DO POVO - Página 4

**AGNALDO TIMÓTEO CONTA A SUA VIDA**  
 TELEVISÃO - PÁG. 16

**Portuários  
 Oleiros  
 Comerciários  
 Garçons**  
 As Categorias na página 3 - TRABALHO

**JORNAL DO SÁBADO**  
 Um guia de idéias, serviço e diversão

**Futebol de Várzea  
 Clubes de Bairro  
 Mundo Guei - Damas  
 Carnaval  
 Erotismo  
 Galismo  
 e muito mais**



**PIS/Pasep ainda paga abono e rendimentos**  
 Muita gente ainda não foi buscar o dinheiro do PIS/Pasep. Saiba como pegar nessa grana ainda lendo na pág. 4.

Fig. 10. Capa do jornal Diário da Noite, num sábado, quando saía a seção *Mundo Guei*. Fonte: **Diário da Noite**, Recife, sábado, 12/01/1980.

Vale salientar que talvez como uma maneira de “abrasileirar” a identidade *gay*, o título da seção ao invés de ser escrito em inglês foi rebatizado e adequado às terras tupiniquins. O título “*Mundo Guei*”, parece ter a intenção de dizer que estes sujeitos



viveriam em um mundo à parte, uma subcultura que neste momento se daria a conhecer, ganharia visibilidade, inclusive, para as pessoas que não eram ou não faziam parte do meio homossexual. E de fato, quando a figura do *gay* aparece, ela é percebida como uma identidade alienígena, exótica.

Outra peculiaridade foi à escolha da imagem adotada para ser o símbolo da seção: uma borboleta. Metaforicamente representando os sujeitos que deveriam sair de seus “casulos” e viverem suas vidas com liberdade, sem as amarras do preconceito. A adoção da borboleta para representar a identidade *gay* também é significativa, porque ela veio substituir o lugar de outro animal, o veado, que na linguagem popular quando se refere aos homossexuais é pronunciado como *viado*. Ser *viado* carregava um estigma muito forte. É inclusive, até hoje, um xingamento, um termo comumente utilizado para desqualificar outro homem e para se referir aos homossexuais, em geral.<sup>98</sup>

A borboleta adquiriu, assim, um poder simbólico de reflexão sobre o que era ser homossexual, interferindo positivamente na auto-estima desses sujeitos, colaborando para construir uma nova visibilidade e dizibilidade. Até porque a borboleta é uma criatura colorida, que sai à luz do dia e com suas asas simboliza liberdade. Além disso, tal e qual os homossexuais quando “enrustidos”, as borboletas (quando lagartas) passam por uma fase em que não possuem a possibilidade de “voar”. Daí a comparação da “saída do armário”, com a saída de um casulo:

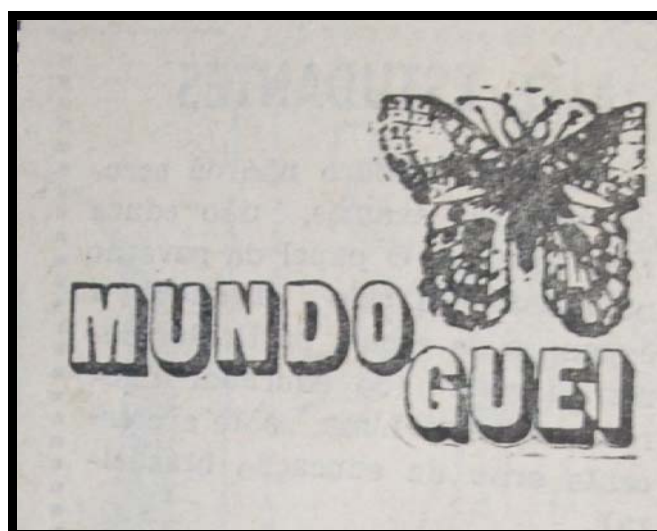


Fig. 11. Símbolo da seção *Mundo Guei*. Fonte: **Diário da Noite**, Recife, sábado, 08/03/1980, p.5.

<sup>98</sup> É interessante que tanto o veado como a borboleta fazem parte do popular Jogo do Bicho. Inclusive o número 24 que se refere ao veado, na cultura brasileira também é sinônimo de homossexual. Já o número 04 se refere à borboleta.

A simbologia da borboleta não foi empregada somente para revisar o conceito de homossexualidade. Esporadicamente o Diário da Noite publicava uma coluna chamada *Vida Sexual* que também saía no encarte do *Jornal do sábado*. Falava-se de prazer sexual masculino e feminino, afetividade, masturbação, métodos contraceptivos, doenças infecciosas dos órgãos genitais, virgindade, liberação sexual, etc. Já que o objetivo era tirar dúvidas, dar conselhos e veicular notícias sobre tudo o que poderia se relacionar à sexualidade humana, havia um discurso de liberação onde a figura da borboleta era metaforicamente representada. Eram tempos de se soltar das amarras, tempos em que o cuidado de si falava mais alto do que qualquer tipo de pudor ou medo. Em suma, era preciso alçar vãos, ser “descolado” como falava uma gíria da época:

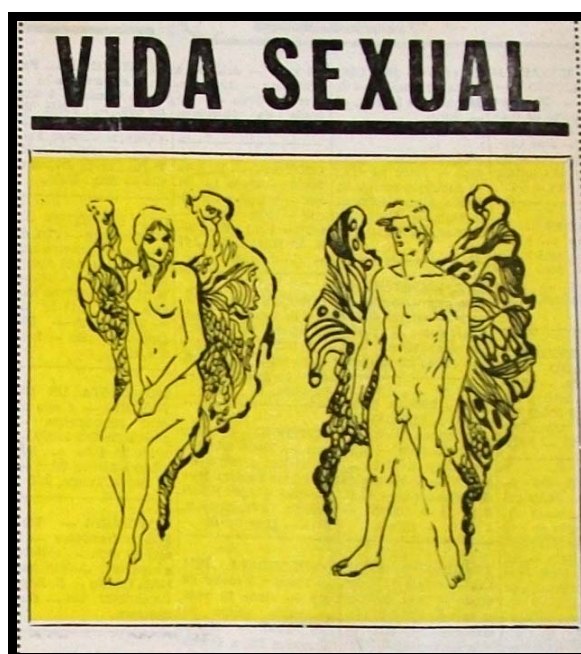


Fig. 12. Símbolo da coluna *Vida Sexual*. Fonte: **Diário da Noite**, Recife, sábado, 23/ 02/ 1980, p.16.

O jornal Diário da Noite, tanto com a seção *Mundo Guei*, como com a seção *Vida Sexual*, estava em consonância com os anseios da modernidade no que se refere à sexualidade. E nesse sentido as décadas de 1960 e 1970 são bastante emblemáticas por serem marcadas por um discurso de “revolução” e “liberação”. A modernidade pôs a sexualidade no centro da vida dos indivíduos, ao ponto de somente nos sentirmos felizes se estivermos “realizados” afetiva e sexualmente. Há um discurso imperativo que incita os sujeitos a procurarem estar bem com os seus desejos e práticas. Não é à toa que a figura do sexólogo, desde os fins do século XIX, ganhou notoriedade por ser uma “autoridade” que ensina com propriedade os modos de viver bem com os prazeres da sexualidade. Há toda uma pedagogia em torno desse tema, direcionando, orientando e

contornando possíveis desvios que possam tornar os indivíduos infelizes com as suas emoções:

Com a emergência da modernidade, a emoção torna-se de muitas maneiras uma questão de política de vida. No reino da sexualidade, a emoção como um meio de comunicação, e também de compromisso e de cooperação com os outros, é especialmente importante. O modelo do amor confluyente sugere uma estrutura ética para a promoção de emoção não-destrutiva na conduta do indivíduo e da vida comunitária. Proporciona a possibilidade de uma revitalização do erótico – não como uma habilidade especial das mulheres impuras, mas como uma qualidade genérica da sexualidade nas relações sociais formadas pela mutualidade, ao invés do poder desigual. O erotismo é o cultivo do sentimento, expresso pela sensação corporal, em um contexto comunicativo; uma arte de dar e receber prazer.<sup>99</sup>

Apesar de ser uma seção direcionada para os homossexuais, entre os editores também havia pessoas de orientação heterossexual a exemplo da jornalista e fotógrafa Ana Farache que trabalhou na *Mundo Guei* exercendo as funções de redatora e fotógrafa. As informações para as matérias eram, em grande medida, adquiridas através de uma rede de contatos dos indivíduos inseridos no meio homossexual do Recife. Um dos fatores que dá importância a esta seção, é o fato dela fazer parte de um jornal de circulação ampla, que abarcava todo o tipo de público e de qualquer idade. Porque o Diário da Noite, justamente por ser um periódico popular era lido por diversos segmentos da capital pernambucana, da região metropolitana e do interior. Sendo assim, um grande público de distintas idades e classes sociais passou a ter conhecimento da emergência de um segmento que antes quase não tinha espaço na imprensa. É dessa forma que, hoje, Ana Farache recorda a sua participação e a proposta da *Mundo Guei*:

No Diário da Noite, eu fui como repórter. Eu trabalhava como repórter. Eu não me lembro o período. Foi um período curto que eu passei lá. Mas eu trabalhava com algumas colunas. Nessa parte de serviço, diversão. A gente abriu essa coluna que era voltada pro mundo *gay*. Na verdade pras minorias, que não seriam minorias, mas eu recebia muito convite, cartas, a gente estimulava as pessoas a escreverem pra coluna, mandar notícias porque realmente tinha assim muita... A gente dava muito serviço, o que tava acontecendo, shows, encontros... Não só pro mundo *gay*, mas também essa parte tinha muita gente de religiões, umbanda, tal... A gente era aberto pra essa parte toda. Eu, como morava em Olinda já nessa época, que eu morei em Olinda desde 76 mais ou menos, eu morei lá até 90. Naquela parte de Olinda antiga. Então eu conhecia

---

<sup>99</sup> GIDDENS, Anthony, *op. cit.*, p. 220.

todo o pessoal [...]. Então eu já circulava bem com esse pessoal. E todos me conheciam e não era difícil de conseguir informações. Sempre iam lá... Porque não era comum se ter esse espaço pra se divulgar as coisas assim, voltadas pra esse mundo. E a gente abria mesmo. Era um espaço que eles poderiam botar o que tava acontecendo... Sem preconceito. Inclusive tem um número que eu lhe falei que era bom que a gente conseguisse levantar que foi uma edição especial, que a gente sempre fazia edições especiais. Vamos dizer: uma sobre aborto... Assuntos polêmicos e comportamento. E a gente fez uma que era só sobre homossexualismo. E nesse caso eu não me lembro se foi só voltado pra mulher, quer dizer, homossexualismo feminino. Porque a foto, inclusive, eram duas meninas de mãos dadas. Então um jornal muito aberto, a gente colocava sem preconceito, sem... Nem sem eu achar que tava fazendo alguma coisa do outro mundo. Fazia muito naturalmente. Mesmo porque era o pessoal todo amigo, muitos eram amigos da gente.<sup>100</sup>

Além de artigos, ensaios, cartas e poemas, por meio de pequenas notas informativas, os leitores ficavam sabendo de eventos que tinham ocorrido ou ainda iriam ocorrer no Brasil e até fora do país. Eram notícias que provavelmente eram traduzidas de revistas e jornais do exterior ou eram obtidas por meio de contatos que viviam nesses lugares:

Os “gays” dinamarqueses estão de parabéns. O sindicato local dos correios foi o primeiro a exigir que os contratos coletivos de trabalho proibam toda diferença com os demais trabalhadores, segundo informa o boletim de pedagogia social “Lfs NyT.”<sup>101</sup>

A *Mundo Guei* também funcionava como um veículo de prestação de serviços em que os leitores agiam como agentes fomentadores das informações veiculadas. Os leitores eram convidados a participar diretamente na legitimação de sua “classe”. Da mesma forma que eram oferecidas redes de apoio e solidariedade necessárias neste momento de liberação homossexual. Parecia ser preciso que houvesse um direcionamento, uma condução das vidas dos indivíduos que assumiam ou aspiravam assumir os seus desejos homossexuais. Apoiando-os, inclusive, para a solução dos seus “grilos”:

Escreva para este jornal solicitando esclarecimentos sobre o tema que desenvolvemos nesta coluna. Mande-nos críticas, opiniões e sugestões para esta coluna que também é sua. Está em fase de montagem um departamento de consultas, onde o guei encontrará

---

<sup>100</sup> Entrevista realizada com Ana Farache, em 17/11/2010.

<sup>101</sup> *Pelo mundo. Diário da Noite*, Recife, sábado, 08/03/1980/p.05.

apoio e solução para seus grilos. Também pretendem fazer um noticiário semanal das atividades gueis no Recife, bem como acontecimentos sociais interessantes à nossa querida, honrada e assumida classe guei.<sup>102</sup>

Os grupos gueis já começaram a se organizar por todo o Brasil. Eis os endereços de alguns para seu conhecimento e troca de correspondência.

[A saber]

- Somos – RJ, Somos – SP, AUÊ – Rio, Beijo Livre – Brasília → Distrito Federal, Eros-SP, Facção lésbico-feminista – SP, Libertos – SP, Grupo de afirmação Guei – RJ.<sup>103</sup>

A seção *Mundo Guei*, também tratava sobre questões relacionadas com a afetividade. Procurava-se, dessa forma, desconstruir as imagens dos homossexuais como sujeitos interessados apenas em relações sexuais promíscuas e desprovidas de qualquer afeto e romantismo. Por isso, a seção abria um espaço para os leitores enviarem poemas, mensagens e contos sobre os amores e o romantismo entre homens. Abaixo temos um trecho de um poema que pode exemplificar a proposta de mostrar a possibilidade e a existência do amor de um homem por outro:

*SALMO*

Ergue-me com tua  
alavanca plena de  
desejos  
para que eu penetre  
em tua boca  
o meu sonho férreo,  
fruto inflamado de  
sorriso e cócegas,  
cuja base é o antanho  
do tecido da lagarta

---

<sup>102</sup> João José da Silva, *Caro leitor*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 10/11/1979, p.06

<sup>103</sup> *Grupos gueis*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 09/ 02/ 1980, p. 06.

.....  
Deixa-me gerar  
Em tua língua  
A fonte de energia  
Da nossa delícia  
Envolta pela pétala  
Do teu rosto ávido manso  
No veludo das minhas coxas.

.....  
Sigo pousando  
Suavemente  
a armadura  
molhada no meu lombo  
na doce plumagem  
do teu ventre  
enquanto as nossas mãos,  
entrelaçadas pela busca  
da mais violenta tensão,  
persegue o amor  
em seus átimos abissais  
[...]<sup>104</sup>

Outro exemplo do tratamento que se dava à afetividade foi o conto *Os homens que nunca beijam*. Neste conto, temos um enredo envolvendo dois personagens centrais: um *michê* ou garoto de programa (o narrador) e o adolescente que o encontra na Rua Marquês do Herval, no centro do Recife. Enquanto o *michê*, inicialmente procura evitar

---

<sup>104</sup> Pier Paranoise, *Salmo*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 01/03/1980, p.05.

qualquer demonstração de afetividade e mantém uma relação estritamente comercial com a negociação dos seus serviços sexuais, o rapaz vê no *michê* a imagem de um possível amante. Vejamos um extrato do conto que transcrevemos abaixo:

- Olha garoto se você está querendo alguma coisa comigo, fique sabendo que eu não sou grátis, não. O negócio aqui é feito uma guerra. Não adianta fingir de inocente, porque aqui é assim: gozou, pagou. Vislumbrei temor e sorriso em seu olhar, mais logo ele se recobrou do encantamento e resolveu falar de vez, sem meias palavras, pondo em meus olhos seus lindos olhos grandes:

- Moço, eu só queria um beijo. De boca. Unzinho. Nada mais. Nunca beijei um homem. Gostaria de que a primeira vez fosse com um homem belo como o senhor.<sup>105</sup>

O *michê* ficou surpreso quando descobriu que a única coisa que o rapaz desejava era um beijo para a assunção de sua homossexualidade. Ele não tinha dinheiro suficiente para pagar por serviços sexuais. Mas a profissão do *michê* exigia a negociação pecuniária para que qualquer contato mais íntimo fosse concretizado. Todavia, como trata Néstor Perlongher, em nossa cultura, o amor romântico é pensado e vivido como uma troca desprendida de valor pecuniário, sendo uma relação mais afetiva entre um *michê* e um cliente em geral permeada por conflitos. Principalmente devido à presença de dois estigmas: a homossexualidade e o sexo pago.<sup>106</sup>

Ao desejar o beijo do profissional do sexo para assumir a sua homossexualidade, o adolescente parecia querer “sair do armário”, ou seja, pretendia afirmar a homossexualidade no plano social para o exterior e, também interiormente, uma identidade *gay* deveria ser internalizada e vivida sem culpas.<sup>107</sup> Em outras palavras, as particularidades do *gay* nessa fase de construção, tentavam superar o estranhamento que causava o amor, a paixão e o sexo entre homens a partir da propagação de discursos e imagens de homossexuais que poderiam amar igualmente os heterossexuais.

---

<sup>105</sup> *Os homens que nunca beijam. Diário da Noite*, Recife, quinta-feira, 09/10/1980, p. 07.

<sup>106</sup> PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora brasiliense, 1987, p. 244.

<sup>107</sup> POLLAK, Michael, *op. cit.*, p. 71-72.



Fig. 13. Ilustração do conto *Os homens que nunca beijam*. Fonte: **Diário da Noite**, Recife, sábado, 09/02/1980, p.07.

Em suma, os porta-vozes do novo homossexual, nesse período, parecem querer dizer que os *gays*, da mesma forma que muitos heterossexuais, também buscavam uma parceria amorosa. E o tom passional desse conto sugere isso:

Agarrou meu pescoço com as mãos frias, amassando com elas o meu cigarro. Sua boca vermelha buscava a minha e a sua língua procurava a minha língua, em ânsia contínua. Eu evitava-o, afastando-o com as mãos, precisava fingir que não estava gostando, que só estava ali pelo dinheiro, sem me aperceber que a grana era algo que poderia me desviar da censura do mundo. Derrubou-me na calçada, ferindo-me os cotovelos e, colado ao meu corpo, com um pé na sarjeta, abocanhou-me o queixo e mordeu levemente a minha boca.

Pouco a pouco, o beijo foi suavizando, nossas bocas foram amaciando, acostumando-se sem descolá-las, de leve: recostamo-nos no “Muro das Lamentações” e saboreei aquele beijo como uma transa acrobática, em câmara lenta.

Neste exato instante, pude compreender que um beijo era uma coisa que tinha significado meu deus! E eu nunca havia dado um antes na minha vida. Unzinho.



A aurora trazia os primeiros transeuntes. Ela vinha dessa vez, com um ar de quem iria ficar para sempre.<sup>108</sup>

A relutância do *michê* em beijar o rapaz gratuitamente diz respeito ao temor do rechaço social caso o fizesse sem o álibi do dinheiro. Como ele mesmo disse, a negociação pecuniária o “desviaria da censura do mundo”, com isso a sua heterossexualidade estaria relativamente “garantida” aos olhos da sociedade. É interessante perceber que o surgimento do *gay*, nesse período, parece abalar o lugar ocupado pelos *michês*. Estes, apesar de suas relações com outros homens, culturalmente seriam os “ativos”, os que “comiam”, que “penetravam a bicha”, o “passivo” da situação. Nesta classificação o cliente era sempre o sujeitado, não se cogitava que aquele que vendia os seus serviços sexuais pudesse sentir prazer com outro homem se não fosse sob pagamento. É como se o que excitasse os garotos de programa fosse o dinheiro e não a imagem de outro macho. O conto sugere uma mudança nessa posição hierárquica porque o *michê* ficou com o rapaz de graça, sem o subterfúgio do dinheiro.

Mesmo assim, ele não seria mais o mesmo, pois se antes ele nunca havia beijado outro homem na boca, fazendo somente sexo com eles sob pagamento; agora esse primeiro beijo despertara nele sensações novas. Ele parece ter se apaixonado pelo adolescente. Porém, este só queria um beijo, nada mais. Sendo assim, quando conseguiu o que queria:

Ele, muito sorridente, tomou o seu caminho.

Sobraria em minha boca algo da eletricidade da vida, que há pouco fora ligada?

Como reencontrá-lo para dizer que fui o mais feliz dos homens naquela noite, que esqueci completamente, naquela hora, o dinheiro que ele haveria de me pagar? Ah, se eu ao menos soubesse escrever, perpetuaria aquele instante, para poder lê-lo sempre e restituir a certeza de que sei o que é o amor. Mas... ele queria apenas um beijo.<sup>109</sup>

Os leitores da seção *Mundo Guei* puderam manter-se informados sobre iniciativas de grupos militantes fora do país. As reivindicações de homossexuais europeus contra a discriminação, por exemplo, tiveram destaque no jornal que enfatizou a importância da *Arcadie* (Associação composta por homossexuais, atuantes desde o

---

<sup>108</sup> *Os homens que nunca beijam. Diário da Noite*, Recife, sábado, 09/02/1980, p. 07.

<sup>109</sup> Idem, ibidem.

começo dos anos 60).<sup>110</sup> Provavelmente, este tipo de notícia estimulou a iniciativa de muitos sujeitos dispostos a contestar os preconceitos sofridos por suas práticas no Recife:

Paris - Os homossexuais europeus lutam decididamente ante organismos internacionais para conseguir que sejam considerados como minorias cujos direitos devem ser respeitados.

Para eles trata-se de evitar que ser homófilo transforme-se em pretextos para ações repressivas que possam envolver “crimes” políticos.

A França é possivelmente o país da Europa Ocidental onde o problema é acompanhado mais de perto através de uma associação “A Arcadie” que completou 25 anos de existência e é considerada em todos os círculos do país como extremamente séria.

Graças em grande parte a sua ação os homossexuais que até há alguns anos eram tratados com menosprezo apelam hoje a instâncias internacionais, como vítimas do sectarismo de sociedades que apesar de serem liberais não entendem este problema apresentado por um setor da população.

Embora em praticamente todo o Oeste da Europa a homossexualidade deixou de ser crime, desde que os interessados estejam de acordo ainda restam resquícios do passado.<sup>111</sup>

Com um tempo, a seção *Mundo Guei* começou a fazer tanto sucesso que o espaço concedido pelo Diário da Noite não dava mais conta. Os redatores pediam paciência aos leitores, missivistas e articulistas para esperarem, pois aos poucos todos seriam atendidos, as cartas e artigos seriam publicados. Isso pode ser um indício da demanda e ao mesmo tempo, do pouco espaço que os homossexuais de Pernambuco tinham na imprensa.

Recado: Atenção Márcio Rodrigues, recebemos sua carta e vamos publicá-la na próxima semana. Alô Pier Paranoise, sua poesia “Salmos” também será publicada no próximo sábado. Estamos recebendo muita correspondência do mundo guei recifense e o espaço é pouco. Tenha paciência que tudo será publicado.<sup>112</sup>

Através da *Mundo Guei*, os leitores conferiam os roteiros dos lugares mais badalados e os menos recomendáveis para a paquera e a pegação. Como a seção era

---

<sup>110</sup> *A luta pelo mundo. Diário da Noite*, Recife, sábado, 09/02/1980, p. 06.

<sup>111</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>112</sup> *Recado. Diário da Noite*, Recife, sábado, 26/01/1980, p. 06.

direcionada basicamente aos *gays*, aqueles que gostavam de frequentar determinados espaços como banheiros públicos, praças e becos eram desqualificados e criticados. Enquanto as boates e alguns bares eram aprovados e recomendados.<sup>113</sup> Foi o caso da badalada *Boate Studio 66*, cujo dono, Homero, teria entrado em contato com o famoso cantor, compositor e ator carioca Jards Macalé para que ele fizesse um *show* nessa boate. Homero também era dono da *Mistey* que iria fechar suas portas para uma reforma, pois o espaço já não dava mais conta pelo aumento na demanda de clientes:

O companheiro Homero nos dá uma informação que terá, naturalmente, grande repercussão no mundo guei recifense: trata-se de um convite feito ao cantor Macalé para uma apresentação na Boite Stúdio 66. Segundo Homero, o convite foi formalizado, entretanto Macalé ainda não se definiu, tendo em vista os muitos compromissos assumidos no eixo Rio – São Paulo.

A discoteque *Mistey* – vai fechar suas portas. Motivo: reformas. Só reabre nos próximos meses. Enquanto isso, as duas *boites* do Novo Recife continuaram neste final de semana.<sup>114</sup>

Apesar de ter circulado durante um curto período (setembro de 1979 a março de 1980), a seção *Mundo Guei* pode ser considerada como um dos primeiros veículos de informação e sociabilidade destinados ao público homossexual no Recife. Além disso, o seu alcance público foi tão relevante quanto os periódicos alternativos a exemplo do próprio *Lampião da Esquina*, já que o *Diário da Noite* era um jornal comercial e atingia um público bem mais amplo, inclusive, aqueles que não eram homossexuais, familiarizando-os com os novos contextos. Descobriam-se, nas páginas da seção, novas identidades afetivas e sexuais, além de novas sociabilidades representadas pela figura do *gay* com toda a sua aura de prestígio. No Recife da década de 1970, a publicação desta seção foi um dos raros momentos da imprensa em que os homossexuais tiveram voz.

---

<sup>113</sup> No capítulo 03 sobre a sociabilidade homossexual aprofundaremos esta questão.

<sup>114</sup> *A Mistey vai para reforma*, **Diário da Noite**, Recife, sexta-feira, 07/ 03/ 1980, p.19.

## Segundo Capítulo

Para além dos *gays*. A separação está instalada: entre bichas, travestis, tias, “virgens” e a crise da masculinidade.

Quando se trata de homossexuais, as pessoas de um modo geral falam deles como se todos tivessem um padrão de comportamento igual. Quem conhece o mundo guei sabe que existem vários tipos de vida para aqueles que por motivos variados procuram o mesmo sexo para o prazer.<sup>115</sup>

---

<sup>115</sup> Álamo Ramon, *Alguns esclarecimentos*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 03/11/1979, p.06.

### **2.1.1- Nem todo homossexual era gay: A hora e a vez das bichas e das tias.**

A década de 1970 foi um período no qual novas formas de representação e de sociabilidades foram construídas referentes às práticas afetivo-sexuais entre homens. Conforme discutido no capítulo anterior, foi quando a palavra inglesa *gay* popularizou-se e não é à toa que no início ela era empregada entre aspas ou em português (guei), era o sentido da novidade. Propunham-se novas sensibilidades sobre a homossexualidade, já que a tradução da palavra *gay* significa alegre, feliz e festivo. Além disso, o seu uso aportuguesado pode sugerir a tentativa de estabelecer um movimento genuinamente brasileiro apesar de toda a influência dos grupos europeus e norte-americanos. A despeito de toda a produção discursiva e imagética em torno do enaltecimento ao redor da nova personagem, em grande medida outras formas de sociabilidades eram desqualificadas e classificadas como sendo destoantes e descompassadas, marginalizadas no interior do próprio movimento militante homossexual. Não pretendemos desqualificar os trabalhos desses movimentos, mas concordamos com as idéias do teórico francês Félix Guattari quando diz que não devemos desconsiderar o grau de “modelização” que os militantes imprimem na elaboração de seus projetos de visibilidade.<sup>116</sup> Uma “modelização” que no caso do *gay*, poderia ser excludente para os sujeitos que não se adequavam ao novo projeto de gestão dos desejos e das representações.

Ficavam excluídas desse projeto antigas identidades homossexuais que pudessem destoar do novo arquétipo proposto. Era o caso, por exemplo, das bichas, das bonecas ou travestis, das tias ou homossexuais de meia idade, dos homossexuais de baixa renda e ainda daqueles que estavam ligados aos espaços do baixo meretrício e da prostituição. Em contrapartida, o ideal era o *gay* ou entendido que passa a ser o sujeito que assume uma orientação afetivo-sexual por pessoas do mesmo sexo sem, no entanto, abdicar de sua masculinidade. O *gay* seria um tipo homossexual urbano, “antenado” com os padrões da moda e do consumo, mais discreto, ativista e consciente de sua homossexualidade, conservando esteticamente e no comportamento determinados signos de masculinidade. Geralmente aqueles que não poderiam ou simplesmente não queriam se adequar aos novos padrões de comportamento eram apontados como sujeitos por fora, enrustidos ou cafonas, pessoas que não estavam em consonância com as

---

<sup>116</sup> GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely, *op. cit.*, p. 130.

recomendações da moda e da modernidade. Recomenda-se, inclusive, uma postura política, militante, por parte dos homossexuais.

Os discursos e imagens procuravam imprimir uma determinada padronização para o entendido ou *gay*, elaborando uma verdadeira "pedagogia", uma espécie de cartilha, sugerindo o que vestir, que lugares frequentar, o que ler e até como agir nos relacionamentos amorosos. Em compensação, outras representações homossexuais eram constantemente desqualificadas por discursos elaborados e difundidos tendo como base a nova identidade. Começamos pelas denominadas bichas, acusadas de serem artificiais, caricatas, cômicas, com o comportamento visto como uma imitação ou arremedo dos papéis femininos, por isso mesmo passível de crítica e renegação. Até porque para alguns, um movimento *gay* politizado somente alcançaria os ideais de igualdade e quebra do preconceito na medida em que certos comportamentos acusados de serem ridículos e risíveis fossem extirpados da subcultura homossexual:

A imagem geral de homossexual é de homem que pretende viver como uma mulher, delicado, desmunhecando, desbundando e se colocando numa posição inferior aos heterossexuais, ou mesmo os ditos bofes que não passam de bichas com um papel diferente das bonecas. Quero mostrar que existem classes distintas no mundo guei, e cabe aos entendidos mostrar que homossexualismo é um comportamento alternativo masculino e não requer cópia do sexo feminino para viver sua sexualidade.<sup>117</sup>

Como vemos nesse discurso, o comportamento do entendido é apontado como sendo apenas mais uma variação das condutas de alguns homens. Nesse sentido, caberia aos homossexuais a escolha da maneira como iriam gerir os seus desejos. Porém, o que parecia contar nesse momento não era necessariamente o respeito pela diversidade sexual e liberdade nos desejos de cada um. Mas sim, um discurso imperativo que dizia que apesar de existirem várias expressões homossexuais, a mais legítima e digna de ser vivida era a do *gay*. Os defensores desta identidade propagandeavam que uma relação "perfeita" entre dois homens, seria de preferência mantendo uma estética viril, não efeminada. Como destacou Michael Pollak ao pesquisar sobre a emergência *gay* em guetos nos Estados Unidos, o homem super- viril, o machão com uma estética de cabelos curtos, barba ou bigode e corpo musculoso veiculados nas revistas pornográficas especializadas configurava-se numa reação contra o preconceito e rechaço social que a imagem "clássica" do homossexual sofria há

---

<sup>117</sup> Álamo Ramon, *Alguns esclarecimentos*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 03/11/1979, p.06.

tempos.<sup>118</sup> Aqui, no Brasil, esta estética também foi seguida. A questão é que nem todos os homossexuais se encaixavam neste padrão e a partir daí foram alvos do rechaço entre seus próprios "pares".

Os entendidos rejeitam as bichas por que elas fazem o mundo pensar que todo homossexual deve ser obrigatoriamente um maricas, frouxo, transviado, afeminado. As bichas sujam o mapa dos entendidos. Elas imprimem ao mundo a imagem de um ser sem personalidade, assumem apenas para quem é entendido e sobretudo, não quer ser mulher, mas sim alguém que escolheu ser homossexual sem rejeitar sua masculinidade.<sup>119</sup>

Pelo trecho citado acima, haveria uma territorialidade existencial habitada pelos *gays*. As bichas, em contrapartida, estereotipavam, borravam, sujavam e até mesmo confundiam as linhas demarcatórias do que era ser um homossexual de respeito. A origem do termo bicha, é um tanto controversa. James Green aponta que já na década de 1930 esta palavra era empregada como sinônimo de “pederasta passivo”. Talvez tenha surgido na própria subcultura homossexual a partir da palavra francesa *biche* (que significa corça, feminino de veado). Fazia, então, um trocadilho refinado com a pejorativa palavra *viado*, tão comum no Brasil. Na França, *biche*, também é utilizada como um termo afetuoso para referir-se a uma jovem mulher. Ainda, de acordo com James Green bicha significa uma mulher bastante irritada e no Nordeste se refere a prostituta.<sup>120</sup> Já segundo Richard Parker, bicha literalmente significa “verme” ou parasita intestinal. Estes seriam no imaginário social, pensados em termos de passividade e feminilidade. Daí a força depreciativa dessa expressão sobre os homens, na cultura brasileira.<sup>121</sup> Tanto é que os xingamentos mais comuns proferidos para os homens, em geral, são as palavras *viado* e bicha.<sup>122</sup> Vale salientar que esse termo também pode adquirir um sentido afetuoso dependendo da pessoa a quem se refere e da situação.

---

<sup>118</sup> POLLAK, Michael, *op. cit.*, p. 69.

<sup>119</sup> Álamo Ramon, *Assumir e aceitar*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 27/10/1979, p.06.

<sup>120</sup> GREEN, James Naylor, *op. cit.*, p.145-146.

<sup>121</sup> PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões: A cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Editora Best Seller, 2001, p.76.

<sup>122</sup> BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de banheiro: A literatura proibida**. Rio de Janeiro: Editora Anima, 1986, p. 166.

A bicha baixa, a bicha pobre e a bicha pintosa seriam alguns dos tipos de bichas. Todas essas tinham como característica principal serem afetadas. Sendo que as adjetivações que acompanhavam o termo bicha, reforçavam ainda mais o estigma. A bicha baixa, por exemplo, seria aquela que dava escândalos, era perigosa e mau caráter; a pobre era de origem sócio-econômica deficiente e sem dinheiro, não conseguia viver na moda, frequentava os piores lugares para se divertir; enquanto a pintosa seria o cúmulo da afetação, do espalhafato, da indiscrição e da caricatura.

Havia aqueles *gays* que sugeriam uma verdadeira classificação dos tipos homossexuais, que iria do mais caricato e rechaçado (a bicha) ao modelo mais másculo e socialmente aceito (o entendido). Foi o caso, por exemplo, de um artigo publicado no jornal Diário da Noite (seção *Mundo Guei*) no dia 03 de novembro de 1979, onde o articulista, identificado como sendo um professor secundarista propôs uma classificação em que os homossexuais fossem divididos em três tipos principais, de acordo com suas apresentações pessoais e seus estilos de vida. Segundo ele haveria o entendido ou *gay*, a bicha e "o" travesti. Com relação a esta última personagem é importante destacar que nesse período a palavra travesti era sempre empregada no masculino, e só nos últimos anos os cientistas sociais passaram a empregar o termo no feminino por uma questão de consonância e respeito por essa categoria que apesar de serem biologicamente homens se apresentam e possuem auto-atribuições baseadas no feminino.

Para o articulista a "bicha" e "o" travesti eram representações negativas que manchavam a "classe" dos entendidos por desempenharem um papel de "passividade" diante dos outros homens, ao quererem se passar por algo que não eram de fato, caricaturando trejeitos femininos. Suas críticas são o fruto de um processo que vinha se gestando na sociedade brasileira relacionado ao questionamento das relações tradicionais entre os gêneros, quer seja entre homens e mulheres, quer seja entre os próprios homens, almejava-se uma relação mais igualitária sem a presença de hierarquias. De acordo com as novas atribuições, homossexual não deveria ser sinônimo de passividade, de submissão ou de fraqueza.

Nessa classificação, o primeiro tipo (entendido ou *gay*) só procuraria entendidos para se relacionar afetivo-sexualmente, mantendo inclusive atributos estéticos masculinos, não importando a "atividade" (penetração) e a "passividade" (ser penetrado) durante o coito. Nas palavras do próprio articulista o entendido era um homem que vivia



tranquilamente os seus desejos sem precisar "desbundar" e "falar feito frango" arremedando as mulheres:

Um grupo de minoria, formando uma aparente elite é chamado de “entendidos” – são seres masculinos que vivem o homossexualismo como uma alternativa sexual. Estes só transam com outro que tenha as mesmas características suas, vivem o homossexualismo puro. Entendido é aquele que não quer ser mulher e sim um homem que gosta de outro como ele. O entendido não admite os papéis de ativo e passivo, pois os dois têm um relacionamento amplo onde os dois fazem tudo um com o outro. O entendido vive no “tudo bem” sem precisar desbundar ou falar feito frango, desculpem-me se o termo é grosseiro, mas é assim que as pessoas em geral chamam àqueles que gostam de ser como as mulheres.<sup>123</sup>

Um segundo tipo de representação homossexual seria o grupo das bichas. Estas eram umas coitadas que “em sua maioria não acham outra saída que não entregarem-se ao ridículo pensando que estão 'fechando', maneira como se referem aos desbundes, e não fazem nada mais que descerem à lama da depressão”.<sup>124</sup> As bichas se relacionariam geralmente com homens mais viris ou bofes que teriam sua macheza relativamente assegurada por desempenharem (pelo menos teoricamente) no intercurso sexual o papel ativo (de penetração), demonstrando por isso domínio e masculinidade. De acordo com o antropólogo Néstor Perlongher isso ocorre por que:

Enquanto no modelo "bicha/bofe", a "bicha", supostamente, procurava ser cada vez mais feminina para atrair o macho (aprendiam a desfilar e usar roupas femininas no grupo homossexual, dizia B. Silva [um depoente]), no novo modelo gay/gay os homossexuais procurariam ser mais masculinos para seduzir amantes ainda mais masculinos.<sup>125</sup>

Uma última classificação na teoria do articulista diz respeito às travestis ou "os" travestis para utilizar o termo conforme a época. Estes seriam tão femininos que poderiam ser considerados protótipos de mulheres, homens que por um desequilíbrio hormonal ou por "condicionamento" queriam se transformar a todo custo e fazendo de sua sexualidade um meio de vida "assemelhando-se às prostitutas exploradas como objetos que causam orgasmo".<sup>126</sup> Nessa perspectiva, das três classificações a única que

---

<sup>123</sup> Álamo Ramon, *Alguns esclarecimentos*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 03/11/1979, p.06.

<sup>124</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>125</sup> PERLONGHER, Néstor Osvaldo, *op. cit.*, p.85.

<sup>126</sup> Álamo Ramon, *Alguns esclarecimentos*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 03/11/1979, p.06.

possuía um valor social moralmente aceito era a figura do entendido, até porque a idéia era construir uma identidade que passasse despercebida aos olhos do restante da sociedade, valorizando a discricção, sobretudo diante daqueles que não fizessem parte da subcultura *gay*.

O que separava e criava abismos entre o *gay* de outras representações não eram apenas as clivagens sócio-econômicas e comportamentais, mas também a faixa etária que deslocava a mola do desejo para os sujeitos mais jovens e mais vigorosos em detrimento dos homens homossexuais mais velhos alcunhados de "tias" ou mariconas. Estes não se adequariam à nova padronização, justamente pelo fato de pertencerem a outras gerações, anteriores a nova proposta de gestão dos desejos afetivo-sexuais. Ser entendido ou *gay* era antes de tudo ser jovem. Por isso, as "tias" eram desenhadas com os moldes da carência, da insegurança e do medo por estarem chegando à velhice e perdendo a beleza e o viço da jovialidade, principalmente quando não tinham conseguido conquistar uma parceria conjugal estável. A única saída para fugir da sombra da solidão seria se relacionar com "sobrinhos", rapazes mais jovens que nas falas de alguns homossexuais, teriam apenas interesse pecuniário pelos seus parceiros mais "vividos"<sup>127</sup>, algo visto como sendo vergonhoso numa relação homossexual. Em outras palavras, as "tias" só conseguiam sexo e companhia, se pagassem por isso.

Não é à toa que a Seção *Mundo Guei*, do jornal Diário da Noite, publicou uma crônica sobre este tema. A história teria se passado nos mais badalados *points gays*, como o bar *Mustang*, no Recife e o Cantinho da Sé, em Olinda. A crônica versava sobre uma conversa que teria sido travada entre "Carol", um médico-psiquiatra e seus dois amigos "Marilu" um estudante secundarista e "Carlota", ator de teatro amador. Veja-se que esses três personagens por não encontrarem guarida nas novas representações, são falados e falam de si no feminino. Eles não são entendidos. E "Carol" carregaria em si dois estigmas. Pois além de ser bicha, como "Marilu" e "Carlota", era uma "tia". "Carol", a personagem central dessa crônica, era um homossexual que possuía quarenta e cinco anos de idade. Por isso era considerado uma "tia". Nessa estória "ela" teria contado às "suas amigas" suas aventuras e desventuras amorosas por seu vizinho Ricardo, um jovem rapaz de dezesseis anos de idade, ainda não ingressado no meio *gay*. Vejamos como se processou essa conquista, haja vista as artimanhas que foram

---

<sup>127</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de, CEBALLOS, Rodrigo, *op. cit.*, p.143.

necessárias para “Carol” contornar a diferença de idade e impressionar um rapaz mais jovem. Sendo preciso que o médico-psiquiatra "passasse a usar roupas da mais recente moda que achou na GT Fashion, onde, aliás, fez uma pegação ótima e jogou todo charme possível para cima do menino”.<sup>128</sup>

Entretanto, seguindo um final previsível para narrativas construídas sobre relacionamentos desse tipo, uma série de incompatibilidades fez a parceria amorosa cair por terra, a começar pela incapacidade de Ricardo se integrar ao universo de sua “tia”. O jovem Ricardo mesmo iniciando no meio homossexual não era uma bicha, mas sim um entendido. Daí os conflitos entre os gostos e atributos dele com “Carol”. Em grande medida, Ricardo possuía até uma certa reserva de virilidade. Veja-se que mesmo se relacionando com outro homem, ele possui anseios e modos atribuídos ao gênero masculino como o gosto pelo futebol e a falta de refinamento. Numa análise relacional, pode-se até pensar que a virilidade de Ricardo era maximizada ao ser confrontada com a delicadeza de "Carol":

Ele só gosta de futebol, sabe? Não quer ouvir nem falar de teatro. Imagine, “Carlota”! Se o levo à casa de amigos ele me envergonha. Não consegue conversar sério com elas já que não entende de nenhum assunto importante. É de uma ignorância... E as roupas que ele usa? Vive de qualquer maneira. Outro dia fomos à Cantina Star e ele me apareceu de sandália de dedo e eu fiquei sem saber onde enfiar minha cara.<sup>129</sup>

E prossegue:

Casos como o de Carol, médico-psiquiatra existem aos montes e a gente acaba se perguntando: por que ela tem essa mania e por que nunca dá certo? Deve ser porque ela adora brincar de mamãe? Será que tem predestinação para ser mãe? Ou será que ela tem medo de homens (?) de mesma idade?<sup>130</sup>

Na opinião do narrador dessa crônica, casos como esse, evidenciavam que haveria algo de errado nas maneiras de agir das “tias”, pois no fim das contas, mesmo parecendo o inverso, sob o poder do dinheiro, "elas" sempre se dariam mal no final porque o tempo iria passando, elas iam ficando cada vez mais velhas, dificultando ainda

---

<sup>128</sup> Alberto César, *Roteirão*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 19/01/1980, p.06.

<sup>129</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>130</sup> Idem, *ibidem*.

mais a possibilidade de construírem uma parceria conjugal. Por mais que quisessem, elas seriam de outra geração distinta da dos entendidos.

### **2.1.2-Entra em cena a irreverência: o caso do ator Roberto de França (Pernalonga)**

Seria forçoso pensar que as novas sensibilidades homossexuais forçavam *todos* os sujeitos a se adequarem ao novo padrão. Havia aqueles que faziam questão de se expressarem da forma que achavam mais adequada, sendo mesmo o estereótipo da "bicha", com o uso de acessórios, e modos femininos, contrariando dessa maneira a campanha empreendida pelo movimento ativista. Em Pernambuco, tivemos dois exemplos bastante significativos deste fato. Estamos falando de Pernalonga e de Lolita. O primeiro vivia em Olinda, o outro no Recife.

Roberto de França, Pernalonga ou simplesmente Perna para os mais íntimos, foi um ator que se destacou no cenário artístico do Recife e, sobretudo de Olinda. Nascido numa família simples começou a atuar ainda muito jovem no grupo teatral e movimento artístico *Vivencial Diversiones*, fundado pelo ator e diretor Guilherme Coelho, em meados dos anos 70, em Olinda. Ousado e criativo, o *Vivencial Diversiones* pode ser considerado em sua estética o representante do Tropicalismo em Pernambuco. Inclusive, algumas montagens foram vistas ou receberam colaboração de artistas e intelectuais como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Aguinaldo Silva, Elke Maravilha e João Silvério Trevisan. Além destes, o professor da Universidade Federal de Pernambuco, Jomard Muniz de Britto colaborou de maneira direta no *Vivencial*, escrevendo textos e dirigindo filmes em Super- 8.<sup>131</sup>

---

<sup>131</sup> O *Vivencial Diversiones* surgiu em 1974 de um grupo de teatro composto por jovens da Igreja do Amparo, situada no Largo do Amparo. Como as montagens começaram a ficar muito ousadas, isso começou a incomodar os padres, ocasionando a independência definitiva do grupo. Em 1979, o *Vivencial* consolidou-se com a compra de um espaço no Complexo de Salgadinho, em Olinda, onde foi aberta uma espécie de café-teatro. Mais livre, o grupo passou a incorporar aos seus espetáculos a questão do travestismo. Qualquer um poderia participar do grupo porque o mote era incluir as chamadas minorias: negros, prostitutas, homossexuais e analfabetos. Todos poderiam se transformar em atores. Com montagens ousadas para a época, batia-se de frente com a Censura, confrontava-se o discurso da "ordem" instituída. FERRAZ, Leidson. DOURADO, Rodrigo, JÚNIOR, Wellington. (Orgs.). **Memórias da Cena Pernambucana vol. 1**. Recife: Ed. dos Autores, 2005, p. 94 – 104.



Fig. 14. Pernalonga e Henrique Celibi na peça *Nós Mulheres* (1981). Foto de Ana Farache. Fonte: FERRAZ, Leidson. DOURADO, Rodrigo, JÚNIOR, Wellington. (Orgs.), *op. cit.*, p. 110.

Muitos recordam de Pernalonga como sendo um sujeito que dizia o que queria sem medir as consequências. Um dos nossos depoentes assim se recorda do ator: “Olhe, eu conheci Pernalonga. Pernalonga é um ator maravilhoso. Foi um ator maravilhoso. Sempre debochado. Mas que por vezes ele extrapolava o limite do bom senso. Pernalonga falava o que queria e o que não queria a qualquer momento”.<sup>132</sup> O deboche e a irreverência pareciam ser as principais marcas dele. As suas aparições nos jornais dão conta de um temperamento bastante forte. Em suas entrevistas, por exemplo, ele costumava fazer um discurso cortante e crítico aos modelos preestabelecidos que colocavam à margem determinadas expressões artísticas e identidades homossexuais. Ele defendia, notadamente, as travestis e os homossexuais de classes sociais menos favorecidas economicamente. Para Pernalonga a relativização do preconceito não passava de uma fachada, uma hipocrisia para aqueles que almejavam conseguir algum benefício pela sua amizade. Ou seja, muitas pessoas ficavam próximas a ele por interesse. Até porque, aonde ele chegava chamava a atenção por ser uma figura conhecida e folclórica de Olinda. Certa vez ele declarou:

É claro que me aceitam nos ambientes pelo folclore que faço e porque traduzo em atos o desbunde que está enrustido nas pessoas e também o homossexualismo ainda é objeto de adorno. E quando somos bem aceitos não é por abertura não, é porque fica bem para

<sup>132</sup> Entrevista realizada com Roberto (Nome fictício a pedido do depoente), em 13/11/2010.

as pessoas ter uma bicha sempre à mão para animar as festinhas íntimas. [...] Sou assumida/o. Todo mundo, seja que sexo for, tem o direito de se enfeitar, de andar como se sente bem. Não vejo porque tirar a pintura da cara só porque não estou mais no palco.<sup>133</sup>



Fig. 15. Pernalonga no auge do *Vivencial Diversiones* posa para a jornalista e fotógrafa Ana Farache.  
Fonte: FERRAZ, Leidson. DOURADO, Rodrigo, JÚNIOR, Wellington. (Orgs.), *op. cit.*, p. 99.

Em outra ocasião, Pernalonga tinha sido convidado para desfilar na Escola de Samba Preto Velho de Olinda, cuja sede fica no Alto da Sé. Já estava mesmo tudo preparado para ele desfilar. Desde a empolgação às fantasias para ele puxar uma ala com dez travestis, quando a Escola, na quarta-feira antecedente ao sábado de Momo, decidiu cancelar a participação do artista. O motivo do cancelamento foi a polêmica que a participação de um homossexual conhecido poderia causar. Para Pernalonga, a Preto Velho desistiu porque não aguentou a pressão social, haja vista que era quase um acinte para a sociedade ver travestis e homossexuais de baixa renda se destacando, mesmo durante o Carnaval. Talvez, até, o problema nem estivesse tanto na condição sexual dos participantes; mas na condição econômico-social dos mesmos:

---

<sup>133</sup> Ana Farache, *Perna pra que te quero*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 17/11/1979, p.06.

- E só eu?

-Cadê os outros?

-O preconceito ainda é muito grande, há uma camada homossexual que faz questão de se dizer diferente de mim, porque eu sou marginal, não sou pintor de galeria, não costuro para a alta sociedade nem tampouco faço teatro na Práxis Dramática.<sup>134</sup>

Temos consciência do quanto é difícil fazer a biografia de alguém. Feita de escolhas, ela é sempre lacunar. A tendência quase sempre é maximizarmos determinados fatos, minimizarmos ou omitirmos outros. Uma biografia nunca é completa, nunca retrata integralmente a vida de uma pessoa. Por isso talvez seja menos problemático utilizar o termo “trajetória”.<sup>135</sup> Uma trajetória implica em caminhos, cursos, direções, movimentos que a vida de alguém pode tomar. Portanto, falar em trajetória de vida nos dá certa mobilidade no momento de escolher narrar dados fatos e “omitir” outros. É assim, que vemos um Pernalonga que além de polêmico, poderia se mostrar frágil, medroso, avesso a encrencas. A jornalista Ana Farache, que foi amiga íntima de Pernalonga, em entrevista concedida a nós, assim o descreve:

Ele era muito engraçado. Ele era medroso. Uma vez ele foi mordido por um gato. A gente tava na casa de um amigo da gente. Um jornalista que fez também aquele Jornal da Cidade: Cirano. Marcos Cirano. E aí ele [Pernalonga] foi mordido por um gato, passou, e abocanhou ele. Ele quase se acaba. Um gatinho pequenininho! Aí ele dizia: Aninha eu vou morrer. Aí eu dizia: vai meu filho, todo mundo vai, nós vamos. E acho que ele tomou vacina porque a gente não sabia o que era. Mas ele era muito engraçado. Por que ele era grande. Mas... muitas vezes a gente tava no Atlântico, que era um bar que tinha lá em Olinda que era um bar bem... que todo mundo frequentava. O Bar Atlântico. E eu morei em várias casas e uma delas era bem pertinho do Atlântico. E de vez em quando ia a polícia fazer batida, documento, ver se o pessoal tava com alguma coisa, com fumo, ou não sei quê lá. E ele [Pernalonga] ficava sempre com medo. Muitas vezes eu fui pra frente dele, assim quando vinha a polícia, alguma coisa pra defender. E ele era grande! [risos]<sup>136</sup>

Com relação a sua sexualidade, embora ele algumas vezes tivesse assumido publicamente a sua homossexualidade, paira no ar a dúvida a respeito de uma possível

---

<sup>134</sup> Roberto Borges, *Pernalonga*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 23/02/1980, p. 07.

<sup>135</sup> BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 204.

<sup>136</sup> Entrevista realizada com Ana Farache, em 17/11/2010.

bissexualidade. Algumas indicações nos fazem pensar que Pernalonga não era um homossexual “exclusivo”. Pois sobre a vida pessoal de Pernalonga, Ana Farache, nos declarou que:

Na verdade, ele sempre namorava com mulher. Ele era um caso meio... eu nunca sei se ele gostava de namorar com menina. Ele sempre... nas festas, Perna dançava que era uma coisa. Então a gente sempre queria dançar. Mas de vez em quando, ele acabava com uma menina. Transando com uma menina. E quando ele faleceu, mesmo, quando ele morreu, ele tava casado. Eu me esqueci o nome dela. Uma menina... que muito tempo ele passou com ela. Ela fazia jóias e ele namorou com uma amiga minha que veio de Belo Horizonte, um tempo. Então assim, Pernalonga, eu acho... ele teve uns namorados que eu conheci também, Paulinho e tal. Um pessoal legal. Mas ele também, ele namorava mulher, com mulher também. Ele era uma pessoa... ele era muito querido assim. Eu acho que ele se apaixonava e pronto.<sup>137</sup>

Abaixo vemos Pernalonga numa de suas *performances*:



Fig. 16. Em pose provocante e usando meia arrastão, Pernalonga se exhibe para a câmera da fotógrafa e jornalista Ana Farache. Fonte: **Diário da Noite**, Recife, sábado, 05/01/1980, p. 07.

---

<sup>137</sup> Idem



Desde meados da década de 1980, Pernalonga era portador de HIV. Mas não manifestou nenhum sintoma da doença. Embora, paradoxalmente, a sua morte, que foi no dia 10 de junho de 2000, tenha sido causada pela AIDS. Não pelas consequências diretas da síndrome, mas de uma forma bastante trágica. Tudo aconteceu depois de ele ter sido assaltado na cidade em que morava, Olinda. Após ter bebido com amigos num bar, no Bairro do Varadouro até pouco depois da meia noite, decidiu ir para casa a pé e sozinho. Desconfia-se que tenha sido assalto porque a sua carteira foi encontrada com todos os documentos, mas sem nenhum dinheiro. O fato é, que esfaqueado na perna direita e perdendo muito sangue, chegou a pedir ajuda aos vizinhos e conhecidos, mas ninguém quis socorrê-lo com medo de contrair o vírus da AIDS. Ainda, segundo familiares, taxistas e policiais militares também teriam se negado a socorrer o ator. Isso fez com que ele morresse de hemorragia. Na época ele trabalhava na prefeitura de Olinda em um cargo comissionado como gerente do Teatro do Bonsucesso. Além disso, nos últimos tempos, Pernalonga frequentemente dava palestras para adolescentes sobre prevenção da AIDS. Ainda, de acordo com a família, a pedido de médicos, parte das vísceras do ator foi doada para estudos em uma universidade francesa. Pois nos 15 anos em que era portador do HIV, a doença não teria atingido nenhum órgão.<sup>138</sup>

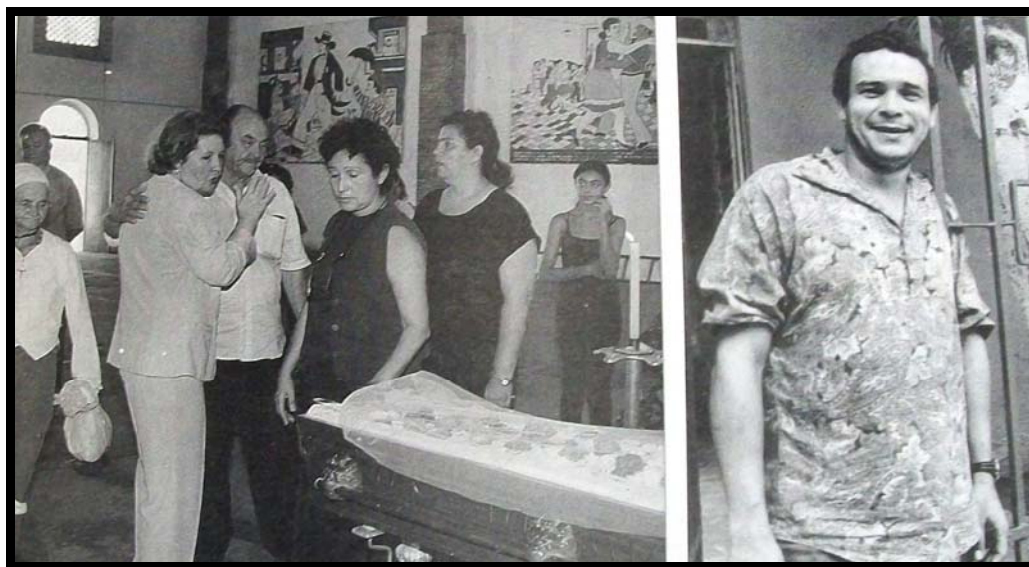


Fig. 17 e 18. À esquerda, a prefeita de Olinda, na época, Jacilda Urquiza abraçando Seu Bartolomeu França, pai do ator, durante o velório. À direita, uma das últimas fotos de Pernalonga. Fonte: **Diário de Pernambuco**, Recife, segunda-feira, 12/06/2000, Vida urbana, p. A-07.

<sup>138</sup> Taíza Brito, *Morte de ator causa polêmica*, **Diário de Pernambuco**, Recife, segunda-feira, 12/06/2000, Vida urbana, p. A-07.

### 2.1.3- Da Zona da Mata à zona do baixo meretrício: “Quem não conhece Lolita, não conhece o Recife”

No Recife também tivemos uma figura um tanto pitoresca e popular: foi Lolita. Conhecido pelos moradores da cidade do Recife ou que por lá transitavam, principalmente nos espaços boêmios e do baixo meretrício. Lolita foi um personagem que começou a ficar conhecido desde os anos 60, mas até hoje ele é lembrado e por vezes enaltecido como um homossexual brabo que “ninguém segurava”, nem mesmo o mais forte dos homens. Há algumas estórias que falam de brigas dele contra dois, três ou mais homens ao mesmo tempo, sendo que ele quase sempre saía na vantagem. Entre os nossos entrevistados é quase unânime a opinião de que, quem nunca ouviu falar em Lolita não pode ser pernambucano. Lolita, ainda é comparado a Madame Satã, o famoso homossexual dos nos 60 e 70, que marcou época no Rio de Janeiro: “Como Madame Satã, acho que deveria ser feito até um longa metragem com Lolita, porque tem toda uma estória. Eu escutava muito, eu com 13, 14 anos, eu escutava que Lolita era o terror do baixo meretrício. Não tinha pra ninguém”<sup>139</sup>



Fig. 19. Lolita em uma das ruas do Recife. Fonte: **Jornal da Cidade**, Recife, domingo, 06/07/1975, s.p.  
Fonte: <http://www.encyclopedianordeste.com.br/nova531.php>. Acesso em 23/01/2011.

<sup>139</sup> Entrevista realizada com Odilex, em 14/ 10/ 2009.

Em sua tese de doutorado em História sobre os feitos modernizantes na cidade do Recife entre os anos de 1969 a 1975, o historiador Luis Manuel Domingues fez menção a Lolita, dizendo que ele era “um homossexual que não negava a sua opção e dela se orgulhava”.<sup>140</sup> Talvez o próprio Lolita tivesse noção da sua fama, daí ele viver cantarolando: “quem não conhece Lolita não conhece o Recife.”<sup>141</sup>

Pelas análises dos depoimentos que realizamos e dos jornais que pesquisamos, Lolita parece ser uma daquelas personagens que se imbricam à própria imagem e percepção que os caminantes têm da cidade. É como se houvesse uma espécie de época de ouro em que o Recife abrigava sujeitos venerados pela sua valentia, boemia e irreverência, sendo recordados com saudades e ao mesmo tempo com orgulho por aqueles que vivenciaram esta época:

Mas Recife teve um travesti que se chamava Lolita. Lolita cantava umas músicas da atriz Lolita Rodrigues, e batia castanhola, andava no... ele chamava: “vou pegar o carro do general!” O “carro do general” é porque a CTU (Companhia de Transportes Urbanos) era presidida por um general. Então ele chamava: “o carro do general”, que era aqueles ônibus elétricos americanos. [...] E Lolita entrava tocando castanhola e dizendo que “quem não conhecia Lolita, não conhecia Pernambuco”. Fechou de cadeado! E Lolita era *gay*, assumidamente travesti. Andava de homem, andava de mulher. Andava, fazia a sobancelha, pintava unha. Não tinha, digamos assim, esse tipo de produção que existe hoje. Era um batom simples e... simplesmente isso. Já era muito, já era demais da conta pra aquela época. Só que Lolita se garantia, viu? Um dia eu vi Lolita derrubar quatro PMs na esquina da Sertã. Quando começaram as duplas de policial “Cosme e Damião”, ela chegou pra dois negrões imensos, guarda roupas, assim e fez: “eu quero saber quem é o Cosme e quem é o Damião?” E dali começou uma briga. Chegaram mais dois, e ela derrubou os quatro no chão e foi andando embora, linda, loura e leve! Como ela dizia: “Linda, loura e leve”, entendeu? E ela se garantia mesmo.<sup>142</sup>

Num período em que o *gay* emerge como um modelo ideal de homossexual, um modelo que deveria ser imitado, Lolita destoa completamente desta proposta. Ele, da mesma forma que Pernalonga, se travestia, pintava as unhas, usava maquiagem. Mas também se vestia “como homem”, conservava determinados signos da masculinidade. Mas ao contrário dos entendidos, não frequentava as discotecas e os *dancings* chiques

---

<sup>140</sup> NASCIMENTO, Luis Manuel Domingues do, *op. cit.*, p. 54.

<sup>141</sup> Idem, *ibidem*, p. 54 – 55.

<sup>142</sup> Entrevista feita com Jorge (nome fictício a pedido do depoente), em 10/11/2009.

da cidade, vivia em espaços estigmatizados como a região do porto e do baixo meretrício. Frequentava também o movimentado e comercial Bairro da Boa Vista, sendo por vezes visto no Beco da Fome, paralelo à Rua Sete de Setembro.<sup>143</sup>

Lolita era objeto de chacota, admiração e temor ao mesmo tempo. Chamava a atenção por onde passava, não fazia questão nenhuma de ser discreto no meio dos outros caminhantes da capital pernambucana. Muitos ouviam falar dele, mas nunca o tinham visto pessoalmente. Talvez por isso, no dia 02 de fevereiro de 1980, o Diário da Noite tenha reservado uma página inteira para uma entrevista com Lolita, onde se lia a manchete intitulada *O primeiro guei assumido do Recife: A grande Lolita*.<sup>144</sup> Essa entrevista era um dos conteúdos do suplemento que este jornal publicava aos sábados. Na capa, não temos um, mas doze Lolitas multiplicados. Talvez metaforicamente representando a sua capacidade de estar em toda a cidade.



Fig. 20. Lolita na capa do suplemento *Jornal do Sábado*. Fonte: **Diário da Noite**, Recife, sábado, 02/02/1980.

Numa longa entrevista os leitores puderam, inclusive, saber que o nome civil de Lolita era Ivo Alves da Silva e o porquê de ser um sujeito tão polêmico e controverso da capital pernambucana. Logo abaixo, temos uma foto desta famosa personagem que por

<sup>143</sup> O Beco da Fome é um beco paralelo à Rua Sete de Setembro no Bairro da Boa Vista. Fica próximo de onde, hoje, se localiza as Lojas Americanas. Ele existe até hoje. Lá é possível encontrar pequenos bares e lanchonetes. Na década de 1970 era um dos *points* preferidos dos boêmios, dos estudantes e intelectuais. Funcionava como um espaço “alternativo”. Um ponto de sociabilidade “marginal”.

<sup>144</sup> *O primeiro guei assumido do Recife: A grande Lolita*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 02/02/1980, p 07.

um efeito fotográfico foi simbolicamente multiplicada em três, exibindo toda uma desenvoltura e irreverência. Emblematicamente, ele estava trajando uma camisa onde se lê: *Sun Power*, ou poder do Sol. Talvez fosse como Lolita se sentia ou faziam ele se sentir, um verdadeiro astro: o astro rei.

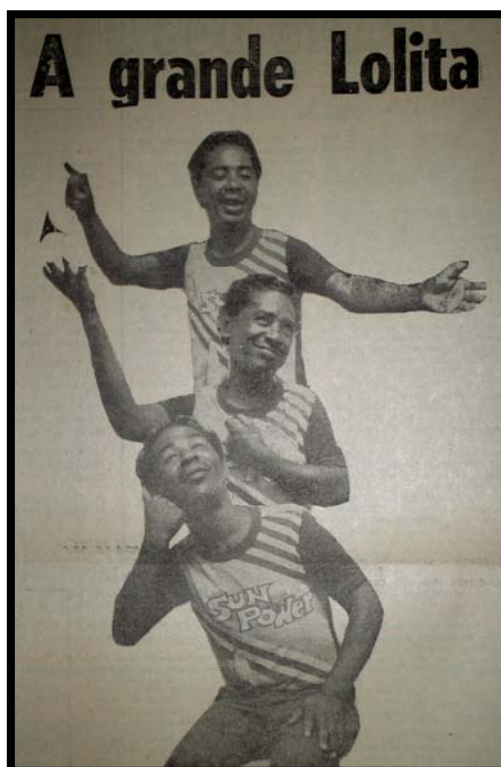


Fig. 21. Lolita. Fonte: **Diário da Noite**, Recife, sábado, 02/02/1980, p.06.

Nascido no ano de 1933, ele teve uma infância difícil no município de Nazaré da Mata (PE), onde ajudava os pais agricultores no roçado, capinando e plantando. Aos dez anos de idade, como ele mesmo dizia, começou a se depravar. Com essa idade não teve um, mas vários “namorados”. Certa vez foi tomar banho de açude com “amigos” onde além dos mergulhos fez sexo com os mesmos. Só que o seu pai ficou sabendo, passando a tratá-lo de forma áspera. E como tantos outros homossexuais, ele passou a ser hostilizado dentro da sua própria casa. Quando completou 16 anos de idade a situação financeira da família não era nada boa, obrigando os seus pais a migrarem para a cidade de São Paulo. O ainda, Ivo Alves (futuro Lolita) não foi para o sudeste. Ele se mudou para a cidade de Limoeiro (PE) onde trabalhou com o padre Nicolau Pimentel e terminou o Ginásio (hoje, Fundamental II). Nesse tempo, Lolita pensava em ser professor, mas o vício do álcool o impediu. Só aos 22 anos de idade, sob influência de

amigos e conhecidos, mudou-se para o Recife. De início não foi morar na “zona”, trabalhava fazendo serviços domésticos. Mas aos poucos foi tomado pelo “encantamento” dos atrativos do baixo meretrício.<sup>145</sup>

Transcrevemos um extrato da entrevista onde Lolita declarou a sua filosofia de vida:

Todas as perguntas sempre têm uma resposta. Pode dizer o que você quer. Meu nome é internacional. Não trabalho pra ninguém. Eu sobrevivo graças às minhas próprias qualidades. Cada um exerce a função que é permitida. Faça a pergunta que eu responderei. [...] Comecei no Ginásio de Limoeiro, como porteiro, em 1949. Já naquele tempo, eu já era atualizada. Graças a Deus estudei, e pude transformar muitos amigos meus, em fãs incondicionais do meu temperamento artístico. Daí então vim para o Recife. Cheguei por aqui em 1954, e fui trabalhar na Escola de Serviço Social, como servente. Não esqueça de escrever também o nome da minha grande diretora nesta época: Lourdes Almeida de Moraes.

E a partir desse ano, me depravei. Fui pra zona. E a minha fama atravessou fronteiras. Hoje sou um nome internacional. Sabe por quê? Deus não disse cresci e multiplicaivos? Então eu não cresci, mas multipliquei inúmeros fãs no mundo. E eu sou Lolita, quem não conhece Lolita, não conhece Recife. Eu sempre fui diferente de qualquer pederasta. Bastava eu tomar uma meiotá de Pitu pra me arretar e descer o cacete em quem se metesse a se intrometer na minha vida. Nunca existiu Polícia pra me segurar.<sup>146</sup>

A origem do seu nome de guerra está relacionada a uma homenagem a personagem de mesmo nome, encenada pela atriz Maria Antonieta Pons, na chanchada *Carnaval Atlântida* de 1952. Lolita teria assistido a este filme inúmeras vezes, decorado as falas e recitado-as aos amigos, daí o seu apelido ter-se firmado e quase ninguém chamá-lo pelo seu nome de registro civil. Além disso, certa vez ele ia passando numa banca, viu um cordel de João Martins de Athayde intitulado “*Lolita era uma condessa*”. Tendo decorado também os versos desse folheto, teve mais um reforço para o seu “novo” nome.<sup>147</sup> Já o famoso bordão que o precedia em qualquer lugar que chegava, foi criado por um detetive que em uma matéria à revista Repórter Policial, logo abaixo da foto de Lolita, escreveu a seguinte legenda: “quem não conhece Lolita, não conhece o Recife”. Além disso, provavelmente o que ajudou Lolita a ficar mais conhecido foram

---

<sup>145</sup> *Quem não conhece Lolita não conhece o Recife*, **Jornal da Cidade**, Recife, domingo, 06/07/1975, s.p. Fonte: <http://www.encyclopediaordeste.com.br/nova531.php>. Acesso em 23/01/2011.

<sup>146</sup> Idem, ibidem.

<sup>147</sup> Idem, ibidem.

as suas participações em programas de calouros na televisão e no rádio. Como o programa *Varieté*, da Rádio Jornal, apresentado por Fernando Castelão por volta da década de 1950. Nele, Lolita chegou a cantar a famosa marchinha de Carnaval: “*Chiquita bacana*”.<sup>148</sup>

Quando questionado a respeito de uma das suas famosas brigas, ele contou numa entrevista ao Jornal da Cidade, uma confusão que parece ser a mesma que citamos anteriormente presenciada pelo nosso depoente, envolvendo quatro policiais:

Eu não admito provocação, sou muito nervoso. Já tomei revólver de mão de gente, um capitão da tropa à paisana. Tudo é a ocasião. Sempre fui vencedor. Quando eu era preso, o delegado me soltava. Dr. Mário Alencar me adorava, só quando era delegado estranho é que me encanavam. Quando eu cismava da Rádio Patrulha eles não me levavam não. Quando surgiu aquelas duplas de “Cosme e Damião”, em 1955, o povo dizia “você agora vai se endireitar”. Resolvi tirar a dúvida. Tomei meia garrafa de cana e fui pra Avenida Guararapes, lá pra esquina da Sertã. Cheguei lá, encarei os dois que vinham do Cinema Art-Palácio. E perguntei: “Quem de vocês é Cosme ou Damião dos dois?”. Eles perguntaram: “Quem é você?” Eu disse: “Sou o Lolita falado” e o pau cantou, briguei e rasguei a túnica dele todinha. Ah, eu já fiz muita sugestão com a polícia. Aí eles me levaram num Ford verde.<sup>149</sup>

Para ele, a ida para a zona, para as áreas da prostituição, foi determinante para que sua fama fosse construída, atravessasse fronteiras e como ele mesmo dizia, fosse conquistando e multiplicando fãs. O seu temperamento e sua força física eram suas principais marcas. Provavelmente isso chamava atenção. Como poderia alguém tão efeminado, aparentemente delicado, ser tão forte ao ponto de conseguir derrubar quatro policiais numa briga? Como poderia alguém que pintava unha, requebrava feito mulher, peitar qualquer um que topasse o seu caminho, principalmente depois que ele tivesse tomado a sua dose de aguardente? A informação que conseguimos era que Lolita depois de trabalhar em pensões e hotéis como cozinheiro e fazendo outros serviços na capital pernambucana, nos últimos anos, já idoso, estava morando na cidade de São Paulo e trabalhava na portaria de um prédio.<sup>150</sup> Até o presente estágio de nossa pesquisa, algumas informações dão conta de que nos últimos anos ele não estaria mais morando no Recife e teria falecido. Mas a sua fama fez desse personagem um dos mais

---

<sup>148</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>149</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>150</sup> Entrevista feita com Jorge (nome fictício a pedido do depoente), em 10/11/2009.

conhecidos da capital pernambucana. Talvez nem ele mesmo sonhasse que um dia seria motivo para a curiosidade de um historiador, passados já tantos anos de suas peripécias, contribuindo ainda mais para fazer valer o bordão que tantas vezes Lolita cantou: “*Quem não conhece Lolita não conhece o Recife.*”

### **2.2.1 – Pela manutenção da ordem, da moral e dos bons costumes da sociedade, as bonecas ou travestis não têm vez.**

No período em tela, ao contrário do que comumente se pensa, a repressão policial sobre a homossexualidade não era tão intensa. A não ser quando esses homossexuais ultrapassavam os limites das normas aceitas para o bom comportamento e a decência. Neste sentido, as travestis, que na década de 1970 eram chamadas de bonecas<sup>151</sup> ou de “os” travestis (no masculino) eram alvo predileto das investidas e batidas policiais, constituindo um prato cheio para a imprensa sensacionalista da capital pernambucana. Em nome da manutenção da ordem, da moral e dos bons costumes, a polícia comumente sondava os locais suspeitos de “imoralidades”. Nesse contexto as travestis<sup>152</sup> eram frequentemente perseguidas pelas rondas policiais nas ruas, avenidas, becos, praças e nas pensões “alegres” do Recife.<sup>153</sup>

Admitindo que o discurso histórico seja construído sob o ponto de vista do historiador, portanto de quem escreve; optamos por analisar, aqui, as vivências daquelas travestis que sofreram processos de marginalização. Seriam, por exemplo, aquelas que se prostituíam, as de baixa renda, as que cometiam furtos, as que sofriam e praticavam toda sorte de violência, etc. Vale esclarecer que o nosso objetivo, aqui não é generalizar

---

<sup>151</sup> Apesar do termo travesti já existir desde antes da década de 1970, pelo menos nos jornais, é mais comum encontrarmos a palavra boneca para se referir a estes sujeitos. É interessante perceber como a palavra boneca pode nos fornecer pistas para compreender as representações das travestis. Ser boneca é ser fabricada, modelada, ser um feminino artificial. Ao mesmo tempo boneca é um brinquedo, normalmente manipulado por meninas, mas no caso dessas “outras” bonecas os homens são quem as “manipulariam”, principalmente as profissionais do sexo. O termo boneca também poderia ser empregado para se referir aos homossexuais mais efeminados.

<sup>152</sup> É comum o emprego do substantivo travesti, no masculino. Entretanto, preferimos empregar o termo travesti no feminino por razões de consonância e respeito pela construção de gênero desses sujeitos que, apesar de serem homens em sua constituição biológica, se constroem corporal, cultural e subjetivamente sobre formas e modelos femininos. Sobre este aspecto, consultar: BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita:** o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 18-19.

<sup>153</sup> Com um nome bastante sugestivo, “pensões alegres” eram como se denominavam as casas de prostituição ou puteiros de travestis e/ou de prostitutas.



e construir um discurso de vitimização sobre as bonecas, haja vista que algumas cometiam furtos e brigas também. Ao mesmo tempo é inegável o rechaço social vivido por essas pessoas. Como nos mostra o trabalho do antropólogo Marcos Benedetti, o cotidiano das travestis é marcado pelas violências física e simbólica devido a situações de exclusão e estigmatização, o que dá certa legitimidade aos comportamentos agressivos de algumas.<sup>154</sup> Visto que esta situação de tensão as deixaria na defensiva e na ofensiva. Inclusive, este mesmo antropólogo conta que no início da sua etnografia, em muitos momentos sentiu medo só de pensar em entrar no universo das suas depoentes. Tinha medo do escuro da noite, da violência, da polícia, dos olhares inquisidores, da velocidade dos carros, medo de situações desconhecidas<sup>155</sup>, enfim, medo de um cotidiano cruel, mas que é absolutamente vivenciado pela maioria das travestis. Medos, em grande medida, maximizados pelos riscos e perigos reais e imaginários das grandes metrópoles.<sup>156</sup> Em contrapartida, esse mesmo cotidiano atroz reforça a imagem negativa das mesmas, cujos estereótipos são calcados na agressividade e na delinquência sendo, em suma, caso de polícia.

É preciso ter em mente que de certa maneira, os (pré) conceitos com relação às travestis são fundamentados por uma dada versão construída e transmitida por uma imprensa sensacionalista e machista.<sup>157</sup> Além disso, muitas bonecas pareciam fazer jus a sua fama de perigosas, mesmo. Principalmente aquelas que circulavam por determinados territórios já conhecidos e marcados pelo perigo iminente. Era o caso daquelas travestis que frequentavam a região do Bar Central no Bairro de São José, localizado próximo onde hoje se encontra a Casa da Cultura e a Estação Central do metrô. Há uma concepção quase generalizada de que ali era um lugar “da pesada”, um lugar em que seus caminhantes, dependendo da hora da noite, ou eram profissionais do sexo, seus clientes ou ladrões, tamanho era o risco de circular nessa região. Lá se consumiam drogas, se cometiam furtos e aconteciam brigas. Era um território em que se deveria pensar duas vezes antes de frequentar, pois o que estaria em jogo era a própria vida:

---

<sup>154</sup> BENEDETTI, Marcos Renato, *op. cit.*, p. 47-48.

<sup>155</sup> Idem, p.44.

<sup>156</sup> MORAIS, Regis de. **O que é violência urbana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 23.

<sup>157</sup> SILVA, Hélio R. S. **Travesti: a invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ISER, 1993, p. 15.

Na época, se você falasse no Bar Central, meu filho, todo mundo se tremia porque era um ponto de encontro dos travestis marginalizados e era um ponto de prostituição da cidade. [...] depois das dez que fechava a parte da ferrovia, que na época ainda tinha trem. Que agora é metrô... ninguém passava; quem era menino de família não conseguia passar porque era assaltado. Só quem era da noite, pesada mesmo.<sup>158</sup>

Quando indagado por quem os transeuntes poderiam ser assaltados ou sofrerem algum tipo de agressão física, o nosso entrevistado foi taxativo:

[...] pelos travestis, pelos marginais, namorados das travestis. Era essa linha. Tinha uns travestis que tinha cada nome que você tinha medo só do nome. Marcela Gi era uma delas, a Michele Hulk... Era cada nome, assim, superestrambólico. E era daquelas mesmo assim que botava a faca, botava a gilete no pescoço do pessoal, e assaltava mesmo, era estória.<sup>159</sup>

Os jornais mostravam as bonecas como sendo criaturas noturnas, verdadeiras mariposas que só saíam quando a luz do sol era substituída pelas luzes dos postes. Ou nem isso, dependendo da região. Pois os lugares de prostituição eram, em geral, escuros e marcados pela penumbra. Isso reforçava ainda mais o estigma sobre as bonecas. Dizia-se que pessoas “de bem” não deveriam transitar pelas mesmas trajetórias que as profissionais do sexo, era perigoso dependendo da hora, podia-se além de pôr a reputação em risco, pôr a vida também. Falava-se que o Bar Central era perigoso por manter uma forte concentração de travestis, que não só se divertiam nesse bar ao melhor som *discothèque*, como também povoavam as avenidas da zona sul a exemplo da Avenida Antônio Falcão, em Boa Viagem.<sup>160</sup> Nesses e outros pontos, o movimento parecia ser realmente intenso.

Se hoje, 2011, muitas pessoas ainda receiam encontrar com travestis na rua, preferindo atravessar a calçada ou cortar caminho para não ter que topa com estas criaturas; imaginemos há quase quarenta anos atrás como a situação era bem mais delicada. Vale destacar que no imaginário social *todas* as travestis eram delinquentes, em potencial, indivíduos perigosos, que por um simples olhar oblíquo lançado sobre as mesmas, seriam capazes de nos atacar a unhas ou giletadas! Só no começo da década de 1980 é que novas representações passaram a ser transmitidas pela mídia, mesmo

---

<sup>158</sup> Entrevista realizada com Odilex, em 14/10/2009.

<sup>159</sup> Idem.

<sup>160</sup> *Menores, drogas e homossexuais*, **Diário da Noite**, Recife, sexta-feira, 12/01/1979, 1º Caderno, p.03.

assim muito ligadas à idéia de transformismo artístico devido aos concursos em programas como o Sílvio Santos e o Clube do Bolinha. Mas no período aqui abordado, ver “homens” vestidos de mulher, num contexto fora do Carnaval era algo inconcebível, um acinte para os mais conservadores. Até porque era justamente esta a concepção que se tinha das bonecas: homens travestidos, arremedos de mulher, homens que por safadeza, desarranjo hormonal, traumas ou por maus hábitos se davam unicamente a rebeldia contra a sua natureza.

Ser boneca era um pré-requisito para ir para o xadrez. Foi o caso de uma batida policial realizada numa casa situada no bairro de Santo Amaro, no Recife, onde de acordo com o jornal, as “orgias” corriam soltas entre homossexuais e bonecas:

O delegado Fernando Albuquerque, do 2º distrito policial, fechou ontem em Santo Amaro uma residência, onde grande número de homossexuais se reuniam para a realização de bacanais. Somente duas bonecas foram presas e na delegacia negaram-se a fornecer o verdadeiro nome, ficando por isso no xadrez por mais de 72 horas.<sup>161</sup>

Com uma trajetória de vida bastante cruel, boa parte desses sujeitos não morava com suas famílias biológicas; mas sim em pensões no centro da cidade. As denominadas “pensões alegres” iam além de simples locais onde as mesmas moravam e recebiam seus clientes e amantes. Por vezes, quando eram expulsas de casa ou vinham do interior e de outras capitais era o primeiro lugar de moradia onde podiam ser admitidas após as suas transformações corporais. Além disso, eram locais de sociabilidade e aprendizado do universo em que viviam.<sup>162</sup> Lá, formavam novas “famílias” baseadas nas escolhas das amigadas, que de certa forma eram fortalecidas por coisas em comum como a marginalização e a exclusão, que são fortes elementos para a constituição das amigadas entre homossexuais.<sup>163</sup>

Essas pensões se localizavam, em sua maioria, no Bairro do Recife, hoje conhecido como Recife Antigo. Sobretudo próximo ao porto, havia uma espécie de “região moral” em que conviviam moradores e trabalhadores daquele local, bonecas, prostitutas, os seus clientes, meninos de rua, ladrões, policiais, traficantes, malandros e boêmios. Essas pensões, em sua maioria, eram locais compostos por quartos

---

<sup>161</sup> *Polícia descobre e fecha clube só de homossexuais. Diário de Pernambuco*, Recife, terça-feira, 24/02/1970, 1º Caderno, p. 08.

<sup>162</sup> BENEDETTI, Marcos Renato, *op. cit.*, p. 38-39.

<sup>163</sup> ERIBON, Didier, *op. cit.*, p. 39.

minúsculos, em condições precárias, escuros e sujos. Características por extensão passadas e associadas aos seus moradores e/ou frequentadores. Em reportagem exibida no jornal Diário da Noite de 11 de junho de 1979, sobre o cotidiano de travestis numa pensão que tinha o emblemático nome *Nigth and Day* (Noite e Dia), localizada no Bairro do Recife, temos relatos em que mesclam relações de amizade, marginalidade e busca por uma vida melhor. É o caso, por exemplo, de Marcos Muniz Falcão, ou simplesmente Perla, uma jovem boneca de 17 anos que começou a se prostituir aos 13. Perla contou um pouquinho de sua trajetória de trabalho até chegar à zona e à prostituição:

Entrei na zona faz quatro anos. Eu cheguei logo na [Avenida] Dantas Barreto, foi o primeiro lugar que comecei a andar. Aí de lá eu resolvi vir pra zona. A primeira penha (pensão) que eu morei foi aqui ao lado. Aí depois comecei a trabalhar em pensão. Depois as bichas diziam bem assim: “Bicha tu parece uma mulher. Por que tu não batalha? Melhor do que está trabalhando, se esforçando, se humilhando prá esse povo”.<sup>164</sup>

O tempo todo, as lembranças de Perla são desembocadas num discurso em que a linha condutora é a construção do feminino. Talvez, nem mesmo Perla tivesse se dado conta do potencial que a mesma tinha para a “batalha” ou prostituição. No trecho citado acima, por exemplo, ela parece ter determinados “bônus”, pré-requisitos a mais que as outras travestis por se parecer naturalmente com uma mulher. No mercado erótico isso é uma vantagem e ao mesmo tempo motivo de inveja das outras travestis, que normalmente têm que empregar árduos esforços pecuniários para se feminizarem. Perla, em contrapartida, já em tenra idade se assemelhava a uma menina, fato que ela custou a perceber:

Quando eu estava com treze anos aí um professor meu pediu para eu ir morar com ele, passar uns tempos com ele. Aí depois ele perguntou: “por que os serviços que você faz é feito uma mulher”. E disse que se eu fosse uma mulher eu era muito bonita. Quando eu ajeitava meu cabelo, grande assim mesmo, ele dizia: “Você parece uma menina”. E isso e aquilo outro e começava a fazer uns negócios. Aí eu comecei a transar com ele. Morei lá um ano e dois meses. Ele já era maduro.<sup>165</sup>

---

<sup>164</sup> Ana Farache, *Nigth and Day: prostituição homossexual*, **Diário da Noite**, Recife, quinta-feira, 11/06/1979, p. 07.

<sup>165</sup> Idem, *ibidem*.

Na zona ou até fora dela, a vida das bonecas era permeada por uma necessidade de saber conviver com os imprevistos e com o perigo, sob pena de sofrerem toda sorte de sobressaltos. Isso acontecia por elas serem portadoras de uma série de estigmas. Até mesmo ao entrarem em contato com a sociedade mais ampla passavam a vivenciar uma espécie de “interação angustiada” ao serem confrontadas com as pessoas tidas como “normais”.<sup>166</sup> Sabemos que numa batida policial de rotina, a primeira coisa que os agentes nos pedem são os documentos de identidade onde deve constar o nosso nome de registro civil e a nossa foto (que não deve ser muito antiga, no mínimo reconhecível com o nosso estado físico atual). No caso das bonecas haveria um descompasso entre a imagem da Carteira de Identidade e a estética feminina. Haveria uma falta de identificação entre o ser atual, a representação na fotografia e o nome no documento. Para evitar esses contratempos e até as piadinhas e chacotas dos policiais no momento das averiguações, batidas e rondas, muitas travestis nem andavam com documentos. Nesses casos, as medidas de praxe por parte das autoridades eram bastante rígidas. Normalmente as travestis que não apresentassem à polícia algum documento de identificação e se negassem a revelar seu nome de registro civil passavam alguns dias presas.

A questão da adoção de um nome feminino constitui uma das principais etapas no processo de transformação de gênero. Tomar para si um novo nome equivale a cunhar uma nova identidade, começar uma vida quase do zero, apagando os rastros do passado em que um corpo masculino era percebido, por vezes, com ansiedade e desgosto. Estrategicamente, algumas travestis têm mais de um nome feminino, empregado conforme a situação. Dessa forma há os nomes usados na prostituição ou batalha, os usados no meio artístico e ainda o nome de registro civil.<sup>167</sup> Pensamos que a ocultação do nome de registro civil também pode ser uma estratégia para dificultar a perseguição e a ficha na polícia. Além disso, muitas vezes, há também o desejo de quebra do vínculo familiar. O escritor Leopoldo Serran, em sua obra ficcional publicada em 1979, intitulada *Shirley: a história de um travesti*, numa certa passagem em que Shirley é detida pela polícia juntamente com outras travestis, vê-se a questão dos

---

<sup>166</sup> Sobre interação angustiada ver: GOFFMAN, Erving, *op.cit.*, p.27.

<sup>167</sup> Para as travestis a escolha e a adoção de um nome feminino, se configura como uma das principais etapas do processo de construção de gênero, para se auto-representarem em substituição ao nome de registro civil. Essa prática é analisada por alguns autores como sendo uma espécie de segundo batismo. Ver: BENEDETTI, Marcos Renato, *op.cit.*, p. 49.

nomes. O delegado Lustosa pede a Ademir, o investigador, para o mesmo tomar os nomes de todas as travestis que estão na sala:

**ADEMIR**

*(todo animado)*

Isso é mole, Lustosa. Essa aqui é a Shirley, essa é a Hildegaard, essa é a Jacqueline...

**DELEGADO**

*(impaciente)*

Ademir! Eu disse o nome... o da pia batismal, entendeu?

**ADEMIR**

Certo, Lustosa...

*(dando um misto de tapa e carinho no rosto de Shirley)*

Diz o teu nome verdadeiro ali pro doutor, beleza...

[...]

**DELEGADO**

*(pegando uma carteira de identidade que está em cima da mesa)*

Rodrigo Alencar... quem é?

Silêncio geral como resposta. O delegado não se zanga com isso. Olha a fotografia na carteira. É um menino com cabelo cortado a reco e um bigodinho. O delegado começa a correr os olhos por todos os travestis. Os rostos não têm nada a ver com o retrato.<sup>168</sup>

Quanto à visibilidade na imprensa, as bonecas em geral só tinham espaço quando sofriam ou praticavam algum ato de violência geralmente envolvendo conflitos e brigas com clientes, amantes e a polícia. Por isso acabavam ligando-se entre si termos como: travestilidade, violência e ilegalidade. Foram raros os momentos em que esses sujeitos falaram, tiveram voz na imprensa; a imprensa é quem falava por eles, retratava-os com as cores mais diversas. A obra de Neuza de Oliveira sobre as travestis do Pelourinho (Pelô), em Salvador na Bahia, no início dos anos 80, pode-nos oferecer

---

<sup>168</sup> SERRAN, Leopoldo. **Shirley: a história de um travesti**. Rio de Janeiro: Codecri, 1979, p.42-44.

alguns caminhos para compreender porque as páginas policiais seriam um território midiático “propício” para as travestis na década de 1970:

O fato de grande parte *dos travestis* [grifos nossos] do Pelô realizarem a prostituição de rua os colocam em situações diversas de confronto com a lei, com a ordem, com os maus clientes e com a exposição pública do rechaço social, gerando situações de violência, desta forma, aparecem mais freqüentemente nas páginas policiais do que na crônica de variedades e costumes.<sup>169</sup>

A prática profissional da prostituição era um dos principais temas associados às bonecas. Não estamos dizendo com isso que ser travesti é sinônimo de sexo pago, muito menos pretendemos fazer algum tipo de juízo de valor sobre a prostituição. Mas é inegável que para estes sujeitos se torna muito mais dificultoso se inserir no mercado de trabalho em busca das profissões ditas “comuns” como balconista de loja, bancária, motorista, professora, etc. O preconceito e a hostilidade social são fortes o suficiente para relegar às travestis profissões como cabeleireiras, esteticistas e no mais das vezes, a negociação de seus serviços sexuais. Na década de 1970, as chances de uma boneca ingressar numa carreira distinta destas, era deveras remota! Se ser travesti já era um estigma, ser travesti e profissional do sexo era uma marca mais negativa ainda. A respeito disso, a antropóloga Cecília Patrício ao analisar a travestilidade no Recife e na Espanha comenta:

Elas sofrem de injustiça cultural pelo estigma do trabalho que realizam, trabalho de *putas*[grifos da autora], o que faz com que muitas se sintam discriminadas não apenas pela atividade que exercem, mas pela forma como são visivelmente reconhecidas e retratadas, digamos, destratadas. Porque não são garotos de programa, nem outra atividade que seja reconhecida como masculina, mas também não necessariamente conseguem assumir uma atividade considerada feminina que não seja a mais discriminada de todas, a prostituição. Embora haja casos significativos que provam mudança em termos de acesso ao reconhecimento e mobilidade social.<sup>170</sup>

---

<sup>169</sup> No período em que a etnografia da antropóloga Neuza de Oliveira foi realizada, o termo travesti, pelo menos nos trabalhos acadêmicos, só era empregado no masculino. Apenas nos estudos mais recentes é possível encontrar a referência a travestis no feminino. Mesmo assim, ainda no senso comum, travesti é quase sempre pensado e falado com base na idéia de masculino. OLIVEIRA, Neuza Maria de. **Damas de Paus: O Jogo aberto dos travestis no espelho da mulher.** Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994, p. 46.

<sup>170</sup> PATRÍCIO, Maria Cecília. **No truque: Transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras.** Recife (UFPE), 2008. Tese de Doutorado em Antropologia, p. 36.

Mantidas as suas particularidades históricas, culturais e espaciais, a prostituição é uma prática antiga, tendo registros nas sociedades greco-romanas onde em alguns momentos o Estado interveio diretamente com procedimentos tais como: criações de leis para a tabelação dos preços e segregação territorial daqueles que se prostituíam. Aliás, ao longo da história ocidental a prostituição situou-se quase sempre como uma atividade marginal e clandestina. A comercialização do corpo é um fenômeno complexo envolvendo basicamente um corpo que vende, outro que paga e a troca mercantil consumada na relação sexual.<sup>171</sup> Nas últimas décadas, a sociedade brasileira presenciou o crescimento da prostituição, principalmente nos centros urbanos onde vários elementos indicam o porquê da emergência das travestis nesta atividade:

Se a oferta cresce é porque se supõe também que aumentou a preferência masculina por este tipo de prostituição. Crescimento que pode ser entendido num processo mais amplo de todo um investimento consumista na liberação sexual, especialmente no que se refere ao exercício da homossexualidade.

Por outro lado é sabido que as principais cidades brasileiras caracterizam-se por uma alta densidade demográfica e um alto índice de desemprego. A prostituição é de há muito uma alternativa de trabalho.<sup>172</sup>

Os anos 70 parecem se caracterizar como sendo um novo momento de visibilidade para as travestis. Sobretudo, no que concerne ao exercício da prostituição marcada pelo aumento da demanda de clientes nas principais cidades brasileiras. Será a quantidade de bonecas que aumentou devido à demanda de clientes ou seria o inverso? Ou ainda, ambos os casos de forma recíproca? O fato é que, como apontou Neuza de Oliveira, no trecho citado acima, era um fato corriqueiro, cada vez mais comum encontrar esses novos caminhantes nas nossas metrópoles. E essa não parece ser uma opinião isolada. O jornalista e ativista da “causa” homossexual, João Silvério Trevisan em suas memórias, ao recordar a respeito de sua volta ao Brasil no ano de 1976, após um período de exílio “voluntário” nos Estados Unidos e no México, observou com certo espanto a quantidade de “seres siliconados”, maquilados e enfeitados que teriam se proliferado pela capital paulista e em outras cidades do Brasil:

---

<sup>171</sup> OLIVEIRA, Neuza Maria de, *op.cit.*, p.80-90.

<sup>172</sup> Idem, p.98.



[...] o que eu via no meu regresso ao Brasil era um fenômeno público coletivo. Delicados ou dragões, maquilados, perfumados, com bundas e seios imensos, os travestis brasileiros faziam ponto na rua, visando chamar a atenção para atrair clientes. A ausência de timidez em sua postura evidenciava-se no tamanho de seus vestidos, que deixavam generosamente à mostra seus atributos “femininos”. Havia um outro dado fundamental: se existiam homens prostitutos era porque haviam clientes – mais discretos, claro, mas em número proporcional ao sucesso dos travestis ao mercado. Ninguém sabia quem eram e de onde tinham aparecido esses homens misteriosos que pagavam para fazer sexo com homens-mulheres. As pessoas que passavam pelo centro, vindas de todos os pontos de São Paulo, olhavam entre boquiabertas e fascinadas aquelas putas escandalosas, de voz grossa, traços geralmente mais duros e pés grandes, assediadas por carros que paravam e acertavam o preço. Mas não era só em São Paulo. Tratava-se de um fenômeno recorrente nas grandes cidades brasileiras, como pude comprovar.<sup>173</sup>

Vê-se que os caminhantes das grandes cidades passaram a ter novas companhias, principalmente nas áreas das zonas demarcadas pelo oferecimento de serviços sexuais pagos. Quanto a isso, é bastante significativo o depoimento de Dona Severina Ferreira Lopes, ou simplesmente Mãezinha, proprietária de um puteiro ou pensão “alegre” no Bairro do Recife, na década de 1970. Na realidade, Mãezinha já mantinha essa pensão desde meados da década anterior, mas agora estaria substituindo as mulheres por travestis, haja vista ser um negócio mais rentável. Como ela mesma disse: “eles [as travestis] dão mais dinheiro que as mulheres, pois são mais interesseiros, e se esforçam para arrumar homem mais que as mulheres.”<sup>174</sup> Os discursos sobre a prostituição não pretendiam necessariamente interditá-la, proibi-la, mas normatizá-la, discipliná-la e confiná-la num espaço específico, a fim de limpar visual e moralmente o Recife. Esse desejo de normatização parece constatar que as bonecas estavam, realmente, se espalhando pelas principais artérias da cidade.

---

<sup>173</sup> TREVISAN, João Silvério, *op.cit.*, p.75.

<sup>174</sup> Ana Farache, *Night and Day: prostituição homossexual*, **Diário da Noite**, Recife, quinta-feira, 11/06/1979, p. 07.

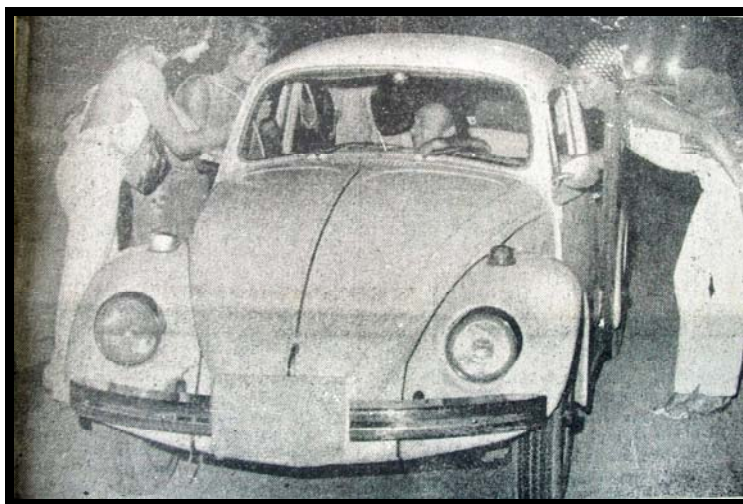


Fig. 22. Homem em um fusca sendo abordado por três bonecas numa das ruas do Recife. Fonte: **Diário da Noite**, Recife, sexta-feira, 12/01/1979, 1º Caderno, p.03.

O sexo passa a entrar na pauta da gestão urbana, geri-lo era o mote, enquadrando-o justamente no pensamento do teórico Michel Foucault quando diz: “... cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo.”<sup>175</sup> Até porque a capital pernambucana, dos anos 70, em sintonia com outras cidades do país, vivia uma atmosfera de modernidade, de renovação: era o novo tentando apagar ou ocultar desejos e imagens ligadas a decadência e a um dado passado, como teoriza o historiador Luis Manuel Domingues:

A modernidade em andamento na cidade do Recife já se havia operado para uma parte de seus habitantes pelo menos para os setores médios ávidos por ascensão social e *status*[grifos do autor], uma identificação psicológica e afetiva, racionalmente justificável, com determinados projetos de sociedade, estilos de vida, formas de comportamento, de conforto, processo de bem-estar material e reconhecimento e prestígio social.<sup>176</sup>

Essa modernidade estaria intimamente ligada ao estabelecimento de novas territorialidades cidadinas. Os antigos espaços conhecidos como “zona do baixo meretrício”, notadamente aqueles localizados próximos a zona portuária do Bairro do Recife era o lugar ideal para confinar as prostitutas, as bonecas, os michês e toda uma miríade de personagens que acompanham essas categorias como o malandro e a

<sup>175</sup> FOUCAULT, Michel, *op.cit.*, p. 30-31.

<sup>176</sup> NASCIMENTO, Luís Manuel Domingues do, *op.cit.*, p. 298.

cafetina. Os jornais do período dão conta de que as autoridades policiais eram constantemente solicitadas para que as mesmas tomassem algum tipo de providência sobre os atentados contra a moral das famílias do Recife. Era preciso que o ofício da prostituição fosse afastado dos olhos dos mais conservadores e da elite, para ser confinado num território específico, uma zona de meretrício, de preferência o boêmio e portuário Bairro do Recife, atual Recife Antigo:

O delegado de costumes concedeu o prazo de três dias para que as cafetinas que mantêm bordéis na Avenida Conde da Boa Vista e ruas adjacentes se mudem para a Rio Branco. Após, não aceita desculpas, ele determinará o fechamento de todas as casas de tolerância.

Agentes de costumes detiveram ontem no centro da cidade cinquenta prostitutas que faziam o “trottoir” levando-as a presença do delegado Lamartine Corrêa. As mulheres foram cadastradas e permaneceram 40 minutos detidas. Saíram com a advertência de que se forem apanhadas novamente serão colocadas ao xadrez.<sup>177</sup>

A Avenida Conde da Boa Vista está situada no movimentado e comercial Bairro da Boa Vista, lugar de grande circulação de transeuntes e de automóveis. Nesse tempo já era um local caracterizado por manter um forte comércio formal, escolas, faculdades, etc. Não parecia combinar nem um pouco com a presença de prostitutas e travestis. Daí o discurso de “higienização” das ruas desse bairro. Já a Avenida Rio Branco, localizada no Bairro do Recife, parecia ser o lugar ideal para se confinar as profissionais do sexo e tudo o mais que fosse desagradável para a moral vigente.

A ambiguidade materializada nos corpos das bonecas, muitas vezes as deixava no centro das atenções. Podemos exemplificar isso através de uma reportagem do Diário da Noite, de 13 de março de 1970, quando um grupo de bonecas foi detido e causou o maior alvoroço na Delegacia de Plantão. A reportagem não explica o motivo da detenção. Só fala que a pensão onde residiam as bonecas tinha sido fechada por determinação da polícia. Inclusive a dona do estabelecimento, Paquinha, também era uma boneca. As travestis chamaram bastante atenção dos policiais. Principalmente por uma figura dúbia chamada Maria Homem.<sup>178</sup> Notemos que o próprio nome “Maria Homem” sugere a idéia de masculino e feminino ao mesmo tempo num só corpo, um

---

<sup>177</sup> *Cafetinas têm 3 dias para deixar centro da cidade*, **Diário de Pernambuco**, Recife, sexta-feira, 02/08/1974, Caderno I, p. 12.

<sup>178</sup> M Barbosa, *As bonecas*, **Diário da Noite**, Recife, sexta-feira, 13/03/1970, Cidade Nua, s.p.

corpo que seria biologicamente assentado naquilo que compreendemos como sendo de um homem, mas em contrapartida a sua estética e sua subjetividade seriam assentadas sob os signos daquilo que atribuímos às mulheres. Aí talvez esteja a principal marca do ser travesti: corrigir os signos que possam denunciar a sua natureza.<sup>179</sup> A atenção despertada por Maria Homem pode indiciar o estranhamento e a ambiguidade representada pelos corpos das travestis, algo como mulheres inventadas, modeladas e retocadas o tempo todo.

O feminino das travestis é um feminino próprio, fluído entre o gênero masculino e o feminino, entre o “se sentir mulher” e o “ser mulher”.<sup>180</sup> É tanto que, na ocasião, Maria Homem parece borrar as fronteiras de gênero e confundir os agentes da polícia, para quem a cela dos homens não parecia adequada para alguém tão parecida com uma mulher, haja vista que, na década de 70, as técnicas de feminização do corpo não eram sofisticadas como as atuais, e as travestis eram mais facilmente diferenciadas das mulheres. Daí, qualquer uma que se assemelhasse em demasia com uma mulher era objeto de interesse e curiosidade.<sup>181</sup> É exatamente no corpo que elas investem nas transformações para exibirem, muitas vezes, após árduos procedimentos, os signos da feminilidade, as marcas que as possam destacar o máximo possível no meio de outras travestis e ao mesmo tempo integrá-las e invisibilizá-las o máximo possível no meio das mulheres “de verdade”.

É ainda no corpo que são emitidas determinadas linguagens através de uma gramática própria ostentada pelo tamanho do vestido, pela cor dos esmaltes e do batom, pelo rebolado mais lânguido ou sensual dependendo do momento, pelo passar das mãos nos cabelos, enfim, por todo o processo de montagem e *performance* que estes sujeitos empreendem. Voltando ao nosso caso, por isso Maria Homem se destacou tanto, por ser tão parecida com uma mulher.

---

<sup>179</sup> SILVA, Hélio R. S, *op.cit.*, p. 37.

<sup>180</sup> BENEDETTI, Marcos Renato, *op. cit.*, p. 96.

<sup>181</sup> Hoje as técnicas de transformação corporal por que passam algumas travestis são tão sofisticadas, que muitas podem se passar tranquilamente por mulheres. Atualmente, inclusive, há um quadro televisivo no Programa do Ratinho, no SBT, em que são perfiladas lado a lado travestis e mulheres. A brincadeira consiste em o telespectador telefonar ao vivo para o programa e tentar adivinhar quem é “homem” e quem é mulher de “verdade”. Ganha o prêmio quem acertar a ordem. O detalhe é que dificilmente os telespectadores conseguem acertar quem é quem, ficando, quase sempre, o prêmio acumulado. E de fato há algumas travestis que são extremamente femininas!



Fig. 23. Foto de Paquinha, a boneca que era dona da pensão em que Maria Homem morava. Fonte: BARBOSA, M. *As bonecas*, **Diário da Noite**, Recife, sexta-feira, 13/03/1970, Cidade Nua, s.p.

Provavelmente até a voz da nossa personagem deveria esconder ou encapar a sua identidade biológica de macho. Mas ela, ao ser interrogada esclareceu como modelou seu corpo e expôs seu “segredo” para os agentes da polícia:

As “bonecas” chegaram de bolo na Delegacia de Plantão, cada uma protestando mais. Estavam na pensão de Paquinha na Rua do Bom Jesus, fechada por determinação da polícia. Quem mais chamava atenção era “Maria Homem”, por que suas formas eram mais femininas do que de homem. A curiosidade era geral a seu respeito e, depois de bastante assédio, Maria Homem terminou explodindo.

- É por isso que nem gosto de sê home! Ou raça chata de sê!

Mas ninguém deixou Maria Homem em paz. Ninguém entendia porque tinha determinadas formas femininas bastante acentuadas e os mais curiosos perguntavam na cara:

- Afinal, quem és?

Respondia:

- Adivinha, bofê...

Um policial pôs o problema:

- Afinal, te declara! Agente tem de sabê se coloca tu no xadrez de mulheres ou de homem!

- Ah... eu prefiro de homem, né...
- Vai logo! Me prende lá, logo!
- És então... do sexo masculino?
- Sou.
- E por que... por que essas formas aparentes de mulher...
- I! Xô, burro tapado! Carreguei demais nas doses de hormônio. Tá bom, entendeu, bastou? Agora me chuta lá, pro meio da cambada de hôme.<sup>182</sup>

Na década de 1970, o uso de cirurgias plásticas ainda não estava tão banal como nos dias atuais. A saída para muitas bonecas era, mesmo, o uso de medicamentos contraceptivos ou para reposição hormonal femininos. Isso garantia o afinamento da voz, o arredondamento de determinadas partes do corpo como nádegas, ombros e coxas, o desenvolvimento de seios, e ainda a diminuição dos incômodos pêlos no queixo, no peito e nas pernas que teimavam em nascer e denunciar a condição biológica das bonecas. Mesmo não sendo um relato dos anos de 1970, vejamos o que uma travesti tem a dizer sobre o uso de hormônios no seu auto-processo de fabricação feminino:

Eu acho que o hormônio na vida de uma travesti é a feminilidade toda, tudo tá ligado ao hormônio. Inclusive, tem amigas minhas que, quando vão à farmácia comprar hormônios, elas costumam colocar assim, ó: ‘eu vou comprar beleza’; porque o hormônio é realmente a beleza na vida de uma travesti. Ele ajuda na pele, que fica mais macia (...), inibiu o crescimento dos pêlos, desenvolveu glândula mamária, entendeu, arredondou as formas, e até a expressão do olhar de quem tomou hormônio é diferente (...). A gente fica mais feminina pra falar, pra sentar, e tudo isso é efeito do hormônio no teu organismo.<sup>183</sup>

Em relação ao poder e domínio sobre o nosso próprio corpo, concordamos com Foucault, para quem ao longo das últimas décadas o sexo tornou-se objeto de disputa pública entre as instâncias do Estado e o indivíduo.<sup>184</sup> Essa relação é bastante problemática, pois se cada indivíduo é dono do seu próprio corpo, as convenções sociais impõem dados limites morais e éticos para as *performances* desses corpos. Sendo que

---

<sup>182</sup> M. Barbosa, *As bonecas*, **Diário da Noite**, Recife, sexta-feira, 13/03/1970, Cidade Nua, s.p.

<sup>183</sup> BENEDETTI, Marcos Renato, *op. cit.*, p. 77.

<sup>184</sup> FOUCAULT, Michel, *op. cit.*, p. 33.

esses limites são estabelecidos pela cultura e pelo momento histórico. As travestis, ou melhor, as bonecas na década de 1970, pelo menos na cidade do Recife poderiam ser presas simplesmente sob a alegação de estarem em “atitude suspeita” ou estarem ofendendo e atentando contra “a moral e os bons costumes”. Mas não podemos descartar o domínio que as bonecas tinham sobre os seus corpos. Isso porque enquanto o delegado e os agentes da delegacia, mesmo em tom de brincadeira evidenciavam a sua curiosidade e admiração por um homem/mulher, Maria Homem de certa forma confirma essa concepção de micro-poder, pois parece se vangloriar pelo saber que mantinha sobre o seu corpo, enquanto ludibriava a sociedade com a sua aparência e *performance* de gênero cambiantes.

O caso de Maria Homem é um exemplo emblemático da “desobediência” de gênero que as travestis parecem empreender no imaginário social. Isso porque os papéis de gênero são naturalizados, são pensados em termos de anatomia, sob aspectos biológicos do ser macho e ser fêmea, em ter um pênis ou uma vagina. Tudo que fuja a essa regra é pensado como sendo um equívoco no curso normal da natureza. Nesse sentido, essa naturalização dos gêneros faz daqueles que se diferenciam seres rebeldes, subversivos, anormais, deslocados, desconformes com seus corpos e desejos. As bonecas seriam seres estranhos que estão a todo o tempo promovendo um contínuo e insistente processo de transformação anatômica dos quadris, das nádegas, do busto e do rosto através de hormônios e silicone.<sup>185</sup> Há uma espécie de matemática em que estes sujeitos procuram subtrair os signos da masculinidade e adicionar os símbolos da feminilidade. Indo estas transformações, para além do físico, a subjetividade dessas pessoas passa a ser focada e modelada de acordo com os modelos femininos vigentes. Isso não significa que as travestis querem ser mulheres, ou arremedar mulheres. Inclusive é comum muitas dizerem que têm a *alma* feminina. Daí as bonecas, terem sido muitas vezes excluídas do emergente movimento *gays* dos anos 70, que as denunciava por reforçarem o papel de submissão feminina diante de uma sociedade apontada como sexista.

Era bastante comum os jornais veicularem notícias de escândalos nas vias públicas envolvendo acintes entre bonecas, transeuntes e clientes. Neste caso, a polícia em geral, punia apenas as bonecas e o jornal mantinha em sigilo a identidade do outro

---

<sup>185</sup> OLIVEIRA, Neuza Maria de, *op.cit.*, p. 45.

envolvido. No discurso das autoridades policiais, ainda mais legitimados pela imprensa, toda boneca era uma criminosa em potencial. É como se a partir de um estigma original (ser boneca) se desdobrassem determinadas imperfeições de caráter (golpista, ladra, falsa, etc.) relacionadas entre si.<sup>186</sup> Ligado a isto, numa noite de fevereiro de 1975, a polícia levou para o xadrez Aldenor Lúcio da Rocha, mais conhecido como Marly ou Lili. Era uma boneca residente numa “pensão alegre”, na Avenida Rio Branco, no Bairro do Recife. Lili foi presa porque discutiu com um cliente que queria a todo custo praticar atos “libidinosos” na via pública com ela.



Fig. 24. Lili na delegacia após discussão com um paquera. Fonte: **Diário de Pernambuco**, Recife, quinta-feira, 13/02/1975, Caderno I, p. 15.

Mesmo quando Lili alegou ao delegado que discutiu porque ela não se prestava a esses papéis no meio da rua, foi presa. Por outro lado, não aconteceu nada com o cliente, pois nem ao menos teve a sua identidade revelada.<sup>187</sup>

A Delegacia de Plantão estava com pouco movimento, na segunda-feira à noite, quando de repente, estacionou um “au-au” e desembarcou o travesti Aldenor Lúcio da Rocha,

---

<sup>186</sup> GOFFMAN, Erving, *op.cit.*, p. 15.

<sup>187</sup> *Travesti discute e briga com “paquera”*, **Diário de Pernambuco**, Recife, quinta-feira, 13/02/1975, Caderno I, p. 15.



mais conhecido como “Marly”, ou “Lili”, residente numa pensão alegre da Avenida Rio Branco, 245, 1º Andar.

Ele fora preso nas imediações da Faculdade de Direito, porque brigou com um “paquera” que queria a todo custo praticar atos libidinosos com “ela” no local. “Lili”, que insistiu em frisar ao delegado José Batista Golveia, que não se passava para esses papéis na via pública.<sup>188</sup>

A Delegacia de Costumes era um dos principais órgãos responsável por coibir a livre circulação das travestis, mesmo nos eventos tidos como sendo mais liberais como o Carnaval. Parecia haver um temor de que os perigos de subversão da ordem fossem potencializados. Por isso concordamos com a historiadora Marcília Gama quando diz que na história dos dispositivos de segurança pública, “em épocas diferentes surgem alvos distintos, objetos diferenciados de intervenção da polícia, para os quais se voltam com mais intensidade na tentativa de manter a ordem”.<sup>189</sup> Ou seja, não era unicamente o exercício da prostituição que ofendia os costumes da sociedade recifense, era também a aparição pública de “homens” que burlavam as leis da natureza ao desejarem outros homens e, ainda por cima, violavam as regras sociais ao vestirem roupas e usarem acessórios femininos.<sup>190</sup> Conhecidas como travestis ou bonecas, o fato é que foi durante a década de 1970 que elas parecem ter ganhado os territórios da rua e das páginas dos jornais (sobretudo policiais) do Recife, ao ponto de hoje não concebermos determinados espaços sem a sua presença a exemplo de algumas avenidas como a Domingos Ferreira e a Conselheiro Aguiar, ambas no Bairro de Boa Viagem. Longe de afirmarmos que todas as bonecas estavam destinadas ao ofício da prostituição, enfatizamos este aspecto para tentar mostrar um pouco do cotidiano difícil por que viviam estes sujeitos.

---

<sup>188</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>189</sup> SILVA, Marcília Gama da. DOPS: A estrutura do serviço de informação em Pernambuco (1930-1990). In ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de, SILVA, Giselda Brito (Orgs.). **Ordem & Polícia: Controle político-social e as formas de resistência em Pernambuco nos séculos XVIII ao XX**. Recife: Ed.Universitária da UFRPE, 2007, p.179.

<sup>190</sup> PERLONGHER, Néstor Osvaldo, *op. cit.*, p. 98.

## 2.2.2– Permitir ou proibir? A questão dos bailes de bonecas no Carnaval do Recife.

Contraditoriamente, no período do Carnaval, as bonecas, ao invés de se misturarem com as outras pessoas na multidão, por vezes ganhavam mais destaque, pareciam ser mais salientadas negativamente. Antes de aprofundarmos este tema nos anos 70, faz-se necessário saber que este não era um fato tão recente. Já no começo do século XX, por exemplo, como nos mostra o historiador Durval Muniz, eram comuns os conflitos entre as autoridades responsáveis pelo policiamento com algumas figuras travestidas: “Encontramos já em 1911, o conflito instalado entre a polícia, na figura do Dr. Belisário Távora, e os clubes de carnaval do Recife, por esse delegado querer proibir que figuras travestidas brincassem nestes estabelecimentos.”<sup>191</sup> Não podemos afirmar que estas figuras “travestidas” a que se refere a autoridade policial, eram de fato, homossexuais, ou seriam homens heterossexuais que queriam brincar os dias de Momo fantasiados de mulher e eram criticados por ofender a moral pública. Todavia, a proibição policial seria um indicativo de que no começo do século XX, no Recife, nem mesmo os machos de “verdade” poderiam aparecer publicamente com roupas contrárias ao seu sexo biológico. Imaginemos então com relação aqueles homossexuais cujas identidades eram calcadas no feminino e faziam questão de se vestirem e se expressarem como mulheres! Algumas décadas depois, nos anos 70, os códigos de moralidade ainda eram rígidos. Como aponta o brasileiro James Green, a apropriação homossexual do Carnaval oscilou entre a curiosidade e a repulsa, a aceitação e a repressão por parte das autoridades policiais e pelo público.<sup>192</sup>

De acordo com as nossas investigações, nos jornais, durante quase toda a década de 1970 a Polícia procurou regulamentar, quando não proibir, a exposição das travestis ou bonecas durante o Carnaval. Nesse sentido o Carnaval de 1970 é bastante emblemático, pois a repressão não foi somente contra as travestis; mas toda e qualquer forma de manifestação homossexual independentemente de estar causando algum tipo de desordem foi alvo de advertência. A censura estabelecia que os homossexuais estariam proibidos de participar de bailes, cordões, blocos, maracatus e outros “ajuntamentos”. Sob o pretexto de manter a ordem e a moral houve uma reunião organizada pelo secretário de Segurança Pública, o Coronel Gastão Barbosa Fernandes,

---

<sup>191</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste-1920/1940)**. Maceió: Catavento, 2003, p.80-81.

<sup>192</sup> GREEN, James Naylor, *op. cit.*, p. 331.

o qual mobilizou a Polícia Militar, o DETRAN (Departamento de Trânsito) e os delegados e diretores da Secretaria de Segurança Pública. Nessa reunião foi decidido que as travestis e os homossexuais que fossem vistos nas ruas, mesmo observando “quietinhos” o movimento, ficariam presos durante 72 horas!<sup>193</sup> Vejamos a seguir um trecho da reportagem:

Os travestis, homossexuais e bêbados sofrerão severa repressão durante o carnaval, tanto por parte da Polícia Federal como da Polícia Estadual. Quer estejam provocando balbúrdia ou não, fazendo o passo ou mesmo observando quietinhos o movimento. Diz o delegado de Polícia Federal que seu departamento não tolerará qualquer ato que atente contra a moral e os bons costumes da sociedade. [...] A decisão da Secretaria de Segurança Pública, entretanto, é um pouco mais rigorosa. Além de proibir a presença de travestis e bêbedos (promovendo desatinos ou não), serão recolhidos ao xadrez os homossexuais que estiverem ou não fazendo o passo durante o Carnaval.<sup>194</sup>

Isso não significa dizer que *todos* os homens com desejos afetivo-sexuais por outros homens passaram aquele Carnaval resguardados dentro de casa, aflitos pela possibilidade de serem reconhecidos ou denunciados ao menor sinal que pudesse indiciar suas identidades sexuais. Todavia, os homens que não tinham os estereótipos de um “típico” homossexual, provavelmente puderam brincar o Carnaval com certa tranquilidade sem a pressão inquiridora da sociedade. Diferentemente dos mais ostensivos e afetados, cuja presença poderia logo ser percebida pela voz ou pelos trejeitos do corpo, correndo assim, o risco de serem presos pela polícia.

O Carnaval tem sido mais analisado por sociólogos e antropólogos. Para muitos destes e para o senso comum, essa é uma festa em que tudo e todos se igualam, em que as hierarquias sociais são desmanteladas, em que a ordem seria subvertida, em que tudo seria permitido em nome da diversão e da imersão numa espécie de linha de fuga. Só que a concepção de que no Carnaval “a lei é não ter lei”<sup>195</sup>, momento de nivelamento dos papéis sociais, permissividade de práticas proibidas no restante do ano, deve ser analisada com cautela. Tendo em vista que pelo lugar social ocupado por alguns sujeitos, a exemplo das bonecas, havia normas para coibir ou regulamentar

---

<sup>193</sup> *Travestis estão proibidos de brincar o Carnaval*, **Diário de Pernambuco**, Recife, quarta-feira, 28/01/1970, Caderno I, p. 03.

<sup>194</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>195</sup> MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 48-51.

comportamentos indevidos. Ou seja, essa tese da permissividade total deve ser no mínimo questionada, não servindo de fórmula-chave para todos os tempos, lugares e culturas. Em nome da promoção da ordem e dos bons costumes, as travestis da capital pernambucana e de outras regiões do Estado, durante toda a década de 1970 tiveram seus direitos de participar do Carnaval, constantemente cassados.

No Brasil, há a concepção de que o Carnaval sempre foi o evento mais popular e inclusivo do calendário nacional, momento de nivelamento social, informalidade dos costumes e quebra das hierarquias cotidianas, sobretudo com o uso de fantasias, possibilitando a representação de papéis. Nesse caso o Carnaval é inscrito como uma tradição cultural onde os mais diversos tipos humanos, fantasiados ou não, interagem harmoniosamente pelas ruas e clubes num *frenesi* de alegria sem preconceitos. Concordamos, no entanto, que o Carnaval é um momento em que algumas relações “imperativas” e papéis sociais que cotidianamente nos são impostos pela sociedade, são temporariamente relativizados.<sup>196</sup> E aqui, o conceito de relativização tem um peso grande para não se correr o risco de generalizar.

Outra questão é a idéia de inversão, que também não deve ser usada como uma fórmula de bolo que se encaixaria em todos os eventos sociais relacionados ao Carnaval. Pois se alguns homens heterossexuais comumente se vestem de mulher ou copiam os trejeitos de homossexuais invertendo suas identidades sexuais; podemos nos perguntar de que tipo seriam as inversões dos homens homossexuais? A melhor resposta parece ser que estes não invertem, e sim, vêem no Carnaval um momento de permissividade e de reivindicação pela abertura à diferença.<sup>197</sup> Talvez o ideal seja analisar o Carnaval como um momento que libera e proíbe ao mesmo tempo, variando conforme o período histórico e o contexto. Há registros de que no ano de 1966, por exemplo, das 105 páginas do número especial da Revista Manchete, cerca de nove páginas foram dedicadas aos bailes de travestis no Rio de Janeiro e São Paulo, que teriam reunido um público estimado em cerca de 6.000 pessoas.<sup>198</sup>

---

<sup>196</sup> MATTA, Roberto da. **Universo do carnaval:** reflexões e imagens. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1981, p. 33.

<sup>197</sup> GONTIJO, Fabiano. **O Rei Momo e o arco-íris:** carnaval e homossexualidade no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p.41.

<sup>198</sup> A grande guerra: enxutos & bonecas. Revista Manchete, n° 724, p. 55-63, 05/01/1966. In GONTIJO, Fabiano, *op.cit.*, p. 136-137.

Uma vez que as travestis encontradas nas ruas eram tratadas com hostilidade por parte da sociedade até mesmo no período carnavalesco, onde as práticas de brincar com os papéis sociais de gênero são comuns; a alternativa seria organizar um baile exclusivo para os homossexuais. Fato que já era bastante comum em cidades do Sudeste do Brasil como São Paulo e Rio de Janeiro e até mesmo do Nordeste como a Salvador. No período em tela, a imprensa divulgou os pedidos, apelos e reivindicações do segmento homossexual para que as autoridades policiais permitissem o chamado Baile das Bonecas, *dos* travestis<sup>199</sup> ou dos enxutos.<sup>200</sup> Na cidade do Recife, o desejo desses sujeitos era que, pelo menos no reinado de Momo, fosse permitida uma alternativa de entretenimento capaz de abrandar a violência sofrida pelos mesmos. O mais adequado parecia ser um baile que pudesse agregar somente as pessoas que partilhassem desejos afetivos e sexuais semelhantes. Esta seria uma opção ideal para que os foliões, vistos como “indecentes” para a moral pública, pudessem se divertir à vontade, sem sobressaltos e riscos de sofrerem agressões verbais e físicas.

Havia, inclusive, um senso de organização por parte das travestis interessadas nesse tipo de comemoração. Talvez até mesmo inspiradas pelas estratégias políticas de reivindicação do emergente movimento *gay*, elas recorriam aos seus direitos e sob a proteção de advogados lançavam mão de suas habilidades discursivas para tentarem convencer as autoridades e os mais conservadores dos benefícios econômicos que um evento como esse poderia acarretar ao atraírem turistas. Pedia-se, até mesmo, apoio “moral” a EMETUR (Empresa Metropolitana de Turismo), para tentar destravar as mentalidades “atrasadas” do povo nordestino. Em 1971, o *Jornal do Commercio* exibiu uma reportagem sobre um grupo de travestis liderado por Juraci Pereira, disposto a se reunir com o delegado de Costumes, Mário Alencar, para que fosse autorizada a realização do 1º Baile das Bonecas do Recife. Na formulação dos seus argumentos, Juraci se reportou ao Rio de Janeiro e São Paulo, locais onde os bailes já estavam consolidados e atraíam turistas do Brasil e do exterior.<sup>201</sup> De fato, já no início dos anos

---

<sup>199</sup> Aqui empregamos o termo travesti no masculino, para exemplificar a expressão original da época.

<sup>200</sup> O termo enxuto deriva de enxuta. É uma expressão utilizada ainda hoje para se referir a uma mulher que esteja em boa forma física. Baile das bonecas e Baile dos Enxutos eram os sinônimos para os Bailes de Travestis. Embora a expressão Baile dos Enxutos fosse mais comum na região Sudeste do Brasil. Ver: GREEN, James Naylor, *op. cit.*, p.360.

<sup>201</sup> *Travestis pedem licença para o Baile das Bonecas*, **Jornal do Commercio**, Recife, terça-feira, 09/02/1971, Caderno I, p 12.

50, alguns empresários cariocas perceberam o público homossexual como potenciais consumidores de uma indústria de entretenimento própria e anunciavam a presença de travestis nos bailes carnavalescos. O resultado foi a proliferação dessas festas pelo centro do Rio de Janeiro.

Perspicazmente, Juraci diagnosticou a necessidade de mudança na mentalidade do povo nordestino porque, segundo ele, os costumes provincianos impediam a compreensão de determinadas práticas ligadas a um novo tempo de livre expressão dos sentimentos. Frisou ainda que as bonecas não pretendiam brincar os três dias de Carnaval porque assim o evento perderia a graça, elas queriam apenas a sexta-feira antecedente ao sábado de Momo, garantindo que o baile seria um sucesso absoluto.<sup>202</sup>

O líder dos travestis Juraci Pereira, vai falar hoje com o delegado de Costumes, Mário Alencar, para que permita a realização do primeiro Baile das Bonecas, a ser realizado no Recife.

Segundo Juraci Pereira, esta festa alcançará sucesso absoluto “porque todos nós estamos empenhados em oferecer um grande baile, a exemplo dos que acontecem no Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia. Apelamos para a compreensão das autoridades a fim de que consintam na sua efetivação”.

#### **Um só dia**

O líder dos travestis declarou que vai se reunir com o pessoal da Emetur para pedir apoio moral, “pois aqui no Nordeste o povo ainda tem a mentalidade muito atrasada, não compreendendo promoções deste porte”. [...] <sup>203</sup>

À primeira vista, uma das explicações para a severidade das autoridades sobre a visibilidade e a livre expressão das bonecas e de outros homossexuais, poderia ser a decretação do AI-5 (ato inconstitucional nº 5), nos fins de 1968, quando o Congresso foi fechado e a Censura sondava os meios de comunicação e as condutas cotidianas que poderiam perturbar a pretensa ordem político-social. Mas esta explicação não dá conta, se pensarmos, por exemplo, que esse tipo de baile já acontecia no Rio de Janeiro, desde os anos 50.<sup>204</sup>

---

<sup>202</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>203</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>204</sup> GREEN, James Naylor, *op. cit.*, p. 368.

Parece-nos mais provável que a recusa desses bailes serem realizados no Recife tem sua explicação na própria configuração imagético-discursiva do gênero masculino no Nordeste brasileiro. De acordo com o historiador Durval Muniz, foi na virada do século XIX para o XX que uma série de discursos e imagens foram agenciadas para construir uma concepção de Nordeste e de ser nordestino capazes de resgatar os valores patriarcais decadentes, em contraposição com os novos valores ligados à modernidade, notadamente citadinos. Metaforicamente, o Império era masculino enquanto a recente República era feminina. Somado a isto os grandes Senhores de Engenho vêem seus valores ruírem devido a emergência de outros ligados a modernidade. Num misto de resistência e saudades de um tempo em que os costumes pareciam mais austeros começam a surgir discursos que pretendem resgatar um dado passado muitas vezes idealizado, que não existiu de fato.

Além disso, estrategicamente, o nordestino seria macho e forte por estar inserido numa região marcada pelas agruras da seca, da fome, do banditismo e dos desmandos dos senhores. Assim até as mulheres seriam viris por natureza, numa terra que teria exigido a sobrevivência dos mais fortes, valentes e corajosos. Em suma, o nordestino seria “uma reserva de virilidade”.<sup>205</sup> Esta mesma reserva de virilidade teria sido naturalizada pela cultura através de uma série de agências de distribuição de sentido como os folhetos de cordel, a literatura, a música, os discursos políticos, a pintura, os jornais, etc. A revolta do líder das travestis diante da austeridade dos costumes nordestinos revela os embates da tradição com os novos valores calcados na livre expressão e satisfação dos desejos. Esses desejos encontram mais guarida nas grandes cidades, espaços de confusão, anonimato e inversão do tradicionalismo. As “bonecas”, tidas como homens invertidos, encarnam o borramento e o apagamento das fronteiras de gênero tão delimitadas pelo cabra-macho e a mulher submissa e recatada dos típicos rincões do sertão. Essas bonecas representariam a face visível da crise pela qual a masculinidade estava passando. Havia, agora, a seguinte constatação: *nem só de cabras machos o Nordeste é feito*.

Mesmo se as bonecas quisessem, ficaria difícil burlar a proibição da Delegacia de Costumes e fazer um baile mais discreto, pois desde a semana pré-carnavalesca, o esquema de segurança tinha sido reforçado. Para as festividades desse ano de 1971

---

<sup>205</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de, *op. cit.*, p. 202.

haveria 1.200 soldados, 2.000 policiais à paisana e 100 viaturas à espreita de qualquer desordem e excesso. A questão moral era o principal foco das atenções do Delegado Mário Alencar. Ele já tinha deixado as bonecas de sobreaviso quanto a proibição de um baile só para homossexuais. Caso fizessem pouco caso com relação a esta ordem, as denominadas medidas “cabíveis” teriam que ser tomadas. Irritado, o delegado estava firme em sua decisão, não queria mais conversas sobre isso. Sendo taxativo em suas declarações, sobre o baile afirmou que: “[...] nele os homossexuais não iriam se divertir, mas apenas dar evasão às frustrações, e isso poderá trazer problemas. [...] Se quiserem passar o carnaval trabalhando na construção dos galpões da Mendicância, realizem o baile”.<sup>206</sup>



Fig. 25. Delegado de Costumes Mário Tomás de Alencar. Ele tinha poder de permissão ou veto sobre a realização dos bailes de bonecas. Fonte: **Diário de Pernambuco**, Recife, quarta-feira, 10/02/1971, 2º Caderno, p.12.

No fim das contas, a solicitação de Juraci (o líder das bonecas) não foi acatada e no dia 12 de fevereiro, o *Jornal do Commercio* publicou uma reportagem onde os organizadores do baile se mostraram surpresos com a proibição do delegado de Costumes Mário Alencar. O desapontamento foi maior porque tudo já estava preparado para a festa e a “turma” aguardava com ansiedade a palavra das autoridades. Num discurso permeado de desapontamento, revolta e até profecia, Juraci declarou para o jornalista:

---

<sup>206</sup> *Mais de 3 mil policiais vão garantir ordem no carnaval*, **Diário de Pernambuco**, Recife, quarta-feira, 10/02/1971, 2º Caderno, p.12.



“Em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e tantos outros Estados da Federação estes bailes são realizados sem maiores preocupações. Aqui a gente já tinha preparado as fantasias e o local estava quase certo. Em fim [sic] tudo já estava programado”, acrescentou Juraci Pereira. “Os nossos planos – finalizou - foram de água abaixo, mais temos certeza de que dentro de pouco tempo o povo nordestino irá nos prestigiar. O nosso baile era para todos, inclusive as famílias do Recife. Não deu certo, vamos sair pra outra.”<sup>207</sup>

Só que as bonecas eram persistentes, não desistiram facilmente. Não iriam partir pra outra assim, tão fácil. É tanto que no dia seguinte o mesmo jornal publicou uma matéria bastante significativa evidenciando a organização e o esclarecimento constitucional de Juraci e seu grupo que contrataram dois advogados contra o delegado Mário Alencar, cuja conduta, de acordo com o representante das travestis, feria o artigo 153, parágrafo 27, da Constituição Federal:

Declarou ainda Juraci Pereira, que está amparado no artigo 153, parágrafo 27 da Constituição Federal em vigor, quando diz: “Todos podem reunir-se sem armas, não intervindo a autoridade se não para manter a ordem. A lei poderá determinar os casos em que será necessária a comunicação prévia a autoridade, bem como a designação, por esta, do local da reunião.” [...] Continuando enfatizou: “poderá isso sim, ser aplicada a lei de Responsabilidade Administrativa, Civil e Penal, nos casos de abuso de autoridades: Lei nº 4898, de 9/ 12/ 65, que em seu artigo 3º item H, diz – “Constitui abuso de autoridade, qualquer atentado ao direito de reunião”.”<sup>208</sup>

Além de todos esses argumentos, Juraci Pereira comentou que o delegado Mário Alencar estava violando diretamente a Declaração Universal dos Direitos do Homem, que no seu artigo 20º diz: “Todo homem tem o direito à liberdade de reunião e associação pacífica”.<sup>209</sup> A persistência das travestis não adiantou por que o secretário de Segurança Pública Armando Samico alegou que o baile induziria a prática de maus costumes, por isso decidia apoiar o delegado Mário Alencar, proibindo assim a realização da festa.<sup>210</sup> Dois anos depois, em 1973, o vice-líder do MDB (Movimento Democrático Brasileiro) na Câmara Municipal do Recife, vereador Josué Pinto,

---

<sup>207</sup> *Travestis ficam surpresas com proibição de Polícia*, **Jornal do Commercio**, Recife, sexta-feira, 12/02/1971, Caderno I, p. 12.

<sup>208</sup> *Travestis na Justiça pelo Baile das Bonecas*, **Jornal do Commercio**, Recife, sábado, 13/02/1971, Caderno I, p. 12.

<sup>209</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>210</sup> *“Bonecas” vão à Justiça para realizar baile*, **Diário de Pernambuco**, Recife, quarta-feira, 17/02/1971, 1º Caderno, p. 01.

declarou que algumas proibições na folia estavam contribuindo para o seu fracasso. Na opinião do vereador, o Carnaval só valeria se tivesse *rouge*, pó, batom, escape livre, água e melão. Além disso, a falta de planejamento municipal para tornar o Carnaval mais rentável e a não realização do Baile das Bonecas estavam levando para o fracasso da festa.<sup>211</sup> Vê-se que em torno desse tipo de baile gravitavam interesses de atores sociais distintos. Em primeiro plano estavam os homossexuais. Compunham o grupo mais interessado na produção do baile, desejavam direitos iguais aos outros foliões, e como os brincantes de outros Estados, a exemplo do Rio de Janeiro e São Paulo. Um segundo grupo dizia respeito aos empresários e comerciantes, interessados nos lucros advindos de mais uma fonte de ganho que poderia ser somada com o comércio de rua e os bailes mais elitizados. Havia ainda alguns políticos ávidos por um eleitorado composto por uma “minoría” emergente, sobretudo nos fins dos anos 70, seguindo as trilhas abertas pela abertura política.

O preconceito era o principal empecilho para que as bonecas e outros homossexuais pudessem brincar o Carnaval livremente. No Recife esse preconceito parece ter sido maior do que no interior do Estado. Pelo menos em relação ao Carnaval de rua, apesar de dadas reservas, houve momentos em que as travestis conseguiram participar dessa festividade no interior. Se as grandes cidades são tidas como um espaço propício aos desregramentos, às desterritorializações e ao anonimato, espaço em que as normas e as convenções sociais podem ser desmanteladas, essa tese nem sempre pode ser aplicada a todos os fenômenos sociais. Isso porque as bonecas do interior de Pernambuco, aparentemente, tiveram mais possibilidades de burlar as normas daquilo tido como moralmente aceito e adequado aos bons costumes. Temos dois exemplos bastante emblemáticos disso que estamos falando. Ambos os casos aconteceram no ano de 1975. O primeiro aconteceu no município de Vitória de Santo Antão, na Zona da Mata de Pernambuco, a 50 km do Recife, quando um grupo de travestis intitulado “Brasas em Folia” costumava desfilar no Carnaval sem maiores interdições desde o ano de 1971. O grupo era composto por nove integrantes, cujos nomes sugerem a influência das divas do meio artístico, eram elas: Marta Vasconcelos, Ismira, Veruska, Elke Maravilha, Núbia, Uca Cardinale, Joelma, Telma e a líder Brigitte.

---

<sup>211</sup> *Rouge e Baton*, **Jornal do Commercio**, Recife, terça-feira 06/02/1973, Caderno I, p. 02.

Ousadamente, em 1975, as “Brasas em Folia” resolveram homenagear os clubes ligados a Federação Pernambucana de Futebol, fato que motivou a proibição pela delegacia local.<sup>212</sup> Estava aceso o estopim para a proibição, pois, um monte de “homens” travestidos de mulher e ainda por cima homossexuais, querendo homenagear os times de futebol parecia uma afronta contra os códigos de moralidade e honra vigentes. Os discursos masculinos, inclusive reproduzidos por muitas mulheres, enquadram o futebol como sendo um território exclusivo *de e para* homens heterossexuais convictos, não havendo lugar nem para mulher, nem para homem efeminado. É tanto que nos anos anteriores o grupo sempre desfilava num jipe pelo centro da cidade e justamente quando planejou homenagear o futebol pernambucano, o delegado decidiu proibir o desfile. Isso não parece uma mera coincidência, a censura foi porque já era demais relacionar os times de futebol à homossexualidade. Mesmo sob os apelos de Brigitte, a líder, e sua alegação de que elas eram pessoas de bem, que trabalhavam e cumpriam suas obrigações, a apresentação em cima de um jipe, como fora planejado, não foi autorizada. No entanto, taticamente, as bonecas se fantasiaram mesmo assim e desfilaram a pé, no meio da multidão:

Com proibição ou sem proibição o fato é que as “bonecas” resolveram desfilarem de qualquer maneira. Com Cr \$ 6.580,00 que arrecadaram junto à população, fizeram vistosas fantasias, homenageando os clubes ligados a Federação Pernambucana de Futebol. E silenciosamente, empunhando bandeiras dos times de futebol, andaram pelas ruas da cidade a pé e, por ocasião da passagem dos grandes clubes, se misturavam a multidão fazendo o passo decididamente.

E aí que não entendemos: a polícia não impediu (e nem podia) que as nove integrantes de “Brasas em Folia” andem fantasiadas pelo centro da cidade. Mais impediu que alugassem um jipe e fizessem uma alegoria. E o curioso é que, segundo “Brigitte”, o grupo conta com o apoio e carinho da população... É isso aí...<sup>213</sup>

Percebamos que o mesmo apoio conseguido junto à população em Vitória de Santo Antão, por vezes não foi conquistado na capital pernambucana, como naquele exemplo que citamos neste capítulo sobre a proibição de homossexuais em blocos, cordões, maracatus e “ajuntamentos” mesmo que estes sujeitos estivessem observando quietinhos o movimento. No caso específico de Vitória de Santo Antão, além da

---

<sup>212</sup> **Diário da Noite**, Recife, terça-feira, 04/03/1975, Caderno I, p. 05.

<sup>213</sup> *Idem*, *ibidem*.

contribuição moral de parte da população, as bonecas aproveitaram as brechas nas engrenagens da vigilância do poder e taticamente criaram a oportunidade para se expressarem.<sup>214</sup>



Fig. 26. As bonecas do bloco Brasas em Folia. Fonte: **Diário da Noite**, Recife, terça-feira, 04/03/1975, Caderno I, p. 05.

Não foi um desfile em carro aberto como desejavam, mas no meio dos brincantes, misturados na folia. Mesmo assim este fato pode ser considerado um ganho num período marcado pela atuação da denominada Polícia de Costumes que comumente barrava a circulação de homossexuais até nas vias públicas. Isso é um indicativo de que não era porque uma proibição era imposta, que ela teria que ser cumprida rigidamente, sempre havia possibilidades de burlar, “dar um jeitinho” de contornar uma determinada interdição.

O outro caso acontecido no interior foi na cidade de Caruaru, agreste pernambucano, nesse mesmo ano, 1975. O fato diz respeito ao desfile do bloco intitulado “Bonecas no Asfalto”, composto pelas seguintes integrantes: Márcia de Windsor, Doris Day, Suzi (caracterizada de Carmen Miranda), Roseli Ganguer, Florinda

---

<sup>214</sup> De acordo com Michel de Certeau, nas relações de poder emergem dois conceitos teóricos principais: as estratégias e as táticas. Ele chama de estratégia as práticas calculadas e exercidas objetivando a efetivação de ações como: o planejamento de uma empresa, de um exército ou de uma instituição. Por outro lado, numa perspectiva relacional, tem-se a tática definida como a “arte do fraco” de captar num vóo as oportunidades, ação possível graças às falhas, lacunas e ausências do poder instituído. No nosso caso, as travestis taticamente contornaram a censura que sofriam, pois apesar de não poderem desfilar em carro aberto, se infiltraram no meio dos foliões e não deixaram assim, de usufruir do Carnaval. Ver: CERTEAU, Michel de, *op. cit.*, p. 100-101.

Bulcan, Sarita Montiel, Cláudia Casten, Fernanda, Carmen, Simone e Stela. Vê-se que semelhante ao grupo de Vitória de Santo Antão, essas bonecas caruaruenses baseavam suas identidades em figuras femininas do meio artístico como sugerem os nomes Márcia de Windsor (referente à famosa vedete e atriz brasileira), Carmen Miranda (cantora de renome internacional) e a cantora e atriz estadunidense Doris Day. Vejamos um trecho da cobertura jornalística que foi feita sobre o desfile dessas carnavalescas, tão aplaudidas, que de acordo com o próprio título da reportagem, fez o povo de Caruaru “vibrar”!

Caruaru (Do correspondente Antonio Miranda) – O desfile do bloco “Bonecas no Asfalto”, promovido pela Escola de Samba Bafo do Samba, do [bairro] Salgado, foi a grande atração da Semana Pré-Carnavalesca, no dia 6. Onze “bonecas”, ricamente fantasiadas, “representando” figuras de televisão e do cinema, exibiram-se na passarela da Rua da Matriz, sob os aplausos de milhares de expectadores que superlotaram a principal artéria desta cidade.

O desfile, que estava marcado para as 21h30 min, somente iniciou-se às 22 horas, com o auxílio da polícia, que conseguiu afastar a multidão que se comprimia para ver as dondocas. Ao som de tamborina, bombos e surdos as “bonecas” cantaram e requebraram a valer, até a meia noite.<sup>215</sup>

Apesar de o delegado Geraldo Carvalho dizer que não iria proibir o desfile, mas “estaria vigilante para reprimir os excessos que por ventura viessem a acontecer,”<sup>216</sup> parece que a participação policial foi muito mais para conter o público que se espremeu para ver o desfile das bonecas. Era uma polícia que nesse momento, para esse evento agiu não só para vigiar, mas, sobretudo para “proteger” as bonecas brincantes. Até porque elas eram bastante organizadas, não se contentando apenas em participar do Carnaval, queriam fundar uma espécie de sindicato onde só as bonecas seriam permitidas participar objetivando defender os seus interesses. Isso parece ser um sintoma ou reflexo dos diversos movimentos ativistas que surgem e se consolidam nesse período como o movimento negro, estudantil, feminista e homossexual. Ao mesmo tempo imaginemos o impacto que uma associação como essa, só de travestis, causaria numa cidade com resquícios bastante fortes de uma mentalidade rural, machista e tradicional. Mas Carmen, a porta-voz do grupo, estava decidida a reivindicar direitos

---

<sup>215</sup> *Apresentação das “Bonecas” faz povo de Caruaru vibrar*, **Diário de Pernambuco**, Recife, sábado, 08/02/1975, Caderno I, p.09.

<sup>216</sup> Idem, *ibidem*.

pela sua “classe”, até porque, elas já não eram poucas, só as interessadas em participar desse sindicato já somavam cerca de setenta bonecas, número expressivo para uma cidade do interior.

“Carmen”, que tem 25 anos de idade, diz que será fundado o “Sindicato das Bonecas”, que defenderá os interesses da classe. “Somos, já um bom número, na cidade, pois somamos 70. Se não nos unirmos, para reivindicar os nossos direitos” seremos “esmagadas”. E acrescentou: “entre nós, ainda existe muita desunião, pois continuamos brigando por causa dos nossos “amores”. E esses atritos, poderão ser discutidos nas reuniões do Sindicato.”<sup>217</sup>

Pensamos que talvez por serem cidades menores e menos populosas do que Recife, essas cidades do interior seriam mais permissivas com os desfiles e a visibilidade das bonecas por possibilitarem uma vigilância maior como assinalou o discurso do delegado no episódio acima citado. Nas grandes cidades haveria sempre o perigo propiciado pelo anonimato do turbilhão de gente, ainda mais no Carnaval. Isso dificultaria o controle e o domínio sobre determinados excessos. Por isso, por precaução era mais prudente proibir a participação desses sujeitos “anormais”, sob pena de uma possível subversão da ordem e dos bons costumes, haja vista que não tinha polícia que desse conta de tantas bonecas e *gays* no meio da folia. Mas voltemos agora, para a capital. Em fins dos anos 70, os bailes de travestis no Recife ainda não tinham sido autorizados. Em 1979, algumas pessoas da “elite” do Recife, incluindo empresários, comerciantes e artistas plásticos telefonaram para o delegado de Costumes Djair Lopes Diniz, solicitando que o mesmo aprovasse a primeira festa só para travestis, da cidade. Mas o delegado foi taxativo em sua decisão:

Um grupo de pessoas influentes do Recife, inclusive empresários, comerciantes e artistas plásticos, estão interessados em promover este ano o famoso “Baile dos Enxutos”, que acontece com muito sucesso no Rio de Janeiro e outras capitais do Sul do país. Neste fim de semana, vários dos interessados entraram em contato com o delegado de Costumes, Djair Lopes Diniz, procurando saber das exigências para a liberação do baile, que deverá acontecer em um dos bailes da cidade.<sup>218</sup>

---

<sup>217</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>218</sup> *Empresários e comerciantes querem realizar no Recife o “I Baile dos Enxutos”, Diário da Noite*, Recife, segunda-feira, 12/02/1979, Caderno I, p. 05.

Mas para a decepção dos interessados no evento, o delegado foi taxativo em sua decisão e explicou:

Todas as pessoas que falaram comigo procuraram manter sigilo sobre sua identidade embora afirmassem ser pessoas da sociedade, pois dava para conhecer durante a conversa. A todos eu disse que não podia autorizar a festa, pois ela vem sendo proibida por todos os secretários anteriores. Só uma autorização especial do Dr. Sérgio Higino é que possibilitará a festa dos enxutos.<sup>219</sup>

As “pessoas da sociedade” assinaladas pelo delegado faziam parte de uma elite desejava de possuir novos hábitos de consumo e de vida, seguindo a tendência do que se praticava nos principais centros do país.<sup>220</sup> Não é à toa que o peso do prestígio social dessas pessoas fez o delegado isentar-se da responsabilidade que lhe cabia sobre o baile e transmitir para os secretários anteriores a justificativa por uma proibição atual.<sup>221</sup>



Fig. 27. Delegado de Costumes Djair Lopes Diniz atendendo a telefonemas de pessoas pedindo autorização para o 1º Baile das Bonecas no Recife. Fonte: **Diário da Noite**, Recife, segunda-feira, 12/02/1979, Caderno I, p. 05.

---

<sup>219</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>220</sup> NASCIMENTO, Luís Manuel Domingues do, *op. cit.*, p.378.

<sup>221</sup> *Empresários e comerciantes querem realizar no Recife o “1 Baile dos Enxutos”*, **Diário da Noite**, Recife, segunda-feira, 12/02/1979, Caderno I, p. 05.

Com relação ao Carnaval de 1980 não encontramos nenhum registro referente a pedidos pelo baile das “bonecas”. Todavia, nesse ano as principais boates *gays* da cidade: Mister ou Misty, Vogue e Stok organizaram uma programação especial para o Carnaval, onde o público alvo eram os *gays* ou entendidos, seriam os homossexuais modernos “descolados”, em sintonia com as últimas tendências da moda e do consumo da cultura homossexual, no Brasil e no exterior:

As boates gueis do Recife promoverão diversos festejos para comemorarem o reinado de Momo. Aqui apresentamos a programação das três principais casas noturnas freqüentadas pelas pessoas “entendidas”.

#### Mister

Funciona na Rua do Riachuelo e seu carnaval teve início ontem à noite devendo continuar hoje, a partir das 23 horas, amanhã, domingo, segunda e terça-feira. A casa promoverá desfiles e haverá a escolha da fantasia mais bonita e a mais horrorosa. A comissão julgadora será composta por pessoas entendidas da sociedade pernambucana. Na entrada será cobrada CR\$ 300,00 dando direito a 3 doses de Uísque.

#### Stok e Vogue

Essas duas boates estão instaladas no edifício Novo Recife, atrás do Cine São Luís. Os festejos carnavalescos começam hoje à noite, a partir das 23 horas. O ingresso custará CR\$ 200,00 por pessoa, também com direito a 3 doses de uísque.<sup>222</sup>

Na construção de novas subjetividades de modelos identitários, algumas expressões de vivência homossexual continuaram excluídas. Eram modelos marginais de homossexualidade escamoteadas pelas próprias clivagens sociais. Pois os novos espaços, em geral, seriam frequentados por sujeitos oriundos da classe média.<sup>223</sup> A programação das boates citadas acima evidencia o teor separatista de classe social, começando pela comissão julgadora formada por homossexuais da “sociedade” pernambucana, leia-se, da “elite” pernambucana. Além disso, essas boates ostentavam o poder aquisitivo e o *status* social baseados em determinados símbolos como o simples consumo do *Whisky*, a bebida da moda nos anos 70.<sup>224</sup> Mas o fato, é que não só as bonecas, mas também outros tipos de identidades homossexuais tiveram que enfrentar

---

<sup>222</sup> *Entendidos na folia*, **Diário da Noite**, Recife, quinta-feira, 14/02/1980, p. 04.

<sup>223</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de, CEBALLOS, Rodrigo, *op. cit.*, p. 143-144.

<sup>224</sup> NASCIMENTO, Luís Manuel Domingues do, *op. cit.*, p. 378-379.



um longo processo de lutas e conquistas, bem como avanços e recuos de seus direitos para participarem dos dias de Momo. Não é à toa que eles [os homossexuais] procuraram “alternativas” para tal empreitada se infiltrando, inclusive nos famosos Blocos de “Virgens”, apesar da tradição machista desses blocos, que só permitem entrar no conjunto, os homens “de verdade”, ou seja, os heterossexuais.

### **2.3- Quando os homens se tornavam femininos: as “Virgens de Carnaval”.**

No Carnaval, os jornais davam ampla cobertura aos festejos. Divulgando-se o itinerário, o horário de saída e o histórico de algumas agremiações. Era o caso, por exemplo, dos famosos e tradicionais Blocos de “Virgens”, denominação comum dada a um tipo de bloco composto por homens caricaturados de figuras femininas, fundado originalmente nos idos de 1950, pelas Virgens de Olinda, que fizeram tanto sucesso nessa cidade que aos poucos se espalharam também pelo Recife e outros municípios pernambucanos.<sup>225</sup> Estas agremiações, ainda hoje são muito populares e saem geralmente no final de semana antecedente ao sábado de Momo. Sob os incentivos de amigos e familiares eles, as Virgens, usam perucas, vestidos, saias, anáguas, sapatos de salto alto e maquiagem. Só pessoas do sexo masculino podem participar e em geral não há restrições de idade. As fantasias que esses homens usam se referem às imagens clássicas dos papéis femininos, indo da dona de casa pura e recatada a mais devassa das *putas*. Quem for a um desfile de Virgens verá representadas mulheres grávidas, freiras, policiais, colegiais, *putas*, professoras, enfermeiras, lavadeiras, etc.

Desde a sua fundação esse tipo de organização carnavalesca teve o apoio da população, que lotava (e ainda lota) as ruas para assistir aos desfiles. Entretanto, a crescente “intromissão” de homossexuais ocasionou constantes advertências e precauções para que os blocos de Virgens não perdessem sua originalidade e tradição caso aceitassem na sua composição travestis e homossexuais de “verdade”, haja vista que os brincantes das Virgens admitiam suas próprias *performances* como sendo apenas atividades lúdicas, modos de Carnaval. É tanto que a cada ano, essas agremiações cresciam cada vez mais. Em Jaboatão dos Guararapes, município vizinho ao Recife, havia as “Perdidas”, por exemplo. Da mesma forma que as Virgens de Olinda, eram

---

<sup>225</sup> *Bloco de “virgens” estão proliferando no Grande Recife*, **Diário de Pernambuco**, Recife, quinta-feira 13/02/1975, Caderno I, p. 02.

basicamente homens travestidos de mulher, ou mesmo parodiando os homossexuais. Só que estes também não tinham vez nas “Perdidas”, que barrava todo e qualquer homossexual que pretendesse participar do desfile. Principalmente aqueles mais ostensivos como as travestis:

Jaboatão – O presidente Severino Augusto de Miranda – Billy – da Troça Carnavalesca “Perdidas” decidiu, ontem aumentar o número de participantes da agremiação no desfile de sábado gordo, mas proibiu a inscrição de Carolina, conhecida travesti da Vila Rica que desejava sair na troça.

Disse Billy que somente rapazes da sociedade e que trabalham no comércio de Jaboaão poderão sair no clube. As bonecas não terão vez. Este ano, “as Perdidas” vai desfilar com 150 figurantes.<sup>226</sup>

Depois, passada a folia voltariam ao normal, deixariam as fantasias e os trejeitos femininos para reassumirem os seus postos de machos, apagando todo e qualquer resquício de uma possível homossexualidade. Ou seja, na volta ao cotidiano esses homens teriam sua masculinidade assegurada porque os lugares femininos que teriam ocupado foi apenas coisa passageira, brincadeiras, caricaturas, deboche, arremedo dos papéis femininos e homossexuais, mas nada que pudesse macular as suas verdadeiras identidades sexuais. Mesmo participando de uma agremiação a qual o pré-requisito era se vestir de mulher, se efeminar, rebolar, falar fino e agarrar os homens que estivessem observando o desfile, nada disso deveria ser confundido com sinais “legítimos” de feminilidade e pior ainda de homossexualidade. A ideologia de “as coisas não são o que parecem ser”<sup>227</sup> deveria ser mantida no Carnaval.

Sendo que, mesmo ao agarrar os outros machos que assistiam ao desfile, estes brincantes, ao contrário dos homossexuais, não estariam traindo a sua “natureza”<sup>228</sup>, porque era apenas brincadeira. No senso comum, a questão da naturalização é bastante forte nas construções dos gêneros feminino e masculino, escamoteando-se os aprendizados culturais, haja vista que desde a mais tenra idade as pessoas já nascem

---

<sup>226</sup> “Perdidas” não quer nada com “bonecas”, **Jornal do Commercio**, Recife, sexta-feira, 09/02/1979, Caderno II, p. 11.

<sup>227</sup> PARKER, Richard G, *op. cit.*, p. 229.

<sup>228</sup> Dentro da dicotomia heterossexual/ homossexual, este último é visto e pensado como sendo um rebelde, alguém que traiu a própria natureza ao se sentir atraído por *personas* do mesmo sexo biológico. Ver: MISSE, Michel, *op. cit.*, p.62.

numa sociedade ensinando que as diferenças anatômicas dos sexos é o cerne das diferenças entre homens e mulheres. Portanto haveriam os comportamentos adequados a cada sexo. Tudo que fuja a esta regra não estaria fugindo somente ao padrão cultural, mas à própria natureza.<sup>229</sup>



Fig. 28. “Virgem” envolta numa fantasia adornada por um indiscreto boá. Fonte: **Jornal do Commercio**, Recife, terça-feira, 27/02/1973, Caderno II, p. 01.

Havia até uma espécie de código de honra para regulamentar os homens que estivessem dispostos a se integrarem nestes blocos e para que a tradição fosse mantida. Dois itens desse regulamento podem indiciar o teor de machismo e preconceito que as Virgens promoviam: enquanto um dos itens jocosamente dizia para não se levar muito a sério a brincadeira após o Carnaval,<sup>230</sup> um outro estabelecia que os participantes não poderiam desfilarem agarrados com outros integrantes.<sup>231</sup> Nesse mesmo ano, um dos presidentes do bloco, Ricardo Cavalcanti, declarou que eles iriam estar atentos quanto a seleção dos foliões, não permitindo “a participação no desfile de quem possua moral duvidosa”.<sup>232</sup>

---

<sup>229</sup> SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1991, p.19.

<sup>230</sup> *Virgens de Olinda são uma garantia*, **Jornal do Commercio**, Recife, domingo, 11/02/1973, Caderno II, p.07.

<sup>231</sup> *Virgens vão acompanhar Rei Momo de Olinda*, **Jornal do Commercio**, Recife, domingo, 25/02/1973, Caderno I, p. 07.

<sup>232</sup> *Virgens de Olinda são uma garantia*, **Jornal do Commercio**, Recife, domingo, 11/02/1973, Caderno II, p.07.

Era preciso controlar os impulsos mais recônditos, não levar muito a sério o “personagem” após o Carnaval, caso contrário poderia denunciar uma homossexualidade “latente” ou enrustida. A heterossexualidade se situa, assim, no campo do devir, dever ser constantemente conquistada e legitimada, sob pena de resvalar em direção a uma feminilidade.<sup>233</sup> Contra isso, um dos preços pagos por estes homens teria que ser uma eterna vigilância das emoções, dos gestos e do próprio corpo. Isso diz respeito ao que alguns estudiosos denominam de “crise da masculinidade”, apontando novos caminhos para a existência de “outras masculinidades” (no plural). Passou-se a perceber que outras formas de ser homem estavam ganhando espaço. Além disso, os homossexuais evidenciaram que a dominação masculina não se dá apenas sobre as mulheres; mas também há uma hierarquia entre os próprios homens.<sup>234</sup> O macho “hegemônico” estaria perdendo o seu trono? Talvez por isso, os jornais normalmente descrevessem os participantes das Virgens como sujeitos “decentes”, de boa família, casados ou com namoradas, às vezes universitários e com posição sócio-econômica privilegiada, enfatizando também a heterossexualidade dos mesmos:

As fantasias são preparadas pelas irmãs [sic], amigas e namoradas dos rapazes que desfilam, trabalhando, cada um, pelo sucesso de sua apresentação. [...] O desfile é apreciado por toda a sociedade olindense, e muita gente do Recife vai assisti-lo atualmente, um domingo antes do Carnaval. [...] Os rapazes, em sua maioria, são jovens de 16 a 22 anos, alguns noivos e outros comprometidos com moças de Olinda. Alguns que desfilaram em anos anteriores já estão atualmente casados e comparecem apenas para apreciar a nova geração.<sup>235</sup>

Ora, pelo discurso midiático, era a própria sociedade olindense quem aprovava este tipo de agremiação, que estava atraindo, inclusive, pessoas que moravam em outras cidades só para ver esses personagens. De acordo com esse discurso, quem iria vê-los já o fazia despido de qualquer preconceito, pois se até as famílias aprovavam este comportamento, percebido e aceito como coisa normal, tradicional, que passava quiçá, de pai para filho perpetuando esta tradição entre todos os homens da família. Em grande

---

<sup>233</sup> NOLASCO, Sócrates. Um “Homem de Verdade”. In CALDAS, Dario. (Org.) **Homens**. São Paulo: Editora SENAC, 1997.p. 25.

<sup>234</sup> GARCIA, Sandra Mara. Conhecer os homens a partir do gênero. In ARILHA, Margareth. UNBEHAUM, Sandra G., MEDRADO, Benedito. (Orgs.): **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/ Ed. 34, 1998, p.40-41.

<sup>235</sup> *Virgens do Bairro Novo saem hoje às ruas*, **Jornal do Commercio**, Recife, domingo 06/02/1972, 2º Caderno, p. 06.

medida, esses blocos carnavalescos reforçavam as diferenças entre heterossexuais e homossexuais, por desqualificar, parodiar e debochar desses últimos. Além disso, a supremacia heterossexual estaria assegurada relegando ao outro modelo, o *status* de anormal, monstruoso, desviado.<sup>236</sup> Reforçava também a hierarquia existente entre os homens (heterossexuais) sobre as mulheres e as bichas, pois as Virgens com suas fantasias e *performances* numa perspectiva relacional e comparativa estavam bem distantes de enaltecer os objetos de suas galhofas. E mais, os rapazes que participassem das Virgens pareciam ter a sua macheza maximizada. Diziam que tinha que ser muito macho para se vestir de mulher e não “desmunhecar”, virar bicha ou *viado*. Tanto é que estes rapazes adquiriam possíveis admiradoras, pois muitos saiam no desfile só para conseguir namoradas enquanto outros já estavam namorando ou noivos.

Não existe preconceito. Os jovens são desinibidos. Contam com a aprovação da família. De vez que o desfile é realmente tradicional e tudo é encarado normalmente, como coisa de Carnaval. Pelo contrário, os rapazes que desfilam são admirados pelas moças e conseguem namoradas no Bairro Novo, quando querem. Muitos já estão até comprometidos e outros noivos.<sup>237</sup>

Havia quase uma espécie de pavor de que estes homens heterossexuais fossem confundidos e identificados como homossexuais. Daí a constância dos discursos em ressaltar a presença de pretendentes, namoradas, noivas e esposas apoiando e acompanhando as Virgens. Era necessário preservar as imagens que identificavam os homens como sujeitos de costumes rústicos, ásperos, e idôneos, cujas imagens representassem uma reserva de virilidade. Ainda assim, a hegemonia do macho estava ameaçada. A crise da masculinidade estava instalada e outras subjetividades entre os homens pareciam querer ganhar um lugar ao Sol. A respeito disso, no ano de 1973, a então manequim, Elke Maravilha (ícone de inspiração para muitos *gays*, travestis e transformistas) foi convidada para participar do desfile das Virgens de Olinda. Ela aceitou. Empolgada com o bloco, Elke Maravilha subiu numa carreta, pegou o microfone e num arroubo de contestação fez uma declaração que lhe rendeu algumas vaias e protestos: “Que é isso gente? Conceito de machão e bicha já era. Para que é que se tem cuca?”<sup>238</sup> O discurso de Elke Maravilha foi um sintoma da crise pela qual a

---

<sup>236</sup> KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p.90.

<sup>237</sup> *Virgens do Bairro Novo saem hoje às ruas*, **Jornal do Commercio**, Recife, domingo 06/02/1972, 2º Caderno, p. 06.

<sup>238</sup> *40 mil pessoas assistiram desfile das Virgens*, **Jornal do Commercio**, Recife, terça-feira, 27/02/1973, Caderno II, p. 01.

masculinidade (heterossexual) tida como hegemônica estava passando. Não parecia fazer mais sentido dividir o universo dos homens em bichas e machões. As diversas “revoluções” dos anos 60 e 70 pareciam apontar para uma nova era em que as dicotomias, clivagens e preconceitos seriam desmantelados para dar origem a outras relações mais livres, sem determinadas amarras.

No final dos anos 70 as interdições e a vigilância para que homens com heterossexualidade “duvidosa” não se infiltrassem nos blocos de Virgens intensificaram-se. Para o Carnaval de 1979, os organizadores do bloco As Virgens do Bairro Novo contrataram especialistas para “selecionar” os homens no ato da inscrição. Sendo proibidos de desfilar aqueles “moralmente duvidosos”, e ao fazerem isso correlacionavam orientação afetivo-sexual com questões de bom ou mau comportamento. Os organizadores instituíram esta seleção porque nos anos anteriores alguns homossexuais teriam se infiltrado no bloco, fato quase sempre gerador de confusão na hora do desfile quando se descobria a intromissão. Bonecas e homossexuais de “verdade”, definitivamente não poderiam compartilhar da folia. A sombra da desconfiança pairava da hora da inscrição ao momento do desfile. A triagem não deveria falhar sob pena das Virgens perderem a sua originalidade caso aceitassem alguma “dondoca” inconveniente.<sup>239</sup>

A direção da Troça Carnavalesca “As Virgens do Bairro Novo” resolveu constituir uma turma de “agentes-vingens”, para investigar na hora do desfile, os “suspeitos”, retirando-os da brincadeira. Todo ano, de última hora, aparece uma “dondoca” em desacordo com a regulamentação do bloco e é obrigada a retirar-se, o que é suficiente para criar confusões e brigas.

Para evitar esses atropelos na hora da saída, a diretoria das Virgens resolveu criar a turma do “bota-fora”, integrada por “vingens” que cuidarão de retirar os suspeitos evitando dessa forma que a originalidade da troça seja desfeita. “Nenhuma boneca pode participar ou mesmo aqueles que a gente desconfia”, disse Ricardo Cavalcanti, um dos organizadores da troça.<sup>240</sup>

Devido a estas experiências tidas como negativas, por esses blocos, era necessário treinar, sofisticar o olhar para assim barrar a entrada de homossexuais no ato da inscrição. Os responsáveis pela “seleção” teriam que estar atentos para não

---

<sup>239</sup> “Bonecas” de verdade sem vez junto às Virgens, **Jornal do Commercio**, Recife, segunda-feira, 14/02/1979, 2º Caderno, p. 02.

<sup>240</sup> Idem, ibidem.

permitirem que determinados homens fizessem a inscrição. Isso está relacionado ao dispositivo do exame, teorizado por Michel Foucault como a técnica de observar o “desenrolar de um conjunto de sinais e de sintomas decifráveis”.<sup>241</sup> Provavelmente, punham-se sob a mira dos inquiridores, todos os homens que apresentassem sinais estereotipados atribuídos a um homossexual “típico”, de voz e gestos mais delicados e por isso mesmo impedido de desfilar na agremiação:

Cinqüenta candidatos que foram se inscrever na troça As Virgens do Bairro de Olinda não passaram no teste de “quem é quem”. Isto deixou frustrada muita gente que queria realizar seu sonho durante o desfile, vestindo roupas femininas e distribuindo beijinhos para os homens.

Segundo Ricardo Cavalcanti, um dos coordenadores da troça, este ano a seleção foi rígida e até uma equipe de pessoas especializadas nesse tipo de teste foi contratada, para evitar dessa forma que o bloco perdesse sua originalidade.<sup>242</sup>

Ainda em 1979, as Virgens do Bairro Novo de Olinda, decidiram permitir a participação das bonecas. Mas não abertamente, nas ruas, desfilando. As bonecas poderiam até ganhar troféus. Mas com uma condição: seria nos bastidores como figurinistas das fantasias que as virgens iriam apresentar:

As “bonecas” agora vão ter vez no bloco “As Virgens do Bairro Novo de Olinda” e até ganhar troféus. Elas podem participar concorrendo com um modelo ao prêmio de melhor figurino, que este ano a direção da agremiação resolveu instituir. O desfile será no próximo dia 18 a partir das 10h.

Como no bloco só desfila quem é homem e com idoneidade comprovada, as “bonecas” que sempre manifestaram desejo de se exhibir, poderão participar como figurinistas desenhando o modelo com o qual uma das virgens vai desfilar.<sup>243</sup>

Carnaval, a festividade mais democrática do calendário brasileiro? Período do ano em que os papéis se invertem e a ordem é desmantelada, subvertida? Este tipo de afirmação ou mesmo tese, deve ser pensado com certo cuidado, pois como vimos, dependendo dos personagens que estivessem envolvidos na folia, havia ordens a cumprir. Para quem era homem heterossexual, vestir-se de mulher consistia muito mais numa

---

<sup>241</sup> FOUCAULT, Michel, *op. cit.*, p. 74.

<sup>242</sup> *Virgens reprova muitos no teste*, **Jornal do Commercio**, Recife, quinta-feira, 15/02/1979, 1º Caderno, p. 01.

<sup>243</sup> *Bonecas agora terão vez nas Virgens de Olinda*, **Jornal do Commercio**, Recife, terça-feira, 06/02/1979, 2º Caderno, p. 01.

paródia de gênero do que numa convivência com a homossexualidade. Pois esta transgressão era passageira. Já para os homossexuais e as bonecas houve episódios em que a interdição foi bastante severa. Logicamente, o fato de terem ocorrido proibições não significa que elas sempre fossem cumpridas. Houve as estratégias e as táticas ao sabor dos acontecimentos possibilitando que os sujeitos quebrassem ou amolecassem as relações de poder. Se algumas bonecas e homossexuais chegavam a ser presos pela Delegacia de Costumes e outros nem saíam de casa sob pena de acontecer o mesmo; muitos outros saíam para as ruas, *freavam*, se fantasiavam e batucavam do sábado de Zé Pereira à quarta-feira de cinzas.

Mesmo assim, o fato é que a despeito e a revelia da emergência do *gay*, outras expressões homossexuais continuaram a existir e buscar suas legitimidades. Nem todos queriam, poderiam ou estavam a par da nova identidade. Classe social, etnia, idade, formas de sociabilidade, estética, entre outros fatores separavam e criavam clivagens, conflitos, picuinhas, discursos maliciosos e preconceituosos dentro e fora do próprio meio homossexual. Tipos como a bicha, a travesti ou boneca e a tia não encontraram acolhida no meio *gay* ou entendido. Com isso não pretendemos vitimar estes sujeitos e dizer que todos foram excluídos e não interagiram com os “novos” homossexuais. Entretanto, houve discursos e práticas que defendiam uma separação incisiva entre as “tradicionais” e a nova identidade homossexual.



## Terceiro Capítulo

### Pontos de “encontro” e “desencontro”: sociabilidade e cotidiano de homossexuais em ruas, cinemas, bares e boates

O isolamento exclusivo dos homossexuais em lugares exclusivos reflete uma errônea consciência de que são anormais e precisam estar em locais onde só haja anormais. Num plano de conquista, o homossexual precisa achar o seu lugar na sociedade.<sup>244</sup>

---

<sup>244</sup> João José da Silva, *Lugar do homossexual na sociedade atual*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 10/11/1979, p.06.

### 3.1 - Cidades heterotópicas ou os espaços do homoerotismo na cidade do Recife na década de 1970

Para além de questões envolvendo a ditadura militar, a exemplo de uma historiografia que privilegia os temas mais políticos, a década de 1970 foi também um período de redefinição nas identidades de determinados segmentos sociais. É o caso, por exemplo, dos homossexuais, identificados agora com uma nova imagem: o *gay*. Esta identidade estava diretamente relacionada com a proposição de novas territorialidades existenciais e materiais. Por meio do poder discursivo e imagético buscava-se desconstruir dados estigmas e estereótipos sobre as relações entre homens. Por isso, passou-se a produzir novas subjetividades, qualificando a homossexualidade como algo positivo, não mais pejorativo e deprimente. A própria palavra *gay*, como vimos no primeiro capítulo desta dissertação, foi importada com o mesmo significado proposto pelos movimentos sociais do exterior. Numa tradução mais ou menos ao pé da letra, *gay* significa alegre, feliz e festivo; em contraposição às marcas negativas de bicha, viado, fresco, frango, pederasta e seus congêneres. Se estes “insultos” eram verdadeiros veredictos da identidade homossexual<sup>245</sup>, ser *gay* tinha um poder de minar estas “verdades”, desmontado estigmas e tecendo novas sensibilidades.

A reivindicação era política. Vinculada em jornais, tablóides, passeatas, protestos, músicas, peças teatrais, poemas e filmes que procuravam desconstruir as antigas representações. Todavia a ampliação do campo de atuação desses sujeitos não se deu apenas pela via da elaboração organizada e politizada. Através de pequenas astúcias ordinárias, do dia-a-dia, ao sabor do cotidiano, os homossexuais conseguiam burlar as interdições a fim de se sociabilizarem e ganharem cada vez mais espaço, estando convictos que poderiam circular em qualquer espaço. As novas conexões formadas na subcultura *gay*, os contatos e os laços de amizade também teriam a função de ajudar os sujeitos a lidar com o preconceito e redefinir seus próprios valores.<sup>246</sup>

Por meio de indícios<sup>247</sup> contidos nos jornais e nas entrevistas, buscamos confeccionar e narrar histórias de homossexuais que fizeram de dados espaços (como

---

<sup>245</sup> ERIBON, Didier, *op. cit.*, p. 28.

<sup>246</sup> NUNAN, Adriana, *op. cit.*, p. 131.

<sup>247</sup> Concebemos indícios tal qual o teórico Paul Veyne, para quem nós historiadores nunca elaboramos as nossas narrativas de maneira direta e completa, mas sempre através de testemunhos lacunares (indícios) deixados indiretamente pelo que consideramos como passado. Sendo assim, a História seria basicamente

residências, cinemas e bares), os seus territórios de vivência, onde suas identidades afetivas e sexuais eram fabricadas e legitimadas por meio da identificação com outros pares que compartilhavam os mesmos desejos. Vale ressaltar que neste capítulo quase não abordaremos a sociabilidade das travestis, por já termos tratado sobre a mesma no segundo capítulo. A cidade do Recife, em relação a Pernambuco, figurava como o pólo principal de interação homossexual por oferecer uma relativa liberdade proporcionada pelo anonimato, pelos desregramentos, pelos pontos de entretenimento e pelo caos que caracterizam as agitadas metrópoles.<sup>248</sup>

O Recife possuía essa marca. Ao contrário das cidades menores, do interior, em que “todo mundo conhecia todo mundo” e ainda havia uma forte tradição patriarcal e machista, inibindo por isso, determinadas manifestações homossexuais; nas grandes cidades, pelo contrário, haveria maiores possibilidades de transgredir determinadas normas, de se vivenciar novas experiências, já que devido à agitação e à quantidade de pessoas, o anonimato acaba sendo um lugar de relativa proteção diante da hostilidade social. Não é à toa que cidades importantes como Paris, Londres, Berlim, Amsterdam e Nova York, ainda hoje, são símbolos de uma dada liberdade para os homossexuais. Isso fazia com que aqueles indivíduos residentes em outras cidades, sonhassem em um dia poder morar nestes locais ou mesmo ir a metrópoles regionais, a exemplo do Recife.

A ligação entre sexualidade e espaço é uma constante nos discursos referentes à homossexualidade. Inclusive, a concepção de “*estar fora*”, “*estar dentro*” “*sair do armário*”, “*entrar no armário*” também remete a uma dada ideia de espacialidade. Há que se pensar que a própria memória coletiva é marcada por impressões espaciais. As ruas nos lembram, os edifícios..., por onde circulamos com determinada pessoa, sob determinada situação, etc. As nossas lembranças quase sempre são evocadas levando-se em conta o contexto material que é um referencial no qual vivenciamos nossas experiências do passado.<sup>249</sup> Além disso, as narrativas históricas não devem desdenhar de uma análise da espacialidade a qual os seus sujeitos estejam inseridos. Espaços emocionais, inclusive: se estávamos felizes ou tristes em certo lugar. Nesse sentido devemos pensar que os espaços estão “carregados de qualidades, povoados de sonhos,

---

um conhecimento que se concretizaria por meio de documentos, pistas, rastros. VEYNE, Paul, *op. cit.*, p. 18.

<sup>248</sup> HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 81.

<sup>249</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, p. 170-171.

desejos, imagens, fantasias, fantasmas, devaneios e paixões.”<sup>250</sup> Os espaços não são meros palcos em que as ações humanas se desenvolvem ao longo do passar dos anos. Eles são dotados de qualidades subjetivas, evocam lembranças e ações, são objetos de disputas, conflitos, vivências, sobretudo, para determinados grupos que se viram vigiados e controlados. Pensemos, por exemplo, na carga simbólica que hoje uma determinada rua representa para os homossexuais que a faziam de local para paquerar, no passado.

A gênese de uma subcultura homossexual nos parece anterior ao surgimento do *gay* enquanto conceito e identidade. As próprias imagens criadas pelo artista Tom of Finland, muitas delas criadas antes do surgimento de espaços exclusivamente *gays* (boates, saunas e clubes), nos EUA e na Europa, dão conta desses espaços (públicos e clandestinos) em que o sexo impessoal já se realizava.<sup>251</sup>

Como vimos no primeiro capítulo, a identidade *gay*, na sua gênese, esteve baseada em determinados imperativos. O ideal para o “novo” homossexual deveria ser alguém politizado, esclarecido, jovem, urbano e orgulhoso de sua orientação sexual. Todavia além destes pré-requisitos este homossexual moderno deveria frequentar os espaços, também modernos, do lazer, do entretenimento e da moda como veremos mais adiante quando abordarmos a questão das boates, por exemplo. É assim que se situava a identidade *gay*: no campo do devir, do vir a ser, uma identidade que tinha que ser constantemente reafirmada. Muitas vezes o ato de “assumir-se”, ou “sair do armário”, estava relacionado ao ambiente em que este homossexual costumava frequentar. Sendo este indivíduo, então, mais ou menos aceito. Pois a hostilidade social era um forte componente inibidor fazendo com que muitos sujeitos fossem forçados a “enrustir” ou dissimular a sua identidade sexual, forjando um comportamento que não correspondia a sua “verdadeira” inclinação sexual. Sendo que ao inserir-se naquilo que apontamos como comunidades *gays*, ou seja, em grupos de indivíduos que têm um vínculo comum<sup>252</sup> que os distingue das demais pessoas da sociedade, estes sujeitos se identificariam entre si por compartilhar, inclusive, os mesmos sentimentos, estigmas e anseios. Ainda hoje, na medida em que um homossexual consegue fazer contatos e

---

<sup>250</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Zonas de encrenca: algumas reflexões sobre poder e espaços. In ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira**: história, espaços e identidade regional. Recife: Edições Bagaço, 2008, p. 74.

<sup>251</sup> Sobre a vida e a obra de Tom of Finland ver capítulo 01- item 1.2, p. 37- 40.

<sup>252</sup> NUNAN, Adriana, *op. cit.*, p. 139.

descobre que existem outros indivíduos com os mesmos gostos e inclinações, ele tende a encarar de forma mais positiva a sua sexualidade. Por isso a questão da sociabilidade é tão importante para a auto-estima dos homossexuais, que muitas vezes só se mostram abertamente, sem disfarces, na companhia de outros “pares”.

A nossa perspectiva sobre territorialidade é para além do ponto de vista material, palpável, fabricado urbanisticamente. Nesse sentido a abordagem do filósofo e historiador francês Michel Foucault nos parece bem adequada. Inclusive, o título do presente texto é uma referência direta ao que Foucault chamou de lugares heterotópicos. Estes seriam como espécies de “lugares que estão fora de todos os lugares”.<sup>253</sup> Ou seja, seriam espaços subjetivos, construídos *na e pela* experiência, espaços onde os sujeitos encarnariam e viveriam outros personagens que não aqueles representados no cotidiano. As heterotopias não teriam referências geográficas específicas, marcações cartesianas, delimitadas por fronteiras. Pelo contrário, elas seriam construídas ao sabor do momento pelos usos que se poderiam dar à territorialidade “tradicional”, edificada com tijolos, cimento e cal.

As heterotopias criariam espaços de ilusão onde os sentimentos de afinidade de um dado grupo ou subcultura estariam amalgamados. Logicamente não queremos dizer com estas afirmações que as heterotopias seriam meras criações oníricas que fariam parte de um mundo etéreo destituído de “substância”. Pelo contrário, para quem os vivencia, estes seriam espaços tão reais quanto os institucionalizados. Pensemos por exemplo em um determinado sujeito, homossexual, nos anos 70, que vivesse “enrustido” no ambiente familiar, no círculo de amigos e no trabalho, vivendo assim uma sexualidade reprimida, controlada e vigiada por si mesmo e pelos outros. Sendo que este mesmo sujeito ao frequentar as boates, bares e saunas *gays*, ao fazer “pegação”<sup>254</sup> nos cinemas e ao realizar passeios sonambúlicos pelas vielas à procura de sexo grátis e anônimo, estaria num mundo à parte do instituído, entraria numa outra dimensão. Estes seriam exemplos de espaços heterotópicos. Aí, este homem do nosso exemplo fictício, ficaria mais livre e à vontade, exercendo a sua sexualidade sem sobressaltos, haja vista que quando estivesse em casa e com os amigos, estaria em outro

---

<sup>253</sup> FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. *In Ditos e Escritos. Vol. III.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 415.

<sup>254</sup> Na linguagem homossexual “pegação” se refere tanto ao ato de flertar; como também à prática do sexo impessoal, recíproco e gratuito com anônimos.

território, por vezes preocupado e ocupado em esconder o tempo todo qualquer signo que pudesse denunciar a sua “verdade” sexual.

Uma dada rua que a qualquer outro transeunte poderia ser percebida como uma rua comum, lugar de passagem, um caminho para se chegar a outro lugar; para aqueles que a utilizavam para as artes do sexo impessoal e da paquera entre homens, adquiria cores distintas, passava a ser percebida como uma rua sensual, libidinosa, local de rememoração dos atos que outrora foram praticados ali. Numa das entrevistas que realizamos o nosso interlocutor, ao lembrar a respeito dos melhores e mais “quentes” pontos de “pegação” da cidade, parece indicar que estes pontos seriam de fato *lugares fora de lugares*, territórios que apesar de serem marginais, discretos para a maioria das pessoas, possuiriam uma geografia absolutamente perceptível para os indivíduos iniciados nesse meio:

Olhe, as pessoas paqueravam muito que escondidas. Mas enfim, depois de um determinado período da noite, a partir digamos das 22 horas... É... Começavam a aparecer pessoas circulando pelo [Parque]13 de Maio; por trás dos Correios, da Agência Central dos Correios do Recife; na [Avenida] Guararapes, em frente ao antigo cinema Trianon; na Rua 24 de Maio, nas proximidades da [Avenida] Dantas Barreto; também na área da Casa da Cultura que posteriormente virou ponto de travesti e na beira do Rio Capibaribe, em toda a sua extensão da Rua Aurora e também na Rua do Sol.<sup>255</sup>

O nosso depoente nos trás uma cidade totalmente distinta daquela transitada e percebida pela maioria das pessoas. Para muitos passantes, o Parque 13 de Maio (localizado próximo a histórica Faculdade de Direito do Recife) era apenas um calmo e bucólico parque para caminhar, descansar, levar toda a família, observar os animais nas jaulas e dar pipoca aos peixes, patos e pombos. Todavia, um olhar mais treinado, faria emergir sujeitos circulando vespertinamente com intenções de apreciar algo a mais do que a Lua e as estrelas. À noite, ou às vezes durante o dia, mesmo, para aqueles indivíduos que saboreavam a excitação e o perigo de serem flagrados, as sombras das árvores, os caramanchões e os banheiros seriam pontos ideais para a prática da “pegação”. Isso também é um exemplo de espaço heterotópico. É como se houvesse outro parque dentro do próprio Parque 13 de Maio.

Percebamos que a cidade trazida à luz pelas reminiscências do nosso depoente, é cheia de significados pessoais e grupais. No seu discurso, foi feito um determinado

---

<sup>255</sup> Entrevista realizada com Roberto (nome fictício a pedido do depoente) em 13/11/2010.

recorte espacial em que demarcações, significados e sentidos foram cunhados às ruas, avenidas e parques da capital pernambucana. Cabe aqui, corroborar com o pensamento de Michel de Certeau, para quem o espaço é um lugar praticado, construído *na e pela* experiência. Apropriação subjetiva, exercício poético e metafórico de trajetórias, percursos e identificações pessoais.<sup>256</sup> Para os homossexuais, a cidade parecia se desdobrar, abrir-se em leque, adquirindo diversos significados, representações e identificações. Relacionado a isso, numa monografia pioneira sobre a sociabilidade homossexual na cidade de São Paulo, feita entre os anos de 1958 e 1959, o sociólogo Barbosa da Silva ao tratar dos espaços de interação homoeróticos fala da sensibilidade que os homossexuais teriam para perceberem na massa anônima e confusa de pessoas, aquelas que também seriam homossexuais. É como se determinados signos identificassem este subgrupo como “gestos, maneiras de falar ou andar, companhias preferenciais, roupas, fatos, objetos e situações que atraem a atenção, que os homossexuais se identificam, ainda que não se conheçam.”<sup>257</sup>

Mesmo antes do período em tela, alguns locais do Recife como ruas, praças e cinemas já eram conhecidos como espaços onde homens interessados em outros homens transitavam mais frequentemente. Digamos que já havia uma espécie de tradição homoerótica na capital pernambucana. Vale salientar que os homossexuais não possuíam uma área única, restrita e discriminada de circulação, eles transitavam, entrecruzavam-se e misturavam-se a territórios de outros segmentos sociais como as prostitutas, as travestis, os boêmios, os artistas, os *hippies* e os mendigos como vimos no capítulo 01. Por isso estamos de acordo com a idéia de “região moral” trabalhada por Néstor Perlongher, caracterizada pela circulação de desejos marcados por certa ilegalidade e marginalidade. Na “região moral”, as pessoas que “derivam” ou transitam, não estão necessariamente interessadas em fixar residência, a morarem, como acontece com os guetos *gays* norte - americanos, onde há bairros exclusivos *de e para* homossexuais.<sup>258</sup> Na “região moral”, pelo contrário, há uma espécie de “nomadismo

---

<sup>256</sup> CERTEAU, Michel de, *op. cit.*, p. 184-185.

<sup>257</sup> Na época da monografia de Barbosa da Silva a idéia do *gay* como um conceito que definiria uma identidade ou orientação sexual nem existia. Tanto é que em momento algum do seu trabalho, Barbosa da Silva cita a palavra *gay*, ou o seu equivalente nacional, o entendido. SILVA, José Fábio Barbosa da. Homossexualismo em São Paulo: Estudo de um grupo minoritário. In GREEN, James Naylor, TRINDADE, Ronaldo (Orgs). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 79.

<sup>258</sup> No Brasil não existiram guetos como na Europa e nos Estados Unidos. Os homossexuais não tinham exatamente uma região isolada no meio da cidade. Esta foi apropriada e teve seus espaços astuciosamente utilizados para a “caça” e a “pegação” ao sabor das oportunidades. Talvez seja mais adequado pensarmos

urbano” fruto das deambulações de seus frequentadores.<sup>259</sup> Não queremos dizer, com isso, que *todos* os homossexuais estariam destinados a clandestinidade, muito menos que a ilegalidade fosse a principal marca desses homens. Entretanto, é inegável que os territórios marginais emergem como alternativas opcionais e até atrativas para aqueles que estariam relegados à contenção de suas demonstrações de afetividade às claras, na frente dos outros. Às vezes, mesmo, estas territorialidades marginais eram a única opção para determinados homossexuais.

Foi da década de 1970, um dos primeiros estudos sociológicos aprofundados a respeito da homossexualidade. Feito por Michel Bon e Antoine d’Arc, trata-se de um relatório de quase 400 páginas, que, entre outras questões, aborda os tipos de lugares mais adequados para a sociabilidade entre homossexuais. Para os autores deste relatório, determinados lugares eram comuns para a paquera entre heterossexuais e entre homossexuais como bailes e casas de amigos. Sendo que para os homossexuais, os espaços clandestinos, secretos e marginais eram quase uma regra a exemplo dos famigerados mictórios assiduamente utilizados por parcela da subcultura homossexual:

Os lugares de encontros homossexuais são, ao mesmo tempo, semelhantes aos dos heterossexuais (bailes, vida cotidiana...) e completamente específicos (mictórios...). São, entretanto, quase todos caracterizados por uma concentração exclusivamente, ou em maior número, de pessoas homossexuais. Este simples elemento faz deles um mundo à parte, conhecido apenas dos iniciados, mundo típico como o seria uma assembléia de marinheiros, de velhos combatentes, de surdos-mudos, etc.

Esses locais têm uma cultura de grupo que lhes é própria, seus sinais de reunião, seu jargão. Aí, o homófilo pode viver abertamente sua homofilia, enquanto que na vida cotidiana ele é freqüentemente obrigado a ocultar.

Além disso, os lugares de homossexuais, ainda que isso seja diferente para cada um, são em geral dominados pela sexualização das relações. Os homossexuais aí vão, às vezes, para discutir abertamente com as pessoas que têm um ponto comum essencial com eles. Mas aí vão, sobretudo, para “dragar”, para satisfazer seus desejos físicos e enganar por

---

em “comunidades” e subculturas. Até porque concordamos com a definição de guetos dada por Rogério Haesbaert quando diz que estes são expressões de “comunidades, que procuram reproduzir-se endogamicamente e criar todo um repertório cultural comum e exclusivo do grupo”. Ver HAESBAERT, Rogério, *op. cit.*, p. 92.

<sup>259</sup> As “regiões morais” se caracterizariam também pela interação e agrupamento de “iguais” em que determinadas regras de comportamento e de valores se efetivam com uma dada regularidade. Ver SILVA, José Fábio Barbosa da, *op. cit.*, p. 255. PERLONGHER, Néstor Osvaldo. Territórios marginais. In GREEN, James Naylor, TRINDADE, Ronaldo (Orgs). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 266-288.



uma noite a solidão. Outros, procurando ainda um amor completo, esperam encontrar, à força de freqüentar esses locais, um parceiro para a vida e se contentam esperando aventuras de um dia ou recusam-se a todo contato.

Não resta dúvida que a procura do parceiro sexual ou amoroso é muito forte nos lugares de homossexuais (mais que nas festas-surpresas ou bailes heterossexuais). Ela é marcada pela angústia de não encontrar, de se ser rejeitado e por uma certa desumanização das relações, considerando o outro como um simples objeto sexual.<sup>260</sup>

No caso do Recife, tendo como base as nossas fontes, podemos dizer que os locais mais comuns de sociabilidade homossexual estavam “pulverizados”, espalhados na configuração urbana da cidade. Além disso, muitos desses locais, principalmente os públicos, mantinham outros *habitués* como prostitutas, boêmios, *hippies*, *michês* e malandros numa interação que cobria basicamente as áreas do Bairro do Recife (hoje conhecido como Recife Antigo) e os bairros de São José, Santo Antônio e Boa Vista. As pontes fazem os elos entre estas ilhas, fato que dava mobilidade aos indivíduos, que num mesmo dia poderiam “curtir” pontos diferentes da mesma cidade. Estas variedades de “tipos” que vicejavam pela cidade, principalmente a partir de determinados horários da noite, eram semelhantes aqueles que Hiroito de Moraes descreveu em suas memórias sobre a denominada Boca do Lixo (antiga região boêmia de São Paulo).<sup>261</sup> No caso específico do Recife, estas personagens transitavam, basicamente pela região que compreendia os:

[...] limites do distrito da Boa Vista, fronteira com o de Santo Antônio, separados apenas pelo Rio Capibaribe e ligados pela Ponte Duarte Coelho, onde emergiram redutos que dariam origem a um complexo de estabelecimentos e um logradouro composto por becos, travessas, ruelas, recintos, passagens, calçadas e ruas, reunindo ao longo dos anos diversos indivíduos que eram caracterizados por marcos diversos (hippies, intelectuais progressistas, jovens universitários, artistas *undergrounds*, atores, escritores, musas, *entendidos*<sup>262</sup>, músicos, cantores, políticos, etc.).<sup>263</sup>

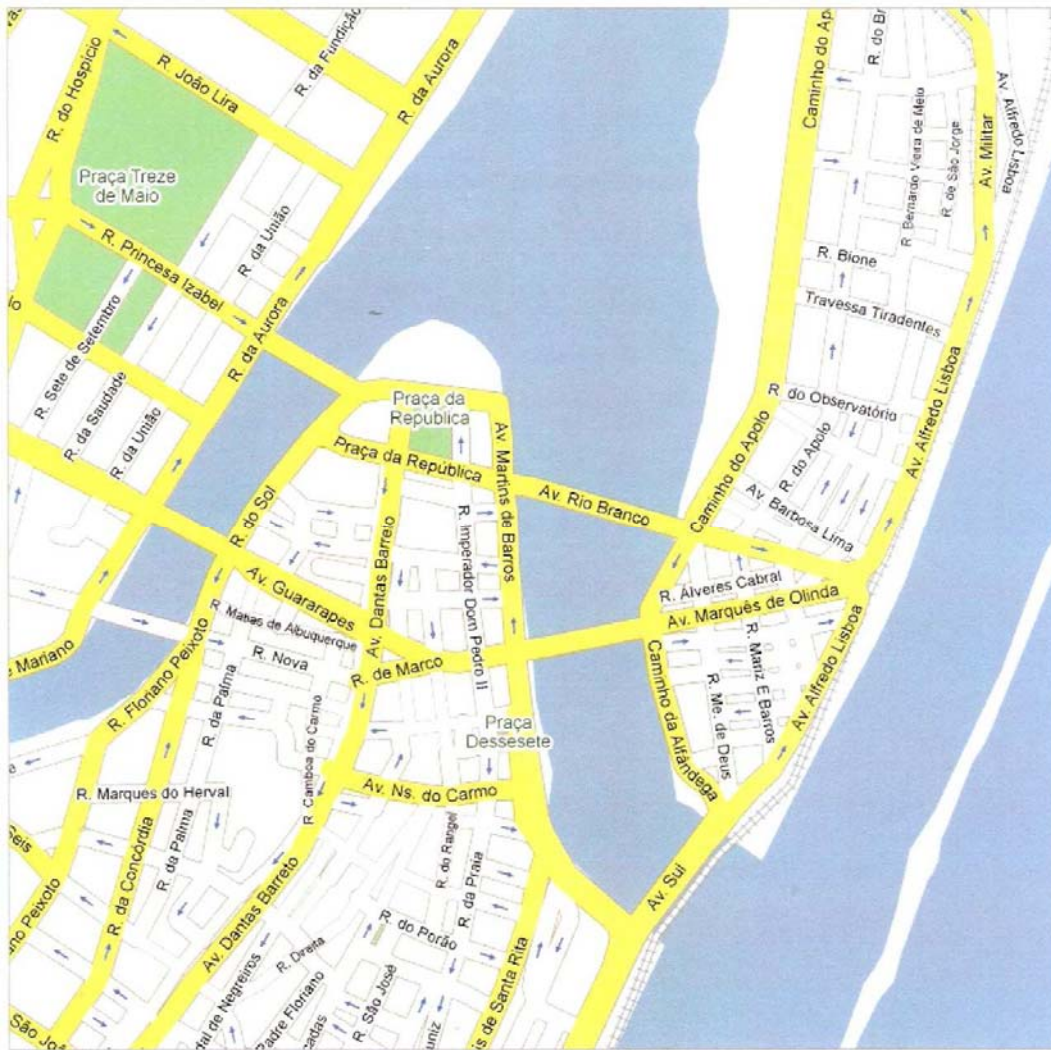
---

<sup>260</sup> BON, Michel, D’ARC, Antoine. **Relatório sobre a homossexualidade masculina**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979, p. 219-220.

<sup>261</sup> JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do lixo**. São Paulo: Ed. Populares, 1977, p.25-31.

<sup>262</sup> Grifo nosso. O entendido seria a versão brasileira do *gay*. Consistia numa identidade homossexual, basicamente urbana, da classe média e intelectual, sem resquícios de afetação, cf. o primeiro capítulo.

<sup>263</sup> NASCIMENTO, Luís Manuel Domingues do, *op. cit.*, p. 390.



Mapa 01. Área Central da Cidade do Recife. Fonte: SOUZA NETO, Eptácio Nunes de. **Entre boys e frangos**: Análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife. Recife, (UFPE) 2009. Dissertação de Mestrado em Psicologia, p. 14.

A respeito do universo homossexual, os discursos veiculados pela imprensa da época como também aqueles que obtivemos por meio das entrevistas, descrevem territórios marcados por seus próprios códigos de comportamento e linguagem, onde os laços de amizade, as hierarquias, a paquera, as rivalidades e o sexo impessoal entre homens pareciam se realizar com uma relativa facilidade, banalidade e liberdade. Era o caso da “pegação” ou “pescaria”. Provavelmente, o uso de espaços alternativos para este tipo de finalidade é um fenômeno que antecede aos anos 70 e está relacionado às implicações do modelo quase inquestionável da normatividade heterossexual e suas artes do flerte e do romance às claras, sem camuflagens, enquanto para os homossexuais foi necessária a invenção de artimanhas para contornar as interdições e poderem dar

vazão aos seus desejos em lugares escondidos do restante da sociedade.<sup>264</sup> O que ocorreu na década de 70 foi justamente uma maior visibilidade sobre estes locais, verdadeiros circuitos compostos por ruas, praças, avenidas, ruelas, banheiros públicos, bares e cinemas onde a arte da “pesca” dava-se com maior intensidade e sucesso. Procurava-se dar legitimidade a esses locais, em grande medida, já bastante conhecidos e frequentados pela subcultura homossexual da cidade.

No final dos anos 70, com o enfraquecimento da Ditadura Militar, a pressão dos grupos militantes para que os homossexuais pudessem expressar seus desejos sem medos e culpa se intensificou. A abertura política foi apropriada como metáfora para aqueles que, tempos antes, se privavam de expressar as suas sexualidades fora da clandestinidade e nesse momento, poderiam gozar de uma liberdade como quem volta de um longo exílio. As fontes sugerem a existência de uma territorialidade homossexual perceptível até mesmo para os sujeitos não iniciados no meio, ou para os homossexuais que moravam em outras cidades e não conheciam a capital pernambucana. Quem quisesse conhecer os *points gays* da cidade não teria muita dificuldade. As noites de sexta, sábado e domingo eram bem movimentadas.

Nos discursos dos mais politizados, digamos assim, os espaços de interação homossexual possuíam a marca da futilidade e da alienação. Era um divertimento que chegava a ser condenado e execrado por muitos militantes que pareciam interpretar a abertura de determinados espaços *gays* como uma armadilha montada por um sistema capitalista que ao mesmo tempo em que tirava proveito econômico dessa nova clientela, corroborava para encapar a permanência dos preconceitos, confinando os “novos” homossexuais a ambientes chiques e higienizados, distantes dos lugares insalubres e escuros que cheiravam a suor, cigarro e urina. Neste sentido o *Gay Power* ou Poder dos *gays* não parecia querer traduzir somente a possibilidade de luta, revolução e mudanças que os homossexuais poderiam conquistar frente ao preconceito; este poder *gay*, aos poucos teria sido cooptado pelo consumismo capitalista.<sup>265</sup> Mas não eram todos os homossexuais que gostavam ou que se viam obrigados a frequentar os novos espaços de consumo e de entretenimento. Veremos mais adiante que os tradicionais lugares públicos para “pegação” continuaram fazendo parte do circuito da sociabilidade homossexual.

---

<sup>264</sup> CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002, p. 239.

<sup>265</sup> TREVISAN, João Silvério, *op. cit.*, p. 214.

A prática da militância extrapolava o ato de assumir-se para a sociedade, exigia-se uma iniciativa política de todos os homens homossexuais, agora responsáveis pela condução de suas próprias histórias de vida. Havia um discurso imperativo, incisivo e direto que tentava denunciar as irregularidades e a “alienação” dentro da própria subcultura homossexual. Este discurso parecia querer dizer que apesar das convidativas músicas e luzes inebriantes das modernas e “descoladas” discotecas, dos libidinosos banheiros e cinemas de pegação, haveria algo a mais do que somente curtir, algo mais a se fazer para o bem da “classe” *gay*. Mas para além dessa discussão, vê-se que os espaços de interação desses indivíduos eram atravessados por disputas, verdadeiras zonas de encrenca em que determinados territórios eram aceitos e recomendados; enquanto outros eram motivos de mofa, apontados como decadentes, “baixos” e insalubres. Dizia-se que estes seriam territórios onde somente as “bichas pobres” e as bonecas frequentavam. Haveria, então, distintas heterotopias dentro da subcultura homossexual.

No período em tela, os homossexuais buscavam ampliar o alcance de suas reivindicações na medida em que os seus discursos e suas práticas condiziam com a busca pela afirmação e pelo orgulho de uma sexualidade historicamente estigmatizada. Os espaços estavam sendo conquistados e legitimados, agora era trabalhar para conseguir a possibilidade de reconhecimento e respeito pelo restante da sociedade, mostrando que nem todos os homossexuais só queriam “curtir”. Nesse sentido, o discurso ativista era preconceituoso com aqueles que gostavam de se divertir em bares, discotecas e seus congêneres. Esse tipo de comportamento era apontado como um desperdício de mentes que com um pouco de esforço poderiam ser mais “úteis” à sociedade, neste caso, leia-se movimento *gay*.<sup>266</sup>

De um lado os novos e modernos ambientes sofisticados; do outro, antigos territórios tradicionais de interação íntima entre homens, mas que em contraponto com os novos e higienizados espaços, eram escuros, perigosos e pareciam feder a urina. O fato é que sob a perspectiva de Foucault estes lugares se enquadrariam no que ele define como espaços heterotópicos. Eles eram construídos pelo crivo da experiência e da subjetividade, não se restringiam às marcas, territórios e fronteiras construídos urbanisticamente. Com base nesse pensamento, vemos emergir um Recife totalmente

---

<sup>266</sup> Humberto Lelabel, *Cartas na mesa*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 06/10/1979, p. 04.

distinto do que a maioria dos caminhantes percebia, vemos emergir uma cidade em certa medida lasciva e erótica. Enfim, uma cidade homoerótica.

### 3.2.1- Na rua reinava a “pegação” e o perigo: os circuitos dos espaços públicos

A partir da década de 1970, houve uma espécie de desejo de tornar o uso de espaços públicos de “pegação” uma coisa conhecida por todos. Mesmo que fosse para desqualificar. Procurava-se divulgar novas sensibilidades sobre esses locais conhecidos na subcultura homossexual da cidade do Recife há tempos. Por vezes nessas narrativas, alguns espaços, notadamente as “regiões morais”, são descritas como sendo lugares de potencial periculosidade, devassidão, lascívia e sujeira, para onde afluíam aqueles que transitavam pela cidade em busca de toda sorte de intenções como o furto, o consumo de drogas, a prostituição e a famigerada “pegação” de rua. Vemos emergir, assim, espaços escuros, fedorentos, decadentes e perigosos. Espaços onde só os mais corajosos, preparados para tudo e com certos traquejos para lidar com o perigo pareciam estar dispostos a se aventurar e arriscar suas vidas por um flerte ou por um sexo casual com algum anônimo. Nestas narrativas, os homossexuais que preferiam frequentar estes circuitos não eram bem vistos por um determinado segmento homossexual, (notadamente aqueles identificados com a figura moderna do *gay*) que se achava superior por transitar por lugares como as boates, alguns bares e as saunas:

Quem tem muita coragem, mas muita mesmo, preparando-se para tudo, pode tentar o rumo [Avenida] Guararapes, [Avenida] Dantas Barreto e Pracinha, onde os peixes são de segunda, tipo IPSEP, Ibura, Alto Santa Isabel ou Vasco da Gama. O perigo é um tanto, mas tem quem goste. Começa-se no [bar] Savoy, onde a linha pode ser jogada sem medo de fora. Quem passa por lá depois das nove faz. É um certo amigo (?). Com um pouco mais de coragem o Aero Bar está lá em frente ao Pátio de São Pedro, onde se passa loucamente e o [bar] Douro é logo ali. Se quiser um pouco mais de perigo, o [bar] central, onde brigas e assaltos sucedem. Mas tem gosto para tudo.<sup>267</sup>

Por meio do emprego de metáforas, figuras de linguagem, dizia-se que nestes circuitos, os transeuntes eram carentes de beleza física, eram “peixes” de “segunda”, moravam em bairros pobres e em morros como o Alto Santa Isabel e Casa Amarela. Portanto, não eram “peixes” que apeteceriam paladares mais sofisticados e exigentes,

---

<sup>267</sup> Francisco Henrique, *Embalos de sábado à noite*. **Diário da Noite**, Recife, sábado, 01/12/1979, p. 05.

acostumados com os “peixes” de outras paragens, tipo Boa Viagem, Candeias, Casa Forte e Aflitos, que são bairros de classe média. Neste ponto, fica clara a existência de embates que separavam, dependendo da territorialidade, os homossexuais de classe social superior, portanto mais bem “asseados” e bonitos; em contraposição àqueles de extratos sociais inferiores, sendo então menos atraentes. Mesmo enfatizando-se que se tinha “gosto para tudo”, determinados gostos ou inclinações eram vistos como um sinal de maus hábitos e falta de requinte. Buscar parceiros em determinados lugares fazia parte de uma complexa relação em que os atributos econômicos, sociais, culturais e estéticos eram decisivos como moeda de capital erótico. Logo abaixo vemos um trecho da Avenida Dantas Barreto com a Igreja e o Pátio do Carmo em primeiro plano:



Fi. 29. Vista aérea de trecho da Avenida Dantas Barreto em meados da década de 1980. Fonte: **Museu da Cidade do Recife.**

Questões semelhantes foram tratadas por Alexandre Teixeira em sua dissertação de mestrado em Ciências Sociais no começo dos anos 2000. Ao analisar os discursos e as representações sobre os territórios de “pegação” em Belo Horizonte (MG), este sociólogo apontou que apesar da utilização dos banheiros públicos ser frequente no negócio da “pegação”, a falta de conservação e limpeza destes locais no

imaginário do “outro” atrairia pessoas “feias”, “velhas”, “pobres” e “mendigas”.<sup>268</sup> Nestes discursos transparecem, inclusive, clivagens sociais e econômicas desqualificando determinados lugares como as Avenidas Guararapes e Dantas Barreto; bem como certos bairros a exemplo do Ibura e do IPSEP, locais onde os “peixes” (potenciais parceiros) seriam de “segunda”, ou seja, no mercado erótico poderiam ser homens com poder aquisitivo reduzido, morarem em bairros da zona norte ou serem pouco atraentes fisicamente.

Da mesma forma, o Bar Central, situado próximo à referida Avenida Dantas Barreto também era um ponto discursivamente construído sob os moldes da decadência, da periculosidade e da pobreza. Uma pobreza que não era somente a econômico-social, mas uma inferioridade, sobretudo moral daqueles que se sociabilizavam nestes espaços. Os historiadores Durval Muniz e Rodrigo Ceballos, nos falam um pouco sobre os contratos dessa espacialidade conflituosa traçada subjetivamente pelos homossexuais:

Mesmo os territórios desenhados pelas deambulações, desejos, afetos e encontros homossexuais apresentam demarcações de fronteiras bem nítidas, que separam e segmentam, construindo espécies de subgrupos. Territórios de prazer, de alegria, de beleza, espaços feéricos e luxuosos são contrapostos a territórios de violência, de tristeza, de decadência, espaços periféricos e chamados de “barra pesada”. O mapa da cidade é retraçado e recortado por trilhas que ora levam à alegria e ao luxo, ora à violência, à decadência e à dor.<sup>269</sup>

Aqueles que estivessem dispostos a andar por estes circuitos eram apontados por certos homossexuais (notadamente por aqueles que se enquadravam no arquétipo do *gay*) como sujeitos que não estavam em consonância com os padrões da modernidade e uso dos meios de entretenimento moralmente mais aceitáveis para um verdadeiro *gay*. Já as discotecas e alguns bares localizados nos bairros de Boa Viagem e da Boa Vista, por exemplo, recebiam uma qualificação totalmente distinta. Pois era estar na moda e exibir gostos e *status* econômico-social mais elevado. Este fato tendia a excluir aqueles que não tinham o poder aquisitivo ou simplesmente não queriam se adequar a tais padrões de consumo e de conduta. Assim, ao lado de territórios classificados como promíscuos, decadentes, clandestinos e perigosos, espaços onde só malandros, algumas travestis e prostitutas exerciam os seus ofícios, emergem ambientes sofisticados em

---

<sup>268</sup> TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. Discursos e representações sobre os territórios de “pegação” em Belo Horizonte. In DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira, FÍGARI, Carlos Eduardo (Orgs.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 278-279.

<sup>269</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de, CEBALLOS, Rodrigo, *op. cit.*, p. 143-144.

conformidade com a construção da figura do *gay*, pautada em determinados símbolos que pretendiam conferir legitimidade às condutas afetivo-sexuais entre homens. Isso porque, a identidade homossexual não se refere apenas às relações sexuais, mas engloba um estilo de vida próprio, com normas e valores, quase um mundo à parte. E não era somente o Recife que possuía lugares públicos propícios à paquera homossexual. Em Olinda, sua cidade vizinha, havia pontos em que o flerte entre homens era mais livre:

Não querendo fazer a linha Conde da Boa Vista, Olinda ainda é uma excelente opção. Principalmente nas barracas do Alto da Sé, onde a pescaria é livre, com o que existe de melhor das praias de Bairro Novo e Casa Caiada. Não perca tempo, vá lá e pegue sem medo. Lá a concorrência é muito menor, pelo menos enquanto não descobrirem minas. Levar para o Cantinho da Sé ou para o Omalá, vendo Recife à noite é tão romântico.<sup>270</sup>

Para muitos homossexuais, os espaços públicos eram a única alternativa para os mesmos se sociabilizarem, conseguirem algum paquera, namorado ou no mínimo um sexo casual e gratuito. Sendo que os riscos, por vezes, nem estava tanto em um assalto ou furto, mas nas constantes batidas que a polícia fazia em lugares já suspeitos de “pegação”. Eram ruas, parques, praças, becos e mictórios geralmente mal iluminados e ermos, com pouco movimento de passantes favorecendo a partir de determinados horários, a realização de contatos mais íntimos entre homens. A questão da pouca ou da falta de iluminação era essencial para a sociabilidade noturna em alguns locais. Para o teórico Roland Barthes a escuridão propicia o surgimento de afetos possíveis.<sup>271</sup> Na penumbra, sem ver o outro, também seria possível interagir sob o manto do anonimato. Em nome da manutenção da “moral e dos bons costumes”, a polícia apontava os ajuntamentos de homossexuais como sendo um atentado ao pudor. Muitos policiais, pareciam se aproveitar disso e chantageavam aqueles que eram pegos no “flagra”. Pois na delegacia, comumente cobravam propina, sob a ameaça de contarem tudo para a família, chamarem repórteres e até mandarem a ficha para os empregos dos detidos. Foi o caso, por exemplo, de um homossexual apanhado pela polícia num banheiro da Central do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Indignado e em tom de desabafo ele escreveu para o jornal *Lampião da Esquina*:

Hoje à tarde (12.7.1979) fui dar umas badaladas inocentes por aí, aproveitando uma folga do serviço, e acabei indo até a Central do Brasil, local onde apareço de vez em

---

<sup>270</sup> Francisco Henrique, *Embalos de sábado à noite*. **Diário da Noite**, Recife, sábado, 01/12/1979, p. 05.

<sup>271</sup> BARTHES, Roland. Ao sair do cinema. In **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 429.



quando e acho curtível uma vez ou outra. Bem, fui dar uma olhadinha rápida (não mais que dois minutos) no banheiro principal e, assim que comecei a mijar, fui abordado por um rapaz de estatura média, magro, moreno claro e de bigodes, que identificou-se como policial. Pediu documentos (berrando, é claro) e já com o auxílio de dois guardas fardados levou-me até a delegacia, que fica perto do banheiro, na Central mesmo.

Chegando lá, notei a presença de mais quatro entendidos na mesma situação que a minha: dentro de uma delegacia, contra a vontade e sem saber o motivo. Logo o tal policial veio nos dizendo que detestava viados (nenhum de nós tinha pinta, fazíamos o gênero sério, enrustido), e começou com uma série de incríveis humilhações e ameaças [...].<sup>272</sup>

Aliado à reação homofóbica, a detenção desses homossexuais também era uma maneira dos policiais conseguirem dinheiro fácil. O medo e o constrangimento eram suficientes para que as vítimas dessem propina sob pena do fato se tornar público. Além disso, como observou Francisco Neto em sua dissertação de mestrado sobre as práticas homossexuais nos banheiros da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), é fato que usualmente os banheiros públicos são construídos exclusivamente para satisfazer determinadas necessidades fisiológicas do corpo como urinar e defecar. Qualquer uso contrário a isso é considerado uma espécie de subversão da ordem.<sup>273</sup> No caso do missivista que escreveu para o *Lampião da Esquina*, esta subversão lhe custou o constrangimento e 300 cruzeiros:

Logo percebi o que estava acontecendo ali: eu tinha sido escolhido, por ser homossexual, juntamente com os outros quatro, para ser assaltado por policiais. E não deu outra coisa: logo o tal policial disse que se tivéssemos uns trocados, como era a primeira vez e nós tínhamos pinta de boa gente (vejam só...), ele nos dispensaria. É claro que queríamos é sair logo daquele local: eu dei 300 cruzeiros e os outros entre 100 e 500.<sup>274</sup>

Num estudo ousado e pioneiro feito nos finais da década de 1960, nos Estados Unidos, o sociólogo Laud Humphreys, em sua etnografia pesquisou as denominadas *tearoom trade* (salas de chá) como são denominados alguns banheiros públicos usados para a prática do sexo impessoal entre homens. Ele observou que determinadas

---

<sup>272</sup> Luís Carlos, Cartas na mesa. *Chantagem no banheiro da Central. Lampião da Esquina*, ano 02, n° 16, Rio de Janeiro, setembro de 1979, p. 18.

<sup>273</sup> COSTA NETO, Francisco Sales da. **Banheiros públicos:** os bastidores das práticas sexuais. Natal, (UFRN) 2005. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, p.18.

<sup>274</sup> Luís Carlos, Cartas na mesa. *Chantagem no banheiro da Central. Lampião da Esquina*, ano 02, n° 16, Rio de Janeiro, setembro de 1979, p. 18.

características tornam as “salas de chá” atrativas para os homossexuais desejosos por sexo casual e anônimo. Estes locais apresentariam as vantagens de ser um ambiente ao mesmo tempo público e privado: são acessíveis, facilmente reconhecíveis pelos iniciados e apresentam pequena visibilidade pública.<sup>275</sup>

Através de sua pesquisa de campo, ele observou que a rotatividade de potenciais parceiros é tão considerável em determinados banheiros que certa vez, em meia hora de observação, chegou a presenciar um homem que “atendeu” a três outros ao mesmo tempo. Outra coisa que Laud Humphreys testemunhou foi o silêncio das interações. É fato que não somente nos encontros de banheiros, mas nos cinemas e nas ruas, a “pegação” no mais das vezes dá-se sob o crivo do silêncio. A linguagem é outra como contaram os nossos depoentes. Aí a questão da *performance* e do olhar valem muito mais do que as palavras. Até porque o ideal é manter a impessoalidade, o anonimato, garantido que o sexo seja mesmo impessoal. A não ser que a intenção não seja apenas contatos sexuais é que a conversa faz-se necessária. Todavia, por vezes, apenas a troca de olhares é a prática fundamental para se perceber se um flerte está sendo correspondido ou não.<sup>276</sup>

Em algumas entrevistas nos foi possível inferir que para muitos homossexuais, os espaços públicos eram utilizados para a prática da “pegação” e a consumação do ato sexual, por ser o único possível, devido às dificuldades de se levar alguém para casa ou para alguns motéis da cidade que não aceitavam a entrada de dois ou mais homens juntos. Os territórios públicos também eram adequados para os iniciantes nessa subcultura. Pois até mesmo os denominados “enrustidos” e aqueles homens que “curtiam” sexo com outros homens, mas não se consideravam homossexuais, poderiam passar despercebidos aos olhos da sociedade mais ampla, poderiam passar como simples transeuntes. Dessa maneira, paradoxalmente, a clandestinidade da rua, passava a adquirir certa legitimidade. Mesmo com medo, na expectativa de ser apanhado no “ato”, era possível dar “uns beijinhos” e “uns sarrinhos” dependendo do local e do horário. Isso ocorria, geralmente, depois que o comércio formal fechava as suas portas e

---

<sup>275</sup> HUMPHREYS, Laud. A transação da sala de chá: sexo impessoal em lugares públicos. In RILEY, Matilda, NELSON, Edward. (Orgs.). **A observação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974, p. 149.

<sup>276</sup> ALBUQUERQUE DE BRAZ, Camilo. Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferença em clubes para homens. In DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira, FÍGARI, Carlos Eduardo (Orgs.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 222.

a maioria dos trabalhadores voltava para as suas casas. As ruas do Recife ficavam menos movimentadas propiciando a possibilidade dos encontros.

Embora, o desejo parecesse falar mais alto, era quase sempre um risco praticar a “pegação” de rua. A polícia, por exemplo, poderia ser implacável e só liberar o “suspeito” mediante suborno. É assim que Fernando, um dos nossos depoentes nos disse que nas ruas mais esquisitas ele e outros homossexuais costumavam se encontrar casualmente ou por encontros marcados. Era uma prática perigosa. Era comum, após serem pegos pela polícia, que os homossexuais, temerosos, passassem um tempo sem ir a tais locais. Ele mesmo foi vítima de uma dessas batidas policiais.

Mas apesar da existência dos bares, saunas e cinemas, a rua figurava como uma das únicas e prediletas opções para a sociabilidade homossexual, haja vista a relativa facilidade para se encontrar um “parceiro”, sem maiores compromissos. Sem contar que não era preciso pagar uma entrada ou consumação como nos cines e bares:

A gente dava uns beijinhos, uns sarrinhos, ali por trás dos Correios que hoje é onde tem a Secretaria de Segurança. Pronto, ali era o foco também das “pegações” dali. De vez em quando a polícia vinha, pegava, levava. Mas nunca que eu saiba ficou ninguém preso por conta disso, não. Eles davam lá uns chamados: “Ali não é lugar mais”. Aí o homossexual ficava com medo. Depois voltava de novo. Eu mesmo fui pego uma vez ali com um cara, aí a polícia me levou para a Rua do Aragão, que hoje eu acho que não nem tem essa Delegacia, lá. Era na Rua do Aragão. Aí já tinha corruptos na época. Digamos assim, eu dei como se fosse hoje, cinco reais. “Aí vá tomar uma cerveja”. Aí eles soltavam e pronto. “Mas não vá pra lá mais não. Se for pego, vai não sei o quê”. Mas não se respondia, porque pelo fato de ser pego uma pessoa dessa, fazendo um negócio desse, é porque ele não tinha oportunidade de ir pra algum lugar. [...].<sup>277</sup>

A seguir vemos a Rua Siqueira Campos, localizada por trás da Agência Central dos Correios da Avenida Guararapes. Era nela e em suas transversais como o “Beco do Mijo” que Fernando e muitos outros homossexuais realizavam incursões sexuais. Recebemos informações de que até hoje (2011) ela é utilizada para fazer “pegação”. Nos anos 70, durante o dia e parte da noite ela mantinha um comércio composto basicamente por lanchonetes, bares e barracas. Quando este comércio fechava as suas portas, essa via se prestava a outras funções.

---

<sup>277</sup> Entrevista realizada com Fernando em 15/01/2011.



Fig. 30. Rua Siqueira Campos em meados da década de 1980. Fonte: **Museu da Cidade do Recife**.

E Fernando prossegue, contando-nos quais as táticas que usava na paquera e o que acontecia além de simples beijos e abraços. O “estar” em determinados locais já indicava uma disponibilidade, deixando, portanto, a excitação à flor da pele. Bastavam as trocas de olhares e uma conseqüente correspondência para provocar a excitação. Ainda, com relação à passagem do tempo, para o nosso depoente, comparando o passado com o presente, este último lhe parece bem mais simples do que os tempos idos, pois hoje até algumas mães preferem ter os seus filhos namorando dentro de casa do que em espaços públicos, entregues a toda sorte de riscos:

A gente trocava os olhares, passava, um parava, depois o outro passava, depois o outro parava... Aí daí vinha. Quando vinha, já vinha... Um já tava ereto com o pênis. O outro também de sua parte já vinha, se masturbava e iam embora. Porque não tinham lugar. Não podiam levar pra casa. Por que hoje leva, hoje não tem muito isso, porque hoje o adolescente mesmo de 14, 15 [anos] a mãe prefere que ele fique dentro do quarto com um cara do que ser pego na rua. O cara vai preso e o filho vai pra rua. Tem muitas mães... Não é que ela tá induzindo o filho não. Mas numa parte é até melhor. Porque os riscos, o perigo. [...].<sup>278</sup>

Na fala de Fernando, é possível inferir a questão da interação “silenciosa”. Tal e qual os informantes de Laud Humphreys, o olhar e o ato de passar, caminhar, parar e se exhibir tornava-se uma prática mais eficiente que a interação verbal. Nesse sentido, a maximização dos atributos sexuais tinha que ficar ao máximo evidente com a ereção do pênis como o ponto máximo dessa *performance*. Isso tem a ver com o que Michel

<sup>278</sup> Entrevista realizada com Fernando em 15/01/2011.

Pollak denominou de “rendimentos orgâsmicos”. As proibições e preconceitos contribuíram para que as relações homossexuais fossem submetidas a um cálculo racional em que as ações minimizem os riscos (de ser flagrado, por exemplo) e ao mesmo tempo otimize a eficácia. Daí o isolamento do ato sexual, no tempo e no espaço e a separação radical entre sexo e afeto exemplificada na “dissolução da relação imediatamente após o ato”.<sup>279</sup>

Além da região por trás da Agência Central dos Correios (localizada na Avenida Guararapes), outro depoente apontou outras “regiões morais”, em que haveria uma territorialidade homossexual que mesmo sob vigilância, atraía mais ou menos a partir das 22:00hs um público notívago, provavelmente interessado em algo a mais do que apreciar a Lua e as estrelas. Parte desses homens morava na capital, outros se deslocavam de outros bairros da região metropolitana, e outros ainda após largarem do trabalho faziam questão de chegar um pouco mais tarde em casa devido à busca de parceiros.

Uma região que também era muito disputada eram as margens do famoso Rio Capibaribe, imortalizado nos versos de João Cabral de Melo Neto no poema “*O cão sem plumas*”. O trecho “libidinoso” compreendia a Rua da Aurora de um lado e a Rua do Sol, do outro (ver mapa 01). Era uma região alcunhada sugestivamente de “Cais do quem me quer”. Lá a paquera entre homens consistia numa infinidade de opções feitas estratégica e taticamente. Para quem tinha uma boa visão, por exemplo, podia-se caminhar na margem oposta à “isca”. Caso se percebesse certa reciprocidade, atravessava-se uma das pontes, a fim de travar um contato mais íntimo. Outra alternativa era flertar na própria margem ou ficar na Rua da Aurora em frente ao cinema São Luís ou no banheiro próximo à Ponte da Boa Vista, também na referida Rua da Aurora. Bastava estar disposto, pois:

Aqui a arte da pesca também é muito praticada, principalmente às margens do Rio Capibaribe, onde existe o famoso “quem me quer”, um cais de ambas as margens – Rua do Sol e Rua da Aurora, sendo que nesta última, em frente ao Cine São Luís, a pesca acontece ao contrário, quer dizer, são os peixes que se lançam à pescaria.<sup>280</sup>

---

<sup>279</sup> POLLAK, Michael, *op. cit.*, p. 57.

<sup>280</sup> Jota Elle, *Roteiro gay*. **Diário da Noite**, Recife, sábado, 20/10/1979, p. 04. Este roteiro publicado pela sessão *Mundo Guei*, do Diário da Noite, foi originalmente publicado pelo jornal militante *Lampião da Esquina*. Este fato indicia que havia um intercâmbio de informações entre os ativistas das diversas regiões



Fig. 31. Vista lateral do sanitário público da Rua da Aurora, na margem do Rio Capibaribe. Ao fundo vemos a Ponte da Boa Vista, mais conhecida como Ponte de Ferro. Meados da década de 1980. Fonte: **Museu da Cidade do Recife.**

Este sanitário da foto acima ainda está ativado e existe no mesmo local. Arquitetonicamente, ele é ideal para a “pegação”. A começar pela descrição da sua entrada. O seu acesso é pelo lado oposto à via, próximo à mureta da margem do Rio Capibaribe. Não são somente as entrevistas e os jornais que nos trazem informações a respeito dos lugares públicos onde acontecia a “pegação”. Para nós, uma fonte de igual importância foi um diário escrito pouco antes da década de 1970. Trata-se de um diário íntimo intitulado *Orgia*, escrito por Túlio Carella, que sob o pseudônimo de Lúcio Ginarte nos trás diversas informações sobre as artes da sociabilidade homossexual em lugares públicos e privados do Recife como o Cais de Santa Rita, algumas vias, parques, bares, pensões e mictórios. Túlio Carella era argentino, professor de teatro, foi contratado pela Universidade Federal de Pernambuco em meados da década de 1960 para lecionar artes cênicas. Em seu diário, publicado posteriormente como livro, a cidade do Recife aparece como uma verdadeira Sodoma, lugar de sensualidade e libertinagem em que a “pegação”, mesmo entre aqueles homens que não se consideravam homossexuais, se dava. Túlio Carella ficava fascinado principalmente com os negros. Estes, para Carella, eram seres que transitando pelas ruas nas funções de engraxate, camelôs, malandros, *michês*, guardadores de carros, ou simplesmente passantes e deixavam-no absolutamente encantado.

---

do país. Ver também: Jota Elle, Esquina. *Escolha o seu roteiro. Lâmpião da Esquina*, ano 02, nº 17, Rio de Janeiro, outubro de 1979, p. 06.

Objeto de desejo de homens e mulheres (talvez por sua altura e o seu sotaque como ele mesmo conclui), Túlio Carella era constantemente alvo de atenção e curiosidade. Era assediado ao ponto de sentir-se enfastiado, incomodado. Mesmo assim, ao se integrar e se entregar aos encantos da capital pernambucana, ele pareceu finalmente encontrar o prazer que tanto procurava desde que deixara a Argentina. Em seu diário, há diversas passagens em que o Cais de Santa Rita, por exemplo, aparece como um lugar propício para o sexo casual entre homens. Lá, certa vez, ele encontrou um homem negro que astuciosamente fingiu urinar para propositalmente exibir o seu “pau” já duro como um convite:

“Caminho até o Cais de Santa Rita. Sento-me na balaustrada. É tarde e quase não se vê ninguém, respiro tranqüilamente. Não demora a aparecer um negro que me olha e logo começa a urinar, fingindo esconder-se. Ao terminar, senta-se perto de mim. É robusto, forte e, na meia luz do lugar, só se vêem com clareza os seus dentes. [...] toma a minha mão e a acaricia admirando sua alvura (!). Depois, suavemente, leva minha mão à sua coxa, ao seu pau já duro.<sup>281</sup>

Mesmo quando não queria, Túlio Carella era perseguido todo o tempo por olhares libidinosos, eram homens que o desnudavam com o olhar. Do ponto de vista de nós, leitores, em alguns momentos, o professor de teatro parece exagerar em suas narrativas por descrever um Recife em que por todos os lados se veria desejos e práticas homoeróticas. Em suas narrativas, o personagem Lúcio Ginarte, não tinha sossego. Em frente às vitrines, nos bares, banheiros e ruas era todo o tempo perseguido por homens sedentos por sexo. Na passagem logo abaixo, escrita em terceira pessoa, o personagem Lúcio (leia-se Túlio Carella) ao transitar pelas ruas parece não ter paz, tamanha a atenção que despertava nos homens:

Com um movimento de impaciência Lúcio afasta os pensamentos, veste-se e sai. Há tantas coisas para ver! Todas são diferentes das que conheceu até então. Sente-se seguido: sim, dois jovens vão em seu rastro, mas não se atrevem a abordá-lo. Pela manhã aconteceu a mesma coisa, mas não ligou importância. O amor entre homens parece muito comum aqui. [...] Pára, vendo um ajuntamento: é um vendedor ambulante. Sente-se olhado: é um mulato de aspecto atlético. Pouco depois, é um rapaz afogueado que lhe oferece seu corpo. Em seguida, um mulato se aproxima dele e se roça pretendendo excitá-lo. E mais distante há um homem que o olha com uma profundidade que Lúcio jamais vira antes. E outro, mais outro, e outro. Lúcio acha que suas roupas

---

<sup>281</sup> CARELLA, Túlio. **Orgia (Diário Primeiro)**. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1968, p. 88.

chamam a atenção, mas está um pouco alarmado com esses olhares cobiçosos que o desnudam. Para escapar deles mete-se na igreja de Santo Antônio.<sup>282</sup>

A análise da relação entre o público e o privado no que concerne à exposição de afetos entre os homossexuais é algo bastante problemático. É inegável que o preconceito e o rechaço social fazem com que muitos desses indivíduos busquem se isolar por temer as consequências de uma exposição pública por um ato tido como indecoroso e obsceno. É dessa maneira que demonstrações mais exacerbadas de carinho como abraços, mãos dadas e beijos que para um casal heterossexual é uma prática ordinária, trivial; para um casal homossexual, mesmo nos dias atuais, dependendo do local e do horário é uma ousadia. Pensemos, então, como deveria ser na década de 1970? Daí a opção por ruas mais escuras e desertas nos Bairros de São José e Santo Antônio. Além de parques e determinadas pontes à noite quando o movimento de passantes já tinha caído bastante. Até porque, a cidade do Recife, nessa época parecia ser uma cidade bem menos movimentada e violenta que a atual. A “pegação” que acontecia no Parque 13 de Maio, por exemplo, era um tipo de sociabilidade que ocorria em outros lugares públicos espalhados pelo Brasil. Na Praça da República, localizada no centro de São Paulo, por exemplo, o banheiro era concorridíssimo. Havia os homens que passavam horas urinando por motivos que já presumimos:

O passeio das bonecas, por mais que faça voltas e ziguezague, sempre vai confluir naquele cantinho da República próximo ao cruzamento da Avenida Ipiranga com a São João (lugar quentíssimo também e cantado em versos por Caetano Veloso, lembra-se?). Nesse canto fica o banheiro público. É claro, o banheiro, que sem ele a praça não teria vida, não teria graça. Imundo. Sempre lotado nas horas de badalação (o que fazer? As necessidades fisiológicas...), que pode ser de manhã, de tarde e à noite. O ato de urinar pode demorar horas. Formam-se filas. Muitos olhares. Muitos guardas, fardados de marrom (segurança particular, contratada pela prefeitura). Tudo muito silencioso – apenas o olhar e os gestos garantem a comunicação.<sup>283</sup>

Mais uma vez emerge a questão da “interação silenciosa”. Quase não se ouvia vozes nestes banheiros, os olhares “diziam” muito mais, ousavam muito mais. Daí a estratégia de demorar urinando, exhibir o membro ereto ou flácido, mesmo, para algum *voyeur* de plantão. Enquanto existiam homens que adoravam estes espaços, eram verdadeiros *habitués*; outros criticavam ferrenhamente tais locais. Claro que entre uma

---

<sup>282</sup> Idem, p. 45.

<sup>283</sup> Eduardo Dantas, Reportagem. *Uma praça chamada República*. **Lampião da Esquina**, ano 02, n° 13, Rio de Janeiro, junho de 1979, p. 06.



“pegação” num beco escuro e soturno ou uma numa boate, esta última se mostrava mais segura. Porém, aqui, nos interessa perceber que as críticas aos espaços públicos vinham muito mais devido às clivagens econômicas e sociais:

Emergem então figuras de sujeitos, relatos de práticas e de vivências cotidianas do homoerotismo absolutamente marginais, desprezados tanto pelos discursos hostis aos homossexuais quanto por aqueles que se dizem seus representantes e defensores. Uns e outros vêem os sujeitos em questão como indivíduos errantes, fragmentados, destoantes inclusive no que toca à expressão de sua sexualidade, indivíduos desterritorializados em seus desejos, cujas práticas e experiências não se submetem ao discurso e ao modelo dominantes quanto à identidade homossexual, ambos em construção.<sup>284</sup>

Estes discursos e modelos dominantes da “nova” homossexualidade em construção, diziam respeito à recente identidade *gay* que vinha sendo gestada naquele momento. E neste ponto, o meio urbano é onde essas novas identidades estavam sendo construídas. A cidade, como define Didier Eribon, no campo das sociabilidades homossexuais, não é apenas um percurso geográfico, é também um lugar de definição e redefinição de subjetividades.<sup>285</sup> Haveria, ainda, de acordo com este autor, uma espécie de “mitologia da cidade libertária”.<sup>286</sup> Nos grandes centros urbanos, e aí pensamos no Recife, haveria um mito de uma cidade pensada, dita e vivida como um lugar de subversão e invenção de novos costumes. A cidade, nesse sentido seria o lugar da modernidade. Uma modernidade estabelecida como um tempo de avanços e aceitação de diversos hábitos condenados em tempos idos. É como se na *urbis*, as pessoas estivessem mais livres para fazerem o que quisessem. Todavia, pensamos que para os homossexuais, essa “mitologia libertária” ao ser transposta para o dia a dia trazia outras facetas, distintas, que revelavam uma realidade bem mais cruel, homofóbica e fechada para novos costumes. Inclusive, quando comparada às outras cidades, principalmente aquelas situadas na região sudeste, a capital pernambucana passa a ser descrita como uma cidade provinciana como nos contou, em seu depoimento, a jornalista Ana Farache:

Quer dizer... Tinha o preconceito. Agora, assim, eu sei de história que você gritava na rua quando passava uma pessoa muito... Mas às vezes até hoje aqui no Recife que é muito provinciana, se passa um menino, dependendo da pessoa ainda se diz muita graça, tal. Não é como em lugares... Se você vai pra São Paulo, se você vai lá pra fora, as pessoas têm naturalidade. Em encarar certos tipos de comportamento. Aqui o pessoal

---

<sup>284</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de, CEBALLOS, Rodrigo, *op. cit.*, p. 148.

<sup>285</sup> ERIBON, Didier, *op. cit.*, p. 37.

<sup>286</sup> Idem, p. 32.

ainda é muito hipócrita. É muita hipocrisia. Mas alguma coisa mudou. Eu acho que principalmente nas pessoas encararem e enfrentarem. Assumir suas relações. Mas eu acho que ainda continua sendo muito difícil pra algumas pessoas. Eu acho que ainda continua. Embora não no meu meio, como nunca foi, né? Porque você vai escolhendo os seus amigos. Você vai escolhendo o seu meio, você vai... Então eu sempre tive amigo homossexual, mulher, eu sempre tive amigo homem... Então não tem diferença pra mim. Não tem nada. Mas é um... Eu acho que aqui ainda é... Não sei o quanto mudou, sabe? Eu fico em dúvida às vezes.<sup>287</sup>

Tratamos, aqui, sobre espaços que se transformavam em pontos de encontro (mesmo que clandestinos) para um seguimento que poderia pagar um alto preço por namorar às claras, sem camuflagens. Talvez por isso mesmo, as territorialidades marginais foram construídas e desfrutadas sem o menor resquício de recato ou timidez. Para quem está de fora, talvez, a ida a estes territórios pareça um sinal de promiscuidade, de safadeza, vício ou qualquer outra adjetivação desqualificante. Entretanto para muitos indivíduos a única maneira de fugir da solidão e encontrar prazer era indo a um desses lugares públicos.

### **3.2.2 – Para além dos filmes exibidos: Os cinemas como espaços para a interação homossexual**

Cinema: lugar de entretenimento, diversão, informação, fazer novas amizades, namorar no “escurinho”. Todavia, um olhar mais atento veria algo para além desses usos ordinários das salas de projeção do Recife, na década de 1970. Muito do que acontecia nas salas de cinema do centro da cidade, está relacionado ao que Alexandre Vale pesquisou sobre o *cine* pornô Jangada, localizado na cidade de Fortaleza (Ceará) na década de 1990. Segundo este antropólogo, uma das fontes da “sedução” de uma sala de projeção, vem da situação e da proximidade dos corpos num lugar fechado e ainda por cima, escuro, propiciando um clima a toda sorte de sentimentos e desejos.<sup>288</sup>

Vale destacar que a existência de cinemas no Recife, não era um fato recente. Só para termos uma idéia, da década de 1930 para a de 1940, o número de cinemas na

---

<sup>287</sup> Entrevista realizada com Ana Farache em 17/11/2010.

<sup>288</sup> VALE, Alexandre Fleming Câmara. **No escurinho do cinema: cenas de um público implícito.** São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000, p. 41.

capital pernambucana saltou de 18 para 28.<sup>289</sup> Aos poucos os moradores do Recife e bairros vizinhos, foram adquirindo novos hábitos, despertando novas sensibilidades atiçadas pelo cinema. As imagens, a técnica, os aparelhos, a estrutura das salas, no começo da década de 1920 atraíam e mexiam com a curiosidade de centenas de pessoas. Já com a abertura dos primeiros cinemas, as noites recifenses pareciam ficar mais longas, as pessoas iam dormir mais tarde, e o centro da cidade ficava mais movimentado. Pois como conta Antonio Paulo Rezende:

Com o cinema o Recife alarga seus horários noturnos, movimentando-se mais o centro da cidade, mais assuntos para conversar, novos ídolos, novas seduções, novos e agitados pontos de encontro. Não se fica mais restrito às festas de fim de ano, aos fandangos, aos pastoris, aos mamulengos ou mesmo aos circos de cavalinhos que divertiram a todos. A sofisticação já tomara conta de alguns empreendimentos. O cine-teatro Helvética faz parte do conjunto Jardim-Paris e lá servem-se sorvetes e refrescos, ao lado da sala de projeções. O cine Pathé, por sua vez, passava em suas telas, a partir de 1910, pequenos flagrantes da vida recifense. Tornara-se comum que as casas de espetáculos intercalassem as temporadas de teatro com as exibições de fitas.<sup>290</sup>

Vê-se, dessa forma, que desde o início do século XX, o cinema se transformava numa empresa rentável, que trazia bons lucros para os empresários e inventava novas sociabilidades para os seus frequentadores e para os passantes próximos a estas salas, nas ruas que ficaram mais movimentadas. Todavia, como assinala Alexandre Vale, as primeiras salas de projeção eram um lugar *de e para* pessoas “distintas”.<sup>291</sup> A denominada “pegação” (pelo menos a ostensiva) de que trataremos aqui, provavelmente não existia nos cinemas das primeiras décadas do século XX no Recife. Como também, entre a década de 1960 e 1970, os filmes exibidos, nas salas locais não eram somente do gênero pornográfico, mas também intercalados aos gêneros que circulavam no circuito comercial, para todos os gostos e idades. Talvez a adoção de fitas pornô, no Recife, tenha uma relação com aquilo que Alexandre Vale diagnosticou nos cines de Fortaleza: A decadência do centro da cidade enquanto lugar simbólico historicamente construído, juntamente com a emergência do segmento homossexual como um público rentável para os cinemas em via de falência. Sendo assim:

---

<sup>289</sup> REZENDE, Antônio Paulo de Morais. **(Des) encantos modernos**: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997, p. 75.

<sup>290</sup> Idem, p. 78.

<sup>291</sup> VALE, Alexandre Fleming Câmara, *op. cit.*, p. 46.

A adoção dos filmes pornô nas telas dos cinemas do *centro* coincide com o momento em que este último perde a sua importância simbólica, ficando associado à violência, ao sujo, ao feio, à pornografia e à prostituição. Essa “coincidência” vai levar os exibidores a “afinar” essas categorias com a possibilidade de maximizar a rentabilidade de suas salas. Desaparecem os lanterninhas e a vigilância no interior das salas comporta uma maior tolerância. Depois dessa especialização das salas nesse gênero cinematográfico específico, o cinema passa então a explicitar sua dimensão de “abrigo” ou “refúgio” para as “sexualidades periféricas”, agora inscritas nos circuitos do estigma feito mercado.<sup>292</sup>

Esta desvalorização do *centro* enquanto lugar para se morar, observada na capital cearense, de certa forma também aconteceu aqui. Na década de 1970 o Recife foi palco de discursos e práticas modernizantes em nome de um progresso capaz até de destruir os monumentos históricos para a construção de obras viárias, pontos de entretenimento, lojas de departamento e condomínios sofisticados para determinados setores da sociedade, notadamente os mais abastados. O centro do Recife, como epicentro do estado de Pernambuco, passou a concentrar o comércio varejista, firmas especializadas, escritórios de profissionais liberais, bancos, órgãos públicos, serviços médicos, restaurantes, praças e passeios da cidade, além de centros de ensino de 1º e 2º Grau e do nível superior.<sup>293</sup> A antiga configuração da cidade passou a ser desvalorizada e substituída por outra, nova, arrojada, moderna e vertical. Por isso os antigos espaços ficaram relegados, no imaginário coletivo, à decadência e ao atraso. O centro do Recife virou uma cidade basicamente comercial. A urbanização engoliu diversos signos de um dado tempo. Foi o caso das alterações na espacialidade do centro da cidade para abertura e alargamento da Avenida Dantas Barreto, no Bairro de São José, entre os anos de 1971 a 1973, nos trechos que cobriam o pátio da Igreja Nossa Senhora do Carmo e a Praça Sérgio Loreto:

Em cerca de dois anos e meio, foram postos abaixo centenas de edifícios do bairro de Santo Antônio, alguns de significativo valor histórico, como o Quartel do Regimento de Artilharia, de 1786, e o Hospital de São João de Deus, onde fora instalada a Academia do Paraíso, um dos locais de onde se irradiou o movimento revolucionário de 1817. No bairro de São José as intervenções se estenderam para a demolição de 6 quadras, centenas de imóveis (casas, sobrados, pardieiros, prédios), várias ruas (Águas Verdes,

---

<sup>292</sup> Idem, p. 34.

<sup>293</sup> NASCIMENTO, Luís Manuel Domingues do, *op. cit.*, p. 69.

Hortas, Augusta, Alecrim, Dias Cardoso, Santa Tereza, Trincheiras, (Laranjeiras), o Pátio do Carmo e a Igreja do Bom Jesus dos Martírios.<sup>294</sup>

De acordo com o historiador Denis Bernardes, as discussões em torno da demolição da Igreja do Bom Jesus dos Martírios, edifício do século XVIII, foi uma questão crucial nos embates entre as entidades e adeptos da preservação do patrimônio em Pernambuco simbolizando os que queriam a manutenção da tradição e do outro lado os que queriam o apagamento dos resquícios do passado em nome de um dado progresso. Nessa disputa, por fim, ganhou o poder municipal, sendo o começo da demolição datado de fevereiro de 1973.<sup>295</sup> As alterações da referida Avenida Dantas Barreto diziam respeito às adequações das vias da cidade ao número crescente de automóveis, tidos como símbolo de *status*, lugar social e poder aquisitivo, mas que estavam deixando o tráfego cada vez mais lento. Além disso, outras áreas passaram a ser mais valorizadas como local privilegiado e “decente” para morar como os bairros dos Aflitos, Casa Forte e Boa Viagem.

Em contraposição, diversos locais do *centro* passaram a ser pensados, ditos e vistos como sendo promíscuos, insalubres e atrasados. Foi o caso do portuário Bairro do Recife (hoje conhecido como Recife Antigo). No caso específico dos cinemas, eles (localizados basicamente nos bairros de São José, Santo Antônio e Boa Vista) pareciam atrair cada vez menos espectadores. Além dessa desvalorização do *centro*, alguns autores apontam a decadência dos cinemas como decorrência da popularização da televisão e do vídeo cassete.<sup>296</sup> Ora, associado a isto houve a questão do crescimento da violência, tornando-se mais cômodo e seguro ficar em casa vendo televisão. Estes foram alguns dos motivos que forçaram os empresários do ramo cinematográfico a decidirem adotar os gêneros eróticos e pornô a fim de atrair uma clientela específica sob pena de fecharem as suas portas por falta de público. Mesmo assim, estes cinemas não eram exclusivamente pornô, eles intercalavam este gênero com filmes para todos os tipos de públicos.

Não estamos dizendo com isso, que a “pegação” só acontecia diante das películas pornográficas. Haja vista que no “escurinho” do cinema, poderia acontecer de dois homens sentados lado a lado, se masturbarem mutuamente, ou sentados nas últimas

---

<sup>294</sup> Idem, p. 101.

<sup>295</sup> BERNARDES, Denis. **Recife:** O caranguejo e o viaduto. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996, p. 86-89.

<sup>296</sup> VALE, Alexandre Fleming Câmara, *op. cit.*, p. 73. Ver TREVISAN, João Silvério, *op. cit.*, p. 243.

fileiras trocaram beijos *calientes* enquanto assistiam uma comédia dos *Trapalhões*, por exemplo, com a sala cheia de crianças. Mas é fato que uma “última sessão”, passando um gênero erótico ou pornográfico propiciaria e incentivaria muito mais o desejo por práticas mais íntimas. Até porque a maior parte da platéia num caso como este, seria composta majoritariamente por homens e adultos. Inclusive algumas das fitas exibidas ao longo da década de 1970, parecem sugerir, mesmo, uma dada “expectativa” a julgar pelos seus sugestivos títulos e suas respectivas sinopses, como veremos mais adiante. Além disso, como destaca María Elvira Díaz-Benítez, o filme pornô tem a intenção de “gerar efeito” num público basicamente “punheteiro”.<sup>297</sup> Ou seja, no caso da nossa pesquisa, as sensações despertadas e estimuladas pelos filmes, no mínimo incitavam a platéia masculina a se masturbar, despertando a atenção de outra platéia, *voyeurística*, bem menos interessada naquilo que estava sendo exibido na tela.



Fig. 32 - Fachada e entrada do cinema *Trianon*. Foto de meados da década de 1980. Fonte: **Museu da Cidade do Recife**.

Não faltavam opções de salas de projeção mais ou menos ideais para o exercício da “pegação”. Existia, por exemplo, o cinema *Trianon* (o da foto acima), localizado na Avenida Guararapes, esquina com a Rua do Sol, em frente à Agência Central dos Correios; o cinema Moderno, localizado na Praça Floriano Peixoto, próximo a Estação Central do Metrô; o São Luís situado na Rua da Aurora e os cines duplex *Ritz* e *Astor*, localizados na Avenida Visconde de Suassuna, próximo ao Parque 13 de Maio.

<sup>297</sup> DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. **Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 87.

Algumas dessas salas, com o tempo, passaram a exibir filmes exclusivamente eróticos, fato que indica a demanda por esse tipo de prestação de serviço. Além disso, a concorrência dos cinemas de *shopping*, na década de 1980, fez com que muitos cinemas do centro da cidade optassem pelo gênero pornô, como um último recurso para atrair expectadores e não fecharem as suas portas.

Só para citarmos alguns exemplos de filmes, no cinema Veneza no mês de agosto de 1974 estava em cartaz a pornochanchada nacional *Café na Cama*. Trazia no elenco atores como Rubens de Falco (que ficou conhecido por interpretar o cruel Barão de Araruna na novela *Sinhá Moça*, na Rede Globo em 1986) e o comediante Agildo Ribeiro (que entre outros programas apresentou o humorístico *Cabaré do Barata* em fins da década de 1980. Atualmente ele faz diversos personagens no programa *Zorra Total* da Rede Globo). A sinopse desta película era a seguinte: “Graça, ironia e muito sexo! A comédia mais viva do ano!!!...”. Inclusive, o filme era proibido para menores de dezoito anos:



Fig. 33- Anúncio do filme *Café na Cama*, em cartaz no cinema Veneza. Fonte: **Diário de Pernambuco**, Recife, quinta-feira, 01/08/1974, Cinema, p. 08.

Já em fevereiro de 1975, o Astor, exibiu o filme *A Religiosa*, que mostrava as peripécias de uma mulher muito devota a Deus que era tentada a sucumbir aos vícios, à devassidão e aos amores “proibidos”. O anúncio do jornal, explicava que o filme já estava a três semanas em cartaz e advertia que se tratava de uma versão “sem cortes” e liberada pela censura. Para este filme o Astor disponibilizava quatro sessões diárias: às 14:00, 16:00, 19:00 e o último às 22:00 horas.



Fig. 34 - Anúncio do filme *A Religiosa*, em cartaz no cinema Astor. Fonte: **Diário de Pernambuco**, Recife, sábado, 01/02/1975, Cinema, 2º Caderno p. 07.

Na década de 1970, no Recife, ainda não existiam cinemas exclusivamente pornô, muito menos dedicados somente ao público homossexual. É tanto que os cinemas alternavam filmes infantis, filmes adultos, filmes eróticos e pornochanchadas. Parecia ser uma maneira de atender a todos os tipos de público, auferir lucros de todas as maneiras possíveis. Passavam-se até mesmo películas de desenhos animados a cores, numa época em que o preto e branco ainda imperava! *Tom & Jerry*, que encantam crianças e adultos até hoje, foi um dos programas de férias para as crianças que comparecessem no São Luís, em fevereiro de 1975. O fato de ser colorido era um chamariz, já que nesta época os televisores a cores eram muito caros.



Fig. 35- Anúncio do desenho animado *Tom & Jerry*, em cartaz no cinema São Luís. Fonte: **Diário de Pernambuco**, Recife, sábado, 01/02/1975, Cinemas/ 2º Caderno p.07.



Taticamente, os homossexuais foram se “apropriando” de diversos cinemas localizados na capital pernambucana, espaços que teoricamente eram destinados ao divertimento de todos os tipos de público. Digamos que alguns cinemas passaram a ter outras funções para além de ser uma simples sala onde se projetavam películas, servindo, inclusive, para encontros fortuitos entre homens. Nesse tempo, o *cine Veneza*, por exemplo, localizado na Rua do Hospício era um dos mais sofisticados da capital pernambucana. A proposta era oferecer ao público o que havia de mais desenvolvido em matéria de tecnologia cinematográfica além de oferecer uma estética de refinamento, num ambiente de comodidade, luxo e com a prestação de vários serviços que comportava mais de 800 cadeiras confortáveis num espaço com piso e teto acarpetado:

O cinema era ainda dotado da mais recente tecnologia de exibição existente no país e possuía uma sala de espera com sofás, um bar que servia uísque, e *champagne*, um espaço reservado que oferecia uma certa intimidade aos casais, um balcão servindo *bombonière* e uma máquina de fazer pipoca. [...]. Era seu objetivo, portanto, dotar o espaço de uma funcionalidade, acompanhado por equipamentos, instalações e funcionários provedores de serviços e outras demandas além do espetáculo cinematográfico, capaz de atender às exigências de comodidade, recreação e divertimento do público que o freqüentava, inserido em uma estética que se voltava para a possibilidade de identificação com essas demandas.<sup>298</sup>

O que talvez pouca gente soubesse era que a partir de determinados horários e dependendo do filme que iria ser exibido, as poltronas, corredores e banheiros do Veneza e de outros cinemas do Recife poderiam servir de pontos de encontro mais íntimos entre homens. Cabe aqui, destacarmos que pensamos como o teórico francês Roland Barthes para quem numa sala de cinema cria-se uma atmosfera que foge àquilo que chamamos de realidade e de cotidiano. Inclusive, este estado hipnótico ou pré-hipnótico é somado ao erotismo do “escurinho” da sala.<sup>299</sup> Quando as luzes se apagam e a película começa a ser projetada, sob a penumbra e o ritmo do filme, tudo o mais fora daquilo parece um mundo à parte. Até mesmo, a própria movimentação da cidade, parece desaparecer após comprarmos o ingresso e passarmos pela bilheteria. Enfim, o terreno para a heterotopia está preparado, entra-se no clima de um outro espaço. Podemos inferir isso, seguindo as pistas dadas por um assíduo frequentador de um cinema de “pegação” na cidade de Fortaleza, no Ceará:

---

<sup>298</sup> NASCIMENTO, Luís Manuel Domingues do, *op.cit.*, p. 351.

<sup>299</sup> BARTHES, Roland, *op.cit.*, p.428-429.

Quando o cinema fechou era como se as portas do século XX tivessem acabado naquele dia, porque eu vou te contar; igual ao Jangada nunca mais vai existir. Lá era hiperliberal, era justamente as fantasias do ser humano que eram realizadas lá, tanto que, quando você tava com vontade de fazer, você ia lá e realizava, quem era *voyeur* se realizava, quem gostava de transar com quatro ou cinco homens se realizava, quem gostava de policial militar realizava, lá era, como se diz um cinema de fantasias.<sup>300</sup>

“Um cinema de fantasias”; um espaço de heterotopias. É dessa maneira que estes ambientes escuros, fechados, cheios de homens suados, sussurrando e fumando circulando pelos corredores e banheiros, podem ser pensados. Muitos homens faziam lá dentro da sala, aquilo que não podiam ou não queriam fazer em outros lugares, sob pena de perderem o anonimato, terem os rostos reconhecidos e serem rechaçados devido o preconceito. Até porque assistir a filmes parecia ser a última coisa a que muitos homens se dispunham a fazer em algumas salas de projeção. Sendo os cinemas *Veneza*, *Trianon* e *Moderno* bastante disputados pela clientela homossexual, um de seus frequentadores declarou na seção *Mundo Guei* do Diário da Noite, do dia 01 de dezembro de 1979, sua preferência por estes ambientes tão ideais para o intercâmbio erótico entre homens, que até nos seus banheiros era possível encontrar alguém interessante apesar da vigilância dos seguranças, que pareciam ter percebido os outros “usos” que alguns homens estariam fazendo dos sanitários masculinos.<sup>301</sup>

Há relatos de que determinados cinemas por sua “fama”, jamais deveriam ser frequentados por pessoas de “família”, e que só o fato de um indivíduo adentrar num lugar desses, mesmo sem intenções libidinosas, já era um ato “suspeito”. Mesmo hoje, 2011, em cinemas destinados ao público homossexual como o Cine Boa Vista (localizado na Rua Corredor do Bispo), o Cine Sex Imperador (situado na Rua do Imperador) e o Cine Mix (localizado na Rua da Soledade), muitos homens parecem ter medo de serem vistos entrando nestes locais. Alguns passam uma, duas, três vezes pela frente do cinema, olham a sua volta, disfarçam, vêem se surge alguém conhecido antes de adentrarem (correndo) no cinema. Uma estratégia, também, é levar dinheiro trocado a fim de não demorar muito tempo na bilheteria, que geralmente fica perto da calçada, à vista de qualquer passante.

---

<sup>300</sup> VALE, Alexandre Fleming Câmara, *op.cit.*, p.79-81.

<sup>301</sup> Francisco Henrique, *Embalos de sábado à noite*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 01/12/1979, p. 05.

Na década de 1970, os cinemas começaram a ser alvo de controle e observação a partir do momento que se constatou que o uso desses espaços estaria extrapolando o seu “principal” e óbvio objetivo que era servir de espaço para ir assistir aos filmes. E mais, até os banheiros estariam servindo de ponto de encontro e intercâmbio sexual entre homens:

Diversas táticas podem ser usadas para uma boa pescaria nesta boa noite de sábado no eixo Recife-Olinda. Como início, um bom cinema para uma ligeira pegação. Que pode resultar numa excelente noite. Mas vá com calma, principalmente nos banheiros, pois os cinemas estão colocando vigias para fiscalizar o amor que não diz o seu nome como escreveu o nosso guia espiritual Oscar Wilde, primeiro mártir da causa. Para indicar, podemos passear nas escuridões do Trianon ou do Moderno. Querendo um prato mais sofisticado você pode ir ao Veneza, onde o material é de primeiríssima. É ótimo.<sup>302</sup>

Mais uma vez, o espaço instituído foi metaforicamente apropriado, adquirindo distintos significados por seus usuários. Era como se dentro de um espaço heterotópico (o cinema) se construísse outro espaço também heterotópico (o banheiro). Esse reforço na segurança dos sanitários pode ser justificado pelo fato desses cinemas não serem especificamente do gênero pornô. Eram estabelecimentos para todo o tipo de público, ia-se com toda a família. Daí as advertências para não se atentar contra o pudor. Mesmo assim ao longo do período em tela, os cinemas foram sendo apropriados pelo público homossexual, ampliando dessa forma, a cartografia de suas sociabilidades ao usufruir cada vez mais dos espaços urbanos construindo uma espécie de “cidade homoerótica”.<sup>303</sup> Espécies de cidades subjetivas, construídas por meio das artes de fazer, através da metaforização do espaço urbano.

Não estamos afirmando que o Veneza, o São Luís, o *Astor*, o *Ritz*, o *Trianon*, entre outras salas do Recife funcionavam como verdadeiros motéis disfarçados, antros de perdição, em que a pegação corria solta. Muitas vezes os contatos e as trocas de olhares poderiam começar nestes estabelecimentos e serem concluídos em outros lugares, realmente mais “reservados” como um dos vários motéis baratos das proximidades, com sorte resultando “numa excelente noite”.<sup>304</sup> Além disso, na maioria das vezes o ato sexual não era consumado nos cinemas. Geralmente ficava-se somente na masturbação mútua, ou mesmo solitária, na felação e nas carícias. Somado a

---

<sup>302</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>303</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de, CEBALLOS, Rodrigo, *op.cit.*, p. 133-134.

<sup>304</sup> Francisco Henrique, *Embalos de sábado à noite*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 01/12/1979, p. 05.

isto, o cinema como destacou o brasileiro James Green, oferece uma relativa segurança para os denominados “homens verdadeiros” que mesmo apreciando as relações sexuais com as “bichas”, não se identificam como homossexuais.<sup>305</sup> Abaixo, num letreiro indicando cenas de sexo explícito e censura de 18 anos, fachada do cinema Moderno, exibindo o filme *Campeonato de Sexo*:



Fig. 36. Fachada do cinema Moderno, exibindo o filme *Campeonato de sexo*. Meados da década de 1980. Fonte: **Museu da Cidade do Recife**.

A análise das nossas fontes sugere a construção de uma geografia particular, onde há uma espécie de territorialidade própria para quem era homossexual, uma territorialidade que em grande medida era fluida, discreta ou imperceptível para quem não fosse integrado nessa subcultura. Seria uma cartografia dos desejos e práticas que apenas um olhar “treinado” conseguiria num “golpe” de vista, perscrutar, identificar os limites, as fronteiras ou os circuitos de melhor interação. No caso dos vigias bem como dos outros funcionários dos cinemas que estavam coibindo os encontros homossexuais, poderíamos enquadrá-los na categoria de “informados”,<sup>306</sup> que diz respeito aos indivíduos que mesmo não fazendo parte daquele grupo, por diversos motivos passam a ser aptos para identificar os códigos do grupo em questão.

Haveria, assim, uma espécie de sensibilidade, que longe de ser “natural”, é culturalmente desenvolvida entre os homossexuais para perceberem e decodificarem determinados sinais, indícios, traços de homossexualidade nos outros homens. A questão do olhar é algo quase sempre presente nos discursos dos homossexuais quando

<sup>305</sup> GREEN, James Naylor, *op. cit.*, p. 163.

<sup>306</sup> GOFFMAN, Erving, *op.cit.*, p. 39. A posição de “informado” também é assumida por vários pesquisadores na área das ciências sociais, como é o caso de antropólogos e sociólogos. Laud Humphreys, por exemplo, na sua pesquisa sobre o sexo impessoal entre homens, teve que treinar o seu olhar para perceber quais dos homens que entravam nos sanitários poderiam estar realmente interessados em sexo anônimo. Ver HUMPHREYS, Laud, *op.cit.*, p. 149-160.

se referem às estratégias e táticas da paquera. É como se o homossexual possuísse um olhar treinado, educado para perceber quando estaria sendo correspondido ou não por um paquera. Até porque todo cuidado seria pouco, haja vista os riscos e perigos que um homossexual poderia passar caso flertasse um heterossexual homofóbico e agressivo, por exemplo. Ao mesmo tempo, este olhar parece estar relacionado a uma espécie de intuição, algo meio inexplicável que é sentido quando um homossexual se depara com outro, mesmo quando este “outro” não apresenta nenhum sinal mais “ostensivo” ou “desmunhecado”. A pesquisadora Edith Modesto, ao tratar sobre o processo de identificação entre os homossexuais, obteve o seguinte depoimento de um entrevistado:

É uma comunicação muito intuitiva, acho isso muito interessante porque é pelo olhar. É uma coisa que é intuição mesmo, é um olhar e você procura outros indícios para confirmar, como o jeito de se vestir, o jeito de falar, mas na verdade essa comunicação se estabelece em outro nível, tanto que eu consigo reconhecer outros *gays*, como perceber indícios, às vezes, de homossexualidade em homens héteros que, às vezes, nem sabem que têm isso.<sup>307</sup>

Haveria um tipo de “radar”, também chamado jocosamente de “*gaydar*”, para captar, feito uma antena, os sinais que o outro poderia emitir e assim ter a sua homossexualidade (mesmo enrustida) revelada. Outro depoente assim comenta sobre o mesmo tema, com Edith Modesto:

Acho que tem essa coisa do *gaydar* mesmo. O *gaydar* funciona muito assim, você tem ali o cara que tá tentando de qualquer maneira fazer para não parecer *gay*, mas ele tem um jeito de virar o cabelo... Abre pelo menos para uma possibilidade que ele seja *gay*... Porque tem os óbvios... Em espanhol eles usam muito esse termo ‘tem óbvios’... Mas fugindo dos óbvios, você muitas vezes consegue reconhecer... Eu sou meio ruim... meu *gaydar* é meio quebrado.<sup>308</sup>

Tanto a denominada “pegação” de rua, como a “pegação” de cinema não era bem vista por determinados segmentos militantes. Este tipo de interação, para alguns homossexuais, guardava algo de clandestino, ilegítimo e até vergonhoso. Até porque o discurso militante, com o seu imperativo político, exigia que todos os homossexuais saíssem do “armário”, afrontassem o preconceito, saíssem com os seus parceiros às claras, à vista de todos. Sendo assim, a interação nos cinemas, por exemplo, sob a penumbra, quase no anonimato, passou a ser apontada como um dos fatores

---

<sup>307</sup> MODESTO, Edith, *op.cit.*, p. 122.

<sup>308</sup> Idem, *ibidem*, p.122.

legitimadores da anormalidade das relações homossexuais. O discurso ativista tentava dizer, assim, que estes indivíduos não deveriam se envergonhar dos seus desejos e deveriam exibi-los para a sociedade mais ampla. Por isso os encontros fortuitos, por vezes, eram desqualificados. Apesar de haver um público bem “fiel” que frequentava basicamente os cinemas para fazer “pegação”, cabe destacar que muitos destes homossexuais que praticavam sexo gratuito e impessoal nestes *cines*, também frequentavam os lugares da moda, socialmente aceitáveis e recomendados como alguns bares e boates. Roberto, por exemplo, um depoente nosso, além de ir às melhores e requintadas boates *gays* do Recife, também não dispensava a “caça” e a “pegação” de cinema:

Bom, cinema sempre foi um ponto de “pegação” *gay*. Não há como fugir dessa realidade. Muito embora, as pessoas relutam contar isso. Mas todos os cinemas do Recife eram frequentados por *gays*. E todos eles havia “pegação”, certo? Os cinemas que eu conheço, que eu posso dizer a você que eu mesmo fiz “pegação”: Veneza, Moderno, São Luís, *Trianon*, Art Palácio, na época *Ritz* e *Astor*, antes de virar *cine* pornô, e os demais cinemas da cidade. Todos eles tinham “pegação”. Hoje, um pouco mais discreto por conta dessa rede de cinemas em *shoppings*. Mas se você chegar na frente de um *shopping*, na frente de uma rede de cinema de *shopping*, você vai ver a quantidade de *gays* que se encontram lá.<sup>309</sup>

E não era somente no Recife que existiam os cinemas onde se fazia “pegação”. Em outras capitais nordestinas também haviam salas de projeção frequentadas com o mesmo intuito. Em Fortaleza, os cinemas Jangada (mais tarde estudado pelo antropólogo Alexandre Vale pouco antes de fechar suas portas na década de 1990) e o cinema Diogo, parecem ter alcançado os seus momentos áureos justamente na década de 1970. No ano de 1978, o jornal *Lampião da Esquina*, publicou em sua sessão de roteiros *gays*, a carta de um leitor em que o mesmo dava garantia de “pegação” certa, a ida a estes dois cinemas:

Já somos uma cidade metropolitana, quase 1,5 milhão de habitantes, mas muitos visitantes chegam e não vêem nada. Para os que venham a Fortaleza e queiram curtir o melhor aqui vai o roteiro:

Cinemas – O melhor é o Jangada. É um cinema humilde, cheio de bofes querendo faturar alguma aventura. O outro, de melhor qualidade, é o Cine Diogo. Para este

---

<sup>309</sup> Entrevista realizada com Roberto (nome fictício a pedido do depoente) em 13/11/2010.

recomendo as últimas sessões, e que o entendido fique na parte superior do cinema. Quanto mais alto, melhor a pegação.<sup>310</sup>

Diferente de hoje, na década de 1970 o Recife ainda não disponibilizava salas de exibição com filmes pornográficos de temática exclusivamente homossexual. As pornochanchadas nacionais, determinados filmes internacionais com cenas eróticas e a penumbra nas poltronas e corredores eram suficientes para atrair homens dispostos a travar contatos mais íntimos entre si. Mesmo nesses filmes, não havia cenas de atos sexuais entre homens e as referências a homossexuais que aparecem, quase sempre são caricaturadas, imagens estereotipadas destinadas a fazer o público rir, como o filme *Pantera Nua*, de 1979.<sup>311</sup>

Ao analisar a interação masculina em cinemas na cidade de São Paulo no início da década de 1980, o antropólogo Néstor Perlongher teoriza:

O tipo de atos sexuais que se pratica dentro do cinema tem a marca da fugacidade e da “parcialidade” própria da deriva homossexual. Contatos na penumbra, entre homens que às vezes sequer se vêem as caras, roçares “casuais” de membros na massa que se amontoam nas últimas fileiras da sala, penetrações apressadas nas toaletes diminutas e fedorentas, num espaço buliçoso, que cheira a suor masculino.<sup>312</sup>

Em outros lugares do Nordeste, outros cinemas também eram usados como pontos de paquera *gay*, a exemplo dos já citados Jangada e Diogo, em Fortaleza; Plaza, em Juazeiro do Norte; e São Luiz e Ideal em Maceió.<sup>313</sup> Pelo menos na imprensa, quase não se falava claramente que se ia a estes lugares para paquerar e/ou fazer sexo impessoal com homens. Utilizava-se todo um jogo de metáforas para declarar tais objetivos. Talvez isso acontecesse como estratégia para dissociar a ligação: *relações entre homens = promiscuidade*; ou ainda como um tipo de elaboração discursiva moralmente mais adequado a ser publicada num jornal de média circulação como era o

---

<sup>310</sup> Modesto de Souza, Esquina. *Fortaleza: um gay-guide*. **Lampião da Esquina**, ano 01, n° 07, Rio de Janeiro, dezembro de 1978, p. 04.

<sup>311</sup> *A Pantera Nua*. Direção de Luiz de Miranda Corrêa. Brasil: Cinemagia/ Cine Brasil anos 70, 1979. (102 min.). Disponível em suporte de DVD trata-se de um filme brasileiro exibido no ano de 1979. Repleto de cenas de sexo (de casais heterossexuais), ele conta a história de Norma, uma jovem da classe média que, para ascender socialmente, busca um marido rico. Para isso, posa nua para uma revista masculina, esperando assim receber convites de casamento. Ela, então, assume compromisso com Marcelinho, um rapaz homossexual que precisa casar para ter direito à herança do pai. Mas o pai de Marcelinho morre, e o acordo não pode ser cumprido. Depois, passando-se por milionária, Norma conhece Lincoln, um gigolô que finge ser fazendeiro, e eles têm um tórrido romance. Iludidos um com o outro, esperam ficar ricos com o futuro casamento.

<sup>312</sup> PERLONGHER, Néstor Osvaldo, *op.cit.*, p.169.

<sup>313</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de, CEBALLOS, Rodrigo, *op.cit.*, p. 131.

caso do Diário da Noite, por exemplo.<sup>314</sup> Os enunciados objetivavam camuflar e às vezes “enaltecer” certas práticas, mesmo não incluindo palavras utilizadas pelo discurso do amor romântico. Para isso, algumas metáforas substituíam termos como paquerar, flertar e namorar, usualmente utilizadas no vocabulário amoroso dos heterossexuais. Daí os enunciados que falavam de práticas como “pescar”, “caçar” e “pegar” em substituição ao verbo paquerar.<sup>315</sup>

Vê-se que, embora a homossexualidade estivesse ganhando sua própria voz nos meios de comunicação, estas falas possuíam limites impostos pela hostilidade social historicamente imposta sobre sexualidades destoantes da normatividade heterossexual. Até por que, em nossa cultura, o vocabulário amoroso foi basicamente edificado sob o crivo do amor romântico, representado pelo ideal de casal heterossexual, em contraposição ao lugar ocupado pela homossexualidade, figurada como algo ilegítimo e equívoco, algo não autorizado a se apropriar do mesmo vocabulário sublime e melífluo do romantismo. Isto faz com que uma mesma frase que pareça poética e doce quando emitida por um heterossexual apaixonado; pareça, em contrapartida, ridícula, nojenta e risível quando pronunciada por um homossexual.<sup>316</sup> Outro exemplo se refere aos termos empregados para se referir a algum “namorado”, em que esta palavra é substituída por “figura”, “caso”, “criatura”, “pessoa” e “transa”. Pela ambiguidade, nas conversas cotidianas sobre relacionamentos, essas palavras têm a função de dissimular a identidade sexual.<sup>317</sup>

O fato é que o “escurinho” do cinema, a proximidade dos corpos, a “situação” proporcionada pelos filmes eróticos, a possibilidade de anonimato e sexo fácil entre outros fatores fizeram de algumas salas de projeção da cidade do Recife, um espaço ideal para determinados tipos de sociabilidades entre homens. Fazer “pegação”, flertar, travar novas amizades e relacionamentos mais sérios era completamente possível para

---

<sup>314</sup> Sobre os mecanismos e normas editoriais impostos pelos jornais ver FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia impressa**. Estudo sobre a Aids. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

<sup>315</sup> Hoje, os termos “pescar” e “caçar” caíram em desuso. Já o termo “pegar” derivou para “fazer pegação”, utilizado para se referir ao ato de paquerar; ou simplesmente “fazer” quando indica somente o ato sexual. A frase “João fez José”, por exemplo, indica que João fez sexo com José.

<sup>316</sup> COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992, p. 93-94.

<sup>317</sup> Estas expressões foram observadas e catalogadas pela antropóloga Carmen Dora Guimarães em sua etnografia sobre a construção da identidade *gay* no Rio de Janeiro entre os anos de 1975 a 1977, portanto engloba o período do nosso trabalho. GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004, p. 68.



aquele homossexual que além de assistir aos filmes estivesse atento às outras possibilidades que surgissem dentro dos cinemas.

### **3.2.3 - Entre copos de cerveja, aperitivos, e entendidos: os bares como lugares de sociabilidade recomendados pelos gays.**

Geralmente os locais de “deriva” homossexual mantinham uma relativa proximidade territorial entre si, compondo um circuito, facilitando os deslocamentos dos sujeitos entre as boates, as lanchonetes, os cinemas e os bares. Destes, o bar *Mustang* era um dos principais, localizado numa loja térrea do edifício Ambassador, na Av. Conde da Boa Vista, esquina com a antiga loja Mesbla, hoje Riachuelo.<sup>318</sup> Embora não fosse um local voltado exclusivamente para o público homossexual, este se fazia presente como sugere a alcunha dada ao bar, na época: *Mustangay*. Em grande medida, este bar se prestava a uma das estratégias empregadas pelos grupos militantes, que era a de integração em todos os ambientes passíveis de visibilidade e moralmente aceitos. Além disso, ao contrário de determinados lugares como parques, praças, ruas, becos e cinemas onde a “pegação” acontecia, mas possuía os estigmas da clandestinidade e da promiscuidade. Em alguns bares, pelo contrário a convivência com demonstrações de afetos entre homens pareciam sofrer menos hostilidade. Tanto os bares, como as discotecas que veremos mais adiante eram espaços onde o *coming out of the closet* se concretizava por representar, mesmo que no âmbito privado, a possibilidade de expressar a sexualidade de maneira menos estigmatizada e clandestina, na frente de outros indivíduos que não eram homossexuais.

Para parcela dos militantes homossexuais, uma revolução sexual e o questionamento das normas sociais vigentes deveriam ser precedidos por uma libertação do desejo,<sup>319</sup> vivê-lo sem pejos e sem amarras. Nesse sentido, o *Mustang* parece ter sido um espaço fundamental na construção e legitimação do “novo” homossexual. Neste bar havia uma relativa liberdade por seu público ser mais “cabeça”, composto por *hippies*, intelectuais, professores, estudantes universitários e artistas que constantemente se encontravam lá. Apesar de ser um bar “misto”, ou seja, possuir uma clientela bastante

---

<sup>318</sup> O Bar *Mustang* ainda existe no mesmo local, e de acordo com uma placa na fachada, ele foi fundado no ano de 1969. Hoje, além de bar também é pizzaria, sendo diariamente frequentado por um público diversificado que começa a chegar ao fim da tarde, principalmente nos dias de sexta e sábado.

<sup>319</sup> GUATTARI, Félix, *op. cit.*, p. 67.

heterogênea, ele é descrito como um local privilegiado do circuito da “pegação” e da interação entre homossexuais e entre estes e heterossexuais. De acordo com um homossexual, disposto a indicar o mapa da territorialidade entendida do Recife, podia-se, após uma sessão de cinema no Veneza, ir ao Bar *Mustang*, pois lá o *status* social e econômico de alguns frequentadores era especialmente diferenciado. A clientela, ao contrário dos sanitários públicos e alguns cinemas, era formada por uma dada elite, não só no sentido sócio-econômico, como também intelectual. Tanto é que os “pratos” eram deveras disputados. Para “comer” os melhores, tinha-se que chegar cedo, guardar lugar, marcar ponto, pois caso contrário, o sujeito teria que se contentar em “raspar fundo de panela”. O cliente, ainda tinha que ser perseverante, porque no jogo da paquera tinha “bicha” que estava disposta a tudo para escolher o melhor “prato” do *menu*:

Logo quando terminar a sessão das sete [no cinema Veneza], a mais concorrida, vai-se ao Mustang (dito Mustangay por certos críticos enrustidos, porém toda noite...). Lá a guerra é guerra, bicha mata bicha, num verdadeiro Butantan, contudo os pratos são de boa qualidade, principalmente se chegar até as nove, nove e meia, nunca depois das dez, porque senão vai se raspar fundo de panela. A concorrência é grande, principalmente de psiquiatras, artistas plásticos, estudantes universitários e outros bichos (?) mais.<sup>320</sup>

Se o *Mustang* era um dos pontos mais concorridos para as artes do flerte, o Bar do Urso, localizado próximo a ele, não parece ter sido tão disputado assim, principalmente por sua localização ser menos visível do que o *Mustang*. Embora, por ser menos concorrido e mais reservado, o Bar do Urso, parecia ser ideal para quem era mais ciumento ou queria namorar sossegadamente. Tanto é que se aconselhava aos homens que conseguissem parceiros no bar *Mustang* a se dirigirem urgentemente ao do Urso, pois assim não correriam o risco de perder o “peixe”, às vezes pescado com extrema dificuldade, muitas vezes utilizando-se de toda sorte de “iscas e anzóis”. É curioso constatar que ao mesmo tempo em que os discursos convocavam os homossexuais a se integrarem nestes espaços, também transparecem sentimentos e práticas como o ciúme, a maledicência e o despeito; havendo certa rivalidade, principalmente quando se tratava de questões envolvendo paqueras e relacionamentos mais sérios:

Não perca seu preciosíssimo tempo. Conseguindo alguém, se dirija rapidamente para o bar do Urso, atrás do Mustang, pois ficando lá colegas de trabalho podem tomar o peixe

---

<sup>320</sup> Francisco Henrique, *Embalos de sábado à noite*. **Diário da Noite**, Recife, sábado, 01/12/1979, p. 05.

e você vai ficar na mão. O que é péssimo, sendo melhor ir para casa ver televisão. Neste caso veja a coluna filme na TV.<sup>321</sup>

A quantidade de bares “mistos” e exclusivamente homossexuais que começaram a surgir na capital pernambucana, nos dá noção do espaço que os *gays* conquistaram e também do olhar atento que os empresários tiveram sobre este emergente público, ávido por novos pontos de entretenimento. O denominado *Gay Power*, parecia realmente estar em alta, era um negócio lucrativo e para os empresários dava um retorno financeiro certo e rápido. Jorge, um frequentador assíduo desses espaços de interação, rememorou alguns dos diversos bares que abriram no Recife durante a década de 1970. Tinha o Capri, o Canavial, o Tatuagem, o Sócrates, o Balcão e o referido *Mustang*:

Na época chamava *gay*, mesmo. Não tinha GLS. Eram locais de diversão onde os *gays* poderiam frequentar. Começaram a aparecer os primeiros bares aqui no Recife. O primeiro bar *gay* que eu conheci, chamava-se Capri. Ficava embaixo do edifício Capibaribe, na Rua da Aurora. Em seguida eu conheci o Canavial que ficava ali embaixo do edifício Continental, virado para uma área interna que tem por trás do edifício Almari. Em seguida tivemos um bar chamado Sócrates na Galeria Novo Recife e junto com o Sócrates, foi devido ao aumento do, digamos assim, dos frequentadores de bares *gays*, nós começamos a fazer do *Mustang* um bar *gay*, certo? Logo atrás do *Mustang* naquela rua, José de Alencar, teve um bar muito bom chamado Tatuagem, e tinha também um bar na Rua Sete de Setembro, chamado Balcão que marcou época também.<sup>322</sup>

Por serem um negócio lucrativo, muitos bares que antes eram “caretas”, ou seja, não aceitavam os entendidos, passaram a absorver este novo público. Da mesma forma que poderia acontecer o contrário. Bares que antes eram focados no público homossexual, por motivos escusos, da noite para o dia, passavam a assumir uma postura notadamente “carente”, proibindo as manifestações ostensivas de afeto entre homens em suas dependências. Neste caso era um risco para o dono do estabelecimento, que ao perder a fidelidade de uma clientela tão promissora, via o seu negócio que “fervilhava de gente” ficar entregue às moscas, mesmo em dias mais quentes como nos fins de semana. Isso porque, através das redes de contato, os homossexuais, ofendidos com esta postura facialmente migravam para outro lugar em que poderiam ficar mais à vontade.

---

<sup>321</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>322</sup> Entrevista realizada com Jorge (nome fictício a pedido do depoente), em 10/11/2009.

Fato é que opções não faltavam. Havia bares para todos os gostos e bolsos mantendo consequentemente uma clientela bastante diversificada. A princípio, estes bares eram bem conservadores e mesmo com uma clientela majoritariamente composta por homossexuais, viam com cautela as demonstrações públicas de carinho entre homens. Mas aos poucos, sob algumas condições e recomendações, era possível ficar à vontade nestes ambientes:

A princípio, nos bares não era permitido beijos e abraços. Mas quando esses proprietários, esses empresários perceberam a força daquela clientela, então eles liberaram. Mas havia restrição pra que nós não nos beijássemos na frente do estabelecimento. E sim quando passasse da porta de entrada.<sup>323</sup>

Nas memórias dos nossos depoentes, muitos destes bares nem eram ambientes tão agradáveis, assim. Mas as opções eram tão poucas para a demanda de entendidos, que qualquer botequim que abrisse as suas portas era bem vindo. Alguns, inclusive, como o Bar Central, localizado próximo à antiga Estação Ferroviária era bastante perigoso, devido a sua localização. Como vimos no segundo capítulo,<sup>324</sup> a região em torno do Bar Central fazia parte de uma espécie de “região moral” em que circulavam malandros, meninos de rua, prostitutas, *michês* e bonecas (travestis). Passar por lá dependendo do horário e da sorte era uma questão de risco de morte. Mesmo assim, o Central era um ambiente que por ser um dos únicos disponíveis na cidade estava incluído na lista do “roteiro entendido” da capital pernambucana. Quem iria até lá sabia os riscos que estaria correndo. De acordo com nossos depoentes podia-se “perder” desde a carteira com os documentos e dinheiro até a própria vida, mas por falta de opção era o jeito:

Naquela época, qualquer local que abria sua porta para os *gays*, era tudo. Era, digamos assim... Você já imaginou você não ter opção? Então, se abria uma opção, por pior que fosse, era tudo! Era um sonho, um paraíso. E tinha locais, por exemplo: o Bar Central, que ficava em frente à Estação do Metrô, antiga. Aqui no centro [da cidade]. Ali, a Estação Ferroviária, na época não era metrô. Era um bar, digamos assim, que as pessoas, elas viam com uma certa reserva pelo fato de ficar numa... Num local onde havia prostituição feminina. Mas, que todo mundo ia por que por falta de opção, você ia em qualquer lugar.<sup>325</sup>

---

<sup>323</sup> Entrevista realizada com Roberto (nome fictício a pedido do depoente), em 13/11/2010.

<sup>324</sup> Ver item 2.2.1 – Pela manutenção da ordem, da moral e dos bons costumes da sociedade, as bonecas ou travestis não têm vez.

<sup>325</sup> Entrevista realizada com Jorge (nome fictício a pedido do depoente), em 10/11/2009.

Outro bar bastante conhecido e frequentado, além do *Mustang*, era o Manguairão, uma espécie de bar dançante.<sup>326</sup> Este último, ao contrário do *Mustang*, não existe mais. Ele ficou somente nas memórias dos seus antigos clientes. Ele ficava localizado no Bairro da Boa Vista, próximo à Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), esquina com a Rua Dom Manoel Pereira. De acordo com os seus frequentadores, foi um lugar que marcou época. Nos finais de semana ficava lotado. Não era um ponto de reunião e sociabilidade exclusivamente homossexual, era um local chamado de entendido, justamente por irem pessoas heterossexuais também, o perfil das pessoas que iam lá era bem heterogêneo.<sup>327</sup> O Manguairão era um local onde a paquera entre homens era absolutamente permitida sem qualquer melindre:

Eu mesmo no Manguairão, eu lembro de uma ocasião que eu fui. Aí como o Manguairão tinha vários... Como hoje tem o MKB,<sup>328</sup> naquela época não existia o MKB. Então tinha várias salas, que lá tinham várias salas, tem uma área externa grande lá atrás, então eu tava num lugar aí chegava um, trocava aqueles olhares... “Pô você é muito bonito, você é daqui”? Eu digo sou. Aí eu digo: fica aí que eu já venho. Aí eu já ia pra outro salão. Aí aconteceu uma coisa engraçada uma vez, nos anos 70 mesmo, que eu deixei três [homens]. Cada um numa mesa. E vim embora porque eu não pude ficar na boate. Na época, não é que eu me achava, é que as pessoas achavam que eu era bonito. Então eu deixei três lá e vim embora por causa do assédio.<sup>329</sup>

O bar Savoy também é citado como um local que era amplamente frequentado por homossexuais. Localizado na Avenida Guararapes, nº 147, em seu auge, no centro do comércio da cidade, foi fundado em 1944 e teve na década de 1960 e 1970 o seu tempo de maior efervescência. Ponto de encontro de muitos intelectuais foi frequentado por Gilberto Freyre, Carlos Pena Filho, Renato Carneiro Campos, Capiba, Osman Lins, Vicente Rego Monteiro, Ascenso Ferreira, Mauro Mota, dentre tantos outros nomes.<sup>330</sup>

---

<sup>326</sup> O nome Manguairão, embora guarde algo de erótico, resvalando no duplo sentido era porque nesse lugar havia uma frondosa mangueira (árvore). Informação obtida em entrevista com Fernando em 15/01/2011.

<sup>327</sup> Entrevista realizada com Jorge (nome fictício a pedido do depoente), em 10/11/2009.

<sup>328</sup> MKB é a sigla da boate Meu Kaso Bar (fica na Rua Corredor do Bispo, no Bairro da Boa Vista). Há no meio *gay* do Recife um embate radical entre os adeptos e frequentadores dessa boate e aqueles que vão à Metrôpole (Rua das Ninfas, no Bairro da Boa Vista). Esta última é bem mais requintada e tida como uma das melhores do Brasil. É tanto que a MKB é alcunhada de MKBaixo, por tocar samba, pagode, brega, etc. Enquanto na Metrôpole só toca os últimos *hits* das pistas nacionais e internacionais e com a presença de *DJs* renomados. Além da presença de artistas conhecidos nacionalmente.

<sup>329</sup> Entrevista realizada com Fernando em 15/01/2011.

<sup>330</sup> O Savoy fechou suas portas no início da década de 1990. Hoje, em seu lugar está instalada a Farmácia dos Pobres. Várias outras personalidades passaram pelo bar, como: Jorge Amado, Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre e Célia Guevara (mãe de Che Guevara). Fonte: <http://www.barsavoy.com.br/> Acesso em 08/04/2011.

Também era um bar em que os homossexuais iam para “trocar ideias”, paquerar e muito raramente fazer “pegação”, quando muito às pressas nos banheiros. Motivo: por ser um lugar mais intelectualizado e até elitizado a pegação ostensiva não era permitida. Além disso, as bichas pintosas, ao contrário dos entendidos, por exemplo, não eram bem vistas no Savoy por ser um bar “cabeça” e não para “pegação”:

Não mais antigo aqui, nem mais famoso que o bar Savoy, que fechou. Foi uma perda grande pra Recife, o bar Savoy. Muito conhecido na Avenida Guararapes e que era frequentado pela alta sociedade de homossexuais. [...] Mas só como que o Savoy não aceitava bichinhas, naquela época, como eu falei. Só iam os poetas, só iam os professores, era muito professor ia lá. Professores muito aquilo ali. Agora era muito, muito... Às vezes ia com mulher só pra fazer bandeira, mas deixa que tava namorando. Eu mesmo namorei vários professores de Universidade Federal, namorei tenente, namorei capitão, namorei médico, na época. Lá no Savoy. Mas engraçado que eu não gostava do Savoy porque só era pras pessoas... A gente dizia que era pras bichas metidas.<sup>331</sup>

Mesmo assim, na etnografia de Hélio Silva sobre as travestis da Lapa, no Rio de Janeiro no começo da década de 1990, certa vez num bar ele ouviu uma conversa entre duas travestis. O assunto da conversa era os atributos físicos dos clientes das mesmas, quando uma das travestis comentou: “Eu só vi um pau daquele tamanho uma vez, em Recife, no bar Savoy, no banheiro do bar Savoy...”<sup>332</sup> Nestes bares, da mesma forma que nos lugares públicos, havia a “pegação” de banheiro. Só que de forma mais discreta, velada, sob pena de serem flagrados pela polícia, pelos garçons ou pelo dono do estabelecimento. Tudo começava (quase sempre) com as trocas de olhares entre aqueles que estivessem em mesas próximas, daí faziam sinais, um saía primeiro para depois de alguns instantes o outro o encontrar no toalete ou até em outro lugar, mais reservado. Esse tipo de “pegação” não tinha apenas a marca da fugacidade e da superficialidade. Desejava-se a construção de laços mais sérios e duradouros. Fernando, que frequentou diversos estabelecimentos desse gênero, nos contou que chegou a conhecer vários homossexuais que mantiveram relacionamentos sérios que duram até hoje, a partir de investidas nos banheiros. Até porque estes espaços não serviam somente para a “pegação”. Nos toaletes, por vezes, trocavam-se além dos telefones e endereços, as primeiras impressões e travavam-se laços amizados.

---

<sup>331</sup> Entrevista realizada com Fernando em 15/01/2011.

<sup>332</sup> SILVA, Hélio R. S., *op.cit.*, p. 100.

Eram lugares como até hoje. Mesmo naquela época existia muito... Assim... Eu não sei, porque, era porque eu não, talvez gostasse, ou não gostasse, eu não gosto. Que chamava-se pegação em banheiro. Tinha. Era demais pegação no banheiro. Nesses: no Savoy, no Botijinha. Mas era uma coisa muito... Às vezes um dava sinal pro outro: lá vem a polícia, lá vem o dono, lá vem o garçom. Mas às vezes uma pessoa tava numa mesa, o outro na outra. Quando a pessoa ia no banheiro, iam lá trocavam os olhares, se beijavam ali mesmo naquele banheiro às vezes podre, imundo de mijó. Aí dali surgia muitos casos. Dali acontecia o pontapé inicial. Mas ali é como eles tinham o primeiro contato. Dali eles já iam para um outro bar, sentavam na mesma mesa, já começavam a conversar. Cada um dizia o que achava um do outro, o que achou, o que queria, o que pretendiam. E dali muita gente viveram muitos e muitos anos. Conheço muitos casais que aconteceram exatamente num banheiro. Lógico que num foi num banheiro, eles tavam num bar. Quando foram pro banheiro foi quando tiveram o primeiro diálogo porque trocavam olhares que nem hoje.<sup>333</sup>

Em sua dissertação de mestrado sobre a prostituição masculina na cidade do Recife, o psicólogo Eptácio Nunes, coletou alguns depoimentos que em grande medida corroboram aqueles recolhidos por nós a respeito da utilização dos sanitários dos bares como espaços em que o intercâmbio sexual entre homens se dava. Os informantes de Eptácio Nunes rememoraram o começo da década de 1980, quando estes estabelecimentos pesquisados por nós, estavam no auge. Os banheiros eram lugares concorridíssimos por ser praticamente certo encontrar homens desejosos por sexo. Visivelmente excitados, demonstrando os seus “volumes” e as suas “saliências” por baixo das bermudas, shorts e calças, estes sujeitos, dentro dos banheiros já esperavam (com os “paus” duros) as “bichas”.<sup>334</sup>

Apesar de existirem “muitos casais que aconteceram exatamente no banheiro”, como nos relatou o nosso depoente, a “pegação” de banheiro era (e ainda é) uma das práticas mais desqualificadas e estigmatizadas, mesmo dentro do próprio universo homossexual. Talvez isso se deva às atribuições que damos a este espaço, comumente relacionado à sujeira, a excremento e a fedor. Como aponta Gustavo Barbosa em sua etnografia sobre os grafitos de banheiro, é neste lugar que defecamos, urinamos, lavamos as mãos, as dobras, o ânus e os órgãos genitais. Até mesmo na comunicação verbal ele é mantido escondido, porque usamos toda sorte de eufemismos para comunicarmos quando vamos utilizá-lo. No lugar de falarmos para alguém: vou

---

<sup>333</sup> Entrevista realizada com Fernando em 15/01/2011.

<sup>334</sup> SOUZA NETO, Eptacio Nunes de, *op.cit.*, p. 29-30.

“cagar”, por exemplo, dizemos que vamos “ao banheiro”, “ao sanitário” ou “ao W.C.”.<sup>335</sup> Por mais que esteja limpo, no nosso imaginário, o banheiro (principalmente os públicos) não seriam os locais mais higiênicos para se manter contatos mais íntimos com alguém. Talvez, aí esteja um dos motivos do preconceito sobre os homossexuais que interagiam com outros, nestes locais: acabava-se relacionando sujeira à homossexualidade. Vale refletir que nos sanitários, o tema preferido para a escrita de grafitos é a homossexualidade, quer seja para desqualificá-la, que seja para enaltecê-la.<sup>336</sup>

### **3.2.4 – No ritmo *disco*: as modernas boates ou discotecas como territórios da legitimação *gay* ou entendida**

Bastava ir ao centro da cidade nos fins de semana, principalmente nas noites de sexta-feira e do sábado para constatar a nova realidade. As noites *gays* do Recife estavam fervendo. Como vimos, até agora, parece que não faltavam opções de entretenimento para o segmento homossexual. Eram espaços públicos e estabelecimentos privados que se adequavam a todos os gostos e bolsos, reunindo homens das mais distintas classes sociais, idades e etnias. Mas talvez, dos espaços que foram abertos para este público emergente, nada expressasse tanto este novo momento como as modernas e “descoladas” boates, discotecas ou *discothèques gays* como também eram conhecidas. Estes ambientes com suas músicas e luzes inebriantes em conformidade com a moda *disco* eram, com relação à sociabilidade *gay*, os lugares mais recomendados na época. Pois mantinham um público seleta, com seus *habitués* por vezes, oriundos das classes média e alta de Pernambuco.

Com a abertura das primeiras discotecas que aceitavam abertamente os clientes homossexuais, o Recife de fato, entrava no circuito das capitais brasileiras onde os homossexuais poderiam curtir uma badalada noite de fim de semana. Havia um ar de descontração e de uma relativa aceitação em ver homens juntos, trocando cumprimentos mais afetuosos. Ao mesmo tempo, alguns desses homens pareciam não saber o que

---

<sup>335</sup> BARBOSA, Gustavo, *op.cit.*, p. 66-70.

<sup>336</sup> Gustavo Barbosa encontrou em banheiros de rodoviárias, universidades e bibliotecas nos estados de MG, RJ e BA, frases do tipo: “Eu adoro chupar cu”; “gosto de cu de guri”; “Sou viado, tenho 18 anos e já dei o cu 810 vezes, acabo de dar a foda n.º 811”; “Cu de viado é, igual a lata de lixo. Só vive sujo”; “Deus inventou o homem e a mulher e o Diabo por despeito inventou a bicha”. BARBOSA, Gustavo, *op.cit.*, p.89-95.



fazer com este processo de liberação e ficavam mais perdidos que o rumo da sonda espacial *Skylab*:

Quem vem ao Recife e quer se entrosar na vida guei da cidade não precisa de guia ou cicerone, pois tudo aqui funciona às claras, sem camuflagens. Nosso movimento guei está cada dia melhor e mais aberto. O pessoal nas ruas, aos bandos, em revoadas nas noites de sexta e sábado pelas ruas centrais... Como diz um dos nossos jornalistas: “a população já acostumou a vê-los desfilando pelas ruas, descontraídos, mais soltos do que pensamentos de anistiado, e tão perdidos quanto o rumo do Skylab”.<sup>337</sup>

O movimento a que o missivista acima se refere, não parece ser somente o político; ele nos fala de movimento no sentido de transitar, caminhar, passear, se mostrar pelas ruas da cidade sem resquícios de timidez ou vergonha. Ao ponto de fazer com que a população se acostumassem a vê-los, muitas vezes caminhando de mãos dadas ou trocando carícias. E não era somente um, dois, ou três a aproveitar as noites do Recife, vinham-se “aos bandos, em revoadas”. Estas “revoadas” de homossexuais não tinham um destino certo, poderiam tanto ficar perambulando pelas ruas da cidade; usufruir dos bares e cinemas; ou ainda se dirigirem para locais de divertimento mais seletivos como as modernas discotecas.

Estes espaços se multiplicaram na década de 1970, impulsionados, basicamente, por dois fatores: a crescente demanda dos homossexuais ansiosos por novos pontos de sociabilidade e o investimento do capital acumulado por alguns empresários na fase conhecida como milagre econômico brasileiro.<sup>338</sup> Este crescimento econômico para alguns setores da sociedade brasileira, ocorreu no mandato do presidente Garrastazu Médici (1969 - 1973) quando os benefícios da economia possibilitaram o investimento dos empresários nos mais diversos ramos das demandas requeridas pela sociedade. As classes médias e altas foram as mais beneficiadas com a expansão e consolidação capitalista, tendo como um dos fundamentos essenciais a ação do estado no direcionamento do capital nacional e dos investimentos estrangeiros.<sup>339</sup> Sem querermos simplificar a complexidade do processo de abertura dos espaços para o público homossexual, pode-se dizer que esta abertura foi o resultado da emergência *gay*, articulada com o investimento econômico nesse novo nicho de mercado. Um negócio

---

<sup>337</sup> Jota Elle, *Roteiro gay*. **Diário da Noite**, Recife, sábado, 20/10/1979, p. 04.

<sup>338</sup> GREEN, James Naylor, *op. cit.*, p. 400.

<sup>339</sup> HABERT, Nadine, *op. cit.*, p. 13-14.

promissor que mais tarde nos anos 90 e 2000 se especializou com hotéis, pousadas e roteiros exclusivamente *gays* organizados, inclusive, por agências de turismo.

Na década de 1970, três boates parecem ter-se destacado no Recife, pois elas são uma constante nas referências de lugares mais “descolados” e animados em conformidade com o melhor estilo *disco* que tomou conta do Mundo durante a década de 1970. Eram: a *Misty*, também chamada de Mister situada na Rua do Riachuelo, próxima ao bar *Mustang*, a *Vogue* e a *Stok*, ambas instaladas no edifício Novo Recife, por trás do cinema São Luís, no Bairro da Boa Vista. Vale salientar que mulheres e homens heterossexuais, poderiam entrar sem problemas nessas casas noturnas. A entrada não era vetada para este segmento. Estas casas noturnas, amiúde, eram frequentadas por sujeitos integrantes da classe média, pois o próprio valor da entrada já era suficiente para dificultar o acesso de indivíduos provenientes de extratos sociais mais inferiores. Para se ter uma noção do valor da entrada cobrada, em fevereiro de 1980 para entrar na *Misty* o cliente desembolsaria Cr\$ 300,00. Já na *Vogue* e na *Stok* a entrada custava Cr\$ 200,00. Só para cotejar e termos uma noção do alto valor da entrada, um jornal nessa época, custava em média Cr\$ 8,00.<sup>340</sup>

Estes locais eram seletivos a começar pelo valor das entradas e da consumação. Para um gerente de uma boate para homossexuais em Copacabana no Rio de Janeiro em meados da década de 1970, critérios como “boa” aparência e discrição eram fundamentais para se ter a permissão de ingressar em sua casa noturna. *Hippies* e homossexuais ostensivos, mesmo tendo dinheiro para pagar, por vezes eram barrados na entrada da boate:

Tem os que não deixo entrar mesmo. Mando lá pra Delegacia – “diz que não deixa entrar”. É freqüente. Não deixo entrar *hippie* [grifos do autor] (bem, aqui não tem mas – são esses caras argentinos, dormem na praia – pessoal assim), viciados de uma modo geral e arruaceiros. Fico intranquilo – mexem com o pessoal lá dentro, pedem cigarro, bebida. Acham que, se é veado, então não são homens. O veado é tímido e não reage. Na primeira vez que vêm dependendo da apresentação e não dando na pinta que é homossexual, informo: - “Isto é uma casa mais para rapazes”. – “Tá bom, vou conhecer.” – Tem consumação na porta – 80 cruzeiros com direito a três drinques. Aí o cara reclama porque vê gente entrando sem pagar. Explico que estes são freqüentadores da casa, que já sei que vão consumir (mesmo que não consumam).<sup>341</sup>

<sup>340</sup> *Entendidos na folia, Diário da Noite*, Recife, quinta-feira, 14/02/1980, p. 04.

<sup>341</sup> GUIMARÃES, Carmen Dora, *op.cit.*, p. 80.

No Recife, também havia algumas boates nas quais determinados indivíduos eram barrados, ainda na entrada. Isso acontecia, principalmente com as travestis de rua, aquelas que faziam a batalha.<sup>342</sup> As travestis mais bem “sucedidas”, filhas de “gente importante”, de classe média, que eram mais discretas e não armavam escândalos, tinham uma relativa aceitação nas casas noturnas. Mesmo assim, os donos desses estabelecimentos ficavam temerosos de terem os seus nomes associados a episódios negativos. Até porque com a concorrência entre as discotecas, o ideal era manter uma clientela mais selecionada, de nível mais elevado, para assim o preço das entradas serem mais elevados e condizer com um ambiente mais reservado, fazendo um diferencial. Caso contrário, a discoteca poderia ficar com má fama, ficar conhecida por manter uma clientela “barra pesada”, perigosa. Ora, muitos homossexuais frequentavam estes ambientes, justamente para fugir dos perigos das ruas e dos cinemas de “pegação”, seria assim, uma contradição que as boates permitissem a frequência de determinados *habitués*, sob pena de a boate ficar estigmatizada.

Odilex, o imitador oficial da cantora Maria Bethânia, no Recife, nos disse que conheceu as discotecas no fim dos anos 70, ainda adolescente. Ele começou a fazer *shows* profissionais no início da década de 1980 quando o transformismo começou a ser aceito enquanto espetáculo artístico na capital pernambucana. Assim, ele comentou a respeito da questão das travestis nas boates:

Na boate Vogue, mesmo, não entrava. [...] Não entrava de maneira alguma. A Misty já era mais maleável. Lá entravam algumas. As que eram mais sociáveis na época. Eram filhas de políticos, de autoridades, eram as travestis da época. Entravam Janaina, Luciana Luciene, Rabi, que eram pessoas que não faziam batalha. Então já eram conhecidas na cidade. Então tinham livre acesso. Mas as pesadas como eram chamadas, as profissionais de rua, não deixavam entrar, não. Porque elas aprontavam, mesmo. Elas aprontavam um barraco legal.<sup>343</sup>

É interessante perceber como nas memórias de muitos *gays* que frequentavam determinadas discotecas, ficou a marca da tradição naqueles espaços, operando como uma história da longa duração homossexual, ultrapassando décadas e só mudando os atores que circulariam nesses circuitos. É como se dados territórios toda vez que fossem transitados ou vistos, fizessem com que as lembranças aflorassem. A respeito disso

---

<sup>342</sup> Na linguagem homossexual, o termo “batalha” se refere ao ofício da prostituição realizado pelas travestis.

<sup>343</sup> Entrevista realizada com Odilex em 14/10/ 2009.

vejamos o que um assíduo cliente dessas diversas boates nos disse sobre o espaço em que outrora funcionava a *boate* Misty e hoje está instalada a Metrópole:

Em seguida a [boate] Misty também não deu conta, o espaço ficou pequeno, e passou a funcionar durante anos e anos no casarão onde hoje existe a Metrópole. E a Metrópole é uma *boate* que, digamos assim, já existe aquela casa, ela já é um *point gay* há muitos anos, desde os anos 70. Ela tem mais de... Eu diria, mais de trinta anos de mundo *gay* ali dentro. Paralelamente a isso, foi quando a Misty... Antes dela entrar em declínio, um empresário *gay* do segmento *gay*, uma pessoa maravilhosa chamada Abraão Alis, ele foi dono de aproximadamente umas oito a dez *boates* aqui no Recife. Eu conheci a Araras que depois virou Nostro Mundo. Ficava numa cobertura na Avenida Conselheiro Aguiar, em Boa Viagem. Depois disso teve a Diaguilef que ficava na última casa da Rua Conselheiro Aguiar, esquina com aquela avenida dupla ali do Pina pra cidade. Nos anos 70 e 80... Já passando final de 70 para 80. Logo após a Diaguilef, ele teve a Liberty que funcionou na Rua da Glória. Foram as três *boates* de Abraão Alis que marcaram época.<sup>344</sup>

A partir do trecho citado acima, podemos inferir que a demanda por boates *gays*, durante a década de 1970, apresentou um salto vertiginoso, em relação à década anterior. Até mesmo durante o Carnaval, a procura por este tipo de ambiente não diminuía. Inclusive, as boates para não perderem os seus clientes faziam uma programação especial durante o reinado de Momo com grupos de samba e concursos de fantasia. Vale destacar que estes concursos ainda não eram o *Gala Gay* que se tornou famoso em anos posteriores. No Carnaval de 1980, a discoteca Misty, por exemplo, ao som de muito samba promoveu um disputado concurso de fantasias. Enquanto a Stock, recebeu todas as “bonecas” com fogos de artifício e muito frevo numa decoração que tinha por base imensas bolas plásticas. Já na Vogue, situada no mesmo edifício da Stock, os homossexuais foram recebidos pela dona, Dourinha, em ritmo de frevo, com muitos doces e cerveja gelada duplicando a quantidade de pessoas no *dancing* em relação aos anos anteriores.<sup>345</sup> O novo momento parecia sugerir uma gradativa diminuição do preconceito, pois a abertura das boates possibilitava práticas de sociabilidades menos clandestinas em comparação aos cinemas, ruas e banheiros públicos marcados pelos estigmas da ilegalidade e da promiscuidade. Havia uma espécie de relação de pertencimento do *gay* com os novos espaços. Podemos pensar que, na época, havia certo entusiasmo entre os homossexuais pela abertura de espaços

---

<sup>344</sup> Entrevista realizada com Jorge (nome fictício a pedido do depoente), em 10/11/2009.

<sup>345</sup> *O carnaval entendido*, **Diário da Noite**, Recife, quarta-feira, 20/02/1980, p. 10.

voltados exclusivamente para eles. Eram ambientes descritos como chiques, agradáveis e com muita gente “disponível”:

Sem sair do centro [do Recife], há três opções, em matéria de boates *discothèques*, exclusivamente gueis. A mais nova e requisitada é a Misty: fica na Rua do Riachuelo, em frente à Faculdade de Direito, Vogue e Stock ficam juntas, no primeiro andar do edifício Novo Recife, à Rua da União por trás do Cine São Luiz. Ambientes agradáveis com muita gente disponível.<sup>346</sup>

A abertura das boates, mesmo aquelas que não eram exclusivamente *gays*, fez emergir novas sensibilidades. As noites e as madrugadas nos finais de semana ficaram mais movimentadas. Gente circulando, ônibus e táxis mais cheios no começo da noite e no fim das madrugadas de sábado e domingo, além do famigerado som alto que passou a incomodar os moradores dos apartamentos dos prédios vizinhos a estas novas casas de entretenimento. Não eram raras as reclamações nos jornais a respeito dos limites que estariam sendo rompidos por muitas boates que atrapalhavam o sono de alguns moradores do centro do Recife. Era o caso do bar dançante Sócrates situado no edifício Novo Recife, cujo som violava “as leis do silêncio e do sossego”, principalmente dos moradores do edifício Canadá, contíguo ao Novo Recife. Apesar dos moradores terem ido reclamar a situação com os proprietários do Sócrates nenhuma medida para remediar o transtorno tinha sido tomada, por isso os moradores apelavam às autoridades para que fossem tomadas as medida cabíveis.<sup>347</sup>

No centro do Recife: Stock, Misty, Vogue, Rosa Amarela, Libras e Liberty. Em Boa Viagem: Madrugada, Araras e Nostro Mundo. Existiram muitas outras discotecas menos conhecidas, de menor expressão no meio *gay* e que faliram na mesma velocidade que abriram suas portas. Este parecia ser um fenômeno nacional influenciado pela moda e pelo desejo de livre expressão. É tanto que entre os anos de 1978 e 1979 uma das novelas de maior sucesso foi *Dancin' Days*, exibida pela Rede Globo de Televisão às 20:00 horas. As roupas, os calçados, a maquiagem, os acessórios, a dança e as músicas que já eram sucesso nas pistas de *dancing*, se tornaram muito mais populares e copiados com a transmissão do folhetim. Interpretada pelo grupo *As frenéticas*, a música que dava título à novela até hoje é lembrada como um dos principais *hits* das paradas musicais da década de 1970, por transmitir muito do desejo que aquela geração tinha de

---

<sup>346</sup> Jota Elle, *Roteiro gay*. **Diário da Noite**, Recife, sábado, 20/10/1979, p. 04.

<sup>347</sup> *Boate barulhenta*, **Diário da Noite**, Recife, sábado, 14/08/1971, 1º Caderno, p.04.

“abrir suas asas” e “soltar suas feras”, “caindo na gandaia” e sugestivamente fazendo “valer tudo”.



Fig. 37. Cena da novela *Dancin' Days*. Fonte: <http://www.google.com.br/dancing-days>- Acesso em 23/04/2011.

Ainda, em 1979, na novela *Cara a Cara*, outra música “estourou” e também parecia dizer muito sobre o novo momento pelo qual os homossexuais estavam passando. Esse momento era de revolução e revelação de desejos e práticas afetivas e sexuais, que neste momento buscavam legitimidade. Condizendo com este estado de coisas, as rádios não paravam de tocar a música *Revelação*, interpretada pelo cantor e compositor cearense, Raimundo Fagner. A letra desta canção girava em torno do tema da “revelação” dos sentimentos:

*Revelação*

(Composição: Clodô e Clésio)

Um dia vestido  
De saudade viva  
Faz ressuscitar  
Casas mal vividas  
Camas repartidas  
Faz se revelar

Quando a gente tenta  
De toda maneira

Dele se guardar  
Sentimento ilhado  
Morto, amordaçado  
Volta a incomodar.<sup>348</sup>

Da mesma maneira que os bares, as discotecas, desde que agradassem a um público exigente, era um negócio bastante rentável do ponto de vista financeiro. O faturamento dessas casas era alto. Principalmente quando eram voltadas aos chamados entendidos (*gays*) da classe A, que estavam dispostos a pagar um alto valor por um ambiente com boa comida, bebida, boa iluminação, boa música e gente “bonita”. A boate Sótão, por exemplo, localizada na galeria Alaska no Rio de Janeiro, era tida como uma das melhores do mundo, comparada às de Paris e Nova Iorque. Para atingir este grau de qualidade os seus proprietários investiam alto nesse negócio:

Em funcionamento há oito anos, a casa passou por um processo de refinamento funcional, que foi da simples condição de boate entendida, como existem pelo menos outras cinco, de bom público, na Zona Sul carioca, até chegar à classificação única de ser comparada, por alguns dos seus freqüentadores, às melhores discotecas de Nova Iorque e Paris. Para a isto seus donos, Édson e Nel[...] têm reinvestido parte dos lucros apreciáveis, ano após ano, no aperfeiçoamento do seu negócio, num total aproximado, de 1969 até hoje, de “uns oito milhões de cruzeiros”. Dentro do Sótão, esse capital aplicado se materializa em 200 metros quadrados de salão, divididos entre a grande pista de dança, umas poucas mesas destinadas a clientes especiais e o bar que acompanha todo o comprimento da casa, em cujas banquetas se acomodam os freqüentadores habituais.<sup>349</sup>

Um “verdadeiro” *gay* deveria ir a estes lugares, dançar, paquerar e consumir, provavelmente ao som dos Bee Gees com a música *Stayin’ Alive*, do Village People com *Y.M.C.A* e *Macho Man*, da Tina Charles com *I Love to Love* e *Dance little lady dance*, da Yvonne Elliman com *If I can’t have you*, do Abba com *Dancing Queen*, do Silvester com *You make me feel* e da Gloria Gaynor com *I will survive*. As agências de distribuição de sentido como o rádio, a televisão e o cinema ditavam moda, influenciavam os comportamentos dos indivíduos produzindo subjetividades e dando o tom que marcou parte da década de 70: o ritmo *disco*. Não é à toa que uma das gírias mais usadas no meio *gay*, quando se tratava do quesito dança era o termo “travoltar”

---

<sup>348</sup> Fonte: <http://letras.terra.com.br/fagner/45948/>. Acesso em 26/04/2011.

<sup>349</sup> Esquina. *Discoteca, sauna, clube: um admirável mundo novo?* **Lampião da Esquina**, ano 01, n° 01, Rio de Janeiro, maio/junho de 1978, p. 05.

que significava se exibir com propriedade nas pistas de *dancing*, tal e qual o ator John Travolta no filme *Os Embalos de Sábado à Noite*, um dos maiores sucessos de bilheteria no ano de 1977. “Travoltar”, assim, acabou virando um verbo, principalmente no meio daqueles homossexuais que não perdiam um só fim de semana nas discotecas.

Os homens homossexuais que estivessem dispostos a frequentar estas discotecas deveriam estar “por dentro” das mais recentes tendências no quesito dança e música, sob pena de se tornarem sujeitos desterritorializados no seu próprio meio. A ideia era chamar atenção de todos, principalmente de outros homossexuais, no centro da pista. Quer seja para se exibir, quer seja para paquerar. Para muitos, um indicativo de que Recife estava, de fato, inserido no contexto mais geral era a abertura destas casas de entretenimento. Com isso, a capital pernambucana globalizava-se, quebrava tabus e continuava com o histórico título de metrópole regional agora também, no quesito *Gay Power*:

Com a proliferação de discotecas e “travoltas” regionais, Recife está devidamente inserida no contexto geral, inclusive no que se refere à quebra de tabus sexuais e sociais. Isto pode ser observado na primeira boate GAY – Misty – funcionando há quatro meses, com forte sedimentação na clientela de “entendidos classe A”, na Rua do Riachuelo [...] Apesar da neblina insinuada no nome “Misty”, o clima da casa noturna deixa transparecer todo o “gay power” da cidade, no ambiente decorado com alcatifa vermelha e espelhos, dando uma idéia de via pública.

Sem a distinção de cor e poder aquisitivo, a entrada varia de Cr\$100 Cr\$200, dependendo do dia da semana. A música ambiente vem atraindo “machões” e “assumidos”, que dançam a noite inteira conforme o ritmo. E os pares se portam de maneira idêntica aos casais apaixonados, sem causar constrangimento aos presentes.

O número de mesas é insuficiente e os garçons servem os clientes até no “dancing”. Estes quando cansados sentam na mureta que circunda a pista. A boate dispõe de dois banheiros (toaletes?) que não possuem nenhuma indicação como “Damas” e “Cavalheiros”.<sup>350</sup>

Havia uma clara distinção de fronteiras entre aquelas discotecas frequentadas pelas bichas pobres, barra pesada e mais pintosas, e aquelas boates cuja clientela era composta por gente mais fina, que gostava de ser chamada de “entendido” e cujo valor

---

<sup>350</sup> Recife começa a quebrar tabus com sua primeira boate “gay”. **Jornal do Commercio**, Recife, sexta-feira, 07/04/1979, Caderno I, p. 07.



mais cultivado era a discrição, aliada ao bom gosto em vestir-se. Isso não quer dizer que os homossexuais pobres nunca iriam a uma discoteca cara de gente chique. Todavia, mesmo esforçando-se para juntar dinheiro e poder entrar e consumir nestes ambientes, se o indivíduo não estivesse bem produzido esteticamente correria o risco de se sentir desterritorializado, excluído, por fora:

Se é um adjetivo que eu posso dizer que *gay* é, é vaidoso. Isso sem sombra de dúvida. Todo sábado o *gay* que se prezasse teria que ter uma roupa nova. Ao menos uma camisa ou uma calça. Porque nós iríamos para um ambiente... E principalmente os que eram solteiros, que iriam à procura de paquera teriam que impressionar à primeira vista.<sup>351</sup>

Todavia, é necessária cautela ao se analisar os enunciados que preconizam a existência de um Recife paradisíaco, sem preconceitos sobre manifestações homossexuais a partir da abertura das discotecas. Haja vista que mesmo assim, ainda havia repressão e censura gerada, em parte, pela ideia de homossexualidade relacionada a delinquência, promiscuidade e sem-vergonhice. Foi o caso de um leitor que teve sua carta publicada no *Jornal do Commercio* no dia 02 de novembro de 1978. Ele estava revoltado com um candidato a deputado federal que estaria apoiando o movimento *gay* e que com isso incentivava a prática do “homossexualismo”.<sup>352</sup> O uso da palavra “homossexualismo” (no lugar de homossexualidade) ainda era corrente nesse período e tem suas origens no século XIX, nos discursos clínicos dos médicos, psiquiatras e psicólogos à procura de uma “natureza” única dos homens identificados por seus “desvios” sexuais.<sup>353</sup> Não podemos afirmar se a intenção do candidato era realmente defender os interesses do emergente movimento *gay*, tampouco sabemos se o leitor era adepto de um partido de oposição ao candidato (daí as suas críticas) ou ainda se suas críticas eram simplesmente fruto de moralismos. Mas cabe-nos perceber como, para ele, era condenável e indigno esse tipo de iniciativa em um candidato que se pretendia sério, defensor das causas sociais. Para o missivista, o candidato a deputado federal, jamais deveria ter se inclinado para defender o ativismo homossexual. Vejamos então, um trecho da carta enviada para a redação do *Jornal do Commercio*:

Falo do candidato a deputado federal Baiardo de Andrade Lima. É claro que este cidadão não deve se eleger. Todavia, mais claro ainda está que ele, de maneira desumana se apresenta como incentivador festivo de um problema muito sério que é o

---

<sup>351</sup> Entrevista realizada com Roberto (nome fictício a pedido do depoente), em 13/11/2010.

<sup>352</sup> Julio Magalhães, *Gay*, **Jornal do Commercio**, Recife, quinta-feira, 02/11/1978, Caderno I, p. 02.

<sup>353</sup> FOUCAULT, Michel, *op. cit.*, p. 50-51.

homossexualismo, apresentando-se como defensor de movimento “gay” (denominação dada agora a homossexual).

Esse tipo de movimento (creio inclusive ser sem nenhuma convicção por parte do seu novo líder) é simplesmente estarecedor.

É submeter ao ridículo uma comunidade que mais merece assistência médica e psicológica do que propriamente alguém que, mesmo de gozação, isso é o que o tal Baiardo faz, agrave o problema.<sup>354</sup>

Quando o leitor diz que o “gay” é a nova denominação para se referir a homossexual, ele corrobora para confirmar a nossa hipótese do *gay* como sendo uma invenção que na época era alvo das mais diferentes opiniões. Para o missivista, a iniciativa mais sensata, seria que o candidato a deputado federal encaminhasse os “portadores” de “homossexualismo” a algum tipo de tratamento, provavelmente para poderem se tornar pessoas “normais”. Isso posto, sob as músicas e luzes inebriantes das discotecas, tanto os antigos quanto os novos territórios de sociabilidade não deixaram de ser alvo de críticas, por vezes surgidas no próprio meio *gay*.

O discurso identitário que construiu a figura do *gay* não foi neutro. Como reflete Durval Muniz, os agenciamentos discursivos que elaboram determinadas identidades são perigosos justamente por subsumir o fator histórico ao natural, apagando os rastros de historicidade de um dado objeto.<sup>355</sup> Hoje, 2011, a maioria das pessoas empregam a palavra *gay* como se fosse um sinônimo para todos os homossexuais. Por vezes, nem desconfiam dos embates que houve na construção dessa identidade, já que podemos dizer que na década de 1970, nem todo homossexual era *gay*. O que as fontes sugerem, é que não houve tanto uma diminuição dos preconceitos, e sim um rearranjo da maneira como os homossexuais viviam os seus desejos e práticas; e ainda a interferência da indústria de entretenimento, quando abriu espaços capazes de encapar a permanência de antigos preconceitos a despeito de toda a produção discursiva e imagética otimista em torno da figura do *gay*.

---

<sup>354</sup> Julio Magalhães, *Gay*, **Jornal do Commercio**, Recife, quinta-feira, 02/11/1978, Caderno I, p. 02.

<sup>355</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo/Recife: Cortez/Massangana, 1999, p.308.

## Considerações Finais

Além de relembrarmos algumas questões que desenvolvemos até aqui, e que o leitor pôde acompanhar, gostaríamos de comentar e apontar alguns caminhos e possibilidades para trabalhos vindouros. Primeiramente, esperamos ter destacado a importância que as pesquisas relacionadas à sexualidade têm assumido na área das Humanidades, como a Sociologia, a Antropologia e a História, mais as possibilidades de contribuição que um estudo da temática pode trazer para questões hoje muito atuais. Como procuramos mostrar, a História, contudo, ainda parece olhar de soslaio para os temas que tratam a respeito da sexualidade e mais especificamente da homossexualidade, seus espaços de luta, o cotidiano da vida e histórias de embates sócio-culturais e que na atualidade ganha ampla visibilidade em outras áreas das ciências humanas.

Em nosso cotidiano de pesquisa, percebemos que ainda há uma espécie de preconceito e receio entre os historiadores quando o assunto diz respeito à homossexualidade e, em geral, há enfrentamentos para desconstruir a imagem de uma temática que é particularizada. Apesar do avanço na historiografia para novos objetos, novos enfoques e inserção de novos documentos, ainda há uma hierarquia de temas, estando alguns na base da pirâmide, vistos como uma História “menor”, sem importância e evitada. Inclusive, quando começamos a pesquisar, alguns dos nossos pares se aproximavam de nós e aconselharam: “cuidado para o seu trabalho não ficar muito antropológico ou sociológico!”, “Você não vai conseguir dar um cunho histórico a esse tema”. Esperamos ter, pelo menos, conseguido despertar nossa área para a amplitude que um tema desta natureza pode trazer para nosso presente, em que estas questões ainda suscitam mais análise e debates.

Por outro lado, entendemos que cada área possui ferramentas conceituais, maneiras de abordar e escolher os seus objetos de estudos e interpretar os dados com base em alguns determinantes de um momento histórico. Com a História não é diferente. Contudo, as ferramentas, os conceitos e os objetos pertencem à dinâmica do fazer historiográfico, alimentada pela imaginação e ousadia dos historiadores, que vão encontrando as brechas e vão alargando questões. Com isso, um determinado objeto, pouco discutido começa a ganhar importância e a adquirir os mais distintos ângulos de abordagem.

Para isso, contribuem outras áreas, ajudando-nos a alargar nossos horizontes de pesquisa, nossas questões, nossos temas. É dessa maneira que o leitor pôde observa que na bibliografia do presente trabalho, além dos livros “obrigatórios” de método, teoria e conteúdo histórico; pedimos auxílio às obras jornalísticas, sociológicas, antropológicas, psicológicas, etc. Com o auxílio de autores destas áreas, nossa pesquisa ganhou a riqueza de múltiplos olhares, possibilidades de ver, pensar, interpretar e dizer sobre um dado aspecto da vivência humana: a sexualidade e a homossexualidade.

Ao historicizar as práticas homossexuais, percebemos suas especificidades ao longo das épocas, não havendo dessa forma, um tipo único em todos os tempos e lugares. Como procuramos mostrar, os gregos antigos, por exemplo, não classificavam as relações afetivas e sexuais entre homens da maneira como fazemos na contemporaneidade. Para um grego, quando um homem se relacionava com outro, isso não maculava necessariamente a sua masculinidade. Dos gregos e romanos antigos, passando pelo medievo e pelas teorias médicas, até chegar a épocas mais recentes. É dessa maneira que podemos perceber as distintas identidades que os homossexuais adquiriram no decorrer dos tempos. Tanto é que a figura do *gay*, inventada no final dos anos 60 e popularizada no decorrer da década seguinte evidencia o caráter subjetivo, histórico e cultural da homossexualidade.

Relembramos aqui que a palavra inglesa *gay*, ou alegre e feliz no seu sentido original, constituiu a proposição de um novo modelo comportamental para as relações afetivo-sexuais entre homens. Se gostar de homens deveria ser uma prática positiva, destituída de qualquer marca negativa, então se procurou visibilizar essas condutas por meio de discursos e imagens contornadores das antigas tipologias e agora, a “saída do armário” ou *coming out of the closet*, tornou-se o mote para muitos homossexuais que antes eram temerosos da opinião pública, saíram dos “guetos”, dos lugares reservados e se mostraram. No Recife, uma das expressões da “saída do armário”, por exemplo, foi a escolha da borboleta para representar a seção *Mundo Guei*, publicada no jornal Diário da Noite, entre os meses de setembro de 1979 a março de 1980, simbolizando liberdade e beleza de pessoas que antes viviam reprimidas, aprisionadas em seus “casulos” ou “armários”. Obviamente, tais “saídas” tiveram muitos enfrentamentos e ainda os têm no presente. Não poderia ser de outra forma, porque o tecido social é formado de condutas que são movidas por códigos culturais, por valores e outros determinantes do comportamento instituídos, legitimados ou questionados.

Daí, a História vai trazendo os embates, as lutas, as questões de cada grupo, de cada um, de uma sociedade a fim de que cada um possa refletir sua história. Conforme procuramos mostrar, os embates e lutas se davam dentro do próprio grupo, pois, os que não se adequavam aos novos padrões de comportamento, por vezes, eram rejeitados no próprio seio dos movimentos de libertação *gay*. Foi o caso das travestis (pejorativamente chamadas de *bonecas*), dos homossexuais mais “efeminados” (*bichas*), dos homossexuais que possuíam mais de quarenta anos (*tias*) e ainda aqueles que não frequentavam os lugares da moda: bares e boates. Até porque uma das marcas da emergência *gay* foi a sua vinculação aos padrões de consumo e modernidade, tão em voga na cidade do Recife, no período aqui tratado.

Quanto ao aspecto metodológico e de pesquisa, queremos destacar as possibilidades de ampliar as questões aqui levantadas pelo campo da repressão policial. Os documentos que trabalhamos mostram uma maior perseguição sobre as travestis, taxadas de imorais, perturbadoras da paz pública, acintosas e falsas mulheres como o uso da palavra “boneca”, empregada no período. Contudo, ainda há muito o que se aprofundar nesse campo de análise, ampliando-se a questão para um estudo da história social dos perseguidos pela polícia e outros setores de repressão; questões sobre as formas de reações e enfrentamentos. Pois, como vimos, estes sujeitos nem sempre aceitavam passivamente as interferências dos “dominadores”, eles contestavam, driblavam o preconceito em suas vivências, reivindicando o direito de transitarem até mesmo em momentos aparentemente isentos de preconceitos, como no caso do Carnaval. As interdições históricas sobre relações homossexuais motivaram artimanhas objetivando contornar o preconceito a fim de exercerem algum tipo de sociabilidade. É por isso que além dos espaços públicos, aos poucos os homossexuais se apropriaram de bares e cinemas.

A questão dos espaços aqui tratados se constituiu num outro foco da pesquisa e que merece mais estudos, particularmente se pensarmos as cidades do interior do estado, com seus códigos de valores arraigados numa sociedade de poucos letrados, de uma cultura que se move muito lentamente para mudanças. No Recife, as boates ou danceterias parecem ter sido as territorialidades moralmente mais aceitas para os contatos entre homens, haja vista que os antigos espaços (cinemas, ruas, avenidas, banheiros públicos, becos e praças) possuíam nos discursos militantes, ares de devassidão e decadência moral que corroboravam com o preconceito. A despeito das

iniciativas dos movimentos de libertação homossexual para “normalizar” suas práticas, o preconceito persiste em nossa sociedade nos dias atuais. Sem querer menosprezar o trabalho dos movimentos sociais, pode-se dizer que a imagem do *gay* foi apenas mais um estereótipo entre outros que marcam as vivências dos homossexuais no Recife. Tais questões ainda podem ser ampliadas para outros espaços, para outros momentos históricos.

Não tivemos a pretensão de dar respostas. Nem pensamos que o saber histórico deva ficar cristalizado, pronto e acabado. Mas, esperamos ter dado nossa, a nossa contribuição, porque esta pesquisa só nos despertou a consciência histórica para outras questões e que deveremos dar continuidade noutro estágio de formação histórica. A riqueza da História está justamente nas possibilidades para questões ainda do nosso presente. E estas questões são sempre alargadas com o contato com a documentação, no cotidiano de pesquisa. Dificilmente um projeto termina como começou. De início pretendíamos discutir dentro de um recorte temporal que abarcasse o surgimento do *gay* e da AIDS. Ou seja, pesquisariamos da década de 1970 até o ano de 1983 ou 1985. Chegamos, inclusive, a coletar diversos relatórios e artigos médicos do período em que a então “peste *gay*” apareceu e os homossexuais eram classificados como o principal grupo de risco. Mas a questão da emergência *gay* foi nos absorvendo e deixamos, portanto o tema da AIDS para um projeto futuro. Sabemos também das limitações de tempo que um curso de mestrado nos impõe. Com certeza há outras abordagens a pensar, outros documentos a pesquisar, entrevistas a fazer, outras histórias a escrever.

O desafio continua e mais aguçado, o tema ganhou amplitude dentro de nossa maneira de fazer e escrever história. Porque para nós, diversas questões esboçadas no presente trabalho, merecem ser mais aprofundadas em estudos vindouros. Mesmo assim podemos dizer que este trabalho trouxe sua parcela de análise sobre o caráter histórico e recente da identidade *gay*, contribuindo para o avanço dos estudos sobre a sexualidade e a homossexualidade no campo da História.

## Referências Bibliográficas e Fontes

ALBUQUERQUE DE BRAZ, Camilo. Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferença em clubes para homens. In DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira, FÍGARI, Carlos Eduardo (Orgs.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo/Recife: Cortez/Massangana, 1999.

\_\_\_\_\_. **Nordestino**: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste-1920/1940). Maceió: Catavento, 2003.

\_\_\_\_\_, CEBALLOS, Rodrigo: Trilhas urbanas, armadilhas humanas – a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no nordeste brasileiro dos anos 1970 a 1980. In SCHUPUN, Mônica Raisa (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. A Condição de Ser Duplicado: uma análise do lugar epistêmico da Nova História Cultural. In NASCIMENTO, Alcileide Cabral do, GRILLO, Maria Ângela de Faria (Orgs.). **Cultura, gênero e infância**: nos labirintos da História. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

\_\_\_\_\_. Zonas de encrenca: algumas reflexões sobre poder e espaços. In ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira**: história, espaços e identidade regional. Recife: Edições Bagaço, 2008.

ALVES, Flavio. **Toque de Silêncio**: uma história da homossexualidade na Marinha. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

ARIÈS, Philippe. São Paulo e a carne. In ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André (Orgs.). **Sexualidades Ocidentais**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de banheiro**: A literatura proibida. Rio de Janeiro: Editora Anima, 1986.

BARTHES, Roland. A escrita do acontecimento. In **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Ao sair do cinema. In **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BÉJIN, André. O poder dos sexólogos e a democracia sexual. In ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André (Orgs.) **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

- BERNARDES, Denis. **Recife: O caranguejo e o viaduto**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.
- BON, Michel, D'ARC, Antoine. **Relatório sobre a homossexualidade masculina**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. *In* PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CARELLA, Túlio. **Orgia (Diário Primeiro)**. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1968.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: 1- Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. **Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia impressa: Estudo sobre a Aids**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- FERRAZ, Leidson. DOURADO, Rodrigo, JÚNIOR, Wellington. (Orgs.). **Memórias da Cena Pernambucana vol. 1**. Recife: Ed. dos Autores, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. Outros Espaços. *In* **Ditos e Escritos. Vol. III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FRY, Peter. **Para Inglês ver: Identidade e Política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.



- \_\_\_\_\_, MACRAE, Edward. (Orgs.). **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- GARCIA, Sandra Mara. Conhecer os homens a partir do gênero. *In* ARILHA, Margareth. UNBEHAUM, Sandra G., MEDRADO, Benedito. (Orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: ECOS/ Ed. 34, 1998.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1988.
- GONTIJO, Fabiano. **O Rei Momo e o arco-íris**: carnaval e homossexualidade no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_, ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.
- GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.
- HABERT, Nadine. **A década de 70**: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. *In* HEILBORN, Maria Luiza. (Org.). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- HOCQUENGHEM, Guy. **A contestação homossexual**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- HUMPHREYS, Laud. A transação da sala de chá: sexo impessoal em lugares públicos. *In* RILEY, Matilda, NELSON, Edward. (Orgs.). **A observação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do lixo**. São Paulo: Ed. Populares, 1977.

KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KOSELLEK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.

LIMA, Décio Monteiro de. **Os homoeróticos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MATTA, Roberto da. **Universo do carnaval**: reflexões e imagens. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1981.

\_\_\_\_\_. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In CALDAS, Dario. (Org.) **Homens**. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

MEYER, Michel. **A Retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

MODESTO, Edith. **Vidas em arco-íris**: Depoimentos sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MORAIS, Regis de. **O que é violência urbana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

NOLASCO, Sócrates. Um “Homem de Verdade”. In CALDAS, Dario. (Org.) **Homens**. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade**: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

O'BRIEN, Patrícia. A história da cultura de Michel Foucault. In HUNT, Lynn (Org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Lázaro Sanches de. **Masculinidade, feminilidade, androginia**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

OLIVEIRA, Neuza Maria de. **Damas de Paus**: O Jogo aberto dos travestis no espelho da mulher. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões**: A cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Editora Best Seller, 2001.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. Territórios marginais. In GREEN, James Naylor, TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? In ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André (Orgs.). **Sexualidades Ocidentais**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. **(Des) encantos modernos**: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.

SANTOS, Ana Maria Barros dos. A Imprensa Alternativa e a Nova Imagem do Feminismo no Brasil. In **Gênero & História: cadernos de História**. Ano 2, nº2, set. 2004. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. CFCH/ Departamento de História. Grupo de Estudo Gênero & História: Ed. Universitária da UFPE, 2004, p. 140.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1991.

SERRAN, Leopoldo. **Shirley**: a história de um travesti. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ISER, 1993.

SILVA, José Fábio Barbosa da. Homossexualismo em São Paulo: Estudo de um grupo minoritário. In GREEN, James Naylor, TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SILVA, Marcília Gama da. DOPS: A estrutura do serviço de informação em Pernambuco (1930-1990). In ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de, SILVA, Giselda Brito (Orgs.). **Ordem & Polícia**: Controle político-social e as formas de resistência em Pernambuco nos séculos XVIII ao XX. Recife: Ed. Universitária da UFRPE, 2007.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. Discursos e representações sobre os territórios de “pegação” em Belo Horizonte. In DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira, FÍGARI, Carlos Eduardo (Orgs.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. São Paulo: Max Limonad, 1986.

\_\_\_\_\_. O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino. *In* CALDAS, Dario. (Org.) **Homens**. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História Cultural. *In* CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **No escurinho do cinema: cenas de um público implícito**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

VEYNE, Paul. A homossexualidade em Roma. *In* ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André (Orgs.). **Sexualidades Ocidentais**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

## **Monografias, Dissertações e Teses**

COSTA NETO, Francisco Sales da. **Banheiros públicos: os bastidores das práticas sexuais**. Natal, (UFRN) 2005. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais.

NASCIMENTO, Luís Manuel Domingues do. **Inventário dos feitos modernizantes na cidade do Recife (1969 - 1975): sobre as mediações históricas e literárias entre a história recente do Recife, e o Romance: A Rainha dos Cárceres da Grécia, de Osman Lins**. Recife (UFPE), 2004. Tese de Doutorado em História.

PATRÍCIO, Maria Cecília. **No truque: Transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras**. Recife (UFPE), 2008. Tese de Doutorado em Antropologia.

SILVA, Sandro José da. **Entre plumas, interdições e reivindicações: discursos e imagens sobre a homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970**. Recife, (UFRPE) 2008. Monografia de conclusão de curso em História.

SOUZA NETO, Epitacio Nunes de. **Entre boys e frangos:** Análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife. Recife, (UFPE) 2009. Dissertação de Mestrado em Psicologia.

## **Jornais**

**Diário da Noite.** Recife: mar. 1970, ago. 1971, set. 1972, mar. 1975, jan. 1976, jan. 1979, fev. 1979, jun. 1979, out. 1979, nov. 1979, dez. 1979, jan. 1980, fev. 1980, mar. 1980, set. 1980, out. 1980.

**Diário de Pernambuco.** Recife: jan. 1970, fev. 1970, fev.1971, ago.1974, fev.1975, set. 1977, dez. 1977, nov. 1980, jun. 2000.

**Jornal do Commercio.** Recife: fev. 1971, fev. 1972, fev. 1973, nov. 1978, fev. 1979, abr. 1979, jan. 1980.

**Lampião da Esquina.** Rio de Janeiro: abr. 1978, dez. 1978, mai./ jun. 1978, jan. 1979, jun. 1979, jul. 1979, set. 1979, out. 1979.

## **Entrevistas**

Entrevista realizada com Odilex em 14/10/ 2009.

Entrevista feita com Jorge (Nome fictício a pedido do depoente) em 10/11/2009.

Entrevista realizada com Roberto (Nome fictício a pedido do depoente) em 13/11/2010.

Entrevista realizada com Ana Farache em 17/11/2010.

Entrevista realizada com Fernando em 15/01/2011.

## Sites

< <http://www.encyclopediaordeste.com.br/nova531.php> >. Acesso em 23/01/2011.

< <http://www.barsavoy.com.br/> >. Acesso em 08/04/2011.

< <http://www.google.com.br/dancing-days-> >. Acesso em 23/04/2011.

< <http://letras.terra.com.br/ave-sangria/876519/> >. Acesso em 16/02/2011.

< <http://letras.terra.com.br/luiz-gonzaga/295405/> >. Acesso em 26/02/2011.

< <http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/46200/> >. Acesso em 26/02/2011.

< <http://mariposos.wordpress.com/2008/06/22/tom-of-finland-2/> >. Acesso em 28/02/2011.

< <http://letras.terra.com.br/fagner/45948/> >. Acesso em 26/04/2011.

## Filmes

*Milk: a voz da igualdade*. Direção de Gus Van Sant. Estados Unidos: Universal Pictures/ Focus Features, 2008. (126 min.).

*A Pantera Nua*. Direção de Luiz de Miranda Corrêa. Brasil: Cinemagia/ Cine Brasil anos 70, 1979. (102 min.).